



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TATIANA SANTOS DA PAZ

**ATIVISMO EM REDE E PROCESSOS FORMATIVOS DECOLONIAIS ARTICULADOS
POR MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE**

Fortaleza
2019

TATIANA SANTOS DA PAZ

ATIVISMO EM REDE E PROCESSOS FORMATIVOS DECOLONIAIS ARTICULADOS POR
MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em educação. Área de concentração: Tecnologias Digitais na Educação

Orientação: Professor Dr. Eduardo Santos
Junqueira Rodrigues

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P368a Paz, Tatiana Santos da.
Ativismo em rede e processos formativos decoloniais articulados por mulheres negras no YouTube /
Tatiana Santos da Paz. – 2019.
204 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Santos Junqueira.

1. Mulheres negras. 2. Processos formativos. 3. Ativismo em Rede. 4. Educação decolonial. I. Título.

CDD 370

TATIANA SANTOS DA PAZ

ATIVISMO EM REDE E PROCESSOS FORMATIVOS DECOLONIAIS ARTICULADOS POR
MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em educação. Área de concentração: Tecnologias Digitais na Educação

Aprovado/Reprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Eduardo S. Junqueira Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Joselina da Silva (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Edméa Oliveira dos Santos (Membro)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Jean Segata (Membro)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Maria Zelma de Araújo Madeira (Membro)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Às mulheres africanas e afrobrasileiras que
resistiram em solo brasileiro antes de nós,
às que resistem e existem no nosso tempo,
em especial à minha avó Conceição Paz (*In Memoriam*)
mulher negra e guerreira que guardo sempre no meu coração

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos são fundamentais quando compreendemos que as nossas trajetórias são coletivas e que “os nossos passos vêm de longe”. Muitas e muitos me antecederam e formaram uma rede de afetos, compromissos e lutas que me trazem até aqui.

Agradeço às Deusas e aos meus guias espirituais que cuidam de mim em tudo que faço, me protegem e me dão coragem nas minhas relações com o mundo que tantas vezes me desafia.

Sou imensamente grata à vida pela minha mãe Maria Lúcia de Oliveira Santos e meu pai Juremir Ferreira da Paz que me cuidaram de mim e me orientaram. Mesmo em meio à dificuldade e escassez o afeto dos meus pais foram fundamentais para acreditar em um horizonte de independência.

Sou grata pelos meus irmãos Rodrigo Paz e Gabriel Paz que sempre foram minhas referências e fonte de alegria e afeto. Vocês são o que há de mais precioso nessa vida, quando eu cresço eu sinto que, como quando era criança, eu quero que vocês se orgulhem de mim assim como eu de vocês.

À minha família, tias e primos, só posso agradecer por ser o meu lugar primeiro, fonte de afeto infinito e também o meu lugar de conflitos e resistência. Quero pedir a benção especial aos meus avós. Sou grata à vovó Conceição (*Inmemoriam*) – costureira, lavadeira - e vovô Adriano – carpinteiro – que plantaram na família a ideia de que a educação era o caminho primeiro. Sou grata a vovó Helena Oliveira – dona de casa- e vovô Zuza (José Rodrigues dos Santos) – funcionário público e músico – pelo valor à honestidade e à família, Tia-avó Glorinha (*Inmemorian*), por ter ajudado a minha mãe investindo na minha formação. Pelas suas estratégias e microresistências estamos virando uma página da história – primeira Doutora na família.

Quero agradecer, em especial, ao principal parceiro dessa caminhada, meu orientador, Eduardo Junqueira, que conduziu de forma humana todo o processo de orientação, com leituras críticas e escuta atenta às questões que eu trazia muitas vezes regadas a sorrisos ou lágrimas. Suas perguntas foram fundamentais para a construção dessa pesquisa e me ensinaram muito sobre a professora e pesquisadora que pretendo ser.

Aos meus amigos e amigas do Grupo de pesquisa Linguagens e Educação em Rede, obrigada pela paciência da escuta, pelos dias e noites de estudo e escritas coletivas regados a afeto.

Agradeço também aos meus amigos do Grupo de Pesquisa Comunidades Virtuais, importante espaço de aprendizagem pra mim, que ainda hoje vibra com minhas conquistas.

À CAPES, CNPq, FAPESB, por financiar, ao longo de toda a minha formação, pesquisas de Iniciação Científica e Mestrado. Aos Movimentos de Mulheres negras e Movimento Negro

Unificado que por meio de suas lutas abriram espaços para que essas discussões fossem possíveis hoje.

À minha querida amiga e orientadora de Iniciação Científica e de Mestrado, Lynn Alves, que sempre investiu na minha formação como pesquisadora e, mesmo distante, vibra comigo nesse momento de conquista.

Às professoras Joselina da Silva, Edméa Santos, Vera Rodrigues, Zelma Madeira, Zelinda Barros e ao professor Jean Segata, dedico os meus agradecimentos pela enorme contribuição ao meu trabalho nos exames de qualificação e defesa. O olhar de cada uma e cada um foi essencial para a escrita dessa tese.

Aos meus amigos e companheiros do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia por construírem comigo a busca pela oferta de uma educação pública, gratuita e de qualidade, bem como aos parceiros do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas por institucionalizar a luta por uma educação antirracista. Especialmente agradeço aos colegas e amigos ingressantes por meio de Cotas, no ano de 2017, no primeiro concurso da instituição que atendeu à lei 12.990/2014 (Lei de Cotas para Concursos Públicos Federais) e que estão escrevendo coletivamente uma história de resistência no IFCE.

Aos meus amigos peço desculpas pelas ausências e pelas desculpas dadas que envolviam a bendita tese. A energia de vocês foi vital para que eu chegasse até aqui, vocês são fundamentais pra meu crescimento. Andy, meu especial companheiro, que nessa caminhada trouxe leveza a todo esse processo de crescimento. Suzette, pela escuta profissional e sensível durante todos os anos de doutorado.

Essa tese escreve uma história que conecta nossos antepassados ao presente e aos que virão. Por isso a dedico também aos meus sobrinhos e filhos (que virão). Espero que ela ajude a nos conectar de forma positiva com a nossa ancestralidade, com um conhecimento que nos foi negado e que está escrito no nosso corpo e na nossa forma de existir. Essa tese foi escrita por alguém que não deseja mais negar as raízes negras da sua história e por meio da pesquisa reafirmar a beleza do povo negro. Com a bênção das que vieram antes de mim e que lutaram pelo nosso bem viver, agradeço!

“A nossa escrevivência não é [mais] para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

Conceição Evaristo

RESUMO

Desde o período da escravidão, existem registros de organização e ação política de mulheres negras que indicam práticas de resistência e luta contra um regime político que subalternizou as populações africanas e afrodescendentes (WERNECK, 2005; MADEIRA, 2013; DA SILVA, 2014; DAVIS, 2016). Apesar do fim da escravidão, as populações negras enfrentam ainda problemas sociais decorrentes de uma persistente colonialidade, que continuam a afetar os arranjos sociais no tempo presente (QUIJANO, 2005; GROSGOUEL, 2016). Dessa forma, a luta das mulheres negras perpassa por diferentes esferas da vida social em busca da decolonização de corpos, mentes, sistemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, culturais e raciais. As redes digitais de comunicação ampliaram as possibilidades e formas de atuação de grupos ativistas, no final do século XX e no início do século XXI, e se tornaram um espaço de atuação política, em que os atores constroem narrativas acerca de suas pautas e reivindicações (CASTELLS, 1999; GOHN, 2011; DIFELICE, 2013; MALINI; ANTOUN, 2013; JUNGBLUT, 2015). Com base nesse contexto, esta tese apresenta um estudo sobre ativismo em rede e processos formativos decoloniais, com o objetivo de compreender como o ativismo protagonizado por mulheres negras no YouTube articulou processos formativos decoloniais. Para isso, foram analisadas as trocas estabelecidas no contexto das postagens de 32 vídeos nos canais de três mulheres negras no YouTube e na observação das suas ações em rede, especialmente nessa plataforma. A pesquisa teve abordagem qualitativa e construiu aproximações com o campo da etnografia do ciberespaço (SEGATA e RIFFIOTIS, 2016). Os procedimentos metodológicos foram organizados em duas principais ações: observação participante nos canais de três mulheres negras e entrevistas semiestruturadas com essas participantes da pesquisa. No contexto da atuação em rede, as ações dessas *vlogueiras* constituíram apropriações midiáticas de caráter político e emancipatório, no que se refere aos padrões estéticos de beleza construídos na base de uma sociedade racista e excludente bem como a articulação de ativismo baseado em suas histórias de vida e na crítica à colonialidade ainda persistente nas imagens produzidas sobre as populações negras. A pesquisa desenvolvida permitiu compreender que o ativismo dessas três mulheres: a) Articulou uma disputa de narrativas com a mídia tradicional, numa busca pela transformação do olhar atribuído à estética da mulher negra, que, por vezes, estava também relacionado com a agenda política dos movimentos de mulheres negras, por meio da escolha dos temas dos vídeos; b) Mostrou-se articulador de uma tradução de conhecimentos acadêmicos; c) Possuía articulações com o mercado e com relações de consumo de mulheres negras e d) Operava em tensão com mecanismos comerciais e outros, do YouTube, pouco transparentes.

Palavras-chave: Mulheres negras, Processos formativos; Ativismo em Rede; Educação decolonial.

RESUMÉN

Desde el contexto de la esclavitud, existen registros de organización y asuntos políticos de mujeres negras que indican prácticas de resistencia y combate a un régimen político que subordina las poblaciones de ascendencia africana y afro descendentes (WERNECK, 2005; MADEIRA, 2013; SILVA, 2014; DAVIS, 2016) . A pesar del fin de la esclavitud, las poblaciones negras aún enfrentan problemas sociales derivados de una colonialidad persistente que afecta los arreglos sociales incluso en la actualidad (QUIJANO, 2005; GROSFUGUEL, 2016). Así, la lucha de las mujeres negras atraviesa diferentes ámbitos de la vida social en los que buscan la descolonización de los cuerpos, las mentes, los sistemas políticos, económicos, sociales, religiosos, culturales y raciales. Las redes de comunicación digital ampliaron las posibilidades y las formas de acción de los grupos activistas a finales del siglo XX y principios del XXI y se convirtieron en un espacio para la acción política, en el que los actores de estas redes construyen narrativas sobre sus agendas y demandas (CASTELLS, 1999; GOHN, 2011; DIFELICE, 2013; MALINI; ANTOUN, 2013; JUNGBLUT, 2015). En este contexto, esta tesis presenta un estudio sobre activismo en red y procesos formativos descoloniales cuyo objetivo era comprender cómo el activismo de las mujeres negras en YouTube articulaba los procesos formativos descoloniales. Para esto, analizamos los intercambios establecidos en el contexto de las publicaciones de 32 videos en los canales de 3 mujeres negras en YouTube y la observación de sus acciones en la red, especialmente en esta plataforma. La investigación tuvo un enfoque cualitativo y construyó aproximaciones con el campo de la etnografía del ciberespacio (SEGATA & RIFFIOTIS, 2016). Los procedimientos metodológicos se organizaron en dos acciones principales: observación participante en los canales de tres mujeres negras (participantes de la investigación) y entrevistas semiestructuradas con ellas. En el contexto de la creación de redes, sus acciones constituyeron apropiaciones mediáticas de carácter político y emancipatorio con respecto a los estándares estéticos de belleza construidos sobre la base de una sociedad racista y excluyente, así como la articulación del activismo basada en sus historias de vida y la crítica de la colonialidad aún persisten en las imágenes producidas sobre las poblaciones negras. La investigación desarrollada nos permitió comprender que el activismo de estas tres mujeres a) articuló una disputa narrativa con los medios tradicionales en una búsqueda de la transformación de la apariencia atribuida a la estética de las mujeres negras, que a veces también estaba relacionada con la agenda política de los movimientos de mujeres negras , eligiendo los temas de los videos; b) resultó ser el articulador de una traducción del conocimiento académico; c) tenía vínculos con el mercado y las relaciones de consumo de las mujeres negras, y d) operaba en tensión con mecanismos comerciales y de otro tipo poco transparentes de YouTube.

Palabras Clave: Mujeres negras; procesos formativos; activismo en red; educacion decolonial

ABSTRACT

Since the context of slavery there are records of organization and political action of black women that indicate practices of resistance and struggle against a political regime that subordinated African and African descent populations. (WERNECK, 2005; MADEIRA, 2013; SILVA, 2014; DAVIS, 2016). Despite the end of slavery, black populations still face social problems arising from a persistent coloniality that affects social arrangements even in the present time (QUIJANO, 2005; GROSFUGUEL, 2016). Thus, the struggle of black women goes through different spheres of social life in which they seek the decolonization of bodies, minds, political, economic, social, religious, cultural and racial systems. Digital communication networks expanded the possibilities and forms of action of activist groups in the late twentieth and early twenty-first centuries and became a space for political action, in which the actors of these networks construct narratives about their agendas and claims (CASTELLS, 1999; GOHN, 2011; DIFELICE, 2013; MALINI; ANTOUN, 2013; JUNGBLUT, 2015). In this context, this thesis presents a study on network activism and decolonial formative processes whose objective was to understand how the activism of black women on YouTube articulated decolonial formative processes. For this, we analyzed the exchanges established in the context of the postings of 32 videos on the channels of 3 black women on YouTube and the observation of their actions on the network, especially on this platform. The research had a qualitative approach and built approximations with the field of cyberspace ethnography (SEGATA & RIFFIOTIS, 2016). The methodological procedures were organized into two main actions: participant observation in the channels of three black women (research participants) and semi-structured interviews with them. In the context of networking, the actions of these vloggers constituted mediatic appropriations of a political and emancipatory character regarding the aesthetic standards of beauty built on the basis of a racist and exclusionary society as well as the articulation of activism based on their life histories and the critique of coloniality still persistent in the images produced about black populations. The research developed allowed us to understand that the activism of these three women a) articulated a narrative dispute with the traditional media in a search for the transformation of the look attributed to the aesthetics of black women, which was sometimes also related to the political agenda of black women's movements, by choosing the themes of the videos; b) proved to be the articulator of a translation of academic knowledge; c) had links to the market and consumer relations of black women; and d) operated in tension with poorly transparent commercial and other YouTube mechanisms.

Keyword: Black women, Formation processes, Network activism, Decolonial education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	A redenção de Cam	24
Figura 2	Comparação de volume de buscas sobre alisamento e transição capilar	26
Figura 3	Evolução das buscas por transição capilar nos últimos 2 anos	26
Figura 4	Transição capilar da pesquisadora	33
Figura 5	Imagens com representação de racismo	36
Figura 6	Mulher negra e maquiagem	37
Figura 7	Imagens de páginas de vídeo sobre maquiagem com autoria de mulher negra	38
Figura 8	Bate-papo <i>on-line</i> sobre Afroempreendedorismo, Juventude e Representatividade no YouTube	51
Figura 9	Papo DePretas #NaRoda: Por que o feminismo Negro Precisa Existir?	51
Figura 10	Papo DePretas #NaRoda: evento Por que o feminismo Negro Precisa Existir?	52
Figura 11	Reprodução da página inicial do canal DePretas – por Gabi Oliveira	62
Figura 12	Reprodução do conteúdo da aba vídeos do canal DePretas – por Gabi Oliveira	62
Figura 13	Reprodução da aba <i>Playlists</i> do canal DePretas – por Gabi Oliveira	63
Figura 14	Reprodução da aba Indicações DePretas do canal DePretas – por Gabi Oliveira	64
Figura 15	Reprodução da aba <i>Playlists</i> do canal de Luciellen Assis	65
Figura 16	Reprodução de imagens do processo de transição de Luciellen Assis	95
Figura 17	Reprodução de imagem do vídeo <i>Tour pelo meu Rosto</i> – Gabi Oliveira	102
Figura 18	Reprodução de imagem do vídeo <i>Respondendo Haters</i> – Gabi Oliveira	103
Figura 19	Reprodução de imagem do vídeo <i>Tour pelo meu Corpo (SQN)</i> de Ana Paula Xongani	104
Figura 20	Reprodução de imagem do vídeo <i>Preto É tudo Ladrão</i> , de Luciellen Assis	105
Figura 21	Reprodução de imagem do vídeo de Lívia Cruz e Bárbara Sweet	107
Figura 22	Reprodução da caixa de descrição do vídeo <i>Autocuidado como Estratégia Política</i>	118
Figura 23	Reprodução de imagem do vídeo sobre <i>Autocuidado como Estratégia Política</i>	120
Figura 24	Aumento no uso das expressões “cabelos cacheados” e “cabelos afro”, no buscador da Google	122
Figura 25	Reprodução de imagem do Vídeo <i>Marcas e Projetos Sociais</i>	124
Figura 26	Reprodução de imagem com comentário sobre comprometimento das marcas com as demandas sociais	124
Figura 27	Reprodução de imagem da participação de Ana Paula Xongani em publicidade	126
Figura 28	Rede de conteúdos no interior da narrativa do vídeo	152
Figura 29	Vlogueiras elaboram o mesmo conteúdo em vídeo único	153
Figura 30	Reprodução de imagem de vídeos no canal de Gabi Oliveira em parceria com Ana Paula Xongani	154
Figura 31	Reprodução de imagem do vídeo <i>Maquia e Fala com Gabi Oliveira Ana Paula Xongani</i>	154
Figura 32	Reprodução de imagens de vídeos sobre o tema maternidade negra	155
Figura 33	Reprodução de imagens de vídeos sobre literatura e relatos de leitura	156
Figura 34	Vlogueiras elaboram conteúdos com temáticas semelhantes em vídeos distintos	156
Figura 35	Reprodução de imagens de vídeos complementares sobre autoestima nos canais de Ana Paula Xongani e Gabi Oliveira	157
Figura 36	Reprodução de imagens de vídeos com inter-relação entre temas distintos	158
Figura 37	Vlogueiras elaboram conteúdos com temáticas distintas e complementares entre si	158
Figura 38	Utilização de palavras ditas sensíveis na imagem do vídeo	161
Figura 39	Reprodução de página de pesquisa sobre racismo como assunto sensível no	163

YouTube

Figura 40	Vídeos com mais visualizações nos canais	165
Figura 41	Trocas comunicacionais todos-todos	166
Figura 42	Internautas comentam o vídeo postado pelas vlogueiras	166
Figura 43	Reprodução de imagem com comentário sobre vídeo que discute cotas raciais	168
Figura 44	Reprodução de imagem de comentário sobre ridicularização sofrida por mulheres negras pelas características estéticas	169
Figura 45	Reprodução de imagem de comentário com sugestão de temas para os próximos vídeos	169
Figura 46	Reprodução de imagem de comentário com implicação de internauta como profissional e cidadã	169
Figura 47	Reprodução de imagem de comentário de bibliotecária disposta a difundir informações sobre o livro <i>Peppa</i> entre colegas de profissão	170
Figura 48	Reprodução de imagem com relato de experiências similares nos comentários	170
Figura 49	Reprodução de imagem com sugestão sobre como trabalhar com o livro <i>Peppa</i> nas escolas	171
Figura 50	Reprodução de imagem do livro <i>Peppa</i>	172
Figura 51	Reprodução de imagem de comentários sobre a importância dos canais na promoção de	173
Figura 52	Reprodução de imagem de discursos divergentes em vídeo sobre cotas raciais	174
Figura 53	Reprodução de imagem de comentários em que internautas questionam a inexistência de política de cotas para brancos	175
Figura 54	Reprodução de imagem de comentários com discurso racista	176
Figura 55	Reprodução de imagem de relatos de experiências das internautas	177
Figura 56	Reprodução de imagem de discussão sobre cotas e exemplo da imigração italiana	188
Figura 57	Reprodução de imagem em que Luciellen Assis comenta o vídeo <i>Tour pelo meu Corpo</i> (SQN) de Ana Paula Xongani	179
Figura 58	Reprodução de imagem em que Gabi Oliveira comenta o vídeo <i>Peppa Não – Resenha</i> de Ana Paula Xongani	179
Figura 59	Reprodução de imagem em que vlogueira comenta vídeo <i>Peppa Não – Resenha</i> , de Ana Paula Xongani	180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Vlogueiras	49
Quadro 2	Etapas da pesquisa	54
Quadro 3	Histórico de contato com as vlogueiras	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Canais do YouTube	49
Tabela 2	Vídeos que compuseram o <i>corpus</i> da pesquisa (Gabi Oliveira)	201
Tabela 3	Vídeos que compuseram o <i>corpus</i> da pesquisa (Luciellen Assis)	202
Tabela 4	Vídeos que compuseram o <i>corpus</i> da pesquisa (Ana Paula Xongani)	203
Tabela 5	Vídeos selecionados para análise das trocas comunicacionais (Luciellen Assis)	204
Tabela 7	Vídeos selecionados para análise das trocas comunicacionais (Ana Paula Xongani)	205

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	Problemática e pergunta de pesquisa	28
1.2	Pesquisadora negra no campo da cibercultura: implicações e trajetórias	30
1.2.1	Itinerâncias formativas como mulher negra	31
1.2.2	Itinerâncias formativas – caminhos para o encontro entre identidade e pesquisa	34
1.2.3	A Internet “branca” e o racismo	36
1.3	Cibercultura e relações étnico-raciais – o lugar epistemológico da pesquisa	40
1.4	Tecendo os fios da tese: organização da narrativa de pesquisa	41
2	METODOLOGIA	43
2.1	As especificidades das pesquisas qualitativas num contexto <i>on-line</i>	44
2.2	Participantes da pesquisa	49
2.3	Técnicas de pesquisa	49
2.3.1	Observação participante	50
2.3.2	Entrevistas	52
2.4	Etapas da pesquisa	54
2.5	Análise e interpretação dos dados	55
2.6	YouTube – contexto da pesquisa	61
3	MULHERES NEGRAS E ATIVISMOS EM REDE	66
3.1	Nossos passos vêm de longe: breve histórico das autorias ativistas protagonizadas por mulheres negras no pós-abolição	66
3.2	Apropriação da técnica para um fazer político	71
3.3	Autorias ativistas em rede	76
3.3.1	Autoria em rede	77
3.3.2	Ativismo em rede	80
3.4	Análises sobre a construção de narrativas audiovisuais no YouTube	84
3.4.1	As experiências autorais de mulheres negras no YouTube - do “não lugar” à “existência”	84
3.4.2	O conteúdo das narrativas audiovisuais de mulheres negras no YouTube: principais características	91
4	MULHERES NEGRAS E PROCESSOS FORMATIVOS DECOLONIAIS EM REDE	129
4.1	Mulheres negras e decolonização	130
4.1.1	Decolonização do conhecimento	132
4.2	Processos formativos e tecnologias digitais em rede	137
4.3	YouTube - um espaço formativo?	139
4.4	Articulação de narrativas em rede nos canais de mulheres negras no YouTube	145
4.4.1	Processo de construção e circulação dos vídeos	145
4.5.2	Trocas comunicacionais em rede	158
4.5.3	Professor ativista e pedagogia decolonial nas redes	174
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
	REFERÊNCIAS	186
	APÊNDICES	198
	ANEXOS	207

1 INTRODUÇÃO

Ao viver a experiência da transição capilar como mulher negra, iniciada em 2013, encontrei nas redes sociais *on-line* outras mulheres que estavam vivenciando o mesmo processo, levantando questionamentos e propondo respostas sobre a persistência de uma relação negativa com a estética negra.

O conhecimento desse processo de trocas entre mulheres negras, estabelecido nas plataformas digitais por meio dos seus relatos de experiência, me conduziu a pensar e investigar sobre o que ensinam/aprendem nas redes sociais; como constroem suas narrativas; quais conhecimentos articulam; e o que o processo significa para elas. A narrativa desta tese, portanto, parte da experiência como elemento fundante da construção de processos formativos originados por meio da articulação de uma rede de conhecimentos que possibilita a elaboração de novos conhecimentos e que podem instituir novos atores e práticas inovadoras no campo da educação hoje.

Para compreender esse fenômeno, lancei mão de discussões provenientes de diferentes campos do conhecimento, como o ativismo em rede; movimento de mulheres negras; e a educação decolonial. Esses campos trouxeram elementos importantes para se pensar com complexidade os processos formativos de três mulheres negras no YouTube, articulados por meio da construção de narrativas nessa plataforma. Esse olhar incluiu a compreensão de que o social envolve uma rede sociotécnica que inclui atores humanos e não humanos.

Assim, a pesquisa realizada partiu do pressuposto de que as redes sociais na cultura contemporânea são formadas por práticas sociais que se estabelecem por meio de fluxos comunicacionais mediados por uma infraestrutura técnica. A infraestrutura material, embutida em estruturas urbanas, que torna essas práticas possíveis é, em parte, composta pelas tecnologias digitais e por redes físicas, que não só oferecem suporte material para as trocas sociais, culturais e políticas estabelecidas no ciberespaço, segundo Castells (1999), como também possuem uma agência na dinâmica social.

As reflexões propostas neste trabalho levam a compreender que os impactos da cibercultura na sociedade contemporânea revelam que a técnica não obedece sempre a uma lógica simples de substituição do homem pela máquina, como se pensou a partir da apropriação moderna dos meios técnicos. A cibercultura, mesmo em sintonia com os parâmetros da racionalidade moderna, potencializa um certo vitalismo social que nos impede de falar de deserto do real, de morte da comunicação ou de homogeneização cultural. Enquanto a tecnocultura dessacralizou a vida social, a cibercultura cria possibilidades de reencantamento com as agregações eletrônicas e um novo fazer artístico por meio das tecnologias digitais (LEMOS, 2010), ainda que, mais do que

nunca, isso tenha se tornado um forte campo de disputas, com os recentes avanços de movimentos e políticos de ideologia de direita, dentre outros.

Quando tratamos da possibilidade de interação, entre mulheres negras, por meio de plataformas digitais, nos referimos a um fenômeno global de mudanças socioculturais complexas e de disputas de poder em que a universalização do ciberespaço permite a copresença e a interação entre pessoas de qualquer ponto do espaço físico, social, ou informacional. A comunicação na cibercultura removeu os pontos fixos e possibilitou a combinação entre enormes distâncias com a imediatividade do tempo, e reconfigurou a ideia de um eu fixo no tempo e no espaço (SANTAELLA, 2007).

O contexto sociotécnico da cibercultura proporcionou mudanças nas relações entre indivíduos e espaços, e evidenciou também novas formas de narrar as experiências sociais, culturais, políticas, etc. As pessoas criam seus próprios espaços de fala, narrando seus cotidianos, suas conquistas, seus dilemas sociais, políticos, culturais, com os seus dispositivos portáteis, vivenciando uma “apropriação social das tecnologias digitais” (LEMOS, 2007).

Para além da dualidade própria da discussão entre apocalípticos e integrados, as redes sociais digitais não atuam apenas num vetor de democratização, mas estão inseridas num contexto em que o modelo de negócios que as financia se baseia na governança dos sistemas algorítmicos que frequentemente modulam os processos de formação e formatação da opinião pública e afetam a privacidade com a vigilância pervasiva dos dispositivos (SILVEIRA, 2016).

No entanto, as redes horizontais de comunicação multidirecional e interativa na internet também se tornaram o novo contexto em que os movimentos sociais do século XXI se constituem (CASTELLS, 2013). Nesse sentido, indaga-se como as redes horizontais de comunicação multidirecional e interativa, na internet, possivelmente permitiriam a ampliação de práticas ativistas e políticas de mulheres negras, instituindo aprendizagens e processos formativos. No caso específico do YouTube, tornou-se relevante entender a ação dessas mulheres, que operam na construção de vídeos sobre as identidades da mulher negra e, com isso, proporcionam espaços para reflexões e possivelmente aprendizagens sobre os temas debatidos.

As reflexões propostas nesta tese estão situadas no campo da Educação, como forma de refletir sobre processos formativos não escolares situados na cibercultura bem como problematizar as ausências de propostas curriculares antirracistas que contemplem as questões relacionadas ao racismo e suas interferências na formação da identidade da população negra.

As narrativas analisadas nesta tese estão relacionadas às questões das identidades estéticas de mulheres negras que estão diretamente ligadas às diferentes expressões do racismo no Brasil, bem como às demais opressões de gênero e classe. De acordo com Gomes (2002), a construção

histórica do racismo brasileiro apresenta um processo de dominação política, econômica e cultural em que pessoas negras sofrem discriminação por pertencer a esse grupo étnico-racial.

As expressões do racismo são múltiplas e atingem a população negra em diferentes dimensões: na marginalização do acesso à educação, saúde, segurança, aos postos de trabalho e à moradia de qualidade, bem como na exclusão e/ou discriminação por suas características físicas (cor de pele, cabelo, etc.). Além disso, como fruto do processo de colonização, os saberes dessas populações foram marginalizados e ainda hoje percebe-se a pouca representatividade que possuem nos espaços como a academia, mídia, os espaços de representação política, etc. A justificativa para essa exclusão foi forjada com argumentações que reforçam a ideia de inferioridade de negros e negras, inclusive no que diz respeito à sua aparência física. Dessa forma, o corpo de pessoas afrodescendentes foram e são historicamente objeto de discriminação, mas também de construção política.

O cabelo crespo, identificado no Brasil frequentemente como “ruim”, por exemplo, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai cotidianamente sobre esses sujeitos. Nesse contexto de inferiorização, “[...] mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo” (GOMES, 2002, p. 3). Conceber o cabelo do negro como ruim e do branco como “bom” expressa um conflito histórico a respeito da discriminação dos corpos negros, que tem sido debatido também por jovens negras, através de vídeos e outras ações no YouTube.

No Brasil, segundo Gomes (2002), o padrão ideal de beleza é branco, mas o real é negro e mestiço. Nesse contexto, o tratamento dado ao cabelo pode ser uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética dos corpos negros, marca a vida e trajetória desses sujeitos. Assim, para a pessoa negra, a intervenção no cabelo e no corpo, mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético, é uma questão identitária.

As práticas de alisar ou relaxar os cabelos, para as mulheres, e raspá-los, para os homens, são comuns em um número significativo de brasileiros(as) na tentativa de modificar ou ocultar uma característica que não é socialmente aceita. Além das práticas de resistência de grupos “tradicionais”, como os religiosos, e movimentos sociais, observa-se atualmente no ciberespaço e fora dele um movimento de valorização do cabelo crespo e da estética negra e de ressignificação do lugar marginal que ainda ocupam socialmente.

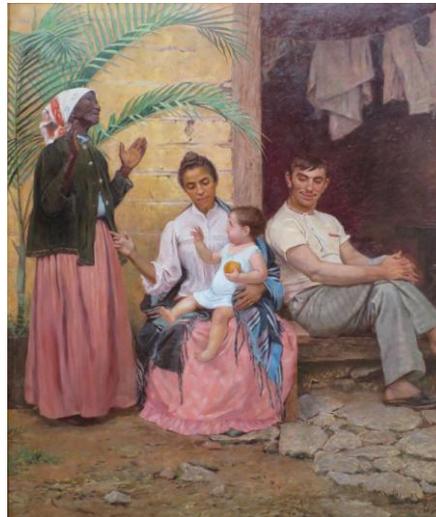
Para mulheres negras, suas identidades são negociadas nas bases de uma sociedade que estabeleceu o branco como imagem universal. Existir de forma digna, nesse âmbito, exige o rompimento com as imagens das narrativas hegemônicas criadas sobre as populações negras, em sua maioria negativas e estereotipadas. As representações que associam o negro a figuras

subalternizadas servem aos processos de dominação articulados pela sociedade capitalista. Por isso, a escritora Chimamanda aponta e defende a necessidade de ser rompido o ciclo de difusão da “história única”.¹

De acordo com Araújo (2010, p. 27), a televisão passou a ter, a partir da década de 1950, um papel decisivo na organização dos relatos hegemônicos sobre a identidade nacional brasileira (antes ocupados pelo rádio e cinema). “A produção televisiva contribuiu com um elogio permanente às características estéticas do segmento eurodescendente, reafirmando uma espécie de vitória simbólica da ideologia do branqueamento”. Esse construto, criado pelas elites no período pós-abolição, segundo o autor, orientou um universo ficcional com uma pretensa representação do real, marcado por personagens brancas, altas e magras, que nunca fez jus à maioria da população brasileira.

Percebe-se que, nas sociedades contemporâneas, as mídias, especialmente de massa, ocupam um lugar de poder por ter a função de visibilizar aquilo que é considerado positivo, ou não. Essa responsabilidade aumenta quando considerada a existência, na sociedade brasileira, de uma persistente negação do pertencimento racial estimulado por uma histórica busca pelo ideal de branqueamento da população (NASCIMENTO, 2011), como se percebe na emblemática Figura 1².

Figura 1 - A redenção de Cam



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.³

1

Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 24 de junho de 2019.

2 Pintura do artista espanhol Modesto Brocos. A obra trata das teorias raciais postuladas no fim do século XIX que defendiam a busca pelo "embranquecimento" gradual das gerações de uma mesma família por meio da miscigenação.

3 Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em: 28 jun. 2019.

No livro *A Negação do Brasil*, Araújo (2000) apresenta o resultado de um estudo sobre a presença do negro nas telenovelas brasileiras e mostra que atrizes e atores afro-brasileiros somente foram incorporados na história da telenovela por uma “natural” subalternidade social e racial. Diante disso, questiona-se por que é importante ver os pares, seus semelhantes, representados na mídia e qual o papel da representatividade negra nos diferentes espaços? Como desconstruir os estigmas naturalizados em volta da pessoa negra na mídia? Para Muniz Sodré (2015), um dos caminhos está na articulação de uma mídia negra, que, impelida pela luta antirracista, represente uma possibilidade de exprimir os anseios de um grupo social estigmatizado pela cor e origem escrava.

Em meados da década de 1960, nos Estados Unidos da América (EUA), o surgimento de movimentos de negros ativistas em defesa dos direitos civis da sociedade negra como Black Power e os Panteras Negras, reivindicavam igualdade racial e passaram a mostrar orgulho de pertencer à raça negra, valorizando sua história e cultura, utilizando roupas coloridas e o cabelo natural, estilo *black power* (LIMA, 2013). Hoje, o processo de retorno ao cabelo natural, conhecido por *transition*, nos EUA, está sendo vivenciado por um número crescente de mulheres negras que aparam o cabelo quimicamente tratado e assumem o cabelo afro; assim como no Brasil, é também crescente o número de mulheres que adere ao processo conhecido como “transição capilar”, difundido em diferentes redes sociais, principalmente no YouTube.

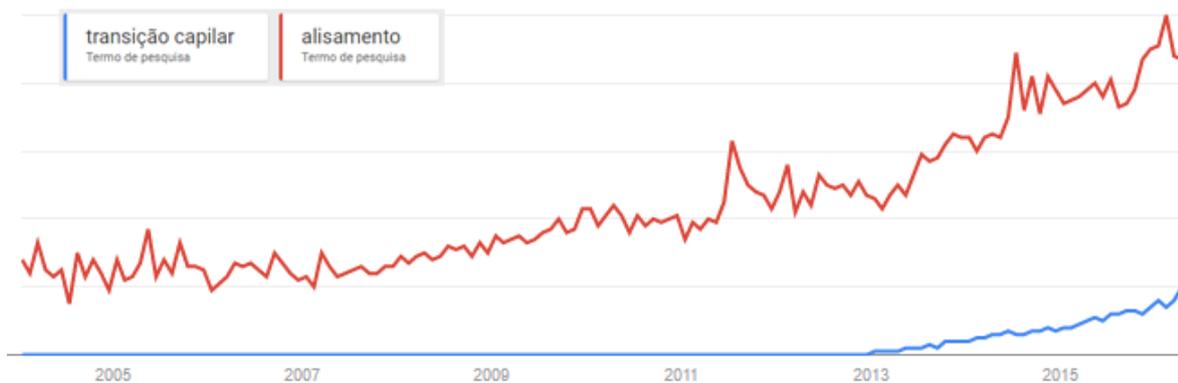
O trabalho desenvolvido revelou que as redes horizontais de comunicação multidirecional e interativa, na internet, possivelmente, se tornaram um novo contexto de autoria ativista de mulheres negras nas quais elas constroem em rede “novas” narrativas sobre o cabelo crespo e suas identidades estéticas, tecendo, assim, relatos sobre o que é ser mulher negra no tempo presente. As práticas autorais em rede de blogueiras e vlogueiras⁴ têm contribuído para a atribuição de outros significados ao cabelo crespo e à estética afro por mulheres brasileiras, contribuindo para a superação do processo de inferiorização das identidades estéticas que caracteriza esse povo.

De acordo com Antoun e Malini (2013), com as práticas ciberativistas, as redes tornaram-se uma forma própria de poder constituinte por meio das quais uma multidão inteligente armada pela comunicação distribuída em redes interativas constrói e conquista sua emancipação social. *Sites* de redes sociais, como Facebook, e o YouTube, têm sido o contexto de debates e reflexões sobre a identidade da mulher negra, que envolve discussões sobre negritude, empoderamento, consumo, colorismo, feminismo negro, etc.

⁴ Vlogueira é um termo que deriva da palavra vlog (vídeo + blog), ou seja, um tipo de blog em que os conteúdos são vídeos. Os vlogs são espaços de compartilhamento de vídeos frequentemente produzidos e publicados com uma periodicidade constante. Os vlogueiros ou vlogueiras são os autores destes vídeos.

Esses debates são protagonizados por vlogueiras⁵ que investem em produções audiovisuais em formatos de tutoriais sobre cuidados com o cabelo ou comentários temáticos sobre feminismo negro, apropriação cultural, etc. Dados do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD), apresentados por Santos e Silva (2016), revelam um crescimento no volume de buscas pela temática “transição capilar” desde o ano de 2013, na internet, temática que surgiu como ponto inicial das discussões protagonizadas pelas vlogueiras participantes desta pesquisa (Fig. 2).

Figura 2 - Comparação de volume de buscas sobre alisamento e transição capilar



Fonte: IBPAD (In: SANTOS; SILVA, 2016).

Pesquisa realizada pela Google, em 2017, revelou que as buscas pelo termo “transição capilar”, apresentaram crescimento expressivo, o que indica o aumento no número de mulheres interessadas no retorno ao cabelo natural. Demonstra também que a Internet tem sido um espaço de trocas de informações sobre esse processo (Fig. 3).

Figura 3 – Evolução das buscas por transição capilar nos últimos 2 anos



Fonte: Relatório Google, 2017.

⁵ Usuários do *site* YouTube que compartilham conteúdos autorais em seus canais com vídeos sobre diferentes temáticas.

Além disso, é possível observar, atualmente, que os estados da Bahia e Maranhão registram o maior número de buscas pelos termos transição capilar, no Google Trends⁶. Esses estados possuem, atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷, o maior número de residentes que se autodeclararam pretos (Bahia: 17% e Maranhão: 9,6%) e possuem números também expressivos de residentes que se autodeclararam pardos (Bahia: 59,5% e Maranhão: 66,9%). Os dados ainda revelam que, embora o processo de transição capilar não seja exclusivo para pessoas negras, há possivelmente uma relação estreita entre a busca pelo processo de transição com a identificação étnico-racial.

Nesse contexto, nesta pesquisa lança-se o olhar sobre o protagonismo de três mulheres negras na articulação de autorias tecidas em rede por meio da construção de narrativas sobre as identidades estéticas de mulheres negras no *site* YouTube. As temáticas abordadas nos canais de vídeos analisados, no entanto, não se restringem à discussão sobre o cabelo, mas ampliam os debates que envolvem diferentes desafios de ser mulher negra nos tempos atuais, com centralidade para a questão estética. Neste trabalho, trata-se da autoria ativista dessas mulheres em torno das diferentes temáticas que abrangem as identidades estéticas da mulher negra.

A construção deste objeto de estudo teve relação direta com a minha história de vida, pois assim como as participantes da pesquisa, três vlogueiras negras, vivenciei o desafio de compreender as especificidades de ser mulher negra e de construir novas representações sobre essa identidade no tempo presente, e refazer ideias que ainda marginalizam as identidades estéticas da mulher negra, por meio de um discurso que atua no próprio corpo, bem como no modo de olhar e agir sobre o mundo.

As autorias articuladas por diferentes vlogueiras negras fizeram parte das reflexões sobre as minhas referências estéticas e formação, de forma mais ampla durante o processo de transição capilar próprio iniciado em 2014. Assim, explicita-se o envolvimento com o objeto pesquisado, de maneira que, posteriormente, se possa avaliar estratégias para minimizar os impactos da própria subjetividade na análise e compreensão objetivada desse fenômeno.

1.1 Problemática e pergunta de pesquisa

⁶ Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?q=transi%C3%A7%C3%A3o%20capilar&geo=BR>. Acesso em: 17 mar. 2019.

⁷ Disponível em:

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#/n1/all/n2/all/n3/all/v/1000093/p/last%201/c86/allxt/c133/0/d/v1000093%201/1/v,p+c86,t+c133/resultado>. Acesso em: 17 mar. 2019.

Em 1994, o trabalho de Arturo Escobar, *Welcome to Cyberia*, já anunciava um desafio para a Antropologia, que era o fazer antropológico no ciberespaço. Nesse trabalho, Escobar (2016, p. 31) aponta um conjunto de questões à investigação antropológica que considerava a natureza social, o impacto e uso das tecnologias e a sua influência na estrutura e nos significados da cultura e sociedade moderna. Um dos questionamentos centrais que Escobar propôs foi a compreensão sobre “quais discursos e práticas são criados por e em torno dos computadores e da biotecnologia”.

Ainda que este trabalho não esteja inserido no campo antropológico, algumas das questões propostas dialogam com a experiência analisada: Que tipos de inovações, resistências ou apropriações das novas tecnologias (por diferentes culturas, por exemplo) estão em jogo e podem vir a representar diferentes abordagens e compreensões das tecnologias? De que maneira as relações entre Primeiro e Terceiro Mundos estão sendo reestruturadas à luz das tecnologias? Se os diferentes grupos de pessoas (classes sociais, mulheres, grupos étnicos, etc.) estão localizados de maneira diferencial nos contextos das novas tecnologias, como podem os antropólogos teorizar e explorar essa ordem de construção tecnocultural?

Nesse contexto de desafios e consolidação de um campo de pesquisa, propomos um estudo sobre o ativismo em rede protagonizado por vlogueiras negras. De acordo com Jungblut (2015), as “ações políticas” no ciberespaço carecem de estudos e têm se mostrado interessante etnografáveis. Para o autor, os “ciberacontecimentos”, se tratados como constructos sociais, ou seja, como fenômenos que guardam algum grau de similaridade como organizações sociais, um partido político, uma igreja, ou um clube de futebol, permitem indagações sobre o mundo social que se cria a partir desses acontecimentos. Perguntas essas que se estruturam em questões sobre: a) Quais negociações e percepções de realidade ali ocorrem? b) Que tipos de engajamentos identitários suscita nos atores que o experimentam? c) Qual a tessitura das relações sociais que provoca?

Pesquisas sobre ativismo político nas redes revelam que ainda há escassez de investimentos para detectar as motivações individuais que geram a ação política no ciberespaço. “Há coisas que podem perfeitamente ser agrupadas sob o título de ‘ações políticas’ que estão cotidianamente se gestando no ciberespaço e que ainda permanecem sem receber nenhum tipo de investimento analítico” (JUNGBLUT, 2015, p. 14).

Jungblut (2015, p. 18) argumenta que o ciberespaço é “um lugar interessantíssimo para a monitoração da produção de acontecimentos políticos em rede por atores humanos e não-humanos (actantes), bem como para analisar as intrincadas e curiosas amarras factuais que os possibilitam”. Com esse tipo de análise, é possível compreender o que o ativismo político e outras formas de usos da internet podem produzir objetivamente em termos de construtos sociais.

Para esse autor, a efemeridade desse tipo de acontecimento não deve deixar o pesquisador cego diante da capacidade de desencadear comportamento militante, compartilhamentos sociais de percepções da realidade, mapeamentos de alianças e rivalidades, etc.; processos esses muito próximos daqueles experimentados em vínculos com organizações formalmente institucionalizadas (JUNGBLUT, 2015).

Diante desse cenário, a seguinte pergunta principal promoveu a pesquisa aqui apresentada: De que maneira o ativismo em rede protagonizado por mulheres negras no YouTube, por meio de narrativas audiovisuais, articula processos formativos decoloniais? Para isso, o objetivo geral foi focado em: Compreender como o ativismo de mulheres negras no YouTube articula processos formativos decoloniais.

Para atingi-los, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) Identificar e sistematizar as características das narrativas em rede articuladas por três vlogueiras negras no YouTube; b) Mapear e caracterizar trocas comunicacionais estabelecidas entre vlogueiras e suas/seus seguidoras/es no YouTube; c) Caracterizar o ativismo protagonizado por essas mulheres; d) Compreender de que maneira as narrativas ativistas das vlogueiras constituem processos formativos.

Para a compreensão desses aspectos, os conceitos que serão operacionais para a análise construída e melhor desdobrados no contexto da tese abrangem: racismo (capítulo 3), ativismo em rede (capítulo 3), processos formativos (capítulo 4), decolonialidade (capítulo 4).

O racismo é compreendido, neste trabalho, como uma ideologia essencialista que divide a humanidade em grandes grupos, denominados raças, e classificados por meio de características físicas hereditárias comuns, que indicam supostos aspectos psicológicos, morais, intelectuais e estéticos e geram uma escala de valores desiguais para a classificação de grupos sociais (MUNANGA, 2003).

A ideia de racismo consolidou-se com base numa perspectiva sociológica, mesmo diante da invalidação científica do conceito de raça como dimensão biológica. No Brasil, o racismo pode ser analisado sob uma ótica individualista, que ressalta a natureza psicológica em detrimento de sua natureza política (comportamental); institucional, visualizada por meio do funcionamento das instituições que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça; e por fim, numa perspectiva estrutural, pela qual compreende-se que há uma estrutura social racista que legitima o privilégio de determinados grupos sociais (ALMEIDA, 2018).

O ativismo em rede é compreendido como ações políticas que têm como origem as redes digitais e continuam nas ruas das cidades, sem deixar a sua dimensão informativo-digital, pois são filmadas, transmitidas, fotografadas, postadas e comentadas *on-line*; bem como articulações

políticas que possuem singular não linearidade de suas ações e se apresentam como o conjunto de ações não apenas humanas, mas que resultam da relação entre os diversos actantes (circuito informativo, dispositivos, *smartphones*, câmeras digitais, redes sociais, movimentos sociais, indivíduos, etc.) (DIFELICE, 2013).

Compreende-se neste trabalho que processos formativos são construídos por diferentes experiências de vida que não estão restritas aos espaços formais de educação. Entendemos formação como um fenômeno de significado mais amplo, global, que inclui diferentes facetas da vida de uma pessoa. (BONDÍA, 2002; JOSSO, 2002; DOMINCÉ, 2006; MACEDO, 2010).

O pensamento decolonial consiste no desenvolvimento de um pensamento crítico, a partir dos subalternizados, que questiona a geopolítica do conhecimento, e invisibiliza os sujeitos que produzem “outros” conhecimentos e histórias. Os intelectuais decoloniais estabelecem uma crítica à colonialidade, constitutiva da modernidade, e tão presente em nossas visões de mundo. A herança colonial está na nossa identificação do belo e do feio, das imagens subalternizadas lançadas aos homens negros, frequentemente associados ao crime ou ao sexo; está presente também no racismo epistêmico contido nos currículos que persistem em visibilizar apenas o conhecimento brancocêntrico (CANDAU e OLIVEIRA, 2016).

1.2 Pesquisadora negra no campo da cibercultura: implicações e trajetórias

Minha trajetória pessoal de construção identitária como mulher negra foi e ainda é, muitas vezes, marcada pelo sentimento de inadequação, especialmente no que diz respeito à estética, e se amplia para o campo intelectual. Essa dimensão da construção identitária da mulher negra é fundamental nas experiências de sociabilidades afetivas, profissionais, e outros aspectos, pois afetam diretamente o seu olhar sobre si mesma, muitas vezes marcado por um lugar de subalternidade.

1.2.1 Itinerâncias formativas como mulher negra

Minhas memórias remontam experiências de rejeição na escola e nos relacionamentos afetivos, que foram sempre acompanhadas de movimentos de resistência. No condomínio onde passei a infância, no Imbuí, um bairro de classe média baixa de Salvador, minha família era uma entre as quatro famílias negras que moravam em um conjunto de 240 apartamentos. Entre as brincadeiras com os amigos e amigas, eu ouvia, principalmente de meninos, apelidos expressos de forma agressiva, como “negresco”; vivenciava situações de ridicularização com o meu cabelo; ou mensagens como: “Essa neguinha aí é feia, eu nunca ia beijar ela não”. As falas de inferiorização,

também vinham de meninas que me perguntavam porque meu cabelo era feio e de colegas que não aceitavam ser meu par na quadrilha da escola, por exemplo.

Essas experiências foram vivenciadas sem a compreensão de um contexto mais amplo que justificasse aquele tipo de violência. Na família, o racismo nunca foi discutido de maneira efetiva por meus pais (homem negro de pele escura e mulher não negra – considerada predominantemente branca pelas pessoas, em Salvador). Apesar de nunca ter debatido essas questões, o racismo era presente minha experiência com a família e os amigos.

Compreendia, ainda criança, que, quando eu ia para Paripe, bairro do subúrbio de Salvador, de maioria negra, onde vive a família do meu pai, sentia-me privilegiada pela minha cor de pele (negra de pele clara) e pelo bairro onde eu morava. As pessoas me olhavam com admiração e distinção. Porém, na minha escola e no meu bairro, de maioria branca, eu me sentia inferior, principalmente quando a questão era o cabelo crespo.

Nesses espaços, sempre busquei por compensação: nas relações com as amigas do condomínio, sempre fui submissa aos desejos e vontades delas na busca pela aceitação do grupo (atitude que deixou marcas em minha personalidade) e na escola sempre me esforcei para ser excelente aluna, numa tentativa também de ser aceita pelos colegas de turma.

Minha relação com os cabelos perpassava por duas dimensões de preconceito e inferiorização, pois eram curtos e crespos. O padrão de cabelo curto ainda é associado a características masculinas. Além disso, a justificativa da minha mãe para cortá-los era que exigia muito esforço para os cuidados e por isso só deixaria crescer quando eu tivesse autonomia para mantê-lo arrumado. Portanto, eu carregava uma tripla insatisfação com o meu cabelo: era crespo, curto, e trabalhoso. Meu sonho, como de muitas outras meninas negras, era que o meu cabelo fosse longo e que eu pudesse balançá-lo.

A solução que me foi apresentada, aos 10 anos, foi o “relaxamento” e, logo depois, as tranças. Apesar de representarem um símbolo estético-político da cultura africana, as tranças, ainda concretizam, para muitas mulheres negras, a possibilidade de se aproximar de um padrão normativo que é um cabelo com pouco volume, movimento e que “cresce” para baixo. Não tenho recordações na minha infância, mesmo vivendo em Salvador, de ter visto uma mulher negra com cabelos *black power*, por exemplo, mesmo circulando em bairros de diferentes níveis socioeconômicos.

Desde os 10 anos, portanto, meu cabelo recebeu produtos químicos de transformação. Inicialmente, minha mãe aplicava os produtos em casa, com resultados de pouca qualidade, e, posteriormente, passei a frequentar, periodicamente, salões de beleza para “relaxar” os fios, que gerava um efeito cacheado. Esses procedimentos eram extremamente custosos economicamente

para minha mãe, que fazia esse esforço desproporcional às suas possibilidades financeiras para que eu me sentisse “bem” com a minha estética.

Minhas experiências nesses espaços sempre foram difíceis, pois sabia que, ao entrar no salão, seria alvo de olhares dos profissionais e clientes, que expressavam que meu cabelo daria trabalho para ser aplicado o produto, e previa sempre que o cabeleireiro iria tocar e desembaraçar meu cabelo com desprezo e sem técnicas apropriadas e que aquilo me causaria muita dor no couro cabeludo. Porém, eu saía do salão aliviada, sempre muito contente com a possibilidade de diminuir o volume do cabelo e torná-lo menos crespo, ou seja, normal.

As experiências com salões foram variadas, na tentativa de encontrar produtos e profissionais que atendessem ao meu objetivo de “só soltar os cachos”, sem efeito alisado, e que não danificassem excessivamente os fios. Em diversas ocasiões, saía com o couro cabeludo ferido, devido ao contato da pele com o produto extremamente forte. Em alguns momentos, perguntava-me como seria o meu cabelo natural, por que eu não gostava do seu aspecto, e o que aconteceria se um dia acabassem os produtos para cabelo no mundo – como eu sobreviveria a um mundo tão hostil à minha estética? Mas nunca me demorei em encontrar respostas, por ser mais confortável me manter segundo um padrão.

Aos 25 anos, decidi romper com o processo de relaxamento e adotar o meu cabelo natural. Nesse momento, surgiram as minhas interrogações que deram origem a esta pesquisa. A decisão foi construída por muitas perguntas feitas durante o ano de 2014, depois de conversar com uma amiga que decidiu deixar de aplicar químicas transformadoras, após ouvir de uma cabeleireira, de forma bem discreta, para que outras clientes não ouvissem, que o cabelo dela não precisava de relaxamento, pois era naturalmente bonito.

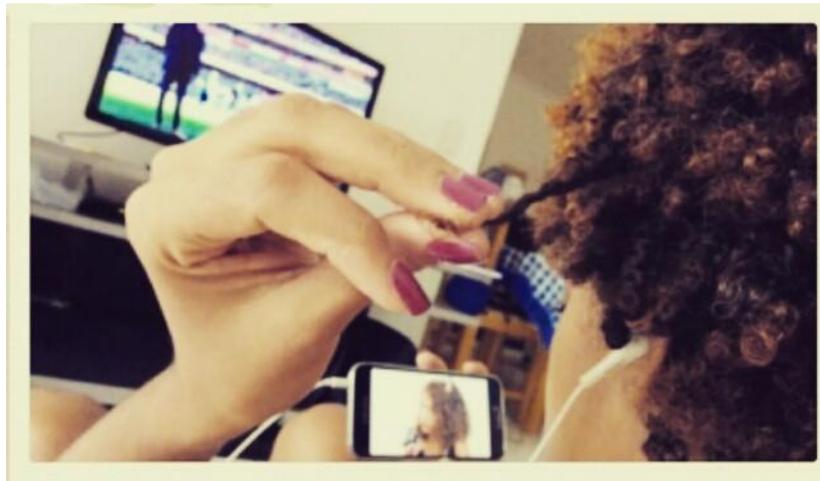
Eu me perguntava: Como, frequentando o mesmo salão, nunca ouvira a mesma opinião de uma cabeleireira? Imediatamente, me respondia: O cabelo dela era bonito ao natural por ser cacheado e crescer para baixo, mas o meu, por ser crespo e crescer para cima, jamais ficaria bom. Para cada resposta, eu encontrava novas interrogações: Como cuidar de um cabelo naturalmente crespo? Por que não relaxar o cabelo? Por que acho meu cabelo feio? Como a história do Brasil ajuda a explicar esse mal-estar com a minha imagem?

As perguntas foram amadurecendo paralelamente ao meu desejo de me conhecer e reconhecer-me negra também na afirmação da estética natural do meu cabelo. Eu sempre me li como negra e “ser negra” nunca provocou discussões bem definidas sobre essa identidade. O ano de 2014 foi o período em que passei a morar em Fortaleza e percebi que as pessoas me identificavam muito rapidamente, por ser negra, com olhares de inferiorização ou admiração. Paralelamente, passei a conviver com meu marido (hoje ex-companheiro), branco e europeu, e essa convivência na circulação pela cidade me trouxe mais uma vez a lembrança e a marcação de

“mulher negra”. Também foi o ano em que passei pela minha transição capilar e nesse período comecei a racionalizar os meus sentimentos de mulher negra, e entendi que as tantas dores e ausências na construção da minha identidade existiam porque eu sou negra! (Fig. 4).

Nesse momento, os *vlogs* e *blogs* foram meu campo de descoberta e pesquisa pessoal. Nas redes, pude ouvir dezenas de histórias como a minha e perceber que a questão com o cabelo era advinda do racismo estrutural, e que meu desconforto estava para além de problemas isolados ou individuais com a autoestima.

Figura 4 - Transição capilar da pesquisadora



Fonte: Vídeo do YouTube. Acesso em: nov. 2018.

Em contato com outras histórias, foi possível reafirmar que o mal-estar com a autoimagem atinge mulheres negras de diferentes idades e lugares sociais e, por isso, para mim, era relevante debater em rede essas questões, afinal, o racismo estrutural, ao criar representações subalternizadas do que é ser negro, forja no sujeito uma percepção negativa de si que, atualmente, tem sido reconstruída pelas mulheres negras no que se refere às suas identidades estéticas.

O alcance das ações em rede, das vlogueiras e blogueiras nos seus canais, *vlogs* e nos grupos do Facebook, despertaram-me questionamentos dentro do campo da pesquisa em cibercultura, bem como um ativismo por essa causa protagonizada na atuação como professora do Curso de Pedagogia e Licenciaturas, pesquisadora e militante integrante da Rede Nacional de Mulheres Negras Ciberativistas. Esta tese situa-se nesse despertar.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, surgiram também similaridades entre a minha história e de outras mulheres negras, no que diz respeito aos processos criativos e autorais articulados pelas interlocutoras da pesquisa, momento no qual percebi que o objeto também estava imbricado com a minha trajetória de pesquisadora negra, no que diz respeito a enxergar-me no lugar de autora, intelectual.

Chegou uma época, que eu pensava assim, eu queria fazer vídeo, mas eu não conseguia, eu não gostava, e eu não consegui parar. Então é o lugar do inferno. É o lugar da depressão. Que você não consegue sair, e você não consegue ficar sabe?! Então, a minha

maior vitória foi publicar um vídeo e assistir o meu próprio vídeo, sabe?! Ficar satisfeita. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em outubro de 2017).

Por muitas vezes, o texto escrito trouxe o sentimento de medo e a sensação de desconforto com a autoria de uma tese. Os relatos de colegas da pós-graduação, independentemente do recorte racial, traziam esse sentimento. No entanto, ao identificar o pouco acesso a autoras negras, invisibilizadas no decorrer do processo de escolarização, percebi que esse espaço do texto representava um lugar a ser alcançado, mas também um “não lugar”. Enxergar-me autora e assumir a possibilidade de construir algo relevante, do ponto de vista acadêmico, tornou-se um desafio no papel de pesquisadora e constituiu um elemento importante para minha formação como pesquisadora.

1.2.2 Itinerâncias formativas – caminhos para o encontro entre identidade e pesquisa

A escolha desse fenômeno – processos formativos de mulheres negras no YouTube - como objeto/campo de estudo é também fruto de uma trajetória de formação profissional tecida por meio de escolhas que revelam que as experiências formativas são construídas numa relação estreita entre o que fomos e fizemos e aquilo que queremos ser e fazer. Este trabalho possui laços com a escolha profissional, com as pesquisas anteriormente desenvolvidas e minha trajetória de vida.

É necessário destacar que a compreensão do objeto não se limita a compreender a mim mesma, ainda que isso seja importante para a minha trajetória pessoal, mas é importante notar que, assim como afirmou Lélia Gonzalez, ao falar da sua vida, militância e produção intelectual: o aprofundamento do seu pensamento foi também mediado por sua militância, que a inter-relação entre ambas é parte importante no desenvolvimento do seu pensamento, e que a sua própria condição de mulher negra tornou-se elemento importante para o desenvolvimento de suas ideias (BARBOSA, 2010). Há, no pensamento de Lélia, um caminho que nos ajuda a pensar a forma como articulamos a vida, ação política e produção acadêmica, no processo de construção de epistemologias negras. Nesse lugar é que me localizo como pesquisadora.

Os trabalhos de pesquisa que desenvolvi durante a minha itinerância formativa versaram sobre temáticas como *games* e letramento, e tecnologias móveis e autoria. A pesquisa de monografia desenvolvida no curso de Pedagogia versou sobre o processo de letramento digital de professores do ensino básico em formação continuada que envolveu a interação com o jogo eletrônico *Búzios: Ecos da Liberdade*, sobre a Revolta dos Búzios, ou Revolta dos Alfaiates, protagonizada pela população negra da Bahia.

Minha experiência com o jogo eletrônico citado envolveu um trabalho direto com o desenvolvimento do roteiro e de orientações pedagógicas. O interesse dos historiadores roteiristas – jovens negros – era dar visibilidade à história e protagonismo do povo negro na Bahia, inserindo no universo da cultura *gamer* a história local. No roteiro do jogo, porém, o personagem principal e fictício, que tinha envolvimento direto com a Revolta dos Alfaiates, viajava para a França e trazia para o Brasil os ideais da Revolução Francesa, contribuindo para a construção dos ideais daquela revolta local.

O roteiro do jogo, quando foi apresentado aos professores do Departamento de Educação, pesquisadores na área de relações étnico-raciais, recebeu críticas por, ao retratar o protagonismo do povo negro numa revolta política, associar aquela iniciativa a um ideal político que é centrado na cultura europeia e branca. Naquele momento da minha trajetória, não havia despertado o desejo pelas questões raciais, apesar de perceber que nos congressos da área de *games* e cibercultura os negros, e principalmente as negras, eram minoria, e sequer ocupavam espaços de poder. Além disso, percebia que a cultura *gamer*, objeto das minhas pesquisas na graduação, era branca (europeia e norte-americana) e oriental, e isso era debatido de forma muito tímida entre desenvolvedores e pesquisadores no Grupo de Pesquisa Comunidades Virtuais, quando conversávamos sobre as referências utilizadas pelos *designers* da equipe – europeias, nórdicas – e como a opção influenciava a arte de cada um deles, ainda que tenham apresentado resultados finais extremamente originais e que retratavam muito bem a população afrodescendente na Bahia. Após a produção do *game* Búzios, o Grupo de Pesquisa atuou de forma pioneira desenvolvendo jogos eletrônicos que enfatizavam a cultura e o protagonismo da população de descendência africana e indígena na Bahia, como o Jogo 2 de julho, Guardiões da Floresta; Janus; entre outros.⁸

No curso de mestrado, discuti sobre autoria e tecnologias móveis. Nesse momento, eu estava interessada nas possibilidades comunicacionais oferecidas pelos dispositivos móveis conectados em rede, que criavam condições para que as pessoas pudessem se envolver em práticas autorias por meio de imagens e textos que produziam retratos sociais ao narrar o cotidiano (PAZ, 2014). À época, já ensaiava um olhar para o potencial político de narrar o cotidiano em rede e debater sobre o tema.

Propor uma pesquisa que reúne um olhar sobre a apropriação do ciberespaço de forma política, por meio de um debate étnico-racial, é resultado de trajetórias de pesquisa e vida que se encontram. Essa convergência de campos, no entanto, é uma oportunidade para a atuação de pesquisadora, por tentar aproximar áreas que produzem conhecimento a partir de universos epistêmicos distantes.

⁸Disponível em: <http://comunidadesvirtuais.pro.br/cv/games/#12>. Acesso em: 13 jan. 2017.

1.2.3 A internet “branca” e o racismo

Com esta pesquisa, inscrevo em minha trajetória de pesquisadora uma demarcação racial que advém do aprofundamento do olhar sobre o mundo proveniente da experiência vivida que hoje perpassa também pelas questões étnico-raciais. Hoje atuo como pesquisadora implicada em estudos sobre educação e cibercultura na interface com as discussões sobre relações étnico-raciais e de gênero.

Essa identificação manifestou-se durante a participação em um evento denominado Encrespa Geral, no qual um ativista do Movimento Negro no Ceará, Bernardo Lamparina, foi palestrante do evento. Em conversa inicial sobre meu desejo de pesquisar a ação de mulheres negras no YouTube, o estudioso (nascido em 1953) colocou sua primeira pontuação sobre o meu futuro trabalho: “Tatiana, em primeiro lugar, você tem que entender que a internet é branca!!!”.

A sua fala, hoje tão óbvia, causou-me o estranhamento inicial da descoberta de algo tão evidente mas que parecia não impactar, aos meus olhos. Os primeiros questionamentos concentraram-se sobre a ideia de que aquela afirmação poderia invalidar o aspecto político do fazer de mulheres negras no YouTube. Depois, concentrei minhas interrogações sobre a maneira como o racismo poderia impactar nas práticas comunicacionais e políticas daquelas mulheres.

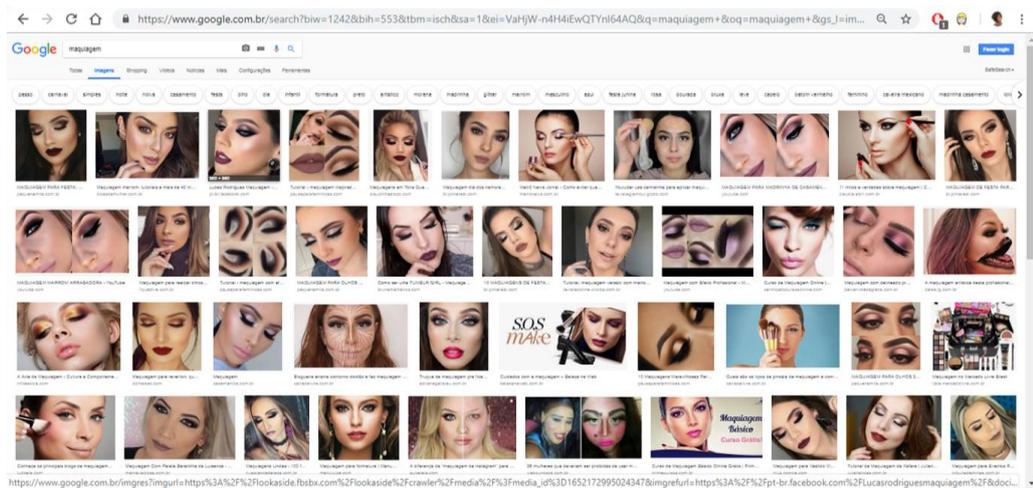
As interrogações tornaram-se parte do olhar de pesquisadora que se formava, seguidas das constatações construídas por meio da minha experiência nos buscadores do Google Pesquisa e do próprio YouTube. Em pesquisas nessas plataformas, sobressaiu que a ideia do homem branco europeu universal constava no funcionamento dos códigos, ainda que não fosse possível compreender com base em qual lógica operavam.

A ideia do branco como padrão normativo está no contraponto da experiência de mulheres negras, das quais é exigido, o tempo todo, que assim se entendam classificadas no mundo. Na internet, não é diferente. Mulheres negras, em suas buscas, necessitam usar frequentemente o marcador de gênero e raça, para encontrar conteúdos que contemplem a sua identidade racial.

Ao inserir, por exemplo, a palavra “maquiagem”, no buscador Google, é notável a sub-representação de mulheres negras. Entre as 42 primeiras imagens que aparecem como resultado de busca, apenas uma é de mulher negra. Ainda assim, a imagem carrega um tom de ridicularização sobre essa mulher, como é possível perceber nas Figuras 5 e 6.⁹

⁹ Imagens coletadas em novembro de 2018.

Figura 5 – Imagens com representação de racismo



Fonte: Buscador Google. Acesso em: nov. 2018.

Imagem 6 – Mulher negra e maquiagem



Fonte: Buscador Google. Acesso em: nov. 2018.

Essas experiências revelam o reforço de imagens e representações negativas que interferem nos processos de identificação individual e construção da identidade coletiva. A interiorização desses processos pode levar à alienação e negação da própria natureza humana para os que nasceram com pele escura, oferecendo-lhes como único caminho de redenção o embranquecimento físico e o cultural, trilhado pela miscigenação e mestiçagem cultural (MUNANGA, 2012).

Nesse sentido, a maioria da população brasileira, negra e branca, introjetou o ideal do branqueamento, que inconscientemente não apenas interfere no processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo, como também na formação da autoestima geralmente baixíssima da população negra e na supervalorização idealizada da população branca. (MUNANGA, 2012, p. 11).

Outras pesquisas no YouTube demonstraram, por exemplo, que entre os 25 primeiros vídeos que aparecem no buscador Google sobre maquiagem, apenas um tem a autoria de uma mulher negra. O título do vídeo possui um marcador racial, comumente utilizado por produtoras

de conteúdo para internet, bem como pelas internautas negras, em busca de conteúdos com essa especificidade.

Sem esses marcadores, dificilmente seriam encontrados conteúdos adequados ao seu perfil, assim como as produtoras de conteúdo necessitam criar marcadores para facilitar a difusão do seu vídeo entre as pessoas interessadas por seus conteúdos. No caso da vlogueira Tamiris Sindice, foi importante demarcar no título do vídeo. Entretanto, veremos, neste trabalho, que os marcadores raciais nos títulos dos conteúdos nem sempre proporcionam a visibilidade dos vídeos (Fig. 7).

Figura 7 – Imagens de páginas de vídeo sobre maquiagem com autoria de mulher negra



Fonte: Buscador do YouTube. Acesso em 6 mar 2018:

Essas buscas remeteram à palestra-*performance* de Grada Kilomba, no MIT-SP, em 6 de março de 2016, quando apontou como a sua característica de homem branco o coloca no topo do poder em suas relações, visto que não é chamado a refletir sobre ser homem branco, ou seja, não necessita passar por um processo cotidiano de racialização. Sobre as interseções de demarcações de gênero e raça, a autora descreve: “Uma mulher negra diz que ela é uma mulher negra. Uma mulher branca diz que ela é uma mulher. Um homem branco diz que é uma pessoa”.

A palestrante ainda destacou que a branquitude, assim como outras identidades que estão no poder, não precisa ser nomeada diariamente.

[A branquitude] É uma identidade que se coloca no centro de tudo, mas tal centralidade não é reconhecida como relevante, porque é apresentada como sinônimo de humano. [...] E acreditem em mim, não existe uma posição mais privilegiada do que ser apenas a norma e a normalidade. (KILOMBA, 2016).

A ideia do branco como modelo universal da humanidade é tratada nos estudos sobre branquitude que apontam o branqueamento como um processo inventado e mantido pela elite branca, embora considerado, pela mesma elite, como um problema originado entre negros, descontentes e desconfortáveis com a sua condição racial. Porém, o pacto narcísico entre os brancos, ilustrado no modo de funcionamento dos buscadores, revela como a elite faz uma apropriação simbólica que fortalece a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba por legitimar suas supremacias econômica, política e social (BENTO, 2012). O sujeito universal branco está presente nos mecanismos de busca da internet, ainda que não revelem como operam os algoritmos que o gerenciam.

Em seu livro, *Algoritmos de Opressão: Como Mecanismos de Busca Reforçam o Racismo*, Noble (2018) apresenta os resultados de ampla pesquisa sobre algoritmos e representação de mulheres e de mulheres negras no mecanismo de busca do Google. A autora usou telas reais do recurso “autocompletar” do buscador para mostrar como sexismo e misoginia estão presentes nas sugestões do buscador.

A autora utilizou termos como *black girls* ou *why are Black people so* e revela como os mecanismos de busca privilegiam pontos de vista focados em figuras de poder. A hiperssexualização de mulheres negras nos resultados, por exemplo, é fruto de padrões de busca por conteúdos sexuais e pornográficos ligados a mulheres negras. A autora associa os problemas ao uso puramente comercial do Google, bem como à falta de representatividade entre os seus funcionários, aqueles que pensam e operacionalizam a plataforma.

Essas e outras evidências revelam que, ao contrário da crença tecnocrática de que a eliminação do fator humano traria mais clareza e objetividade a processos sensíveis conduzidos por máquinas, observa-se a reprodução de antigos sistemas de desigualdades na relação entre os atores humanos e não humanos. Diante disso, é necessário lançar um olhar para esses fenômenos que considera a identidade étnico-racial como um elemento importante na análise de experiências com a internet.

1.3 Cibercultura e relações étnico-raciais – o lugar epistemológico da pesquisa

Desses conflitos e construções, nasceu esta tese no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, na Linha Educação Currículo e Ensino, Eixo Tecnologias Digitais e Educação e desenvolvido no Grupo de Pesquisa Linguagens e Educação em Rede (LER), que “reúne pesquisadores e estudantes interessados na problemática do uso e da compreensão de

novas linguagens em rede e de novos suportes tecnológicos em processos de ensino e aprendizagem”¹⁰.

Os estudos partem da problemática da transição paradigmática em curso, da sociedade moderna à pós-moderna e à cibercultura, mais especificamente, entre textos impressos e hipertextos e as novas formulações híbridas e seus desdobramentos. O grupo investiga o uso (navegação, interação) e a compreensão (produções de sentido) dos usuários das linguagens e dos suportes tecnológicos utilizados em processos de ensino e aprendizagem. Os interesses de pesquisa do grupo abrangem três níveis inter-relacionados: as linguagens em rede; os usos e a compreensão dos artefatos tecnológicos pelos usuários; e o contexto das práticas de ensino e aprendizagem. A linha de pesquisa Cibercultura, Multiletramentos e Educação, na qual está inserido nosso trabalho, investiga práticas emergentes de multiletramentos no contexto da aprendizagem em rede, a partir de elementos paradigmáticos da Cibercultura, particularmente no que se refere aos fenômenos do ativismo em rede, novas configurações midiáticas e linguagens híbridas na *web*.

Hoje, as memórias do passado e do presente me trazem até este texto, lugar central do meu fazer de mulher negra, pesquisadora e também expressão de um fazer político. A escolha por este objeto de estudo expressa o interesse por inserir no debate da Cibercultura outras reflexões epistemológicas, pouco visibilizadas no campo, que se refletem, muitas vezes, na área da educação, numa perspectiva colonizadora comumente vista nas falas dos pesquisadores, ou professores, que buscam “levar a tecnologia para a escola” por meio de um imperativo que não aciona o diálogo. Uma realidade que frequentemente desconsidera as demandas dos sujeitos, suas práticas cotidianas, o lugar que ocupam socialmente, e o sentido da técnica/tecnologia no seu mundo.

Nesse contexto, esse trabalho tem como pano de fundo as táticas que os praticantes culturais mobilizam para atender às suas demandas sociais, para aprender, para significar o mundo que os cerca. Assim, a intenção é compreender como o ativismo em rede, articulado pela construção de narrativas audiovisuais de mulheres negras no YouTube, articula processos formativos relacionados a uma perspectiva decolonial de saberes sobre as identidades estéticas de mulheres negras.

Ao buscar conhecer as práticas de mulheres negras e suas narrativas circulantes no ciberespaço, entende-se que o meu trabalho valoriza e visibiliza epistemologias que não são hegemônicas, construídas à margem da academia, mas produtoras de conhecimentos.

¹⁰ Texto disponível em: <http://grupos-de-pesquisa-ler.blogspot.com> Acesso em 6 mar 2017.

A partir dessa perspectiva, o presente estudo situa-se no campo epistemológico dos estudos decoloniais e pós-coloniais. As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos dos subalternizados dentro das divisões geopolíticas mundiais. Formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política, a fim de revelar os limites das racionalizações da modernidade. Como oposição ao discurso colonial, há a necessidade histórica de elaborar estratégias legitimadoras de emancipação, o que demanda uma revisão radical da temporalidade social na qual histórias emergentes possam ser escritas (BHABHA, 2013).

1.4 Tecendo os fios da tese: organização da narrativa de pesquisa

A fim de apresentar esta narrativa de pesquisa, a tese foi organizada em quatro capítulos para explicitar que o ativismo protagonizado por mulheres negras no YouTube articula processos formativos decoloniais relacionados à identidade estética negra. Na Introdução, são apresentados o contexto da pesquisa, sua relevância e a reflexão sobre como se relaciona com nossa trajetória de mulher negra e afeta nosso sobre as experiências analisadas, sem perder a visão crítica sobre o objeto e o necessário rigor científico no tratamento e na apresentação dos dados – um breve exercício de reflexividade. No Capítulo 2, discute-se a abordagem de pesquisa qualitativa e como os pressupostos da etnografia no ciberespaço orientaram a construção metodológica da pesquisa; descrevem-se as técnicas utilizadas, as etapas da pesquisa e o processo de entrada no campo.

No Capítulo 3, estão caracterizadas as narrativas de três mulheres negras no YouTube, do ponto de vista do conteúdo, com destaque para os aspectos relacionados à identidade estética e às histórias de vida; e reunidas as informações que caracterizam o fazer ativista dessas mulheres na plataforma.

No Capítulo 4, desenvolve-se argumentação sobre a construção das narrativas como um processo formativo decolonial nas redes, a partir das análises feitas sobre o processo de construção dos vídeos, bem como são analisadas as trocas comunicacionais estabelecidas no interior dessas narrativas, explicitando como também são parte constituinte da narrativa, de forma mais ampla.

Por fim, as Considerações Finais, trazem os objetivos alcançados durante a pesquisa e os achados correspondentes. Identificadas também as questões emergentes que não foram problematizadas na tese, por não serem o foco da pesquisa, mas que tangenciam o objeto, bem como questões que carecem de aprofundamento por outras áreas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa sobre a experiência de mulheres negras no YouTube requisitou uma abordagem que respondesse à complexidade da dinâmica estudada. Com isso, foi necessário adotar o estilo de pesquisa que enfatiza o aprofundamento do detalhe em vez da reconstrução do todo; os estudos intensivos (sobre um pequeno número) aos extensivos (sobre um grande número). Essa escolha metodológica responde de forma específica à exigência de guiar a complexidade dos fenômenos em estudo (CARDANO, 2017).

Essa abordagem focaliza a interpretação no lugar da mensuração; prioriza a descoberta em detrimento da constatação; e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados; o que torna inaceitável uma postura neutra do pesquisador. Com base nesses pressupostos, configuram-se as pesquisas qualitativas como contraponto às abordagens quantitativas de ciência, que dividem a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente (GATTI; ANDRE, 2011).

As pesquisas qualitativas constituíram-se como uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores e formantes do humano; de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais. Rompe-se, assim, com a ideia que separa pesquisador de pesquisado, própria dos métodos rígidos que promovem a definição de um objeto, processo em que o pesquisador assume a posição de “cientista”, daquele que sabe, e os pesquisados são vistos como dados (seus comportamentos, suas falas, os discursos, as narrativas, etc.), numa posição de impessoalidade (GATTI; ANDRE, 2011). Numa abordagem qualitativa, o significado é de importância vital. O investigador está interessado

no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas e nas perspectivas dos próprios sujeitos sobre as suas vivências (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para isso, tem-se como elementos básicos de uma pesquisa qualitativa: a) A adoção do ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) Os dados coletados são predominantemente descritivos; c) A preocupação com o processo é maior do que com o produto; d) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são foco de atenção especial pelo pesquisador; e) A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LUDKE; ANDRE, 1986).

Na pesquisa qualitativa, a fonte direta dos dados é o ambiente natural; não há a criação de ambientes artificiais e experimentais. Os dados são recolhidos em situação; no caso desta pesquisa, os canais na plataforma YouTube, e complementados pela informação obtida por meio de contato direto. Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

No campo da educação, os métodos qualitativos trouxeram ampla contribuição às discussões da área e permitiram melhor compreender os processos escolares de aprendizagem; de relações e processos institucionais e culturais; de socialização e sociabilidade; o cotidiano escolar em suas múltiplas implicações; bem como as mudanças e permanências que caracterizam as ações educativas. Com isso, há também uma retomada do foco sobre os atores da área de educação. Os pesquisadores objetivam, por meio de uma abordagem qualitativa, retratar o ponto de vista dos sujeitos envolvidos nos processos educativos (GATTI; ANDRE, 2011). Segundo André (2001), há, nas pesquisas qualitativas em educação, o desafio de aliar a riqueza proporcionada pelo estudo em profundidade de fatos e processos educacionais, contextualizados, à possibilidade de transferência de conhecimentos para o estudo de outros contextos semelhantes.

Um dos traços importantes da pesquisa qualitativa é a harmonização dos procedimentos de construção do dado às características do objeto ao qual se aplicam e a submissão do método às peculiaridades do contexto empírico em estudo, ou seja, a prioridade do objeto sobre o método. Diante da especificidade da dinâmica das experiências observadas, adotou-se a abordagem qualitativa, com aproximações ao campo de estudos da etnografia do ciberespaço.

2.1 As especificidades das pesquisas qualitativas num contexto *on-line*

A pesquisa foi organizada em três etapas: a) Observação nos canais de três vlogueiras negras; b) Entrevistas com vlogueiras e c) Análise de conteúdos disponíveis nos canais do YouTube das interlocutoras de pesquisa. Simultaneamente a essas etapas, seguiu-se um aprofundamento teórico sobre os temas emergentes durante a pesquisa (ativismo em rede,

processos formativos, pedagogia decolonial). Como principais técnicas de pesquisa, foram utilizadas a entrevista e a observação, já que, na observação participante, “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134).

A pesquisa não se configurou como uma etnografia, porém dialogou com os estudos no campo da etnografia no ciberespaço para produzir reflexões sobre as especificidades do fazer etnográfico nos ambientes *on-line*. Assim, neste capítulo, apresenta-se como a abordagem metodológica dialoga com o fazer epistemológico da pesquisa; descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados durante as etapas da pesquisa, bem como o início da entrada no campo.

Ao desenvolver este trabalho como mulher negra que iniciou a pesquisa logo após o processo de transição capilar, o fazer científico não foi neutro e distante, mas interessado e próximo, bem como orientado pelo rigor metodológico da abordagem qualitativa, que considera a pesquisa constituída na complexidade de seres humanos pensando com e sobre seres humanos. Pesquisas qualitativas são feitas por “sujeitos, existências que, para todos os fins práticos, produzem etnométodos, maneiras de compreender a vida e solucionar suas problemáticas” (MACEDO; PIMENTEL; GALEFFI, 2009, p. 95).

Para compreender o fazer autoral de mulheres negras no YouTube, me colquei no papel de habitante e estrangeira, visto que navegava nessa plataforma como mulher negra telespectadora e contemporaneamente não ocupava o lugar de vlogueira. A negociação da entrada no campo envolveu um processo de aproximação que exigiu persistência, flexibilidade e criatividade (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A aceitação dos interlocutores; obtenção de apoio de indivíduos-chaves; inserção nas discussões naturais dos participantes da pesquisa; foram processos fundamentais para o alcance da colaboração ativa das pessoas envolvidas.

No papel de pesquisadora implicada com seu campo de pesquisa, a reflexividade sobre a prática de pesquisa e a análise de informações incluiu um movimento que não excluiu a subjetividade, mas a considerou num processo auto-reflexivo com o objetivo de compreender a complexidade da realidade em que estava inserida. Dessa maneira, a reflexividade ofereceu à pesquisa uma subjetividade e objetividade nas relações com as informantes, na própria escrita do texto, etc. (CLIFFORD, 2008).

Alguns elementos balizaram o processo de reflexão, como nossa própria identificação de mulher negra com as temáticas propostas pelas ativistas; o tipo de relação estabelecido com as participantes da pesquisa, entre outros aspectos. A reflexividade, fundamental para uma pesquisa em que o envolvimento da pesquisadora com a temática é intenso, foi elemento essencial para que a subjetividade contida em nosso olhar de mulher negra e espectadora dos canais de YouTube das

interlocutoras, pudesse abrir um espaço de coexistência com uma objetividade posta sobre a relação surgida com as informações acessadas no campo.

No olhar interpretativo baseado fundamentalmente na perspectiva das vlogueiras, percebeu-se na etnografia do ciberespaço uma referência metodológica complementar importante para orientar a nossa compreensão sobre as autorias dessas mulheres negras, ainda que não tenha desenvolvido uma etnografia. A relação com as participantes da pesquisa e a imersão no universo dos seus *vlogs* trouxeram especificidades para o campo no que diz respeito ao próprio ambiente da pesquisa: o ciberespaço.

Esta pesquisa centra-se no estudo do ativismo articulado por três mulheres negras, em seus canais no YouTube. Para o estudo qualitativo nesses espaços, foi necessária a busca por referências que contribuíssem para a compreensão da pesquisa no ciberespaço. Nos estudos realizados para as escolhas dos caminhos metodológicos, foram identificadas três perspectivas diferentes sobre o fazer etnográfico no contexto da cibercultura: a Etnografia virtual (HINE, 2004); Netnografia (KOZINETS, 2014); e Etnografia no ciberespaço (RIFIOTIS, 2010; SEGATA; RIFIOTIS, 2016).

A antropologia no ciberespaço é alvo de muitos debates que envolvem desafios e possibilidades e revelaram, segundo Rifiotis (2016), um movimento pendular, ainda hoje presente no campo de desconfiança sobre as possibilidades da pesquisa antropológica nesse contexto, especialmente sobre a etnografia. Essas questões envolvem a especificidade e validade da observação de campo *on-line*, em contraste com as pesquisas realizadas com contatos face a face (*off-line*), por exemplo.

Para o autor, essas questões advinham das dificuldades de produzir uma reflexão incorporando a mediação técnica na etnografia, um dos passos necessários para o campo da etnografia no ciberespaço. Dessa forma, as referências foram buscadas nesse campo teórico-metodológico e consideradas, como elementos fundamentais, a descrição e problematização das especificidades no processo de busca pelas informações e da observação nos ambientes *on-line* e *off-line* (FRAGOSO *et. al.*, 2011, p. 172). Tais questões, vivenciadas no início da pesquisa, são apresentadas a seguir.

Compreender as especificidades da pesquisa no contexto do ciberespaço revelou alguns desafios quanto à imersão no universo das vlogueiras, ao considerar a dispersão geográfica que possivelmente traria dificuldades em perceber como as dimensões de estar *on-line* e *off-line* se somam e entrecruzam na articulação do ativismo das vlogueiras. Assim, questões como: De que forma os eventos *off-line* interferem nas interações *on-line*? Como compreender um fazer ativista que inclui ações *on-line* e *off-line* – no caso das vlogueiras, os “encontrinhos” presenciais esporádicos entre elas? De que maneira as vivências em diversas comunidades (universidade,

movimentos sociais, grupos religiosos, entre outros) interferem na autoria ativista dessas mulheres?

Além disso, questões como dar conta de uma observação que considere a interseção das ações das vlogueiras em diferentes redes sociais (Instagram, Facebook, etc.), foram tratadas e resolvidas à medida que foi sendo delimitado o objeto – quais aspectos do ativismo das mulheres seriam pesquisados e em quais espaços – ainda que diante da complexidade dessas práticas, no que diz respeito aos espaços que elas ocupavam e pelos quais transitavam.

No ciberespaço, há internamente uma territorialidade específica, em que uma pessoa pode estar *on-line* em diferentes *sites* de redes sociais simultaneamente e ainda ocupar espaços intersticiais¹¹ (SANTAELLA, 2007) que permitem um fluxo informacional contínuo entre o espaço urbano e o ciberespaço. Assim, foram consideradas algumas das problematizações pontuadas por Rifiotis (2016, 2010) sobre a pesquisa etnográfica no contexto do ciberespaço, como: especificidade e validade da observação de campo *on-line*; reflexão sobre a mediação técnica na etnografia; a dupla condição de ser nativa e pesquisadora.

Sobre a especificidade e validade da observação de campo *on-line*, um dos principais questionamentos surgidos nos estudos etnográficos do ciberespaço refere-se à necessidade da relação face a face, como uma prática importante para a metodologia, que questiona a veracidade das informações acessadas nesse ambiente, ainda que as relações face a face não garantam a fidedignidade das informações obtidas.

Neste estudo, como será detalhado a seguir, a fim de minimizar os efeitos da distância geográfica entre a pesquisadora e as interlocutoras, as entrevistas foram feitas *on-line* e estabelecidas interações textuais via redes sociais, como *WhatsApp* e *Instagram*, com as participantes da pesquisa. No entanto, não foi considerada que a interação *on-line* por si só tenha trazido riscos à veracidade das informações, ou menos confiabilidade na interação face a face, pois seres humanos podem manipular informações nas diferentes situações de interação. Porém, uma relação estabelecida majoritariamente via redes sociais, com as participantes, tem especificidades observadas e descritas ao longo da pesquisa.

A necessidade de incluir uma reflexão sobre a mediação técnica na etnografia no ciberespaço, apontada por Rifiotis (2016), foi considerada no processo de observação das trocas comunicacionais feitas entre as vlogueiras e as seguidoras dos canais, para perceber como a interface e seus mecanismos de funcionamento interferem na experiência ativista das vlogueiras. Como os botões de *like* ou *dislike* impulsionaram ou não a difusão do conteúdo que produziam e a

¹¹ Os espaços intersticiais sociais conectados são definidos pelos usos das interfaces portáteis por interatores em movimento pela cidade - nós das redes. Nesse contexto comunicacional, os contatos remotos podem acompanhar o interator nas suas peregrinações urbanas. novos fluxos de informação e conversação são criados por meio das tecnologias de comunicação móvel.

importância deles para a autoria ativista dessas mulheres; como os mecanismos de buscas podem interferir na prática autoral e qual a sua relação com as questões de gênero e raça, no YouTube; como o número de comentários (possibilitados pela interface do canal) contribuiu ou não com as trocas estabelecidas entre as vlogueiras e suas seguidoras, por exemplo.

Durante os primeiros meses do estudo, acreditava que, para compreender a prática das vlogueiras, seria necessário criar um canal e imergir naquela cultura em primeira pessoa, nativa. No entanto, com o passar do tempo, ocupar o espaço do YouTube, dessa forma, trouxe implicações para o meu trabalho, considerando as imbricações entre minha história de vida e meu lugar de pesquisadora. A decisão por não habitar esse espaço como vlogueira não se deveu a uma busca por neutralizar as subjetividades dessa prática, mas à necessidade de minimizar essas interferências que poderiam comprometer alguns aspectos do meu trabalho de pesquisadora no desenvolvimento desta tese.

Essas reflexões foram vivenciadas no processo de aproximação com o campo, iniciado no mês de janeiro de 2016, por meio do qual pude identificar questões metodológicas que dizem respeito à natureza do fenômeno estudado. Foram eles:

Pesquisar um fenômeno que possui uma territorialidade entre estar *off-line* e *on-line*, visto que o fazer ativista dessas vlogueiras também envolvia a participação em encontros presenciais com seus “seguidores” e com outras vlogueiras. Para compreender os interstícios dessa prática, participei de um encontro presencial que reuniu duas das vlogueiras participantes da pesquisa em Salvador/BA.

A dispersão geográfica entre a pesquisadora e as informantes. O fato de que as vlogueiras estavam localizadas em diferentes cidades do Brasil, implicava a realização de entrevistas presenciais que demandaria significativo investimento financeiro relativo a transporte e hospedagem, caso ficasse evidente a necessidade de observar as participantes em seu contexto cotidiano. A fim de diminuir essa distância e criar situações efetivas de diálogo, durante o processo de aproximação da pesquisa de campo, foram feitas entrevistas *on-line* via chamadas de telefone e mensagens pela plataforma de comunicação Hangouts, participação em um “encontrinho” com Luciellen Assis e Gabi Oliveira, e entrevista presencial com Ana Paula Xongani (em dezembro de 2017).

Neste trabalho, os materiais de pesquisa abrangem os vídeos postados pelas vlogueiras em seus respectivos canais e os comentários relacionados, assim como materiais postados em outras redes sociais, como Facebook e *Instagram*, relacionados com as trocas comunicacionais no canal do YouTube para elucidar questões relevantes para esta pesquisa (enquetes sobre as temáticas dos vídeos, comentários sobre conteúdos dos vídeos em outras redes sociais).

Diante da complexidade do estudo de fenômenos *on-line* e *off-line*, que associam agência de actantes humanos e não humanos, entre outras especificidades, foram adotados dispositivos de pesquisa que auxiliaram na compreensão do fazer autoral de três vlogueiras negras no YouTube, com técnicas de pesquisa a observação; tomada de notas de campo; entrevista semiestruturada; e coleta de artefatos disponibilizados na interface do YouTube (*prints* de segmentos das páginas). Essa escolha foi orientada pela compreensão de que a internet é um artefato cultural (GIROUX; MCLAREN, 1995), e como tal não é possível analisar os âmbitos *on-line* e *off-line* separadamente.

A observação serviu de base para documentar as trocas comunicativas e a ação política envolvendo as vlogueiras em seus canais do YouTube. A técnica de entrevista instrumentalizou a busca, por permitir compreender como se estruturava o ativismo protagonizado pelas vlogueiras e contribuiu, ao longo da pesquisa, para um diálogo sobre as suas práticas como vlogueiras negras.

2.2. Participantes da pesquisa

As participantes da pesquisa foram três vlogueiras: Ana Paula Xongani, Gabi Oliveira, Luciellen Assis, cujos canais no YouTube denominavam-se: Ana Paula Xongani¹²; DePretas por Gabi Oliveira¹³; Luciellen Assis¹⁴. A escolha por essas vlogueiras se deu a partir da temática dos vídeos e identificação racial explicitado (Quadro 1 e Tabela 1).

Quadro 1 - Vlogueiras

Vlogueira	
	Ana Paula Xongani Graduada em Design pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo Empresária Reside na cidade de São Paulo/SP
	Gabi Oliveira Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ) Reside na cidade do Rio de Janeiro/RJ

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/xonganiartecomtecido> Acesso em: 17 jun 2018

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8iILiJ1kng>. Acesso em: 17 jun 2018

¹⁴ Disponível em: <https://www.Youtube.com/user/luciellenassis>. Acesso em: 17 jun 2018

	<p>Luciellen Assis Estudante de <i>Design</i> de Moda Reside na cidade de Feira de Santana/BA</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Tabela 1 - Canais do YouTube

Canal	Inscrita desde	Nº de Inscritas(os)		Nº de Visualizações	
		2017 ¹⁵	2019 ¹⁶	2017 ¹⁷	2019 ¹⁸
Ana Paula Xongani	5/7/2012	-- ¹⁹	69.079	--	1.551.939
DePretas por Gabi Oliveira	19/7/2015	59.211	409.133	1.951.533	13.179.475
Luciellen Assis	4/10/2011	20.346	50.100	912.549	2.320.713

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

2.3 Técnicas de pesquisa

2.3.1 Observação participante

A observação constitui um dos principais instrumentos de coleta de dados nas abordagens qualitativas, já que compreende que a experiência direta é a melhor forma de compreender a ocorrência de determinado assunto (LUDKE, 1986). Uma das técnicas para o desenvolvimento desta pesquisa foi a observação participante, que acionou o olhar e o ouvir como atos cognitivos preliminares no trabalho de campo (OLIVEIRA, 2000).

A participação do pesquisador pode variar de membro total a membro parcial de um grupo. No caso desta pesquisa, nos consideramos um membro parcial, por não ocupar o lugar de vlogueira no YouTube, porém, por participar do universo enquanto expectadora dos canais das vlogueiras participantes da pesquisa. Assim, buscamos integrar nossa experiência como expectadora e a interpretação do grupo estudado. Para isso, os discursos, acontecimentos e as vivências presenciados no campo foram registrados em um caderno de observação.

Marco inicial da pesquisa de campo foi o momento em que visualizamos um possível sentido político nos vídeos construídos pelas vlogueiras sobre o cabelo crespo e, posteriormente,

¹⁵ Dados coletados em fevereiro de 2017.

¹⁶ Dados coletados em fevereiro de 2019.

¹⁷ Dados coletados em fevereiro de 2017.

¹⁸ Dados coletados em fevereiro de 2019.

¹⁹ A vlogueira ainda não fazia parte da pesquisa, por isso não temos dados sobre o período em questão.

sobre outras temáticas raciais. Naquele momento, nosso olhar de pesquisadora começou a acionar questões relativas à ação política articulada em rede por aquelas vlogueiras. Assumimos, então, a dupla condição de nativa seguidora do *vlogs* e pesquisadora (RIFIOTIS, 2016), para favorecer a observação participante como técnica de pesquisa, já que pressupõe presença real próxima e prolongada da pesquisadora na vida do grupo estudado.

Inicialmente, a imersão no campo e as dificuldades para acessar e convidar as participantes da pesquisa despertaram nosso interesse por adentrar na vlogosfera assumindo o papel de vlogueira. Porém, o envolvimento pessoal com o tema fizeram-nos olhar com cautela a possibilidade de mergulhar no YouTube nos papéis de pesquisadora e vlogueira, o que resultou na desistência de um esforço por uma integração completa (FOOTE-WHYTE, 1990).

As observações feitas no YouTube levaram em conta o caráter sociotécnico do ciberespaço, portanto, consideramos a presença e interferência dos actantes não humanos nas trocas comunicacionais entre as vlogueiras e suas/seus seguidoras/es. Foram observados, no campo, os seguintes elementos: narrativas produzidas sobre questões étnico-raciais, trocas comunicacionais, e a agência dos sujeitos nos eventos selecionados.

No que se refere à agência: a) Humana: observamos como as vlogueiras coordenam as próprias ações em rede com outros e contra outros (boicotes a produtos, ações midiáticas, etc.); como formam projetos coletivos; se implicam persuadir com suas ideias, ou articulam narrativas ativistas em rede; b) Máquina: observamos como a interface do YouTube exerce agência na ação ativista das vlogueiras segundo as perspectivas das participantes da pesquisa. Por exemplo, a possibilidade de responder aos vídeos com comentários; a “impossibilidade” de responder aos vídeos com novos vídeos; como a arquitetura do *site* interfere no acesso e na interação dos usuários com o conteúdo produzido; e sua interferência na ação ativista das vlogueiras.

No que se refere às trocas comunicativas, observamos como se estabelecem as trocas entre os atores das redes articuladas pelos canais de cada vlogueira, especialmente entre as vlogueiras e seus seguidores, na tentativa de compreender como se constituíam os processos formativos que articulavam. Os acontecimentos foram registrados em *prints* das telas, descrições detalhadas sobre os eventos em caderno de observação, e transcrições dos áudios veiculados nos vídeos. A delimitação do tempo de observação foi de 2 anos, com períodos intercalados de janeiro de 2016 a dezembro de 2018.

As observações sucederam-se principalmente nos canais das participantes da pesquisa, em outros canais dos quais participavam ou comentavam sobre os vídeos, bem como em eventos *on-line* e presenciais.

a) Evento: Bate-papo *on-line* sobre Afro-empendedorismo, Juventude e Representatividade no YouTube – em 21 de julho de 2016, no canal²⁰ da plataforma Catarse²¹ no YouTube, com participação de Monique Evelle e Gabi Oliveira (Fig. 8).

Figura 8 – Bate-papo *on-line* sobre Afroempendedorismo, Juventude e Representatividade no YouTube



Fonte: (CATARSE, 2016)

b) Evento: Papo DePretas #NaRoda: Por que o Feminismo Negro Precisa Existir? Participação de Gabi Oliveira e Luciellen Assis. Mediadora: Midiã Fontes (Figs. 9 e 109).

Figura 9 - Papo DePretas #NaRoda: Por que o feminismo Negro Precisa Existir?



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Figura 10 - Papo DePretas #NaRoda: evento Por que o feminismo Negro Precisa Existir?

²⁰ Canal no YouTube da Catarse. Disponível em: <https://www.YouTube.com/channel/UC9aHLHkwvadhXJlhxgszuNA>. Acesso em: 13 jan. 2018.

²¹ Catarse é uma plataforma de *crowdfunding*, ou financiamento coletivo. (Disponível em: <https://www.catarse.me/>. Acesso em: 13 jan. 2018).

Papo DePretas #NaRoda: Por que o feminismo negro precisa existir?

📍 NOSSA: Casa Colaborativa - Salvador, BA

🕒 01 de outubro de 2016, 17h-19h

DESCRIÇÃO DO EVENTO

Papo DePretas #NaRoda como tema "Por que o Feminismo Negro precisa existir?".

Participarão desse bate-papo a youtuber do Rio de Janeiro Gabi Oliveira, do Canal DePretas e a youtuber baiana Luciellen Assis.

Local

NOSSA: Casa Colaborativa
Rua Alagoinhas, 321, Rio Vermelho, Salvador-BA
Em frente a Casa de Jorge Amado

Convidadas

Gabi Oliveira: Com 24 anos e recém formada em Relações Públicas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Gabi Oliveira nem pensava em criar um canal de youtube. Inspirada por sua monografia, que tem com tema o "Papel da redes sociais na valorização da estética negra", ela tirou sua ideia do papel e hoje inspira mulheres no YouTube e nas redes sociais. Em menos de um ano, o Canal DePretas já tem um público fiel de mais de 20 mil inscritos que acompanham semanalmente os vídeos divertidos, inspiradores e informativos. Gabi Oliveira fala sobre identidade, beleza negra e questões raciais, criando um espaço virtual de reflexão e empoderamento.

Luciellen Assis: Baiana, 22 anos, nascida em Vitória da Conquista e estudante de Design de Moda. A youtuber Luciellen Assis começou seu canal para registrar sua transição capilar, mas ela não esperava que muitas meninas se identificassem com os vídeos. Luciellen também faz parte do YouTube do Amor, onde realiza eventos com palestras, oficinas de turbante, pintura facial, desfile infantil e feiras afroempreendedora.

Fonte: (SYMPLA, 2016)²²

2.3.2 Entrevistas

Através dos séculos, o relato oral vem se constituindo como a maior fonte humana de conservação e difusão do saber. A própria educação humana, segundo Queiroz (1991), baseia-se na narrativa, que é capaz de traduzir a experiência indizível em vocábulos. No contexto das pesquisas sociais, a história oral – termo amplo que abarca as narrativas relatadas oralmente – pode ser colhida de diversas formas e dentro do seu quadro amplo, estão a história de vida e as entrevistas.

Assemelham-se aos depoimentos pessoais, às autobiografias, e biografias²³, as quais distinguimos de forma breve, neste projeto, a fim de explicitarmos com clareza os critérios de

²² Disponível em: https://www.sympla.com.br/papo-deprets-naroda-por-que-o-feminismo-negro-precisa-existir_87119 Acesso em 21 abr 2017

²³ **Depoimentos pessoais:** O colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador, que conduz o relato, e para o qual interessa, da vida do seu informante, somente os acontecimentos que tenham relação direta com o seu trabalho; se o narrador se afasta do tema, o pesquisador corta para trazê-lo ao argumento central, fugindo do que considera supérfluo e desnecessário. O processo pode se esgotar em um único encontro e os depoimentos podem ser muito curtos.

escolha das técnicas adotadas na pesquisa para acessar os relatos das histórias de vida das participantes da pesquisa, já que a escolha dessa técnica possui relação direta com a base epistemológica desta pesquisa – estudos pós-coloniais e decoloniais.

A história de vida enquanto técnica de pesquisa se baseia no relato de um(a) narrador(a) sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos e as experiências que vivenciou. A técnica constitui-se de uma narrativa linear e individual dos acontecimentos que o narrador considera significativos. Cabe ao pesquisador delinear as relações dessa narrativa com aspectos que pretende investigar. O interesse do pesquisador está em compreender como as experiências relatadas ultrapassam o caráter individual do que é compartilhado e que se relaciona com as coletividades a que o narrador pertence. Na coleta das histórias de vida, a interferência do pesquisador é preferencialmente mínima e exige muitos encontros (QUEIROZ, 1991).

De acordo com Queiroz (1991, p. 8), a diferença entre a história de vida e o depoimento é que, quem decide o que relatará, é o próprio narrador. As interferências do pesquisador são mínimas, mas nada do que é dito pode ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar sua existência. “Embora na história de vida o pesquisador se abstenha de intervir nos relatos e a maneira de se realizar caiba ao narrador, na verdade o pesquisador foi quem escolheu o tema de pesquisa, formulou as questões que deseja esclarecer, propôs os problemas.”

Ao diferenciar autobiografia da biografia, Queiroz (1991) destaca que a primeira é uma narrativa manipulada pelo próprio narrador sem a presença do pesquisador, enquanto a segunda é a história de um indivíduo relatada por um pesquisador após as entrevistas. A finalidade da biografia é sempre a vida particular daquele sujeito que relata a sua vida. Já a distinção entre biografia e história de vida reside principalmente na finalidade do pesquisador. O biógrafo faz ressaltar em seu trabalho os aspectos marcantes e inconfundíveis do indivíduo, cuja existência pretende revelar, já o pesquisador que opta pela técnica da história de vida busca atingir a coletividade que o seu informante integra; seu objetivo é captar o grupo, a sociedade da qual ele faz parte. Nesse sentido, o faz com o intuito de compreender a existência do biografado.

Autobiografias: Consiste na narração de sua própria existência e se constitui em uma história de vida, porém, o narrador sozinho é que define e manipula os meios de registro e a escrita para narrar a sua existência. Na autobiografia, não existe, ou é reduzida ao mínimo, a intermediação de um pesquisador; o narrador dirige-se diretamente ao público, e o único intermediário é o próprio texto.

Biografias: É a história de um indivíduo redigida por outro, na qual existe a dupla intermediação que reside na presença do pesquisador e no relato escrito que sucede às entrevistas. O objetivo do pesquisador é revelar prioritariamente os comportamentos e as fases da existência individual do narrador, ainda que esses exponham aspectos do contexto social no qual está inserido o sujeito biografado.

Entrevistas: conversação continuada entre informante e pesquisador, cujo tema sobre o qual versa a entrevista foi definida por este último, de acordo com o objetivo do seu trabalho. O pesquisador dirige as trocas estabelecidas durante a entrevista, que pode operar com roteiro previamente definido, ou operar aparentemente sem roteiro (QUEIROZ, 1991).

Para esta pesquisa, foi fundamental acessar as histórias de vida das vlogueiras, de forma que se tornassem a base para a compreensão de como se estrutura o fazer ativista delas. As primeiras aproximações no campo revelaram que o ativismo dessas vlogueiras é pautado inicialmente por suas experiências de vida com o cabelo crespo e com a sua identidade de mulher negra como um todo. Além disso, esta pesquisa propôs, por sua abordagem qualitativa, construir um saber sobre o ativismo em rede, a partir dos olhares das próprias vlogueiras.

Essa escolha exerceu papel fundamental para a construção epistemológica do saber construído sobre/com essas mulheres negras – um saber centrado nas suas próprias narrativas sobre si. Nesse sentido, diante do desafio relacionado ao tempo de convivência e permanência com as participantes da pesquisa, necessários ao desenvolvimento da técnica de história de vida, fiz a opção pela técnica de entrevista semiestruturada, para acessar os eventos que, segundo elas, eram mais significativos em suas histórias de vida e que se relacionavam com o próprio fazer ativista.

2.4 Etapas da pesquisa

As etapas da pesquisa foram organizadas como apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Etapas da pesquisa

Etapa	Objetivo	Técnica
A	Identificar e sistematizar as principais características do ativismo em rede protagonizado por três vlogueiras negras	Entrevista semiestruturada Observação participante
B	Mapear e caracterizar as trocas comunicacionais estabelecidas entre vlogueiras e suas/seus seguidoras/es no YouTube	Observação participante Entrevista semiestruturada
C	Analisar a forma de ativismo em rede protagonizado por vlogueiras negras articuladas por meio de narrativas de descolonização	Observação participante Entrevista semiestruturada

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Na etapa B da pesquisa, foram observadas as trocas comunicacionais estabelecidas entre vlogueiras/vlogueiras e vlogueiras/seguidoras(es). Para isso, foram adotadas as técnicas de

observação participante e entrevista semiestruturada. As trocas comunicacionais foram analisadas a partir de uma perspectiva sociotécnica, que considerou aspectos relativos à agência dos actantes humanos e não humanos, bem como as percepções das vlogueiras sobre as experiências de diálogo na plataforma YouTube.

Nessa etapa, foram analisados eventos/vídeos postados nos canais de cada vlogueira – Luciellen Assis, 11 eventos; Ana Paula Xongani, 12 vídeos; Gabi Oliveira, 15 vídeos. Os eventos, nesta pesquisa, correspondem às postagens de vídeos realizadas pelas vlogueiras, ou seja, foram analisadas as trocas articuladas em torno dessas postagens. O critério utilizado para a escolha dos vídeos contemplou os conteúdos articulados com o ativismo das mulheres negras participantes da pesquisa no YouTube. Foram selecionados, em cada canal, vídeos que representavam as diferentes temáticas discutidas dentro do eixo relações étnico-raciais e evidenciavam a diversidade de abordagens nas narrativas construídas.

Em virtude do número extenso de seguidores e do amplo repertório de vídeos postados por elas, o foco privilegiou as trocas comunicativas articuladas em torno do núcleo vídeo, e não dos canais como um todo. As trocas comunicacionais foram analisadas principalmente sob a perspectiva qualitativa. Nesse sentido, a técnica de observação participante serviu para documentar e explicar a natureza das trocas estabelecidas entre vlogueiras/seguidoras(es) e vlogueiras/vlogueiras. Essa observação foi a base para descrever a qualidade e intensidade dos laços sociais.

Em todas as etapas, focou-se nas práticas ativistas dessas vlogueiras a fim de compreender como se constituem na/em rede; quais saberes são mobilizados para a articulação do fazer ativista de cada vlogueira; como as suas histórias de vida se conectam com essas práticas; e quais foram as principais narrativas construídas e difundidas.

O tempo destinado às entrevistas, com base nas histórias de vida, foram definidos com as vlogueiras, com base na disponibilidade para encontros *on-line* e presenciais. A observação participante foi realizada *on-line*, no YouTube, ambiente no qual a pesquisadora acompanhou as postagens e comentários feitos nos eventos (vídeos) selecionados e registrou em caderno de observação a descrição correspondente.

2.5 Análise e interpretação dos dados

Os resultados da pesquisa, aqui apresentados, foram desenvolvidos a partir das análises sobre os eventos selecionados durante o período de observação participante nos três canais do YouTube que constituíram o campo digital do estudo: Ana Paula Xongani, Gabi DePretas e Luciellen Assis. As informações relatadas na pesquisa agregam os eventos observados no YouTube, bem como o discurso das vlogueiras transmitido em entrevistas semiestruturadas.

O *dataset* do estudo foi formado pelos conteúdos dos vídeos publicados nos canais do YouTube; as interações entre vlogueiras e interatores nos respectivos canais da interface digital observada; os conteúdos de entrevistas semiestruturadas com as três vlogueiras durante o trabalho de campo.

Os eventos foram selecionados com base nos seguintes critérios: alinhamento aos objetivos e à temática do estudo proposto; indicação de importância do vídeo publicado segundo critérios das próprias vlogueiras, tendo em vista os objetivos delas com o canal que gerenciam; as repercussões quantitativas (número de acessos e comentários a um vídeo específico no canal) e qualitativas (uma interação distinta observada entre vlogueira e usuários no canal, uma temática central para a vlogueira, dentre outras variáveis).

O acesso inicial aos dados se deu de forma mais ampla, com a exploração de diversos canais no YouTube que já faziam parte de nossa vivência na plataforma como mulher negra que buscava inicialmente localizar vídeos sobre a transição capilar e depois ampliou seu espectro de pesquisa e passou a abranger também discussões políticas sobre “ser mulher negra”. Dentre os canais, cito Afros e Afins por Vlogueira A²⁴, dePretas por Gabi Oliveira²⁵, Vlogueira B²⁶, Vlogueira C²⁷, Vlogueira D²⁸, Vlogueira E²⁹, Ana Paula Xongani³⁰. Não tínhamos acesso ao canal de Luciellen Assis, até participar de um evento em que dividiu a fala com Gabi Oliveira. Após o evento, passamos a interagir com seu canal com o intuito de incluí-lo na pesquisa (Quadro 3).

O interesse inicial era investigar as trocas estabelecidas entre vlogueiras e seguidores, nos canais do YouTube, através dos vídeos que tratavam de transição capilar e do cabelo natural. No entanto, à medida que nos aproximávamos do objeto, percebemos que nosso interesse e o próprio conteúdo dos canais se ampliavam para além das questões sobre a identidade estética da mulher negra, focando em mulheres negras e racismo na atualidade. O próprio envolvimento com esta pesquisa surgiu da nossa aprendizagem acerca das discussões feitas sobre racismo e mulheres negras na internet – além do YouTube, também no Facebook e *blogs* – que foi guiada por muitas narrativas construídas por essas mulheres e ampliada para além da plataforma YouTube.

Após acesso à experiência dessas mulheres nas redes, os contatos iniciais com cada uma delas foram estabelecidos via *e-mail* ou mensagens *inbox* nas plataformas de redes sociais, de forma superficial, com algumas delas, e com outras foi inviável a pesquisa *on-line*, ou dificultosa, conforme descrito no Quadro 3.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIuoSdkrQg>. Acesso em: 22 fev 2019.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8lLiJ1kng>. Acesso em: 22 fev 2019.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCFvEpyZcVL027ONQ4dQPukQ>. Acesso em: 22 fev 2019.

²⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCuXIm0qJyoU_EA2ED1LHivQ. Acesso em: 22 fev 2019.

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCs-YXTZrJfi9AUyJnK3vY1A>. Acesso em: 22 fev 2019.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/abigailekanola/videos>. Acesso em: 22 fev 2019.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCy1qQtNZ2xxv6YE24jLZRFA>. Acesso em: 22 fev 2019.

Quadro 3 – Histórico de contato com as vlogueiras

Vlogueira A ³¹	Primeiro contato feito por <i>e-mail</i> . Em uma resposta, demonstrou dificuldades para participar das entrevistas <i>on-line</i> , pois tinha pouco tempo disponível já que morava em Guarulhos. Nosso interesse em fazer as entrevistas <i>on-line</i> , não encontrou retorno após envio de <i>e-mail</i> em 15 de junho de 2016
dePretas por Gabi Oliveira ³²	Realizadas duas entrevistas <i>on-line</i> ; participação em um evento <i>on-line</i> , e um evento presencial. Dificuldades de contato <i>on-line</i>
Vlogueira B ³³	Realizadas três entrevistas <i>online</i> . Interrupção de contato por parte da vlogueira. Mudança de temática na pesquisa
Vlogueira C ³⁴	Realizadas duas entrevistas <i>on-line</i> . Interrupção de contato por parte da vlogueira
Vlogueira D ³⁵ ,	Negou possibilidade de participação via telefone.
Vlogueira E ³⁶	Não houve contato, pois no início da pesquisa a vlogueira apagou os vídeos do canal.
Ana Paula Xongani ³⁷ .	Realizadas três entrevistas <i>on-line</i> ; participação em um evento presencial. Uma entrevista presencial. Dificuldades de contato <i>online</i> nos momentos finais da pesquisa

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

A primeira entrevista com Gabi Oliveira aconteceu em 6 de julho de 2016, via *Hangout*. Estivemos presentes também na *live* realizada pelo Canal do YouTube Catarse, dia 26 de julho de 2016, sobre Afroempreendedorismo, Juventude e Representatividade no YouTube. Participamos, ainda, de um evento realizado em Salvador, no dia 1^o de outubro de 2016, chamado Papo DePretas #NaRoda: Porque o Feminismo Negro Precisa Existir, em que Gabi Oliveira compôs uma roda de conversa ao lado de Luciellen Assis. Na ocasião, conhecemos a atuação dessa vlogueira, e conversamos sobre o canal com o intuito de compreender as temáticas abordadas nos vídeos; posteriormente, a convidamos para a pesquisa.

Por fim, realizei a segunda entrevista *on-line* via *Hangout* no dia 5 de janeiro de 2018, seguida de diversos contatos sem retorno via caixa de mensagens do Instagram. Não obtive resposta desde o dia 11 de novembro de 2018, mas não foram realizados contatos telefônicos porque Gabi não disponibilizou seu número.

Ana Paula Xongani foi a participante com a qual obtive mais acesso e com quem realizei quatro entrevistas por telefone, que incluiu uma presencial, em seu ateliê em São Paulo. Em São

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdKrQg>. Acesso em: 24 fev 2019.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILJ1kng>. Acesso em: 24 fev 2019.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCFvEpyZcVL027ONQ4dQPukQ>. Acesso em: 24 fev 2019.

³⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCuXIm0qJyoU_EA2ED1LHivQ. Acesso em: 24 fev 2019.

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCs-YXTZrJfi9AUyjNK3vY1A>. Acesso em: 24 fev 2019.

³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/abigailekanola/videos>. Acesso em: 24 fev 2019.

³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCy1qQtNZ2xxv6YE24jLZRFA>. Acesso em: 24 fev 2019.

Paulo, no Aparelha Luzia, em um evento, a vlogueira compôs uma roda de conversa em um lançamento de livro infantil que discutia estética, ambos no dia 16 de dezembro de 2017. A primeira entrevista por telefone foi realizada em 23 de agosto de 2017; a segunda, em 23 de outubro de 2017; a terceira, em 24 de abril de 2018.

Após o último contato, em abril de 2018, buscamos-a em novembro, via *WhatsApp*, para finalização da pesquisa. Porém, houve dificuldades de contato *on-line*, já que seu contato comercial era respondido por uma funcionária que o direcionava para sua assessora e não obtivemos resposta por meio do contato pessoal. Nos contatos telefônicos, não obtivemos retorno. Por fim, por meio da sua assessora pessoal, foi possível agendar uma entrevista que foi realizada em 22 de maio de 2019, via telefone.

Entrevistamos Luciellen Assis no dia 26 de fevereiro de 2018, a partir da intermediação de Ana Paula Xongani. Após sucessivas tentativas de contato e novas entrevistas, não houve disponibilidade da vlogueira. Ocorrida a primeira entrevista, passaram-se três meses sem contato e, em junho, feito novo convite para entrevista *on-line*, Luciellen Assis pediu que as perguntas fossem enviadas via *WhatsApp*. A vlogueira respondeu um mês depois, por meio de mensagem de texto. Após o último contato, em setembro, com solicitação de nova entrevista, a vlogueira não retornou as ligações.

Em todos os casos, as entrevistas semiestruturadas contemplaram dois objetivos: compreender aspectos da temática pesquisada observados nos canais do YouTube e que constituíam pontos de interrogação e de dúvidas nos diários de campo, e obter das vlogueiras a visão delas sobre os eventos que observamos. Dessa forma, a entrevista era iniciada com algumas questões e, ao longo da interação, eram criados espaços de diálogo para que as vlogueiras pudessem inserir seus pontos de vista sobre os tópicos abordados, inclusive outros aspectos não levantados inicialmente dentro da temática do estudo e relacionadas ao objeto investigado.

Os dados coletados por meio das entrevistas foram suficientes para elucidar aspectos centrais necessários à compreensão do objeto, como: a) As especificidades do ativismo dessas mulheres negras no YouTube a partir das características das narrativas por elas articuladas nessa plataforma e os significados e as percepções que revelam sobre o próprio fazer ativista; e b) As especificidades dos processos formativos articulados por elas nas narrativas temáticas para os canais, bem como por meio das trocas comunicacionais estabelecidas na plataforma.

No entanto, as mencionadas dificuldades de acesso às vlogueiras, na fase final de coleta de dados, e suas recusas em participar de novas entrevistas, criaram dificuldades para a compreensão dos seguintes aspectos do objeto: características das trocas comunicacionais estabelecidas entre as próprias vlogueiras em outras redes sociais; e compreensão mais aprofundada das suas percepções sobre o ativismo articulado. Visando resguardar a qualidade das

análises e diante da carência dessas informações, demos ênfase às narrativas disponíveis nos canais, bem como às trocas comunicacionais registradas no campo “comentários”, e triangulamos essas informações com os relatos construídos por elas nas entrevistas.

Causou-me estranhamento as repetidas recusas das vlogueiras em continuar nosso diálogo, afinal, sou uma mulher negra como elas e preocupada, ao longo da pesquisa, em estabelecer uma relação horizontal de diálogo. A cada não resposta às solicitações, surgia a indagação: estaria eu representando uma instância de poder – a de acadêmica doutoranda – que rechaçavam? As perguntas por mim formuladas nas entrevistas eram fonte de problemas para elas e por isso se esquivavam em manter novos encontros? Algum erro foi cometido durante as entrevistas anteriores que tenha afetado a qualidade dos dados coletados?

As reflexões construídas na relação com essas mulheres durante a pesquisa permitiram também o estabelecimento de um distanciamento do objeto e percebermos os limites do ativismo e das trocas comunicacionais mantidas através dessa plataforma em que o modelo de negócios preza por quantidade de interações (*likes*, comentários, compartilhamentos, etc.) em prol de um mercado publicitário e venda de dados. Pensar em processos formativos em rede humanizados requer um olhar para os desequilíbrios entre a ação humana e a ação das máquinas.

As mulheres que acompanhamos apresentaram dificuldade em interagir com a expressiva quantidade de pessoas e seus comentários. Em vários momentos, nos sentimos como mais uma internauta tentando interagir com essas mulheres (poucas vezes com sucesso), em meio a milhares de interessados e suas mensagens. Esse distanciamento trouxe-nos um olhar mais crítico para os processos ali estabelecidos, inicialmente romantizados por ser mulher negra que construiu um processo de aprendizagem nesses espaços.

Nesse sentido, a dificuldade de acesso reverberou de forma negativa para a qualidade dos dados obtidos porque não foi possível aprofundar questões de interesse da pesquisa, já mencionadas, porém trouxe contornos positivos no que se refere ao distanciamento do objeto, que pode ser melhor percebido na análise sobre o ativismo e as trocas comunicacionais estabelecidas entre as vlogueiras e seus seguidores. Ainda assim, as observações no canal e as entrevistas realizadas possibilitaram acesso a informações no campo fundamentais para o desenvolvimento desta narrativa de pesquisa.

As entrevistas e a observação *on-line* das interações nos canais, iniciadas em janeiro de 2016, foram guiadas pelo objetivo inicial da pesquisa de *compreender como o ativismo em rede protagonizado por mulheres negras no YouTube articula processos formativos decoloniais*. Para isso, observamos as falas das interlocutoras nas narrativas dos vídeos, em trocas estabelecidas nos comentários e nas entrevistas: a) Recorrências nas temáticas dos vídeos; b) Frequência e

recorrência de fatos observados no campo; c) Regularidades ou padrões nas falas durante as entrevistas.

Tabelas foram utilizadas como “*auxiliares visuais*” (BOGDAN; BIKLEN, 1994) para categorizar os fatos observados no campo e também as falas representativas selecionadas nas entrevistas. Por meio da noção das “categorias de codificação” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 221), identificamos palavras ou frases que representassem os mesmos tópicos em foco: ativismo, narrativas, relações raciais, formação, descolonização.

Em um esforço posterior de construção do relato sobre nossa experiência vivida com os canais do YouTube, as vlogueiras e seus seguidores no meio digital, buscamos dar sentido ao “vivido” na forma de texto. O objetivo foi remontar significados de determinados acontecimentos para o grupo ou indivíduos, que foram o foco da pesquisa, nas narrativas temáticas aqui apresentadas. Os discursos das participantes da pesquisa foram analisados e organizados em categorias de codificação, por sua vez construídas a partir da recorrência nas falas, índices representativos de fatos observados no campo, e suas possíveis ambiguidades.

Essas observações, reagrupadas em noções subsunçoras – categorias analíticas (MACEDO, 2010), foram a base para a interpretação dos dados por meio de narrativas temáticas que organizam o texto em suas seções. A escolha por essa organização assemelhou-se ao processo autoral e construído pelas vlogueiras em seus canais, que podem ser apreciados de forma isolada (vídeos e seções de capítulos), mas compõem uma narrativa mais ampla e articulada (canais e tese).

Os conteúdos foram organizados por meio de uma narrativa temática e temporal, em que os eventos foram apresentados e organizados por temáticas relevantes e mais recorrentes. A análise procedeu-se por meio de comentários analíticos sobre as evidências empíricas apresentadas e organizadas pelas temáticas selecionadas e suas relações com as teorias que fundamentam e orientam esta pesquisa.

Para isso, foram realizadas as seguintes operações cognitivas, próprias da análise e interpretação dos dados em etnopesquisa (MACEDO, 2010), e que deram origem às narrativas temáticas: distinção do fenômeno em elementos significativos; exame minucioso desses elementos; codificação dos elementos examinados e reagrupamento por noções subsunçoras; sistematização textual do conjunto; e produção de uma nova interpretação do fenômeno estudado. Os resultados apresentados nas narrativas temáticas receberam uma segunda camada analítica, que envolveu o diálogo com as teorias que versam sobre as ocorrências emergentes do campo.

2.6 YouTube – contexto da pesquisa

A plataforma YouTube, ambiente considerado neste trabalho como *Site* de Rede Social (SRS) de apropriação, é o contexto em que as três mulheres participantes da pesquisa compartilharam as suas produções audiovisuais. Os processos formativos articulados foram analisados do ponto de vista das suas possibilidades comunicacionais. Inicialmente, partimos da distinção entre SRS propriamente dito e SRS de apropriação para facilitar a compreensão do nosso olhar acerca da plataforma e das práticas ali articuladas.

Segundo a classificação de Recuero (2009, p. 104), “os SRS propriamente ditos” são os sistemas construídos para dar visibilidade às expressões da rede, priorizando a comunicação e exposição pública das interações dos atores. Nesses sites, existem perfis definidos com espaços para publicações, diálogos, e o surgimento dessas redes é consequência direta do uso desses sistemas/ferramentas previamente desenvolvidos com esse fim. Já os “SRS de apropriação” são espaços não construídos originariamente para a expressão e o fomento de uma rede social, mas que, por meio da apropriação tecnológica, um grupo de sujeitos atuantes transformou-os em uma rede, num campo de conexões mútuas ou/e associativas (RECUERO, 2009).

O YouTube, portanto, é um SRS que nasceu como repositório de vídeos, porém passou por mudanças em sua interface ao longo do tempo, por causa das demandas e dos usos de sujeitos que se apropriaram da plataforma. A partir dessa compreensão, é importante historicizar como surgiram e foram mudadas as características e funções da plataforma, motivadas especialmente pelas apropriações e possivelmente pelas mudanças nos modelos de negócios da empresa que gerencia a plataforma.

Assim, inicialmente, apresenta-se uma descrição da interface atual da plataforma, com a qual interagimos durante a pesquisa e também por meio da qual as participantes estabeleceram interlocuções com internautas e a própria plataforma. Essa descrição possibilitará o conhecimento, por parte do leitor, de quais possibilidades comunicacionais básicas estavam dispostas ao usuário no período da pesquisa. Para isso, utilizamos a experiência de navegação no Canal de Gabi Oliveira, no dia 12 de fevereiro de 2019, às 16h35min.

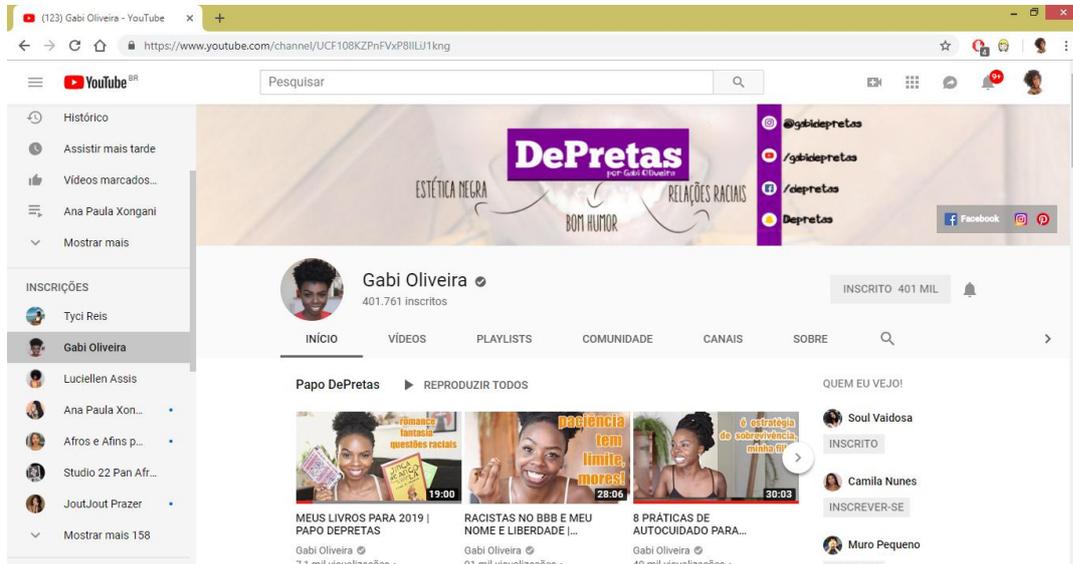
Na primeira tela do canal era possível acessar diferentes “espaços” de interação com o conteúdo disponibilizado pela administradora do canal, Gabriela Oliveira; no Menu, visualizar algumas *playlists* organizadas pela autora³⁸ do canal e, no canto direito da tela, ter acesso à lista de vlogueiros que ela assistia frequentemente, bem como de canais relacionados ao seu.

A capa inicial do Canal de Pretas apresentava endereços que remetiam aos seus perfis em quatro plataformas de redes sociais, como Instagram, YouTube, Facebook, e era possível também

³⁸ No decorrer da tese as participantes da pesquisa são denominadas como autoras, vlogueiras, administradoras, articuladoras, *videomaker*. Não é utilizado o termo vlogueira para designá-las, porque a intenção não é promover a marca da plataforma.

visualizar a logo do Canal DePretas – por Gabi Oliveira, associado a três temas, tratados nos vídeos produzidos pela vlogueira: Estética negra, Bom humor e Relações raciais. O menu inicial possuía as seguintes abas: a) início, b) vídeos, c) *playlists*, d) comunidades, e) canais, e f) sobre (Fig. 11).

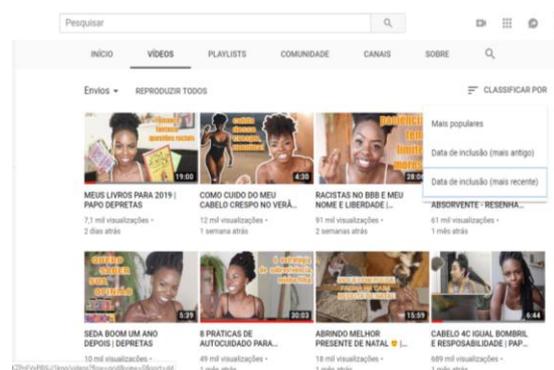
Figura 11 – Reprodução da página inicial do canal DePretas – por Gabi Oliveira



Fonte: (OLIVEIRA, 2019)³⁹

Na aba Vídeos, era possível ter acesso a todos os conteúdos audiovisuais compartilhados por Gabi Oliveira que estavam à disposição e essa visualização pôde ser classificada por Mais Populares, Data de Inclusão (mais antigo), ou Data de Inclusão (mais recente). Por meio do botão Reproduzir Todos é possível assistir aos vídeos na sequência desejada. Essa aba demonstrou como, na Plataforma YouTube, a audiência dispõe de uma variedade de conteúdos, dispostos isoladamente, que poderiam ser vistos no tempo determinado pelo espectador. Nesse espaço, os vídeos não estavam organizados de acordo com as temáticas (Fig. 12).

Figura 12 – Reprodução do conteúdo da aba vídeos do canal DePretas – por Gabi Oliveira

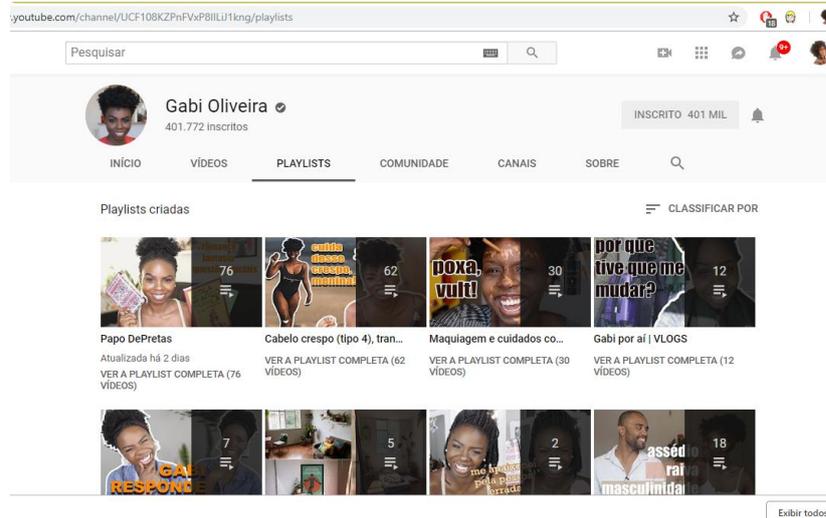


³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng>. Acesso em: 12 fev 2019.

Fonte: (OLIVEIRA, 2019)⁴⁰

Já na aba *Playlists*, a autora organizava o conteúdo do Canal em temas que possuíam similaridades com quadros de um programa de televisão. Em cada um desses agrupamentos, era possível perceber características similares nas narrativas apresentadas, como o tema dos vídeos; o ambiente de gravação (externo ou interno); a forma de narrar os acontecimentos; etc. (Fig. 13).

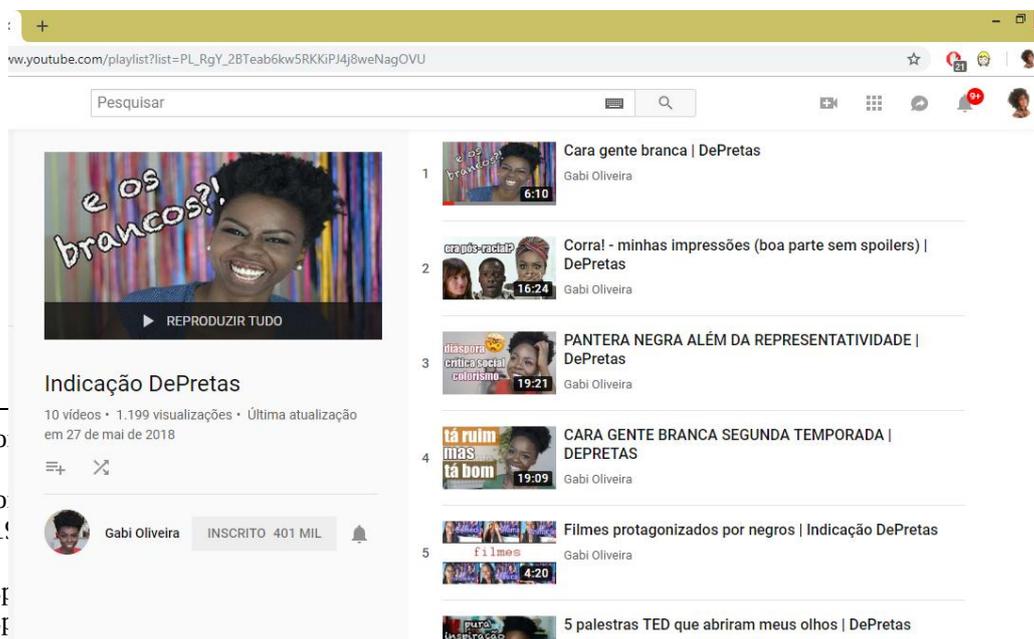
Figura 13 – Reprodução da aba *Playlists* do canal DePretas – por Gabi Oliveira



Fonte: (OLIVEIRA, 2019)⁴¹

Na *Playlist* Indicação DePretas a autora reúne todos os vídeos em que faz análises ou resenhas de filmes, séries, vídeos no YouTube, livros, ou análise sobre produções protagonizadas por pessoas negras, como os vídeos Filmes Protagonizados por Negros – Indicações DePretas⁴² e Séries com Protagonistas Negras – Indicações DePretas⁴³ (Fig. 14).

Figura 14 - Reprodução da aba Indicações DePretas do canal DePretas – por Gabi Oliveira



⁴⁰ Dispo

⁴¹ Dispo
2011

⁴² Dispo

⁴³ Dispo

2019.

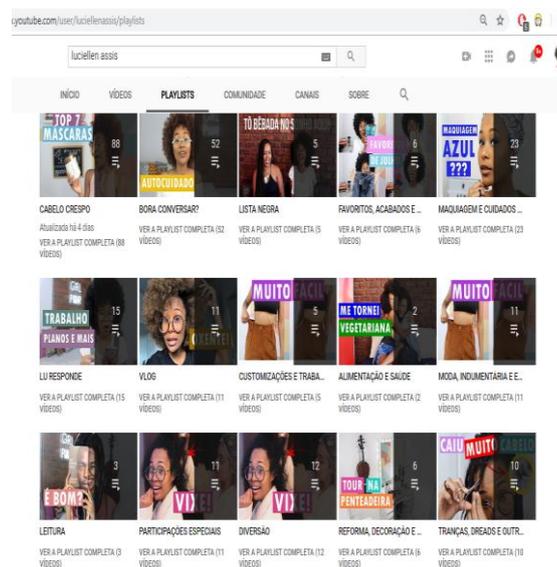
em: 12 fev

!

Fonte: (OLIVEIRA, 2019)⁴⁴

Essa forma de dispor o conteúdo direcionava a navegação do internauta por meio de agrupamentos que, diante de um canal com quantidade elevada de vídeos, facilitava a exploração por temas ou tipos de conteúdo. As *Playlists* utilizadas pelas participantes da pesquisa se assemelhavam aos quadros de programa de televisão em que o formato e tipo da narrativa é similar, porém com alteração no conteúdo, como foi possível também visualizar nos canais de Luciellen Assis e Ana Paula Xongani. Destaca-se que, nos canais de Ana Paula Xongani e DePretas, as *Playlists* também possuem vídeos de outros autores, como Músicas para Resistência e Autocuidado⁴⁵ e Trilhas Sonoras das Mulheres Pretas!⁴⁶, no canal de Ana Paula Xongani (Fig. 15).

Figura 15 – Reprodução da aba Playlists do canal de Luciellen Assis



Fonte: (ASSIS, 2019)⁴⁷

Os canais também possuíam um espaço, criado em 2017, que se aproxima das características da *timeline* do Facebook, em que o autor do canal pode fazer postagens com formato de texto e/ou foto, GIFs e, com isso, interagir com os seguidores do canal. O internauta podia reagir por meio dos botões *Likes*, *Deslikes* e Comentário. A proposta indicava uma possível tentativa dos gestores da plataforma de criar um espaço de trocas entre o público e o

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng> . Acesso em: 12 fev 2019.

⁴⁵ Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE&list=PLB-sL_3lwCTSxtRzyZO_eqJhYab4EcGnt, Acesso em: 13 fev. 2019.

⁴⁶ Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=xoaJyoDnvQ4&list=PLB-sL_3lwCTSO9poQTfxRg6ApOKn1CKgz . Acesso em: 13 fev. 2019.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/luciellessis>. Acesso em: 12 fev 2019.

administrador do canal, sem ser necessário migrar para outras redes sociais para divulgar os conteúdos produzidos ou para fazer enquetes, por exemplo.

3 MULHERES NEGRAS E ATIVISMOS EM REDE

3.1 Nossos passos vêm de longe - breve histórico das autorias ativistas protagonizadas por mulheres negras no pós-abolição

Antítese do ser hegemônico representado por homens brancos e do ideal feminino, as mulheres brancas, as mulheres negras construíram um legado de luta e resistência desde a vinda de mulheres africanas para o território brasileiro na condição de escravizadas. Não é possível abrandar as consequências nefastas advindas do longo processo histórico de colonização vividos no Brasil.

No entanto, é necessário lembrar que esse período foi marcado também por luta e resistência de mulheres negras que, escravizadas ou libertas, mas sempre oprimidas e discriminadas, lutaram com diferentes estratégias pela igualdade racial e de gênero. Para além da subordinação imposta, essas mulheres subverteram os sistemas de opressão e inscreveram suas autorias como compositoras, professoras, escritoras, jornalistas, ativistas, religiosas, deputadas, pesquisadoras, desafiando os persistentes processos de exclusão. Nesse processo histórico, diferentes lutas foram travadas e narrativas articuladas por meio de diversas tecnologias sociais.

As mulheres negras têm sua história atrelada a um dos maiores flagelos que a humanidade já viveu, o tráfico transatlântico de africanos de diferentes nacionalidades, que foram trazidos para o trabalho escravo na região recém ocupada pelos europeus. Os impactos dessa migração maciça

de africanos para esta região do mundo continua e requer ampliação e aprofundamento de estudos (WERNECK, 2005).

O processo de escravização significou e ainda significa a redução do humano à condição de mercadoria em função da exploração e produção das riquezas. É compreensível, portanto que esse contexto tenha despertado um movimento de resistência e luta, a partir da constatação da humanidade de negras e negros escravizados. Suas estratégias diante do colonialismo resultaram na proposição cotidiana de alternativas de sociabilidade, habitabilidade seja como estratégias políticas para retorno à África ou para o enraizamento na nova terra (WERNECK, 2005).

O centro do poder era o homem branco e restava a mulheres e homens indígenas, africanos e seus descendentes a subjugação corporal, sexual e política. O regime da escravidão mercantil europeia significou para as mulheres africanas uma profunda ruptura com padrões antigos de exercício de poder, tanto no nível individual, corporal, quanto na perspectiva coletiva, em seus aspectos políticos e de relação com o sagrado. Assim, a desorganização social e política dos diferentes povos atingidos pelo holocausto africano impulsionou a gestação de novas alternativas de existência e resistência cultural diante de um modelo de globalização econômica, cultural e política, numa perspectiva predatória que emerge da Europa e se espalha pelos demais continentes (WERNECK, 2005).

Segundo Werneck (2005) vêm da África diferentes modalidades de organização e formas de representação e ação política das mulheres que no Brasil adquiriram diferentes formas. A celebração das rainhas nas atividades culturais públicas, bem como seu papel político integrador do grupo; a organização das atividades religiosas, profanas e festivas, a partir do contexto oferecido pela escravidão; a formação de sociedades secretas ou públicas de mulheres a partir dos compromissos religiosos ou étnicos; estão entre as iniciativas que têm em comum o reconhecimento da liderança das mulheres, sua presença nas atividades públicas, bem como seu papel político.

Foram múltiplas ações políticas que as mulheres negras empreenderam que atravessam diferentes níveis de atuação, diferentes campos da existência, marcadas por encontros conflituosos ou violentos com o ocidente, com o patriarcado, com o capitalismo. Uma das formas de luta, especialmente a partir da década de 70, foi a luta com o movimento feminista, que cuja aproximação é gestada em meio a conflitos importantes de raça e classe (WERNECK, 2005). O feminismo negro nasce como uma crítica à forma homogênea como eram consideradas as mulheres nos estudos de gênero. As feministas negras defendem que foi repensado tardiamente o

lugar ocupado pelas categorias raça e classe, nos estudos e movimentos sobre a mulher (BARROS, 2009).⁴⁸

A construção do feminismo negro partiu, então, da ideia de que a opressão das mulheres como um coletivo era uma realidade a ser denunciada, porém era necessário considerar as diferentes necessidades dentro do grupo, identificando e combatendo os diversos sistemas de opressão ao qual estavam submetidas: classe, raça, orientação sexual, etc. A interseccionalidade entre gênero, raça e classe é um debate reivindicado por intelectuais como Angela Davis (2016); Kimberlé Crenshaw (2002); Sueli Carneiro (1995), que discutem as diferentes opressões vivenciadas pela mulher negra.

Mesmo diante desse sistema de opressão de gênero, raça e classe, o protagonismo da mulher negra impulsionou ações políticas e intelectuais importantes. Apesar disso, bell hooks (1995) expõe a invisibilidade do trabalho intelectual da mulher negra. Segundo ela, mesmo quando eruditos negros escrevem sobre a vida intelectual negra, em geral só focalizam as vidas e obras de homens.

Esse cenário reafirma o conceito ocidental sexista/racista de quem e o que é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. A autora defende que “o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes” (bell hooks, 1995, p. 466).

A pesquisadora e ativista Nilma Lino Gomes (2010) defende a necessidade de afirmar a existência do potencial infinito da diversidade epistêmica no mundo e discutir o caráter contextual e incompleto do conhecimento. Para ela, o processo de inserção de negros e negras no campo da pesquisa científica e da produção do conhecimento não mais como objeto de estudo, mas como sujeitos que possuem e produzem conhecimento está diretamente relacionado à luta contra o racismo.

Além da busca por uma pluralidade interna da ciência, por meio das perspectivas feministas, pós-coloniais e multiculturais (GOMES, 2010), no Brasil, o movimento feminista negro lutou e luta por uma agenda política que privilegie um combate mais eficaz às desigualdades observadas na sociedade brasileira e critica a perspectiva de um movimento feminista que se pretende universalizante e que encobre a dominação de umas mulheres sobre as outras (BARROS, 2009).

⁴⁸ Disponível em: https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet. Acesso em: 12 jan. 2017.

No contexto brasileiro, a intelectual, militante e ativista Lélia Gonzalez é importante referência, por ter o pensamento marcado por um conjunto de questões relacionadas às mulheres negras, que revelam aspectos simbólicos do racismo e sexismo da sociedade brasileira por meio da ideia de que as mulheres negras estão no planeta para servir. Uma das características da produção intelectual de Gonzalez é o estudo das relações raciais na dimensão de gênero e também orientando-se pelos conceitos da psicanálise.

O pensamento de Gonzalez visibiliza também o exercício e a liderança das mulheres negras nas religiões de matriz africana; nas escolas de samba; no movimento negro; das mulheres negras anônimas, pobres, como base de suas famílias. Além disso, a conexão entre teoria e prática é uma das dimensões fundamentais do feminismo negro evidenciada no pensamento de Lélia, que entendia o aprofundamento do seu pensamento também foi mediado pela sua militância (BARBOSA, 2010).

Para Sueli Carneiro (2003), feminista negra, filósofa e ativista, enegrecer o movimento feminista brasileiro significava concretamente demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da violência contra a mulher, já que o aspecto racial é determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do País que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças com maior incidência entre a população negra como fundamental para a formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre mulheres brancas e negras (CARNEIRO, 2003).

No âmbito das redes digitais a ação política de mulheres negras tem se ampliado com a prática de construção de narrativas de denúncias, de afirmação de uma intelectualidade e também da identidade estética negra por meio de blogs coletivos como Geledés⁴⁹, Blogueiras Negras⁵⁰, blogs pessoais como Gorda e Sapatao⁵¹, Soul Vaidosa⁵², e criação de grupos no Facebook sobre temas diversos (Transição capilar, Produção acadêmica de mulheres negras, afetividade negra, maternidade negra, etc.).

Para entender a ação ativista em rede protagonizada pelas vlogueiras negras, hoje, é necessário conhecer também um movimento nascido na década de 1990, chamado Ciberfeminismo, quando um grupo formado por artistas australianas, o VNS Matrix, posicionou-se contra a ideia pregada pelo romancista William Gibson, criador do Ciborgue (parte homem, parte máquina), de que a internet era território masculino. As artistas celebraram a possibilidade

⁴⁹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/> Acesso em: 6 mar. 2017.

⁵⁰ Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/> Acesso em: 6 mar. 2017.

⁵¹ Disponível em: <http://gordaesapatao.com.br/> Acesso em: 6 mar. 2017.

⁵² Disponível em: <https://soulvaidosa.wordpress.com/> Acesso em: 6 mar. 2017.

de uma identidade ciborgue e do prazer feminino, reivindicando o ciberespaço também para as mulheres. O movimento defendeu, para as relações baseadas na internet, a ausência de corpo e a não fixidez de identidades (OLIVEIRA, 2006)⁵³.

Donna Haraway, em seu texto *Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX*, defendeu um argumento a favor do “prazer” da confusão de fronteiras, partindo da ideia do ciborgue como figura que corporifica o rompimento de algumas fronteiras como humano/animal, homem/mulher, primitivo/civilizado. Para a autora, esse seria um esforço de contribuição para a teoria e cultura socialista-feminista, numa perspectiva pós-modernista e com vistas à tradição utópica de se imaginar um mundo pós-gênero.

Assim, o mito do ciborgue significa, para a autora, fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades, elementos que, segundo ela, as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político. Haraway (2009) propõe uma substituição da categoria “identidade” por “afinidade”, ou seja, uma identidade “pós-modernista, não totalizante, nem imperialista”. Ela rejeita a construção de um feminismo calcado na ideia de uma “mulher essencial”, que não deixaria espaço para a questão da raça.

A teorização criada por Haraway (2009) acerca da possibilidade de rompimento de fronteiras de gênero e raça, por exemplo, possibilitada pelo ciberespaço e por essa ubiquidade entre humanos, máquinas e animais, representada na figura do ciborgue, no entanto, ainda é distante da vivência das mulheres negras, que possuem diariamente as suas identidades (não afinidades) bem delimitadas na vivência do racismo e sexismo.

Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2006), o grupo de australianas não conseguiu dialogar com identidades étnicas, como os negros, que tinham dificuldade de compreender identidades na perspectiva assumida pelas ciberfeministas. Para ela, os negros acreditavam, por exemplo, que se o racismo existe é porque a identidade está calcada no corpo físico. Para as ciberfeministas, quando “mulheres de cor” defendiam identidades monolíticas, eram constantemente desafiadas a atualizar o hibridismo e atravessar fronteiras, segundo elas, facilitadas pelo computador, para entrar no novo modo do ciberfeminismo.

O marcador étnico, apesar das proposições de Haraway e das ciberfeministas no Norte, se constitui um importante elemento para pensar as experiências contemporâneas de mulheres negras no ciberespaço, já que observa-se um não rompimento das fronteiras de gênero e raça. Estudos sobre o funcionamento dos algoritmos (NOBLE, 2018; SILVEIRA, 2016; MAYBIN, 2016) revelam como esses marcadores ainda são definidores de experiências racistas no ciberespaço, já

⁵³ Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_36.html . Acesso em: 6 mar. 2017.

que as definições algorítmicas têm sido apontadas também como reprodutoras e ampliadoras do racismo.

Assim, diante dos processos autorais constituídos por mulheres negras no YouTube, foi necessário compreender como essas relações se estabelecem no que diz respeito às questões de gênero e raça e pensar como o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) interfere na experiência de mulheres negras com as suas autorias nas redes.

Zelinda Barros (2009)⁵⁴ afirma que a contribuição trazida pelas tecnologias digitais para o movimento de mulheres negras reside na possibilidade de conectar em muito menos tempo ativistas geograficamente dispersas, além de criar um campo de atuação, dada a especificidade da cibercultura, de “reforço à prática feminista negra”. Para a autora, com a internet, as mulheres negras se apropriam de mecanismos que fazem ecoar suas vozes cada vez mais longe, lançando as bases para uma articulação em rede potencializada por tecnologias, como a internet.

Afirma, ainda, que a visão sobre essa apropriação não deve ser demasiadamente otimista, no sentido de pensar que a internet informaria e empoderaria mundialmente os indivíduos, já que, ainda hoje, questões de gênero, raça e classe limitam as iniciativas feministas na *web*. Segundo ela, as iniciativas feministas têm lançado mão de apropriações criativas para o enfrentamento da exclusão na internet.

3.2 Apropriação da técnica para um fazer político

Os estudos de redes complexas iniciados no século XX, pelas ciências exatas, com matemáticos e físicos, trouxeram contribuições que foram posteriormente incorporadas pela sociologia, na perspectiva da análise estrutural das redes sociais. A metáfora da rede foi utilizada pela primeira vez pelo matemático Leonard Euler e indicava o início de uma abordagem científica. Euler criou o primeiro teorema da teoria dos grafos (RECUERO, 2009).

Os grafos são a representação de uma rede, constituídos de nós e arestas, que conectam esses nós. A teoria dos grafos é uma parte da matemática aplicada que se dedica a estudar as propriedades dos diferentes tipos de grafos. Essa representação de rede pode ser utilizada como metáfora para diversos sistemas, como os indivíduos e suas interações também podem ser observados através de uma rede ou grafo. Com isso, a teoria dos grafos e suas implicações receberam força dentro das ciências sociais, principalmente com os estudos empíricos, que deram origem ao que hoje é referenciado como Análise Estrutural de Redes Sociais. “A proposta dessas abordagens era perceber os grupos de indivíduos conectados como rede social e, a partir dos

⁵⁴ Disponível em: https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet. Acesso em: 12 jan. 2017.

teoremas dos grafos, extrair propriedades estruturais e funcionais da observação empírica” (RECUERO, 2009, p. 20).

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões; em que os atores podem ser pessoas, instituições ou grupos - os nós da rede - e as conexões são as interações ou os laços sociais estabelecidos. A rede, portanto, é uma metáfora para a observação dos padrões de conexão de um grupo social estabelecida entre os diversos atores. Por ter como foco a estrutura social, não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Redes sociais no ciberespaço possuem elementos característicos, que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas. As interações na internet são notadas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali (RECUERO, 2009).

O trabalho com redes sociais na internet, no entanto, considera que os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada, por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador. Os atores não são imediatamente discerníveis, mas trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. Nas interações *on-line*, um ator pode ser representado por um *blog* ou por um perfil no Facebook, por exemplo; ainda assim, tais unidades podem apresentar um único nó (como um *blog*), mantido por vários atores (um grupo de autores do mesmo *blog* coletivo) (RECUERO, 2009).

Uma rede social é constituída de nós (indivíduos) conectados por laços sociais (WATTS, 2003). Partindo dessa perspectiva, a análise de estrutura de redes sociais centra o seu olhar na interação como elemento fundamental nas relações sociais entre os agentes humanos. A formação dessas redes sociais pode ser observada tanto em ambientes *off-line* quanto *on-line*, já que, nessas redes, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços gerados com a interação social. Nesse sentido, a abordagem de rede fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço (RECUERO, 2009).

As redes sociais na internet tornaram-se espaços contemporâneos de sociabilidade nos quais é possível acompanhar diferentes *performances* dos atores que articulam processos comunicativos sobre diferentes experiências com o cotidiano. Autores como Paula Sibilía (2008) demonstram como alguns *weblogs* trabalham com aspectos da “narração do eu” no ciberespaço. A percepção de *blogs* como uma narrativa que é tecida pela construção de um *site* com elementos identitários e a apresentação de si (RECUERO, 2009) é um argumento que auxilia na compreensão do ativismo desenvolvido pelas mulheres negras no YouTube.

A mídia massiva, em oposição ao que é vivenciado no ciberespaço, monopolizava a atualização das informações e, com isso, centralizava em si o poder de mobilizar, processar e

narrar o passado. A massa só podia acessar o passado comum por meio das atualizações feitas pela grande mídia corporativa. Esse paradigma comunicacional concentra em poucos o poder sobre os mecanismos de lembrança e esquecimento social das populações. Por meio dessas informações, uma pessoa pode relacionar um passado qualquer com um acontecimento da atualidade, para balizar a decisão de agir enquanto sujeito social (MALINI; ANTOUN, 2010).

O advento da internet enfraqueceu esse monopólio da narração. As interfaces comunicacionais no ciberespaço proporcionaram aos diferentes interatores a possibilidade de tornar atualizável qualquer informação, ao disponibilizar interfaces de autoria, como aconteceu com a popularização dos *blogs* e, posteriormente, de outras redes sociais. A possibilidade de não só criar, como espalhar conteúdos, articula e dissemina novas formas de mediar a informação. As práticas de espalhamento vivenciadas por esses atores constroem narrativas relacionadas a diferentes campos da vida política e da social

De acordo com Malini e Antoun (2010), o investimento comunicacional dos movimentos sociais e coletivos passou a responder pelo alcance ou frequência de uma informação qualquer, conectando entre si diferentes interfaces e promovendo sua disseminação. Dessa maneira, os usuários podem conectar qualquer informação antiga que esteja na rede com uma atual, assim como podem determinar o alcance de uma informação atual, replicando-a por diferentes interfaces.

Nesse contexto, as imagens e os discursos produzidos pelas mídias de massa, uma vez reproduzidos e analisados, se revelavam apropriados para sustentar narrativas diferentes das histórias contadas pelas mídias corporativas. Assim, blogueiros, tuiteiros e tubeiros tiveram a possibilidade de fazer frente aos discursos dos veículos massivos por meio das imagens e falas produzidas por essas próprias mídias, já que possuíam o poder de atualizá-las de modo diferente, mesclando-as com suas próprias falas e imagens (MALINI; ANTOUN, 2010).

Assim, a narrativa noticiosa, que sempre esteve atrelada àqueles que detinham a capacidade de difundir as informações (a imprensa massiva tradicional), hoje está difundida nos mais diferentes lugares virtuais, que se constituem como mídias de multidão, ou seja, mídias cujas produções se dão de forma articulada e cooperativa, cujo produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos, que, ao mesmo tempo, são mídias para outros públicos (MALINI; ANTOUN, 2010).

As práticas de ativismo em rede revelam formas de apropriação política do ciberespaço que indicam que os sujeitos inseridos nesse universo exercem uma agência na estrutura da qual fazem parte, ainda que essas estruturas, como o YouTube, por exemplo, não tenham sido arquitetadas para esse fim. Para André Lemos, a apropriação do ciberespaço envolve tanto a forma de utilização, aprendizagem e domínio técnico, como as formas de desvio (*deviance*) em relação

às instruções de uso. Ou seja, “um espaço completado pelo usuário na lacuna não programada pelo produtor/inventor, ou mesmo pelas finalidades previstas inicialmente pelas instituições” (LEMOS, 2004, p. 239).

Em estudos atuais, o autor aponta um olhar crítico sobre a cibercultura ao considerar o novo processo de Plataformização, Dataficação e Performatividade Algorítmica (PDPA), que coloca em xeque as ideias de emancipação, liberdade e conhecimento que deram origem à cibercultura. Apesar de reconhecer que controle, software e algoritmos sempre foram marcas da cibercultura, Lemos (2019) alerta para o fato de que estamos reféns de plataformas digitais, da lógica da dataficação (como uma modulação da vida pessoal por dados) e da ação opaca e silenciosa dos algoritmos.

A cultura digital tem sua origem na apropriação social da informática na segunda metade dos anos 1970. A criação de uma rede digital aberta, plural e democrática foi resultado da ação de visionários que defendiam a liberdade, a inovação e a criatividade. A internet é, certamente, a mais importante infraestrutura de comunicação jamais criada pelo homem, uma rede mundial descentralizada que ampliou de forma inédita a democratização do conhecimento e a liberdade de circulação da informação pela liberação da emissão, conexão generalizada e reconfiguração social (cultural, política, econômica). A internet deveria impedir o obscurantismo, oferecendo possibilidades de emancipação. (LEMOS, 2019, s/p)

O YouTube é considerado como SRS por apropriação, ou seja, espaços que originariamente não foram construídos para a expressão e fomento de uma rede social, mas que um grupo de sujeitos atuantes, por meio da apropriação tecnológica, transformou esse espaço digital em uma rede, num campo de conexões mútuas ou/e associativas (RECUERO, 2010). Além do movimento dos usuários, o próprio YouTube fez mudanças na plataforma para que tivesse funcionalidade de um *software* de redes sociais – características que não existiam nos primórdios da sua operação – e servisse aos seus novos modelos de negócios.

Nesse contexto de possibilidades anunciativas, “o desafio é criar maneiras efetivas de comunicação e de reapropriação do espaço físico, reaquecer o espaço público, favorecer a apropriação social das novas tecnologias de comunicação e informação e fortalecer a democracia contemporânea” (LEMOS, 2010, p. 156). O ativismo articulado nos ambientes digitais é um exemplo desse tipo de apropriação, porém, sabemos que a técnica não envolve somente vetores de humanização.

Tecnologias digitais possibilitam agenciamentos que até muito pouco tempo estavam quase que exclusivamente nas mãos dos governos oficiais, das empresas, indústrias e dos conglomerados comunicacionais.

Esse fenômeno não determina nem garante condicionamentos sociais, mas cria brechas para o ativismo político, para agenciamentos não governamentais, para experiências formativas e educacionais diferentes da lógica instituída, construindo espaço de expressão e atuação para comunidades de fãs ou grupos políticos divergentes da ideologia hegemônica atual. (SANTANA, 2012, p. 10).

Na contemporaneidade, não há uma democratização absoluta dessa função, nem todos são legitimados hegemonicamente, mas, tendo um mínimo de acesso, apropriação e funcionamento tecnológico, muitos, ao menos mais do que na modernidade, podem ser um autor, ainda que por um tempo fugaz (SANTANA, 2012).

As práticas autorais articuladas no contexto da cibercultura põem em debate novas formas de apropriação social da técnica em oposição às formas de ser e fazer instituídos pela ciência moderna, que estabeleceu uma separação entre homem e técnica. A cibercultura proporciona um novo olhar para essa relação e as autorias, de cunhos político e emancipatório, constituídas nas redes e em rede, podem ser possivelmente um dos sinais do reencantamento entre seres humanos e técnica (LEMOS, 2010).

Neste capítulo, apresentamos as narrativas de mulheres negras compartilhadas em uma plataforma de audiovisual; identificamos suas principais características, seus significados; e apontamos como a elaboração e circulação dessas produções podem ser parte constituinte de um processo formativo. Essas narrativas indicam um movimento de apropriação da técnica para um processo de ressignificação das identidades das mulheres negras numa sociedade racista.

Estas práticas demonstram uma ruptura com o processo de racionalização da cultura ocidental e com a tradição, o que criou uma ideia de oposição entre técnica, homem e cultura. A filosofia da técnica e o conceito de *tecknè*, porém, revelam que a origem do homem coincide com a origem da técnica, já que a própria atividade técnica está imbricada com a emergência da linguagem (LEMOS, 2010).

A formação de coletivos, ainda que com pessoas dispersas geograficamente, e a criação de territorialidades simbólicas possibilitadas pelo ciberespaço, revelam que as tecnologias atuam não apenas como vetores de alienação e desagregação, mas também como máquinas de comunhão, compartilhamento de ideias e sentimentos, de formação comunitária (LEMOS, 2010). Nesse sentido, para André Lemos, a cibercultura caracteriza-se também pela utilização da tecnologia telemática numa sociedade em busca de *reliance*, o que potencializa, segundo ele, agregações sociais dos mais diversos tipos.

Talvez [...] o ciberespaço forme comunidades através da *reliances*, como consequência da *deliance* criada pela modernidade excessivamente individualista, racionalista e tecnicista. Este desejo de agregação, comunitário ou não, como veremos, permite superar distâncias geográficas, categorias sociais, de raça e de religião. O que agrega os internautas são afinidades intelectuais ou espirituais, formando coletivos e interesses comuns. (LEMOS, 2010, p. 140).

Para Lemos (2010, p. 146), ao contrário do que previam os apocalípticos, a sociedade dá sinais de vitalismo utilizando a tecnologia como um vetor de catálise comunitária. O que se percebe, com a dinâmica atual, que o ciberespaço não inibe a heterogeneidade e não cria

necessariamente uma cultura monolítica, mas é espaço fecundo para o exercício de um ativismo político. De acordo com o autor, essas práticas afetam o conhecimento e o modo de difundir informação, complexificando as trocas comunicativas e abalando a estrutura centralizadora do *mass media*.

Em contrapartida ao olhar otimista de Lemos, o autor Francisco Rudiger (2003, p. 23) destaca a necessidade de um olhar crítico para a cibercultura, enquanto fenômeno sociotécnico e defende que a técnica precisa ser examinada entre outras forças não menos importantes, de natureza não tecnológica, cuja dinâmica conferiu historicamente à técnica a condição de força social cada vez mais determinante do modo de ser da humanidade. O autor alerta que “[...] a tecnologia maquinística possui um sentido bem antes de vir a ser utilizada, não importa se, uma vez disponível, seu uso é feito em termos pretendidamente morais ou imorais, humanos ou desumanos, democráticos ou totalitários [...]”.

A perspectiva de Rudiger (2003) questiona e pondera visões predominantemente otimistas, em relação às possibilidades de apropriações da técnica no contexto da cibercultura, como a do filósofo Pierre Levy (1999), para quem a cibercultura ensejaria o aparecimento de uma ecologia cognitiva; a difusão de uma inteligência coletiva; e a expansão da cidadania por meio do exercício da tecnodemocracia. Levy sustentou, na década de 90, a ideia de que a crescente e acelerada conexão das pessoas à rede criara uma nova forma de relação universal, em que os saberes em circulação não são totalizantes e as práticas ali situadas não engendram uma cultura única, visto que integram a todos pela via da interação generalizada.

Hoje, no fim da década de 2010, é possível visualizar a convivência de saberes heterogêneos na rede e como o acesso à informação se tornou mais amplo; no entanto, é notório que essas possibilidades não alcançam todos da mesma forma. O acesso e as apropriações da técnica são influenciados por diferentes vetores político, social, econômico e cultural, que devem ser considerados nas tentativas de compreender o fenômeno da cibercultura. Criar narrativas audiovisuais e compartilhá-las em um *site* de rede social, por exemplo, não é uma prática acessível a todos e todas.

Ao pensar por esse ponto de vista, compreender-se que a cibercultura trouxe mudanças significativas para as práticas comunicacionais. No contexto da cibercultura, as mídias de função pós-massiva operam a partir da liberação do polo de emissão, e abrem espaço para que diferentes pessoas possam produzir e socializar informação em rede. O fluxo informacional nesse cenário é bidirecional (todos-todos), diferenciando-se do fluxo unidirecional (um-todos), característico das mídias massivas (LEMOS, 2010). Dessa maneira, nesse cenário comunicacional, as produções são personalizadas e não precisam passar necessariamente por uma grande produtora para dar visibilidade à sua obra ou para legitimar a produção. Uma pessoa pode realizar todo o processo

criativo de um produto, e criar comunidades de interlocutores com a sua obra. No entanto, é perceptível que o modelo de negócios que cada vez mais se consolida as possibilidades de visibilidade que as produções podem alcançar.

Segundo Lemos (2010), as mídias de função pós-massiva insistem em três princípios fundamentais da cibercultura: emissão, conexão e reconfiguração. A liberação da emissão está relacionada com a abertura do polo emissor, que possibilita a comunicação todos-todos em que a máxima da cultura *hacker* “faça você mesmo” se concretiza nas criações de vídeos, *blogs*, *sites*, etc.; e a conexão generalizada envolve a ideia de que não basta produzir, os conteúdos precisam ser compartilhados em rede; já a reconfiguração das instituições e da indústria cultural de massa é resultado desse processo de produção e circulação de conteúdo, que provoca a reestruturação das práticas autorais, do consumo e dos produtos de bens simbólicos.

Nesse contexto de abertura do polo emissor e democratização da autoria, onde estão localizadas as produções de mulheres negras? Como articulam em rede a construção e compartilhamento dessas narrativas? Como as questões raciais atravessam esse processo? As mulheres negras lançam mão de quais táticas para esse processo de autorização na Internet?

3.3 Autorias ativistas em rede

As autorias possibilitadas pelo contexto da cibercultura abrem espaço para diferentes apropriações do ciberespaço que irão caracterizar o cenário de produções que circulam no ciberespaço. Nessa seção discutiremos quais as implicações desse contexto de circulação de narrativas em rede e como esse potencial das redes foi apropriado em prol de ações políticas. Para isso, analisaremos o cenário de práticas autorais e ativistas em rede.

3.3.1 Autoria em rede

Como elemento disparador, apresentamos uma indagação foucaultiana sobre nossos fragmentos de escrita: “Mas quando, no interior de uma caderneta repleta de aforismos, encontra-se uma referenda, a indicação de um encontro ou de um endereço, uma nota de lavanderia: obra, ou não? Mas, por que não?” (FOUCAULT, 2001, p. 273).

Segundo Foucault (2001), o autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles. A noção do autor, porém, constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário, ou de um tipo de filosofia, as unidades autor e obra são consideradas fundamentais.

Foucault (2001, p. 277) examina a relação do texto com o autor e a maneira com que o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, o autor:

O nome do autor funciona para caracterizar um certo modo ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer "isso foi escrito por tal pessoa", ou "tal pessoa é o autor disso", indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status.

Para o filósofo, o nome do autor manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discursos, e lhe confere um *status* no interior de uma sociedade e uma cultura. “A função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2001, p. 278).

Foucault (2001) limita-se à figura do autor unicamente como produtor de um texto, de um livro, ou de uma obra, ao qual se pode legitimamente atribuir a autoria. Na ordem do discurso, pode-se ser o autor de bem mais do que um livro - de uma teoria, uma tradição, uma disciplina, dentro das quais outros livros e autores poderão, por sua vez, se colocar.

O filósofo considera também que as modificações históricas não exigirão que a função autor permaneça constante em sua forma, complexidade, e mesmo existência. Segundo ele, “pode-se imaginar uma cultura em que os discursos circulassem e fossem aceitos sem que a função autor jamais aparecesse” (FOUCAULT, 2001, p. 292). E apresenta uma demanda:

Talvez seja o momento de estudar os discursos não mais apenas em seu valor expressivo ou suas transformações formais, mas nas modalidades de sua existência: os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam de acordo com cada cultura e se modificam no interior de cada uma; a maneira com que eles se articulam nas relações sociais se decifra de modo, parece-me, mais direto no jogo da função-autor e em suas modificações do que nos temas ou nos conceitos que eles operam. (FOUCAULT, 2001, p. 291).

A influência da cultura sobre a função autor é perceptível em tempos de habitação do ciberespaço. Enquanto o texto impresso distanciava o autor de seu leitor, tornando suas palavras dificilmente contestáveis, ou passíveis de alteração, diferentemente do texto digital: maleável, mutável, copiável, fluido. A cópia impressa estendia e ampliava a autoridade criada e adquirida, pautada na organização e efetivação de um mercado editorial que desfrutava dessas produções únicas, imutáveis, inquestionáveis.

Essa fluidez no consumo e na produção de textos e obras proporciona a vivência de um dilúvio informacional (LÉVY, 1999), que provoca a necessidade de seleção de tudo que se produz já que, como afirma Lévy, não voltaremos aos tempos enciclopédicos, pois atravessamos o momento de ruptura e de abertura do polo emissor.

Sibilia (2008) atribui esse cenário à cultura do espetáculo, em que se percebe uma alteração nas subjetividades modernas; o caráter passa de um processo intro-dirigido (de dentro) a alter-dirigido (para fora). No primeiro, há uma solidez interna ligada à estabilidade e, no segundo, a densa base da interioridade dá lugar à autoestilização, ou seja, o efeito que se pode provocar nos outros. A autora confere a esse processo uma relação estreita com as práticas de autovendagem vivenciadas no capitalismo. Essa mudança provoca uma redefinição do eu, pela qual visualiza-se uma busca desesperada pela aprovação alheia.

A autora compreende que é inegável a existência de variadas críticas em relação à falta de competência literária no ciberespaço e afirma: “Apesar das significativas exceções que, sem dúvida existem, uma porção considerável do que se produz nestes espaços costuma ser, no máximo inócuo do ponto de vista estético” (SIBILIA, 2008, p. 236), e apenas uma das mais perfeitas formas do espetáculo em que o leitor, ao comentar *blogs*, por exemplo, tem uma única função: confirmar a subjetividade do autor, que só pode se constituir diante do espelho legitimador do olhar alheio.

Em contrapartida, há autores que compreendem a autoria no ciberespaço como ato interativo, colaborativo e em rede. Na historicidade da autoria podem ser observados significativos deslocamentos e seguidas transformações, especialmente no que diz respeito à prática social da escrita. No entanto, novas práticas de escrita e leitura, estimuladas pelo advento das redes eletrônicas de comunicação vêm desestabilizando de fato e na prática o entendimento sobre a autoria (MARTINS, 2014).

As possibilidades de autoria por meio dos dispositivos móveis, seja por textos, imagens, vídeos, remetem o sujeito ao seu lugar de criação. Santos (2012, s/p) argumenta que “a comunicação móvel e ubíqua pode potencializar a autoria em rede, apropriando-nos, ao mesmo tempo que podemos ser protagonistas, de eventos, fatos e vivências nos, dos e com os cotidianos no ciberespaço em movimento no espaço urbano”.

Nesse contexto, “Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (JENKINS, 2009, p. 30). É necessário explorar as mudanças que o uso de telas pequenas pode ter nos hábitos de leitura, modos de escrever e na linguagem narrativa que perpassam nossos processos criativos, autorais.

3.3.2 Ativismo em rede

A emergência de modos de comunicação pós-massivos provocados pelas mudanças culturais na cibercultura proporcionaram meios para que se tornasse possível agir politicamente

com maior frequência, ainda que muitas vezes com um índice de intencionalidade conscientizada menor. Ao fazer isso, a cibercultura está produzindo uma mudança significativa na forma como nos relacionamos cotidianamente com a esfera política (JUNGBLUT, 2015).

Para Haraway, o olhar sobre esse contexto deve considerar as ambiguidades desse processo visto que a tecnologia contemporânea serve tanto às empresas de controle e exploração situadas nos sistemas de poder vigentes, como também pode nos ajudar a transformar em sentido libertário as experiências com nossa cultura, nosso trabalho, modo de vida, nossas relações sociais e identidades individuais. Esse olhar está em sintonia com o conceito articulado por Rudiger (2003, p. 54) para quem “a cibercultura é o movimento histórico, a conexão dialética, entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas, através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em dada direção (cibernética)”.

O autor defende, assim, que o sentido da técnica é criado pelos indivíduos e, por isso, é necessário perceber em que grau esse indivíduo ainda tem autonomia para tanto; saber se não está surgindo um novo indivíduo, para isso, incapacitado; saber que tipo de humanidade resulta do progresso tecnológico cada vez mais rápido, difuso, diverso e automatizado (RUDIGER, 2003).

A tecnologia, nesse sentido, torna-se uma técnica de construção existencial em sintonia com a premissa dos *cyberpunks*, que defendem o “*do it yourself*”, ou seja: “Faça você mesmo de sua vida uma obra de arte, aqui e agora [...] Explore as possibilidades simbólicas e concretas da utilização dos objetos técnicos. Pegue em suas mãos o destino tecnológico do planeta. Comunique, troque, toda a informação é boa e deve ser livre” (LEMOS, 2010, p. 198).

Essas apropriações simbólicas da técnica, sugeridas pelos *cyberpunks*, apontam para as possibilidades de construções políticas e humanas no ciberespaço. Essas possibilidades podem agregar ao ativismo político tradicionais articulações em rede entre atores localizados em pontos geográficos dispersos, cujas ações políticas podem repercutir de forma mais ampla e diversificada em suas localidades. Entretanto, as redes de diálogo estabelecidas no ciberespaço, quando restritas a ações que não contribuem para uma concretização de mudança na realidade daqueles para quem o ativismo se dirige, devem ser questionadas.

No entanto, as ações ativistas podem atuar sobre diferentes camadas de uma realidade. Existem articulações que podem mobilizar mudança na conscientização das pessoas sobre determinada problemática social, mas essas podem e devem estar articuladas com ações que visem a mudanças estruturais no que diz respeito às políticas públicas, por exemplo. Elas não se invalidam, por não alcançarem todas as camadas do problema.

Ou seja, o ativismo que visa ao combate a ações de violação dos direitos humanos de mulheres negras, por exemplo, que não consegue dialogar com instâncias concretas dessa causa – sistemas de saúde, segurança, educação, moradia, entre outros – e se restringe a publicações de

textos sobre a questão no ciberespaço, pode ter seus resultados comprometidos ou limitados. No entanto, a formação de opinião pública resultante dessas publicações pode criar outras formas de mobilização que, de maneira complementar, contribuem para a resolução de um problema. Isso variará de acordo com a realidade que se pretende transformar ou preservar; as formas como está estruturada e sobre quais aspectos dessa realidade pretende-se atuar.

Isso não significa que o ativismo no ciberespaço deve ser acompanhado necessariamente de ações *off-line* para ser efetivo, por exemplo. As ações políticas apresentam especificidades que conferem diferentes possibilidades, seja na atuação exclusiva pela internet; na combinação de ações *on-line* e *off-line*, ou sem conexões com o ciberespaço.

Nessa perspectiva, nosso olhar para as práticas ativistas em rede articuladas pelas vlogueiras, no contexto da cibercultura, compreende que “a técnica não é em si mesma boa ou má, porque isso depende dos seus usos e contexto, e tampouco neutra, porque é condicionante ou restritiva: de um lado abre e de outro fecha as possibilidades de intervenção humana” (RUDIGER, 2003, p. 63). Além disso, as ações ativistas em rede hoje possuem especificidades que buscaremos compreender na experiência de três mulheres negras.

A técnica e o social imbricam-se, proporcionando novas sociabilidades, argumenta André Lemos (2010), nas quais percebe-se uma apropriação da técnica pelo humano, construindo relações que não estão restritas ao mero domínio do humano pela técnica – próprio da modernidade –, mas que incluem diferentes apropriações sociais, culturais e políticas das tecnologias pelos humanos e vice-versa. As mídias de função pós-massivas intensificaram o processo de apropriação social da técnica e evidenciaram a relação de agência humana no contato com esses aparatos, na medida em que proporcionou uma abertura no polo emissor da comunicação, permitindo um acesso mais amplo à produção de conteúdo e informação.

Nas cidades contemporâneas, a conexão generalizada proporcionada pela cibercultura possibilitou que máquinas, pessoas e objetos urbanos estivessem interligados em um ambiente generalizado de conexão, no qual as pessoas criam seus próprios espaços de fala, narram seus cotidianos e se posicionam politicamente. Essas novas práticas são possíveis a partir da emergência de mídias com funções pós-massivas, sucessoras das mídias de massa.

A imprensa, o rádio e a televisão marcaram o início da relação entre as cidades e o modelo comunicacional massivo. No período industrial, os grandes centros urbanos constituíram seus modos de urbanidade a partir dos papéis social e político que essas mídias exerceram na época. A função massiva dessas mídias concentra-se na formação de um fluxo generalizado de informação; do controle editorial do polo de emissão; e, na maioria dos casos, foca em um território geográfico nacional ou local. Essas mídias dirigem-se às massas, ou seja, a um público de pessoas que não se

conhecem, que não estão juntas espacialmente, e têm pouca possibilidade de interação (LEMOS, 2007, p. 124).

As diferentes plataformas de interação social disponíveis no ciberespaço oferecem soluções econômicas para a manifestação de afinidades, simpatias, concordâncias, engajamentos, ou desconformidade, antipatia, discordância, repúdio, etc. As pessoas compõem o quadro de informações que estruturam seus “perfis”, associando-se a comunidades, causas, ideais políticos que agreguem valores àquela forma de existência naquelas plataformas. Nesses espaços, é possível manifestar posicionamentos políticos com recursos como o botão *like* ou “curtir” em *sites* como Facebook (JUNGBLUT, 2015).

Essas e outras formas de ação, segundo Jungblut (2015), podem ser qualificadas como ações políticas de baixa intencionalidade conscientizada, já que normalmente são decididas quase que instantaneamente, após algum estímulo. As pessoas tomam essas decisões de forma rápida, sem muitas ponderações e raramente monitoram seu impacto. Mas este autor defende que, ainda assim, são ações políticas, ou seja, uma forma econômica de ciberativismo.

Para Jungblut (2015), há pessoas que fazem isso com mais frequência do que outras, o que as torna mais ciberativistas; além disso, sempre existirá a possibilidade de uma ação econômica ser a porta de entrada para uma ação com maior grau de intencionalidade conscientizada.

A compreensão dessas ações (curtidas, compartilhamentos, etc.) como formas econômicas de ciberativismo leva à reflexão sobre o caráter político de ações aparentemente sem significado ativista. Neste trabalho, porém, são consideradas as formas de ativismo que envolvam um nível de engajamento em uma atividade que possua como fim específico a transformação de uma realidade.

De acordo com Di Felice (2013), poucos autores destacaram o papel fundamental desenvolvido pela mídia para importantes processos de transformação social e são poucos, ou quase inexistentes, os estudos que atribuem à mídia um papel ativo nas mudanças e formas de emancipação na sociedade. Para o autor, com modos de funcionamento baseado na lógica industrial e nas formas unidirecionais dos fluxos informativos da mídia de massa, torna-se improvável pensar a função social da mídia numa perspectiva de desenvolvimento de processos de emancipação e transformação social num sentido positivo. A função social da mídia limitava-se a distribuir e reproduzir a lógica do consumo e a difusão dos valores e dos estilos de vidas necessários para a reprodução da sociedade capitalista.

Para Nunes (2011), quando a relação com a mídia desloca a ideia do mega e agrega a ideia do pequeno, potencializa a liberdade de expressão, informação confiável e produção cultural própria, torna possível construir um contraponto ao modo de organização da mídia oficial. Com

tais alternativas de expressão, a autora acredita que os valores já não serão mais aqueles estandardizados pelo mercado oficial de bens culturais e, sim, aqueles que constroem a identidade da comunidade ou do grupo que organiza o processo, favorecendo a subjetividade e cidadania.

Os *sites* de rede social virtual tornaram-se um espaço para esse fazer midiático no qual se desenvolvem, segundo Manuel Castells (2013), diferentes tipos de atividade, que não se limitam apenas a amizades ou bate-papos pessoais, mas envolvem *marketing*, educação, criatividade cultural, distribuição de mídia e entretenimento, aplicações de saúde e, também, o ativismo sociopolítico. As possibilidades de expressão nas redes sociais possuem essa dualidade: assim como podem gerar dispersão, informação de má qualidade, etc., podem criar informações de qualidade e alternativas às mídias de massa. Nesse contexto, também estão localizadas as ações ativistas articuladas por indivíduos ou coletivos.

Para Gohn (2011, p. 335) os movimentos sociais caracterizam-se por mobilizar “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. De forma concreta, essas formas assumem diferentes estratégias, que podem variar da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, atos de desobediência civil, negociações, etc.), até as pressões indiretas.

Nesse fazer político, a autora afirma que os movimentos exercitam o que Habermas denominou de agir comunicativo, em que a criação e o desenvolvimento de novos saberes, na atualidade, são também produtos dessa comunicabilidade, expressando ações de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberta. Segundo Gohn (2011), nesses movimentos, energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em “fazer propositivos”.

A internet tem se tornado um novo cenário de mobilizações, denúncias, debates, que revela um movimento de apropriação das redes como mais um espaço de atuação política, conforme afirma Manuel Castells (2013). Para Di Felice (2013, p. 54), com as articulações de ações ativistas no ciberespaço, não houve só uma mudança de cenário, mas as tecnologias proporcionaram uma transformação nas próprias práticas:

o que constitui a característica própria do ciberativismo, ou ativismo online, não se resume à simples incorporação da internet aos processos comunicativos do ativismo, mas inclui a forma como essa tecnologia comunicativa transformou substancialmente o próprio ativismo e os conceitos de participação, espaço democrático, identidade coletiva e estratégia política.

Para o autor, algumas características comuns marcam a qualidade das ações ciberativistas em diversos países: a) As ações têm como origem as redes digitais e continuam nas ruas das cidades, sem deixar a sua dimensão informativo-digital, ao serem filmadas, transmitidas,

fotografadas, postadas e comentadas *on-line*; b) Possuem uma singular não linearidade e apresentam-se como o conjunto de ações não apenas humanas, isto é, não apenas expressões da vontade de um sujeito ator, de movimentos sociais ou de opinião, mas resultado da relação entre os diversos actantes (circuito informativo, dispositivos, *smartphones*, câmeras digitais, redes sociais, movimentos sociais, indivíduos, etc.).

De acordo com Bentes (2009, p. 55), essa rede colaborativa proporcionada pelas tecnologias digitais coloca em cena novos mediadores e produtores de narrativas que surgem como um discurso político “fora de lugar”, que não tem origem na universidade, no Estado, na mídia tradicional, ou em um partido político, mas na voz de indivíduos que passam de “objetos” a sujeitos do discurso, contribuindo com uma renovação do político, e com os discursos mais contundentes sobre racismo, violência policial, pobreza, concorrendo com os discursos da universidade e da mídia. Neste trabalho, compreendemos como “autorias ativistas em rede” as narrativas produzidas por diferentes sujeitos, que se apropriam das tecnologias sociais do seu tempo (oralidade, escrita, música, imprensa, tecnologias digitais, etc.) para a manifestação de um olhar interpretativo sobre o mundo, que demarca posicionamentos políticos de diferentes ordens. As autorias ativistas em rede articulam linguagens, pessoas e os saberes historicamente produzidos pela humanidade para construir um discurso próprio localizado politicamente no mundo.

Essas narrativas construídas em rede envolvem o saber, a identidade e a racionalidade com as quais as pessoas formam o conhecimento sobre o mundo que as cerca. Por meio da interlocução com outras pessoas, adquirem uma compreensão de si mesmas. As mídias constituem-se espaços para trocas comunicativas que possibilitam o partilhar dos dilemas sociais e, principalmente, de ideias propositivas.

Apesar de todo o processo de democratização da autoria apontado por esses autores, e possibilitada inclusive pela cibercultura, é notável uma invisibilização de autorias das mulheres negras na literatura, no jornalismo, na academia, ciência, música, nas telenovelas, em filmes, etc. No entanto, muitas mulheres negras protagonizaram a fala e constituíram suas autorias marginais no período pós-colonial do Brasil.

Com o advento das tecnologias digitais em rede, os processos autorais de mulheres negras se atualizaram seja através da escrita (*blogs*, redes sociais, etc.), da oralidade (*podcasts*, músicas, etc.), como do audiovisual (clipes, vídeos, curtas, filmes, etc.). Porém, essa democratização não atingiu os grupos sociais da mesma forma; no campo do audiovisual, é possível perceber a necessidade de maior avanço, no que diz respeito às autorias de mulheres negras.

3.4 Análise sobre a construção de narrativas audiovisuais de mulheres negras no YouTube

No contexto da discussão sobre apropriação política do ciberespaço, situamos a prática autoral e ativista de três mulheres negras acerca da identidade estética da mulher negra no YouTube. Analisamos as suas experiências do ponto de vista da ação ativista que desenvolvem nessa plataforma.

3.4.1 As experiências autorais de mulheres negras no YouTube - do “não lugar” à “existência”

O histórico do audiovisual revela que a presença da população negra nessas produções é ainda invisível, do ponto de vista da autoria. No que se refere ao protagonismo nas telenovelas, ou no telejornalismo, é possível notar que negros e negras são representados por estereótipos específicos.

De acordo com os dados do relatório Diversidade de Gênero e Raça nos Lançamentos Brasileiros de 2016, primeiro estudo com recorte racial desenvolvido pela Agência Nacional de Cinema (Ancine), apresentado em 2018, nenhum dos 142 longa-metragens produzidos no Brasil, no ano de 2016, foi dirigido por mulher negra. Os dados mostram que 75,4% dos longas são dirigidos por homens brancos; 19,7% por mulheres brancas; e apenas 2,1% tiveram a assinatura de homens negros na direção. De acordo com o levantamento, nenhum filme, nesse mesmo ano, foi dirigido ou roteirizado por uma mulher negra.

A análise apresentada pela Ancine (2018) revela que o domínio de homens brancos não está restrito à direção, mas engloba as principais funções de liderança no cinema. Esse cenário demonstra que as histórias exibidas nas telas do País, que são produzidas por brasileiros, têm sido contadas majoritariamente do ponto de vista dos homens: “68% deles assinam o roteiro dos filmes de ficção, 63,6% dos documentários, e 100% das animações brasileiras de 2016”. Os dados apontam ainda que os homens dominam as funções de direção de fotografia (85%) e direção de arte (59%).

Ao tratar dos elencos, o estudo evidencia uma sub-representação da população negra nas narrativas cinematográficas, mesmo diante da formação sociorracial do Brasil, que possui cerca de 53% dos habitantes autodeclarados negros (pretos e pardos). Dentre os 97 filmes brasileiros de ficção lançados em 2016, o percentual de negros no elenco foi de apenas 13,4%. Os dados demonstram que o sexismo e o racismo estruturam os processos de autoria no campo do audiovisual, o que revela a baixa representatividade das mulheres negras, especialmente, para processos criativos de direção e roteiro.

Esses dados tornam evidente a apropriação da linguagem audiovisual por mulheres negras e a publicização de suas narrativas como um processo que caminha no sentido contrário às

estatísticas. Há, nessas construções, a afirmação de uma autoria que tem sido interdita pelo racismo estrutural.

Retomando os elementos da pesquisa empírica desta tese, apresentamos os significados atribuídos por Ana Paula Xongani ao seu canal. A vlogueira afirma que a construção do seu canal de vídeos é parte do desejo de tornar-se autora da sua própria história, assim como historicizá-la: *“Eu queria contar essa minha história, né?! Ser protagonista da minha própria história né?! E aí quando eu penso: Ah, como é que vou contar essas minhas histórias?”* (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017)

O processo é significativo se considerarmos o apagamento e as invisibilidades das autorias de mulheres negras no pós-abolição, que denotam a realidade de sexismo e racismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2016) enfrentada em diferentes âmbitos – acadêmico, literário, musical, jornalístico, etc. Em contrapartida, a história revela que mulheres negras constituíram suas autorias para além do processo de interdição.

Ana Paula Xongani que, além de empresária no ramo da moda, é administradora de um canal de vídeo, encontrou, na linguagem audiovisual, possibilidades para a sua autoria.

Como eu vou me colocar nesse mundo de alguma forma, eu logo penso na linguagem audiovisual por que eu acho que eu me sinto mais confortável. Eu sou disléxica, né?! Então, apesar que ultimamente eu venho me arriscando a escrever um pouco mais, eu sempre tive receios, talvez, de escrever, e dificuldades também. Dificuldades e receios. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

Ao apontar a linguagem audiovisual como forma de posicionar-se no mundo, a vlogueira revela um dos significados políticos que, para ela, o canal possui. O posicionamento por meio da oralidade no audiovisual foi um processo de autoria mais acessível já que identificava dificuldades em operar com a linguagem escrita.

Eu lia muito linguagem de internet mesmo, assim, posts e discussões, e eu sempre tive vontade de me colocar ali mas com essa minha dificuldade de escrever eu falava: “não, talvez não seja esse o caminho: me colocar ali a partir da escrita, né...”. Admirava muito, mas não conseguia me colocar. E, aí, eu comecei a perceber que falando eu me colocava muito bem. Eu gostava do meu resultado, falando assim... Quando eu ia para os debates presencialmente, eu gostava do que eu falava. Eu achava que a minha fala de alguma forma impactava nas pessoas [...]. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

Operar o discurso é um processo que envolve poder, articulação, diálogo. Numa sociedade em que há hierarquização entre narrativa escrita e a que advém da oralidade (PETIT, 2015), escrever é poder. Porém, no contexto cibercultural, é notável o retorno à oralidade (LE MOS, 2010). As produções audiovisuais exploram uma linguagem híbrida em que a imagem e o som são os principais elementos da comunicação. Na experiência dessas mulheres, percebe-se que os dois elementos são importantes na constituição da narrativa. A oralidade, como tecnologia, remete às práticas ancestrais africanas de narração. A tradição oral possibilita, para esses e outros povos, o

"[...] testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra" (VANSINA, 1982, p. 159). Os contos populares, mitos, as histórias etiológicas, a poesia e as narrações históricas são exemplos desse tipo de narrativa.

A relação entre a oralidade e os processos formativos é muito próxima, na medida em que a tradição oral envolve uma forma de aprendizagem que dura anos e nunca é considerada acabada. Segundo Bâ (1982, p. 208), "[...] todos os dias, costuma-se dizer, o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu. Assim, a educação podia durar a vida inteira".

Essa aprendizagem na tradição africana está diretamente relacionada à interpretação da vida, como fazem as mulheres negras em seus canais. "[...] a tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o 'Conhecedor' é um 'especialista'. Na maioria das vezes, é um 'generalizador'." (BÂ, 1982, p. 187).

Nesse caso, o principal método de aprendizagem é a experiência vivida (PETIT, 2015). Para Bâ (1982, p. 193), é mais importante aprender poucas palavras e vivenciá-las do que encher-se de palavras não experienciadas, "[...] pois existem coisas que não 'se explicam', mas que se experimentam e se vivem". Ou seja, a aprendizagem envolve vivência, experiência – principal base dos processos formativos articulados pelas vlogueiras em questão.

Ana Paula Xongani resgatou, ao falar dos seus processos formativos, experiências da infância que para ela foram fundamentais para a sua ação ativista. “Na infância sempre tive contato com a cultura negra, cultura afro, sempre nos movimentos sociais, minha mãe era da pastoral da saúde, eu fazia dança afro, escoteiro, natação, *ballet*, artes plásticas, tudo assim”. A construção da sua identidade como mulher negra se para além dos espaços formais, por meio de experiências que remontam sua infância e adolescência.

Eu sempre falo que eu aprendi a ser uma mulher negra, né, o descobrir-se negra foi junto com o descobrir andar, descobrir falar, tudo, fui ensinada. Por ser filha de pais ativistas fui ensinada. Tipo, eu sempre usei cabelo natural, nunca alisei o cabelo na vida, a única coisa que eu falo até nos vídeos, e nos movimentos, nossa eu cresci, essas rodas de diálogo que eu faço hoje, nossa, eu cresci brincando, então, mas querendo ou não a gente ouve né? (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2019).

A trajetória de militância de Ana Paula foi marcada pela convivência com mulheres negras do movimento negro que contribuíram, mesmo que de forma indireta, na convivência, para a construção da sua identidade étnico-racial.

Eu lembro muito dessas líderes de São Paulo mesmo, mulheres que hoje são...elas eram meio que minhas tias, sabe?! Tipo, a Gilda, Sueli Carneiro, a Conceição Evaristo, elas eram meio minhas tias, estavam tudo em volta assim, na minha infância, enfim, pra mim eram pessoas que tavam alí e eu junto mas, então eu não tive um brusco de tornar-se negra ou descobrir minha negritude, foi tudo de forma muito sutil sendo descoberto ao longo tempo. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2019).

A experiência como mulher negra no YouTube trouxe para Ana Paula Xongani outras questões a respeito da identidade que perpassavam pela tonalidade da sua pele retinta.

Por mais que eu não tenha me tornado negra eu me tornei escura, que foi a discussão do colorismo, de descobrir que eu era escura, que eu tinha o cabelo crespo e não cacheado, isso sim, foi um processo tardio, já no YouTube, já com vinte e poucos anos, (a gente até já conversou sobre isso) e foi um grande choque, um grande baque, tipo, mano então, é isso agora a gente tem a revolução da negritude, não sou eu que posso representá-la? (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2019).

Ana Paula reconhecia na sua experiência singular saberes e conhecimentos que considerava relevantes para pensar a sua negritude, assim como afirmava o valor do relato de experiência de mulheres negras que descobriram tardiamente a sua identidade estética negra.

Eu comecei a perceber que a maioria das pessoas que falavam sobre negritude no YouTube, era exatamente isso, meninas jovens que acabaram de se descobrir negra, e descobrir o ativismo e tavam ali pesquisando e tal. Isso tem grande valia. Mas eu tinha algo tão valioso quanto, que era o conhecimento empírico, o conhecimento a partir das experiências, enquanto as pessoas tavam alí teorizando o MNU que é o movimento negro unificado, eu tinha um conhecimento empírico, eu cresci dentro do MNU, enquanto as pessoas tavam alí organizando, sistematicamente, inclusive, academicamente o que é o movimento negro, eu tinha mil e uma histórias pra contar, sobre o que é o movimento, sabe? Enquanto as pessoas tavam descobrindo o seu cabelo natural, eu tinha mil e uma histórias pra contar desde a infância com o cabelo natural. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2019).

Neste caso, as vivências relatadas foram a base de uma narrativa que se pretende ativista, modificadora de dada realidade. Pronunciar-se era um ato que provoca a realidade das coisas. Segundo Ana Paula Xongani, ainda que a sua narrativa fosse compartilhada numa plataforma na qual identificou o racismo estrutural, existia na sua visão um potencial de transformá-la na articulação da sua fala quando atingia outras pessoas, o que dava sentido a essa prática comunicacional.

Pra mim, o YouTube apesar de ser uma ferramenta que está dentro de uma estrutura racista, hegemônica, cara, eu acho que consegui de novo alcançar a minha inteligência ancestral, da oralidade para transformar as pessoas que estão perto de mim. E pra mim faz muito sentido. Eu poder falar. Me comunicar a partir da fala, da oralidade, e atingir outras pessoas. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018).

O poder transformador de atingir outras pessoas com a sua leitura de mundo, por meio da oralidade, para ela uma tecnologia ancestral, confirma que o discurso gera diferentes inquietações nos sujeitos: diante do que é o discurso em sua realidade material de ferramenta escrita ou pronunciada; inquietação diante de sua duração transitória, destinada a se apagar e que não é regida pelos sujeitos; inquietação de perceber, na atividade cotidiana do discurso, poderes e perigos inimagináveis; inquietação diante de um elemento que supõe lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões (FOUCAULT, 2012).

Na fala dessa mulher negra, nota-se como as diferentes linguagens – oralidade e escrita – representam sistemas de poder, na medida em que o seu domínio possibilita ou não autorias e

trocas comunicacionais em pequena ou em maior amplitude. Com a abertura do polo emissor na comunicação, por meio das mídias pós-massivas, tornou-se notável a difusão de narrativas na internet com as mais variadas características.

[Quanto é importante] ter a possibilidade de ferramenta em vídeo e poder verbalizar as coisas... o quanto que a informação era nichada, enquanto ela apenas escrita. Aí, você tem a possibilidade do vídeo, e aí essa informação pode ser distribuída. Quanto mais democrático é a comunicação, a partir do momento em que você pode criar de várias formas. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em outubro de 2017).

É notável que a abertura do polo emissor no contexto da cibercultura fez crescer o fluxo comunicacional e que plataformas como o YouTube representam novas possibilidades de distribuição de narrativas. No entanto, é possível também perceber que esses discursos não circulam livremente e os procedimentos de interdição do discurso, descritos por Foucault (2012), estão ainda evidentes no contexto cibercultural.

Para Foucault, em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos. E esses procedimentos têm como função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, e evitar sua “pesada e temível materialidade”. Afinal, com o discurso é possível dominar grupos.

As sociedades de tradição oral, como as africanas, são frequentemente consideradas inferiores às ocidentais modernas, por não assumir a escrita como tecnologia central para veicular o saber e sua herança cultural (PETIT, 2015). Com isso, o audiovisual, no contexto da cibercultura, recupera uma relação entre oralidade e difusão de narrativas, e amplia as formas de democratização na circulação do discurso, ainda que a hierarquia entre oralidade e escrita permaneçam vigentes.

Discutir autoria de mulheres negras requer reflexão sobre como as suas narrativas religiosas, afetivas, estéticas, literárias, etc. (predominantemente de tradição oral) foram silenciadas durante o processo de escravização. O silenciamento proveniente do processo de desumanização articulado pelos colonizadores não extinguiu totalmente as autorias diversas das populações afrodescendentes no Brasil; porém, trouxe consequências negativas. A entrada tardia no processo de escolarização, por exemplo, distanciou as pessoas negras da possibilidade de se expressarem pela escrita no pós-abolição. Para Ana Paula Xongani, expressar-se por meio de outras linguagens foi um processo de inclusão, que não excluiu o seu desejo pelo domínio da escrita.

Quanto que o vídeo possibilita democratização de existência. Porque pra mim a comunicação é existência. E isso é muito forte. E agora eu vou chorar. (A entrevistadora ri) É porque eu sempre admirei muito as pessoas que escrevem, só que eu não escrevo. Muitas vezes eu fui silenciada por essa prática hipervalorizada e hegemônica que é a escrita. Que a gente teve acesso muito mais tarde. Que nem todo tem esse talento. Porque

eu tenho certeza que muita gente que escreve não tem a capacidade de atingir o outro a partir de sua fala, né?! [...] Eu ainda não achei caminhos, venho procurando, né?! Porque também quero estudar mais. Quero ser mestre. Quero enfim, me comunicar com a escrita, é importante. Sabe?! Mas eu ainda não... Mas, o vídeo me permite. com (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em agosto de 2017).

Em torno da escrita, especialmente aquela veiculada pelo meio impresso, a credibilidade e autoridade eram questões muito bem estabelecidas, o que se transforma, com as tecnologias digitais em rede, por criarem outros sistemas de avaliação, distribuídas para substituir o modelo de edição centralizada (MARTINS, 2014).

A criação e circulação de narrativas é uma prática que possibilita múltiplas expressões de leituras de mundo. Neste trabalho, compreende-se o ato de narrar experiências como forma de criação de memórias, atribuição de significados aos acontecimentos e experiências. As narrativas podem ser difundidas por diferentes linguagens e o seu processo de construção pode se constituir por si só um processo formativo, especialmente quando é feito em rede, em diálogos com outros atores. Nesta sessão, analisa-se como se deu a construção das narrativas audiovisuais de três mulheres negras no YouTube, no período de 2016 a 2018. Com isso, evidencia-se parte da argumentação sobre como essas três mulheres negras articulam processos formativos nessa plataforma.

Inicialmente, situa-se a narrativa num contexto sócio-histórico, bem como explicita-se o papel que exerce para o próprio narrador; já que, na experiência das mulheres negras que participaram da pesquisa, o discurso que circula em seus vídeos é parte de um contexto social que diz respeito a um coletivo de mulheres negras. As análises também demonstraram como essas narrativas exerceram um papel de organização das experiências de vida de cada uma dessas mulheres negras no tempo presente.

Para adentrar nas narrativas constituídas pelas mulheres negras, nesta pesquisa, foi importante compreender o ato de narrar como uma prática organizadora da experiência humana, que envolve dimensões da individualidade e coletividade na qual está imersa a narradora. Numa perspectiva ocidental, a narrativa desempenha um papel elementar no patrimônio da humanidade. Para Benjamin (1987, p. 205), narrar envolve um movimento que nasce no interior do narrador e flui para fora dele.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. **Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.** Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (grifo nosso).

A arte narrar, enfatiza, está em vias de extinção e relacionada a uma faculdade fundamental ao ser humano, que é a de trocar experiências.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: **a faculdade de intercambiar experiências.** (BENJAMIN, 1987, p. 197, grifo nosso).

Na tradição africana, a figura do/da *griot* representa aqueles/as que viajam de região em região, aprendendo e transmitindo as memórias comunitárias e dos grandes clãs e famílias, e com isso reforçando o sentimento de identidade e pertencimento. Os/as *griots* são, respectivamente, guardiões/ãs da memória histórica dos africanos, mestres/as da palavra, que transmitem valores e conhecimentos ancestrais. Ofertam também aconselhamentos e intermediações em conflitos (PETIT, 2015).

Nesse sentido, é possível perceber aproximações nas narrativas das vlogueiras, que produzem, na contemporaneidade, memórias e criam territorialidades virtuais a partir do reconhecimento de um pertencimento étnico-racial. A prática das vlogueiras de narrar os acontecimentos com tecnologias ancestrais, como a oralidade, aproxima-se de uma “pretagogia” (PETIT, 2015), por potencializar os processos formativos com elementos da ancestralidade africana.

No contexto da cibercultura, o ato de narrar experiências tem se tornado cada vez mais comum por meio de imagens, textos e vídeos que circulam na internet. No entanto, é necessário avaliar em que medida existe o intercâmbio de experiências. Núñez (2009) aponta que, devido ao ritmo acelerado de vida, as pessoas têm sintetizado cada vez mais as suas narrativas e as tecnologias digitais dificultaram o desenvolvimento da habilidade humana de ouvir e transmitir de forma oral as suas histórias.

A antropóloga Paula Sibilia (2008, p. 236), entre outros autores, aponta que “qualquer um pode ser autor” e não apenas leitor, e a ideia provocou uma diminuição dos leitores e aumento dos autores. Ou seja, para ela, a tendência de democratização da fala, que aumenta a quantidade de autores, causa forte queda do público leitor, já que as mesmas pessoas que produzem seus relatos autobiográficos na *web 2.0* são as que interagem com a criação dos pares.

Segundo a autora, esse dado revela que, para além da qualidade da obra, não é necessário que seja lida de fato. Em concordância com essa perspectiva, Núñez (2009) defende que, atualmente, se vive numa situação em que cresce o número de indivíduos com possibilidade de comunicação, no entanto, com menor disposição para ouvir. No entanto, é possível perceber um retorno ao ato de contar histórias, pois estamos substituindo a fogueira tribal, em volta da qual eram narradas as histórias, pelo foro da internet, a televisão interativa ou o telefone celular.

De acordo com Núñez (2009, p. 103), atualmente, sobressaem as narrativas centradas em memórias, diários e agendas em literatura, nos formatos *reality show* e na figura do protagonista-

narrador nos conteúdos de ficção. Segundo o autor, o exercício de construir sua própria história auxilia na saúde psicológica do sujeito; ajuda a resolver conflitos ou problemas emocionais.

Para Núñez (2009, p. 59), as narrativas, na internet, “são muito mais horizontais, acessíveis e exequíveis que as tradicionais” e, com isso, um número crescente de pessoas as utiliza para obter histórias que lhes tragam sentido vital e identidade. Uma história pode estimular a pessoa que a ouve a contar outra história, estimula a participação e, além disso, ajuda as pessoas a resgatarem suas próprias histórias e dar sentido a elas.

A seguir, apresentaremos as principais características dessas narrativas. Os elementos que orientaram a análise das narrativas audiovisuais contidas nos três canais foram: a) Conteúdos discutidos e argumentos articulados nos vídeos; b) Especificidades dos processos de construção dos vídeos; e c) Trocas comunicacionais estabelecidas a partir do compartilhamento dos vídeos. Para isso, foram catalogados e analisados, durante o período de observação, dez vídeos elaborados pelas três mulheres negras participantes da pesquisa.

3.4.2. Conteúdo das narrativas audiovisuais de mulheres negras no YouTube - principais características

As narrativas audiovisuais produzidas por essas três mulheres têm em comum: a) A temática central dos canais (identidade estética das mulheres negras); b) Relação direta das narrativas com suas histórias de vida; c) Suas experiências com o racismo; e d) Interesse por apoiar outras mulheres negras no enfrentamento do racismo na sua vida cotidiana. Frequentemente, elas evocam experiências vividas na infância, adolescência, e também na vida adulta, relacionadas às questões raciais e suas experiências são relatadas a um público com o qual possuem identificações étnico-raciais, as suas seguidoras.

Do ponto de vista do conteúdo, observa-se que os “fragmentos das histórias de vida” dessas mulheres constituem-se como elementos centrais das narrativas, por meio dos quais elaboram interpretações e leituras críticas de fatos do cotidiano, especialmente aqueles que tratam de questões raciais.

Percebe-se, ainda, que o tema central das discussões nos vídeos centra-se nas “identidades estéticas das mulheres negras”; e as narrativas possuem um “caráter ativista”, ao tratar das questões de gênero e raça nos canais. Para caracterizar as narrativas do ponto de vista dos seus conteúdos, descrevemos como esses elementos são evidenciados nos vídeos e em discursos das participantes da pesquisa. Esses três elementos são apresentados separadamente, por divisão temática, como artifício analítico, já que nas experiências observadas apareceram de forma imbricada.

a) Histórias de vida

Os primeiros vídeos publicados em dois dos canais analisados – de Gabi Oliveira e Luciellen Assis – são iniciados com relatos sobre experiências com o cabelo, enquanto que Ana Paula Xongani iniciou o canal com um espectro mais amplo, pois inclui vídeos sobre moda afro, beleza, autoestima, cabelo (infantil e *dreads*). No decorrer das observações, percebeu-se que a base da narrativa construída pelas três vlogueiras eram suas experiências pessoais como mulheres negras.

Relatos da infância e experiências com o cabelo

As experiências com o cabelo possuem centralidade nos vídeos inaugurais dos canais de Gabi Oliveira e Luciellen Assis. Ambas expõem suas experiências negativas na infância e positivas durante o processo de transição capilar, e constroem narrativas que abrem possibilidades de diálogo com outras mulheres negras que também vivenciaram os impactos negativos do racismo na construção da própria identidade estética no quesito do cabelo crespo. Em suas falas, demonstram que buscam criar um processo de identificação com suas interlocutoras e também persuadi-las a trilhar trajetórias semelhantes de construção de uma autoimagem positiva que, inicialmente, se centra na desconstrução de um olhar negativo sobre seus cabelos crespos, marginalizados socialmente, de acordo com seus relatos.

O olhar negativo sobre o cabelo é comum na trajetória das vlogueiras Luciellen Assis e Gabi Oliveira, principalmente durante a infância. Para elas, a experiência com a falta de representatividade de mulheres negras com cabelo crespo na mídia, bem como as vivências na escola, contribuíram para um olhar negativo sobre si. As suas falas indicam que essas experiências negativas eram muito comuns, entre mulheres negras. Gabi Oliveira, em um de seus relatos, descreve como a escola foi um espaço, para ela e outras mulheres (também negras), de contato com as multifacetadas do racismo.

Estava eu sentada numa mesa conversando com várias outras meninas negras e a gente estava lá conversando de boa sobre como a gente tá bonita, como a gente tinha se descoberto [...] E aí de repente o papo chegou no assunto mais triste da história de todas nós: o colégio. [...] É claro que ninguém na mesa tinha sido escolhida como a mais bonita da sala, né? (Trecho de Vídeo do Canal DePretas com Gabi Oliveira⁵⁵).

Em seu relato, Gabi Oliveira descreve que na escola foi chamada de “macaca” e “fedorenta”; que tinha medo de ser perseguida pelos colegas e lembrou que muitas vezes ia pegar ônibus com medo de ser alvo de “zoação”, o que demonstra ser, a escola, um importante espaço no qual se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra para muitas crianças brasileiras. De acordo com Gomes (2002), a instituição escolar aparece de forma recorrente nas

⁵⁵ Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=txTJMcXdB20&t=140s>. Acesso em: 20 fev 2019.

lembranças de pessoas negras como espaço de reforço dos estereótipos e representações negativas sobre o negro e seu padrão estético.

Gabi Oliveira conta que começou a relaxar o cabelo com 4 anos e que não conhecia o próprio cabelo. Para ela, cortá-lo trouxe liberdade e representou uma conquista que estava para além do cabelo por si só, mas que perpassava a recuperação de autoestima, a consciência da razão pela qual não admirava a própria estética, como foi possível compreender pelo seu discurso: “*Pra mim transição é muito mais do que cabelo [...]. Com a transição eu acordei pra muita coisa que eu sabia por alto, mas eu não entendia direito, muitas questões sobre ser mulher negra, sobre racismo*” (Trecho de vídeo do Canal DePretas com Gabi Oliveira)⁵⁶.

Um dos motivos que a fizeram falar sobre cabelo foi a ausência de mulheres com cabelo tipo 4, como é o seu caso. Foi possível perceber seu interesse em compartilhar a própria trajetória com outras mulheres que vivenciaram experiências semelhantes:

eu gosto muito de falar sobre cabelo porque eu acho que ainda falta essa representatividade aqui. Principalmente das meninas tipo 4. Tem muita blogueira aí de cachos, e a gente [mulheres negras com cabelo tipo 4] tá meio aí jogada pro lado pelas empresas, pela mídia (Trecho de vídeo do canal DePretas com Gabi Oliveira)⁵⁷.

Ao compartilhar as suas histórias com a transição capilar, demonstram estar sempre em busca por conexão com a história de vida de outras mulheres negras e por atribuir sentido às suas vivências e ainda almejam provocar reflexões. No trecho a seguir, Gabi Oliveira incentiva outras mulheres à reflexão sobre as motivações que as levaram ao processo de retorno ao cabelo natural.

Mas eu acho que a primeira coisa que você tem que pensar: você está sendo influenciada a entrar em transição? Você está entrando em transição por uma onda? Ou você quer realmente se descobrir, se aceitar, conhecer seu cabelo, conhecer quem você é, conhecer as suas origens... Olha, a transição me abriu muito a mente, eu li muita coisa por causa da monografia também. E eu te incentivo a isso. A buscar se conhecer. Não busque a transição só porque outras pessoas estão passando pela transição. Passe porque no final você vai descobrir quem é você, simplesmente um você que você tinha renegado a vida toda. (Trecho de vídeo do canal DePretas com Gabi Oliveira).

A transição capilar não é descrita como processo livre das nuances agressivas do racismo. Gabi Oliveira relata que, durante a transição, nutria a expectativa de que seu cabelo se tornaria cacheado como o de outras mulheres do YouTube e nessa intenção entra em uma busca desenfreada por muitos produtos de cabelo, até compreender que o seu cabelo é crespo e que precisava encontrar referências que parecessem com ela. No mesmo vídeo, a autora do *vlog* sugere que as mulheres buscassem referências que parecessem com elas e finalizou o vídeo com uma apresentação de canais de mulheres negras crespas como ela com as quais ela se identificava.

Outras vivências com racismo também são descritas nas narrativas audiovisuais sobre o processo de transição. Luciellen Assis construiu um vídeo reproduzindo os comentários que

⁵⁶ Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=txTJMcXdB20&t=140s>. Acesso em: 20 fev 2019.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=txTJMcXdB20&t=140s>. Acesso em: 15 fev 2019.

escutou depois de assumir o cabelo natural, dentre eles, sugestões de tratamentos, indicação de salões, sugestões de retorno a uma aproximação à estética branca: “É peruca? Pra que esse volume todo? Quantas vezes por semana lava o cabelo? É verdade que cabelo crespo não cresce direito? Posso pegar? Nossa, é macio, cara! Porque você não deixa mais definido? Cabelo arrumado é cabelo liso! Vixe, tu é corajosa, eu não tinha coragem de cortar desse tamanho não”⁵⁸. Para resistir a esse contexto opressor, Luciellen Assis sugere: “*Não se frustrem com as primeiras palavras ruins que vocês ouvirem do seu cabelo*”⁵⁹.

Como artifício de incentivo e conexão entre as suas histórias de vida e a das suas seguidoras, vlogueiras como Luciellen Assis e Gabi Oliveira também mostram fotos do processo de transição capilar e sugerem às suas interlocutoras que busquem um olhar positivo sobre si mesmas, olhar que, segundo elas, não deve depender das narrativas construídas pela mídia. Luciellen Assis finaliza seu vídeo sobre transição capilar com frases como “*Ame seu crespo*”; “*Se ame do jeito que você é*” (Fig. 16).

Figura 16 – Reprodução de imagens do processo de transição de Luciellen Assis



Fonte: (ASSIS, 2015)⁶⁰

⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pKsfPe0vskw>. Acesso em: 20 fev 2019.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P3eC0y7am38>. Acesso em: 2 mar 2019.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pKsfPe0vskw>. Acesso em: 12 fev 2019

Ana Paula Xongani afirma que não viveu o processo de transição, pois, segundo ela, desde a infância, seus pais, militantes, construíram outros olhares para o seu cabelo natural. Para ela, sua história de vida se distingue das outras vlogueiras como Gabi Oliveira e Luciellen Assis, e essa diferença faz da sua história uma referência complementar às demais, e demonstra que suas experiências não são homogêneas. “*Meu, se eu tenho uma história diferente das meninas que são hoje postas no YouTube: Não passei pelo BigChop, não me descobri negra, eu não me tornei negra. Eu tinha uma história ali um pouco diferente, assim, sempre soube que eu era negra porque eu tinha pais militantes, eu nunca alisei meu cabelo*”, afirmou Ana Paula Xongani, que teve sua narrativa no YouTube iniciada sem foco na questão do cabelo e da transição capilar. Sua experiência com o cabelo foi relatada a partir da ótica de uma mulher com *dreads*.

A autora, ao falar da sua experiência com o cabelo natural, relata em um dos seus vídeos como o seu cabelo endreadado despertava questionamentos que revelam como a estética negra ainda é marginalizada, ao ser sempre associada, no caso dos *dreads*, à sujeira. “*Você lava? É limpo? Cheira mal? Fede? Como você faz pra lavar?*” - foram algumas das perguntas, citadas por Ana Paula Xongani, e que faziam parte do seu cotidiano.

Para ela, expor seus *dreads* e falar sobre eles no YouTube, representa uma contribuição à trajetória de outras garotas que estavam no processo de retorno ao cabelo natural, pois, em muitos momentos, faltam referências de penteados, estilos e cortes para cabelos crespos, especialmente do tipo 4, já que são sempre invisibilizados pela mídia e pelo mercado de beleza.

Eu sei que a gente tá numa fase de descoberta do nosso cabelo, muitas meninas acabaram de passar pela transição, acabaram de atingir o cabelo dos sonhos. Mas ok, não é porque você atingiu esse cabelo que você nunca mais pode mudar. Eu quis fazer esse vídeo, porque eu queria que as meninas soubessem que existe mais uma opção de você ter cabelo natural e ter um cabelo cumprido [...]. Pra que a gente entenda que somos lindas como nós somos, que nós temos muitas opções e que o *dread* é só um cabelo. Então, se você como eu quer quebrar esse monte de paradigma, esse monte de informação equivocada, compartilhe esse vídeo. (Trecho de vídeo de Ana Paula Xongani)⁶¹.

A resistência aos padrões de beleza é um dos motivos mais importantes do processo de retorno ao cabelo natural, revelando que a mudança estética proposta por elas possui também um caráter político, ao afirmar socialmente o valor do cabelo crespo e suas diversas possibilidades. A resistência aos padrões de beleza perpassa por uma luta da mulher negra que envolve a conquista de espaços de trabalho, afetivo e midiático.

As experiências pessoais relatadas nos vídeos que abordam suas experiências com o cabelo natural aproximam-se de um caráter ativista demonstrado pela construção intencional de novas narrativas sobre o cabelo crespo. As histórias de vida se constituem como a base da ação

⁶¹ Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=sG2FrMsL4ZQ>. Acesso em: 13 jan 2019.

política dessas três mulheres negras no YouTube. Assim, o ativismo protagonizado parte dos acontecimentos das suas vidas cotidianas para o YouTube, e vice-versa.

Relatos da vida adulta e experiências com a maternidade

O relato de Ana Paula Xongani postado no YouTube como mãe de uma criança negra, ao visitar a escola da filha, avaliou aspectos da estrutura física, bem como de decoração, literatura adotada. Esse relato demonstrou como os acontecimentos cotidianos, ligados às questões raciais, são compartilhados numa perspectiva de exposição de um olhar crítico sobre fatos cotidianos que revelam o racismo estrutural, muitas vezes pouco percebido por outras pessoas no cotidiano.

Quando eu chego na escola e começo a dialogar com essa instituição de ensino, do meu lugar de fala como mãe de uma criança preta, preocupada com as questões sociais, de uma menina muito participativa, que gosta muito de literatura, eu percebo que eu preciso estar atenta ao que vai ser dito a ela nesse ambiente escolar. E não só a parte da literatura, mas tudo que a escola tinha pra oferecer. Desde as imagens dos muros; desde os diálogos entre as professoras, eu percebi que a gente precisa estar presente ali. E numa dessas idas a escola, eu comecei a avaliar a escola, né?! (Trecho de vídeo de Ana Paula Xongani)⁶².

As falas das vlogueiras constantemente convidavam os seguidores dos canais a conectar essas experiências com aquelas que cada espectador vivencia, numa busca por iluminar as nuances do racismo no cotidiano das pessoas, como foi possível perceber no trecho de vídeo de Ana Paula Xongani: “*E vocês, Xongs, o que você acham disso tudo? O que vocês acham que tem de bom e ruim quando a gente revela o que tem por detrás dessa fantasia social que a gente está vivendo? Um beijo, quero conversinhas gostosinhas aí nos comentários*”⁶³.

A busca pela relação com os seguidores, por meio de interações, caracteriza outro elemento da prática ativista dessas mulheres no YouTube, ainda que elementos apresentados em capítulo posterior demonstrem que as trocas não eram frequentes. A forma como a autora do *vlog* analisou a escola e propôs soluções para aqueles desafios vivenciados como mãe negra, revelou também como a sua história de vida provocou a articulação de ações ativistas na rede.

E eu a achei muito problemático, o ambiente escolar no qual ela ia estudar. E... decidi trazer isso pro canal. Decidi não só problematizar esse ambiente escolar, mas como também trazer soluções, né?! Pois como sempre digo, que a gente tem que ser propositiva, né?! Tem que propor alguma coisa. Então, eu fiz uma crítica, né?! Que é uma das conversas mais requintes, que eu fiz uma crítica aos livros da escola, mas também junto a essa crítica propiciada a literatura, eu entendia que ia contribuir para a construção da autoestima dela. (Trecho de vídeo de Ana Paula Xongani).

⁶² Trecho do vídeo Peppa NÃO! - Resenha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 13 fev 2019.

⁶³ Trecho de vídeo: AS MARCARÁS ESTÃO CAINDO! NÃO É BOM?! | Ana Paula Xongani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIEYP7XsuNE>. Acesso em: 13 fev 2019.

Ana Paula Xongani narra no vídeo sua experiência de mãe, mas localizada dentro de sua experiência de mulher negra, e ao compartilhá-la, tendo em vista que é uma realidade estrutural, a vlogueira cria uma autoria situada na sua condição de gênero e raça, bem como num tempo histórico específico.

Relatos da infância e da vida adulta se interconectam

A crítica feita por Ana Paula Xongani, como mãe, à literatura adotada pela escola da sua filha, torna-se tema de três vídeos sobre o livro *Peppa*, em que ela analisa como a narrativa literária reproduz o racismo⁶⁴. É visível como as experiências de vida de Ana Paula, relatadas em seus vídeos, revelam a maneira como a sua narrativa articula uma análise histórica de como a condição de mulher negra atingiu tanto a sua infância como a vivência da maternidade.

Mas quando a gente começa a comparar a minha infância com a infância da minha filha, eu comecei a descobrir que as revoluções foram muito pequenas. Porque eu percebi que eu tava comparando a minha vida com a vida dela hoje, como que foi a minha há 30 anos atrás. [...] Daí eu comecei a saber que eu estava assistindo minha própria história. Que eu estava assistindo a minha própria infância. Que pouca coisa tinha mudado. E que eu tinha que assumir agora o papel de minha mãe: de ser uma mulher potente, de ser uma mulher que passa a ir na escola [...] de ser uma mulher que de todas as formas me protegeu para que quando eu enfrentasse o racismo, eu fosse minimamente mais forte. (Trecho de vídeo de Ana Paula Xongani).

Para Ana Paula Xongani, há uma descoberta da continuidade histórica nas experiências geracionais que envolveram sua mãe, ela e a própria filha, no que tange às questões raciais. Esses relatos produziram, por si só registros biográficos, que perpassam pela construção de memórias e também por reflexões sobre elas. Os relatos do cotidiano, portanto, provocam reflexão, geram um saber da experiência compartilhado no vídeo, por meio de fatos da própria história de vida.

Os relatos compartilhados tinham como fato recorrente a experiência com o racismo na infância e também na vida adulta e a exposição desses acontecimentos pareciam ser uma crítica à sociedade racista, que deixou marcas na formação da identidade de pessoas negras, como é evidenciado no relato de Gabi Oliveira: “*Quando eu era criança eu era atormentada pelo personagem a negra maluca*”⁶⁵. *Sim, esse tipo de representação afeta em muito crianças. Eu odiei o fato de ter lábios grossos por muiiito tempo por causa disso, mas hoje eu amo os meus lábios*”. (Gabi Oliveira, trecho de vídeo *Tour pelo meu rosto*)⁶⁶.

⁶⁴ Esse evento será melhor analisado na sessão sobre o caráter ativista das narrativas audiovisuais.

⁶⁵ Personagem de uma música composta por Evaldo Ruy e Fernando Lobo, em 1950, que criou a música após presenciar uma cena em um bar, em que uma mulher negra apareceu com uma criança e queria a todo custo entregá-la a um dos frequentadores do bar, gritando que o filho era dele. O rapaz, que jogava sinuca no recinto, se recusava a receber a criança, dizendo que o filho não era dele. Na música, de forma machista e racista, o compositor denomina essa mulher de Nega Maluca. A autora desconhece se essa é a origem do uso do termo.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>. Acesso em: 20 fev 2019.

Os relatos da infância se somam a acontecimentos contemporâneos, como o descrito por Luciellen Assis, em seu vídeo *O Dia que me Chamaram de Preta Maldita*⁶⁷, no qual conta uma experiência em que sofreu discriminação racial.

Eu tava indo para o trabalho semana passada e um carro muito bonito, com pessoas bonitas dentro, pessoas brancas...[...] E aí, essas pessoas acharam que seria legal me xingar. E aí, eles me chamaram de preta imunda, me chamaram de maldita, eles me chamaram de suja, de cabelo de Bombril [...]. A princípio fiquei assustada pela situação, porque esse tipo de racismo eu ainda não tinha sofrido. E depois eu fiquei assustada porque a gente tá em Salvador né, a capital mais negra? (Trecho de vídeo de Luciellen Assis).

Havia uma conexão entre histórias de vidas que foi observada no vídeo de Luciellen Assis, no qual a mesma demonstrou uma expectativa de que do outro lado da tela estivesse outra mulher negra como interlocutora e que através do processo de fala e escuta, fosse possível desconstruir danos provocados pelo racismo à autoestima de muitas mulheres negras.

As experiências selecionadas e descritas nos vídeos possuem como eixo central uma discussão acerca da identidade racial e de gênero – experiências de mulheres negras – e esses aspectos do conteúdo são os mais fortes entre as vlogueiras e espectadoras no interno da narrativa. Em diferentes vídeos, há uma expectativa na fala dessas mulheres de que, do outro lado da tela, está outra mulher negra como interlocutora e que, através do processo de fala e escuta, é possível desconstruir os danos provocados pelo racismo à autoestima de muitas mulheres negras.

Esse vídeo é pra você que é mulher negra como eu. Provavelmente a sua autoestima assim como a minha deve ter chegado de forma tardia, né? É uma coisa que infelizmente a gente tem em comum. Quando a gente fala das nossas dores e das coisas que nós passamos na nossa infância e adolescência e tudo mais infelizmente essa é uma coisa em comum. Por muito tempo eu odiei cada detalhe do meu rosto. Eu não gostava dos meus olhos e eu não gostava nada do meu nariz. [...] eu colocava prendedor no meu nariz pra que ele ficasse mais fino, pra que ele ficasse mais no padrão, sabe? Eu também queria ter o cabelo liso, eu detestava a cor da minha pele, eu evitava tomar sol as vezes pra que eu ficasse um pouquinho mais clara. (Trecho de vídeo de Luciellen Assis)⁶⁸.

A busca por autoestima é tema recorrente nos vídeos das três vlogueiras. Visto, por todas, como a raiz desse problema entre as mulheres negras, o racismo é uma questão central em suas narrativas, quando relatam suas experiências acerca da identidade estética. Percebe-se que o fazem em busca de superar os danos causados por esse problema estrutural.

No entanto, Ana Paula Xongani destaca que não centra a sua autoria no racismo, mas que a sua história de vida influencia no conteúdo que produz e diferencia o seu canal de outras vlogueiras: “Assim, sou filha de pais militantes, eu tenho uma história de vida que eu achava que

⁶⁷ *O Dia que me Chamaram de Preta Maldita*. Publicado em 18 out. 2015. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=if-ZLWo9Yrk>. Acesso em: 20 out 2017.

⁶⁸ *Pra Você que É Mulher Negra | Luciellen Assis*. Publicado em 7 mar. 2018. Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=phKjXdanG_w. Acesso em: 20 jan 2019.

era muito diferente, em alguns aspectos, das meninas que eu via no YouTube” (Trecho de entrevista com Ana Paula Xongani).

Para ela, o seu canal tem um público de mulheres negras com perfil semelhante ao seu em faixa etária e experiência de vida. Isso denota, de acordo com a autora, a necessidade de ampliar as discussões do canal, de modo a não restringir seu conteúdo aos relatos que descrevem como o racismo opera na vida cotidiana das mulheres negras. Seu canal, deve, segundo ela, ir além de conteúdos que objetivam contribuir com o letramento racial de mulheres negras.

O meu canal são de mulheres mais velhas. Então, assim, não fazia sentido eu ficar contando para elas o que era o racismo, o que era o machismo, por que elas sabem. Porque elas tem 30 anos como eu. Elas sabem (da existência do racismo) há, pelo menos, dez. Isso faz sentido para o canal das meninas mais novas que estão ali se descobrindo negras e precisam do letramento racial. Mas pra mim, não faz sentido, pro meu público. Meu público tá nessa *vibe* de “Tá firmeza! E agora? Daqui pra frente, o que a gente vai fazer para sobreviver nessa merda desse país racista que a gente vive? Como a gente vai fazer pra sorrir?”, sabe?! (Trecho de entrevista com Ana Paula Xongani em outubro de 2017).

Apesar disso, a própria construção de suas autorias perpassam por seus relatos de vida. Essas mulheres enfrentam as nuances do racismo e mesmo quando querem só existir, sem demarcação racial, percebe-se o quanto ser negra e autora representa uma busca ainda desigual. Há dificuldade em buscar o protagonismo na escrita e no relato em primeira pessoa das suas próprias narrativas, seja de denúncia ou valorização de liberdade. “*Eu queria contar essa minha história, né?! Ser protagonista da minha própria história*” (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em setembro de 2017).

As narrativas pessoais são elementos centrais dos discursos socializados nesses canais e, por meio delas, essas mulheres relatam como superavam diariamente os “traumas”, segundo elas, impressos pelo racismo. Os relatos da infância e da vida adulta revelam como a experiência social com o racismo atingiu essas mulheres seja nas suas experiências na escola, ou nas ruas. O cabelo apareceu como elemento recorrente na forma de discriminação da mulher negra (experiências nas escolas, a escolha do livro pela escola, o episódio “preta maldita”). Essas experiências selecionadas e descritas nesses vídeos possuíam como eixo central uma discussão acerca da identidade racial e de gênero que interconectavam a história de vida dessas vlogueiras.

b) Identidade estética e autoestima

Alguns elementos da identidade estética já foram tratados no tópico anterior com foco sobre como a história de vida relatada nos vídeos tinham relação recorrente com aspectos da estética. No entanto, nesse tópico, mais especificamente, tratarei sobre como a identidade estética

emergiu nas narrativas ativistas dessas mulheres como tema central dos vídeos, como pautas a serem debatidas.

As ações comunicacionais protagonizadas pelas três participantes desta pesquisa se desenvolveram, de forma geral, em torno da identidade estética da mulher negra. Essas temáticas ampliaram-se para outras questões de gênero e raça, que perpassavam as suas vivências como mulheres negras, ou seja, as narrativas construídas nos canais expandiram o espectro das discussões, que passaram a envolver aspectos como solidão da mulher negra, colorismo, empreendedorismo, gordofobia, diversidades de gênero e sexual, entre outros. A análise apresentada nesta seção demonstrará aspectos do conteúdo das narrativas audiovisuais das três mulheres participantes da pesquisa, que assumiram como temática principal dos seus canais as identidades estéticas das mulheres negras.

O cuidado com a autoestima é um dos temas recorrentes, nos vídeos das três vlogueiras, e apresentado como um problema a ser superado. Luciellen Assis, em um dos seus vídeos - *Pra Você Que É Mulher Negra*⁶⁹, por exemplo, destina a sua mensagem a uma possível audiência formada por outras mulheres negras, que provavelmente também tiveram a autoestima afetada pelo racismo.

Esse vídeo é pra você que é mulher negra como eu. Provavelmente a sua autoestima, assim como a minha, deve ter chegado de forma tardia, né? É uma coisa que infelizmente a gente tem em comum. Quando a gente fala das nossas dores e das coisas que nós passamos na nossa infância e adolescência, e tudo mais. Infelizmente essa é uma coisa em comum. (Trecho de vídeo de Luciellen Assis).

A “identidade estética” foi questão central nas narrativas audiovisuais dessas mulheres, que demonstravam a busca pela superação coletiva dos problemas que perpassavam esse eixo de suas vidas. A centralidade da identidade estética consiste na recorrência da abordagem de temas voltados para o corpo e cabelo como elementos importantes no questionamento da marginalização da estética negra no Brasil.

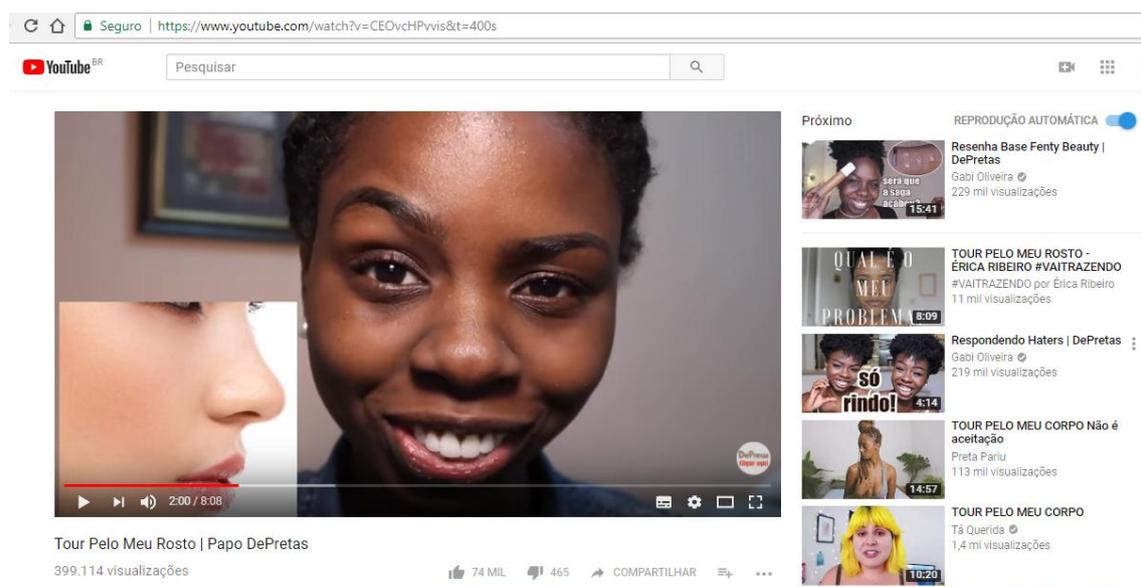
No vídeo *Tour pelo meu rosto*, no qual ao responder à TAG *Tour pelo meu corpo* - criada e proposta pela criadora de conteúdo Luiza Junqueira (mulher branca), do canal Tá Querida - Gabi Oliveira falou sobre como os seus traços negróides foram motivos para a construção de um ódio às suas próprias características físicas e propôs um questionamento sobre os padrões de beleza:

Falando de forma geral, por todo o meu rosto nós encontramos aquilo que chamamos de traços negróides. Eu tenho nariz largo, a boca grande, arcada dentária protuberante, gengiva escura, além, é claro, da minha pele; para além disso, olhos da cor da noite. [...] Agora eu te pergunto: o que te fez acreditar que esse nariz aqui é feio e este é bonito? E por que os dois não podem ser bonitos? [...]. (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira).

Figura 17 – Reprodução de imagem do vídeo *Tour pelo meu Rosto* – Gabi Oliveira

⁶⁹

Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=phKjXdanG_w. Acesso: 31 ago 2019



Fonte: (OLIVEIRA, 2018e)⁷⁰

Em vídeo posterior, Gabi Oliveira aponta como a produção exposta em seu canal proporcionou-lhe formas de ajudar outras pessoas a dar novos significados à experiência com o racismo, especialmente no que se refere à estética. Relata como a exposição da sua imagem no YouTube ajudou outras mulheres a superarem um olhar negativo sobre suas características físicas. Para ela, a internet, com a exposição da sua imagem, proporcionou visibilidade a características físicas pouco expostas na mídia tradicional – a pele negra retinta, gengiva escura, etc.

[...] Essa é uma característica [gengivas escuras], que, na verdade, eu ainda não tinha visto nenhum problema até chegar na internet, e vários e vários relatos de mulheres que falaram que passaram a aceitar melhor a gengiva delas a partir do momento que viram a minha imagem e eu mostrando o sorriso largo [sorriso]. E é realmente muito significativo pra mim perceber como a minha exposição estética ajudou de alguma forma essas mulheres. (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira).

A experiência relatada por Gabi Oliveira acerca dos relatos de mulheres negras que passaram a desconstruir um olhar negativo sobre as suas características estéticas, depois de ver a imagem de uma mulher negra na mídia (plataforma YouTube) de forma positivada, revela questões relacionadas tanto à falta de representatividade de mulheres negras na mídia, especialmente as de pele retinta, como acerca do lugar que a mídia ocupava na construção da autoestima de mulheres negras.

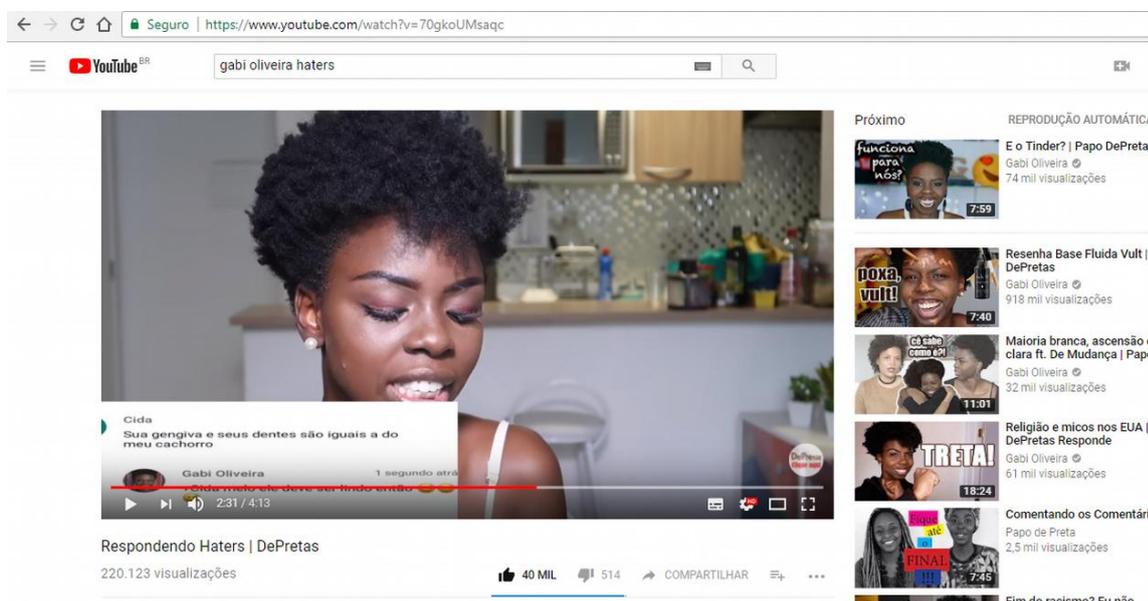
Em um vídeo intitulado *Respondendo Haters*⁷¹, Gabi Oliveira revela como, para ela, foi difícil produzir conteúdo para circulação na internet, já que a exposição provocada pelos vídeos nem sempre foi positiva. Gabi ainda expõe, em diferentes imagens, comentários de *haters*, entre

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis&t=4s>. Acesso em: 12 fev 2019.

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70gkoUMsaqc>. Acesso em: 13 fev 2019

os quais, um sobre a sua gengiva: “*Sua gengiva e seus dentes são iguais a do meu cachorro*” (Fig. 18).

Figura 18 – Reprodução de imagem do vídeo Respondendo *Haters* – Gabi Oliveira



Fonte: (OLIVEIRA, 2017)⁷²

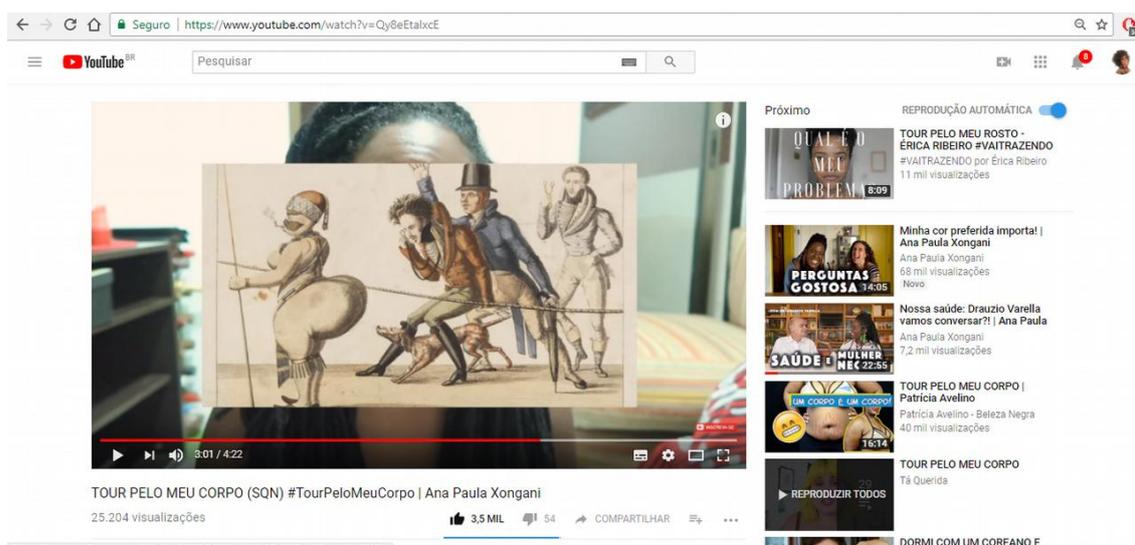
Ana Paula Xongani também aponta o racismo vivenciado e expresso pela violência em torno das suas características físicas. Em um, afirma que não conseguiu construir um vídeo para a mesma *tag* *Tour* pelo meu Corpo: sobre Processos de Aceitação. Afirma que, ao lembrar das experiências de violência experimentadas por habitar um corpo negro, foi difícil para ela falar sobre a temática proposta pela *tag*. Ao relatar sobre como se sentiu ao gravar esse vídeo, diz:

Foram muitas sensações e aí eu comecei a observar que não era uma negação do meu próprio corpo. Era um medo de expor o meu corpo ao que vinha do outro, ao que vinha de fora. As violências que esse corpo, por ser ele como ele é, já sofreu simplesmente por existir (Trecho de vídeo de Ana Paula Xongani).

Estar no YouTube como mulher negra e construir conteúdos sobre aquela *Tag*, criou desafios específicos relacionados às questões raciais que a atingem. No vídeo, Ana Paula Xongani relata sua experiência e explica as especificidades da sua condição racial: negra e retinta, por muitas vezes, durante a sua história de vida, comparada a imagens como a de uma formiga, da nega maluca, e da Sarah Baartman (Fig. 19).

Figura 19- Reprodução de imagem do vídeo *Tour* pelo meu Corpo (SQN) de Ana Paula Xongani

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70gkoUMsaqc> Acesso em: 21 fev 2019.



Fonte: (XONGANI, 2018)⁷³

Gabi Oliveira propõe, em seus vídeos, uma reflexão sobre como o padrão estético atingiu as suas experiências sociais, especialmente no que se refere à área afetiva das mulheres negras. Para isso, discute e apresenta em um dos seus vídeos as ideias difundidas em uma dissertação de mestrado sobre a solidão da mulher negra⁷⁴ e conjuga os achados da pesquisa com suas experiências cotidianas:

O que eu acho que aconteceu foi que a Claudete deu nome aos bois. Porque eu já tinha visto, já tinha percebido que várias das minhas amigas negras não tinham casado, já tinha percebido que, por exemplo, na igreja, as meninas negras demoravam muito mais a namorar do que as outras meninas, a casar. Só que não tinha nome.⁶⁷ 75. (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira).

A análise de Gabi Oliveira coaduna com as que foram feitas por Nascimento (2011) que aponta como o mito da democracia racial enfatiza a popularidade da figura da mulata como “prova” de abertura e saúde das relações raciais no Brasil. No entanto, a posição que ela ocupa na sociedade brasileira, segundo o autor, sempre mostrou que o fato social seguia o conhecido ditado popular: “Branca para casar, negra para trabalhar, mulata para fornicar.”.

A estética negra também foi discutida do ponto de vista da experiência social do homem negro, como é possível perceber no vídeo Preto É Tudo Ladrão?⁷⁶, em que a vlogueira Luciellen Assis descreve dois casos em que a imagem do homem negro está associada à marginalidade (Fig. 20). O primeiro refere-se ao caso de um jovem branco do Espírito Santo que publicou foto com

⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qy8eEtalxcE&t=2s> Acesso em: 10 mar 2019

⁷⁴ SOUZA, Claudete. **A solidão da mulher negra:** sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2015/09/cp056761.pdf>. Acesso em: 11 fev 2018.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NgNt0GzWCVI&t=420s>. Acesso em: 8 mar 2019

⁷⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFM3sX96TdQ&t=151s> Acesso em: 20 jun 2019

comentário racista e foi demitido, após a viralização da postagem. Na publicação de uma *selfie*, em que o autor do *post* aparece com jovens negros no carnaval, Lucas Almeida sobrepôs a frase: “Vou roubar seu celular”.

No vídeo, Luciellen Assis apresenta uma nota escrita pelo chefe de Lucas, após demitir o autor, que se posicionou como líder da empresa e homem negro que também sofre racismo no seu cotidiano. A vlogueira ainda apresenta a retratação feita por Lucas nas redes sociais e constrói a sua análise sobre o caso. Para Luciellen, a postagem demonstra como o racismo está naturalizado no Brasil e conduz à reprodução de estereótipos racistas que enquadram pessoas negras em lugares sociais subalternizados.

E aí, eu fico lembrando da questão dos estereótipos que são colocados nas pessoas negras o tempo todo, desde que esse país existe é assim que funciona. E aí, a gente liga a televisão e nós temos pessoas negras trabalhando como empregadas nas telenovelas ou tendo o papel de escravos quando são novelas de época, [...] Sem contar o fato da gente ser perseguido em determinadas lojas nos shoppings pelos seguranças, porque nós somos possíveis ladrões porque temos a pele mais escura, tem os estereótipos relacionados aos nossos cabelos que é considerado como cabelo desleixado. [...] (Trecho de vídeo de Luciellen Assis).

Nesse relato, a vlogueira apontou como os corpos negros são identificados socialmente e como a mídia de massa reproduz esses lugares ao reforçar tais imagens. Segundo ela, as pessoas negras, por serem identificadas pela cor da pele, ou pelo tipo cabelo, as coloca em muitas situações de vulnerabilidade quando, por exemplo, são associados a delinquência. bell hooks (2004), ao discutir masculinidades negras, indica como virilidade, hipermasculinidade, truculência, hiperssexualização e o anti-intelectualismo compõem um modelo de homem negro agressivo, materialista e incapaz que é divulgado na sociedade em geral (Fig. 20).

Figura 20 – Reprodução de imagem do vídeo Preto é tudo ladrão, de Luciellen Assis



Fonte: (ASSIS, 2018)⁷⁷

O segundo caso apresentado por Luciellen reitera esses pontos de análise, e mostra como esses estereótipos atingem especificamente homens negros, no que se refere à associação ao crime e à hiperssexualização da pessoa negra. A vlogueira menciona no mesmo vídeo um caso em que duas *rappers* (mulheres brancas) analisam o clipe de dois *rappers* (homens negros) e, ao fazê-lo, associam a sua estética ao crime e ao sexo (Fig. 21), como se identifica na seguinte transcrição.

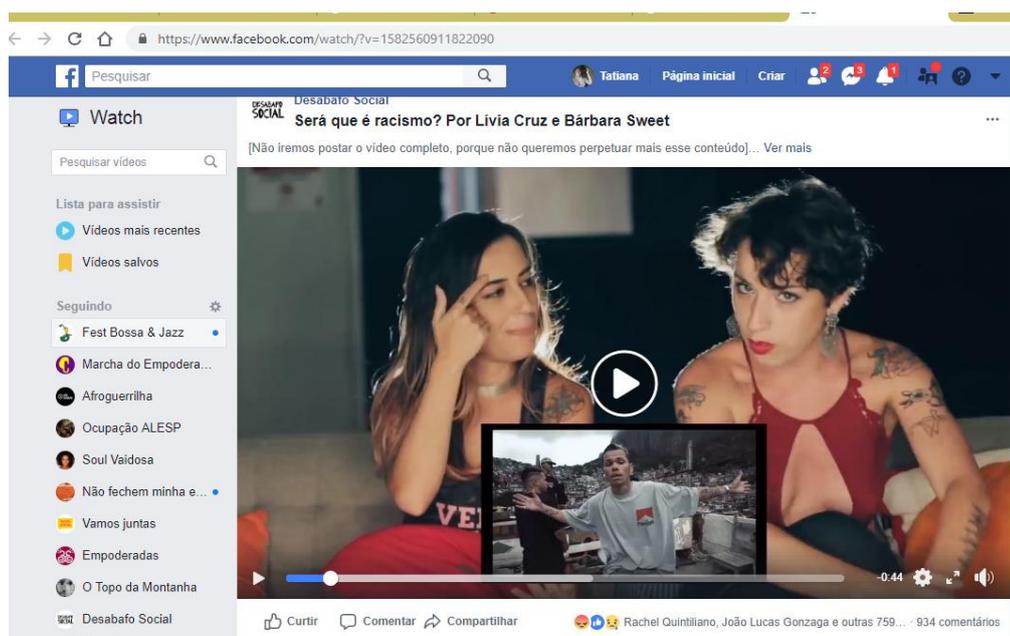
Ele é aquele cara que você vai encontrar ele saindo do camburão e você olha pra cara dele e não sabe se entrega o telefone ou se tira a calcinha. É uma dúvida. Meus Deus do céu, será que sento na cara dele, será que passo minha carteira? Eu não sei o que eu faço. Nossa Senhora, ele vai me roubar, ele vai me comer? A gente não sabe. Essa é dúvida é parte da atração que ele carrega com ele. Você olha pra cara dele, ele parece com aquele cara que tá lá na biqueira com o fuzil na mão também [...] e isso é sexy. (Trecho de vídeo de Bárbara Sweet)⁷⁸.

O discurso posto por essas mulheres, no vídeo, e as análises de Luciellen Assis demonstram como ainda persistem os estereótipos que associam a imagem do homem negro a violência. Davis (2016) discute o mito do homem negro violador por meio da ideologia racista que se mantém desde o período colonial nos Estados Unidos da América (EUA). Seus argumentos revelam a permanência das representações do homem negro como instintivo e violento, realidade também comum na sociedade brasileira.

Figura 21 – Reprodução de imagem do vídeo de Livia Cruz e Bárbara Sweet

⁷⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFM3sX96TdQ&t=151s>. Acesso em: 20 jun 2019

⁷⁸ O vídeo foi excluído pela autora do Canal e atualmente um trecho encontra-se disponível na Página do Desabafo Social. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1582560911822090>. Acesso em: 20 jun 2019



Fonte: (DESABAFO SOCIAL, 2018)⁷⁹

Os casos apresentados e discutidos sobre as identidades estéticas de mulheres negras e também de homens negros partiram de reflexões acerca de suas histórias de vida, dos acontecimentos veiculados na internet conforme observado nos canais. Outras reflexões envolvem análises de livros e filmes, como as experiências descritas a seguir.

Uma das experiências, já mencionada no tópico anterior, dizia respeito à análise de um livro que Ana Paula Xongani teve acesso durante visita à escola de sua filha. Ela relata que estava preocupada com a forma como as questões raciais eram abordadas na escola da filha e decidiu em visita à escola conhecer os livros de literatura adotados. Na ocasião, percebeu que uma dessas narrativas apresentava o cabelo crespo como característica extremamente negativa. Em seu relato, pede aos seus espectadores que se colocassem no lugar de uma criança e pensassem como essa narrativa poderia ser nociva para o olhar que ela construiria sobre si mesma.

E essa mãe de Peppa, que tem os seus cabelos lisos como a autora e que reconhece na sua filha um cabelo que se corta com alicate, um cabelo duro demais pra ser cortado com uma tesoura normal... É um absurdo alguém trata com seus cabelos com ferramentas de marcenaria. E no final tem uma cabeleireira cansada, exausta. Que informação a gente tá passando para essa criança? Não gente, tá tudo errado. Esse livro tá errado e eu fico muito preocupada de saber que ele tá sendo vinculado nas escolas. E muito mais preocupada de saber que a autora ganhou prêmios como um dos melhores livros. Isso é um absurdo. E não é por falta de literatura não... (Trecho de vídeo de Ana Paula Xongani)⁸⁰.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1582560911822090>. Acesso em: 20 jun 2019

⁸⁰ Trecho de vídeo Peppa NÃO! - Resenha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 20 jun 2019

A preocupação com a autoestima das mulheres negras é recorrente, entre as vlogueiras, e um assunto requerido também pela audiência, como reconhece a própria Gabi Oliveira: *“Uma das coisas que vocês tem pedido muito aqui no canal é que eu fale sobre autoestima. Eu acho que esse é um assunto que paira em todos os vídeos aqui mas hoje eu resolvi dar uma atenção maior a isso”* (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira).⁸¹ A autora demonstra como o ideal de branqueamento atinge as pessoas negras em sua autoestima e discute o tema a partir de autores como Neusa Santos e Franz Fanon.

De acordo com Gabi Oliveira, os estudos demonstram que *“ter características inatas a pessoas brancas vai te fazer ser mais elogiado e quanto mais parecido assim com o ideal de branquitude, mais dignamente a gente é tratado”*.

Para ela, a imagem do negro atinge aspectos da autoestima que dizem respeito não só à estética, mas ao desenvolvimento intelectual: *“É claro que a gente não tá falando que todas as pessoas brancas estão nesse padrão. O que a gente tá falando é que quando você pensa em inteligência, logo você liga a uma pessoa branca”* (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira)⁸². Para Nilma Lino Gomes (2002), aquilo que pode parecer apenas um julgamento estético, revela uma tensão racial, fruto do racismo ambíguo e do ideal de branqueamento desenvolvidos no Brasil. Para a autora, essas questões deveriam ser consideradas com mais seriedade, pelos/as educadores/as nos processos formativos forjados nas escolas.

Nos vídeos de Gabi Oliveira era recorrente a responsabilização da mídia e escola como agentes reprodutores de imagens racistas que não contribuía com a reconstrução do olhar sobre a estética negra. Para Gabi Oliveira, é resultado de um histórico racista que não será transformado facilmente. *“Toda essa busca por alcançar um ideal inalcançável, causa transtornos diversos. E não adianta achar que o efeito de séculos de destruição da autoestima vai sim ser superado porque sei lá, a gente tem uma miss negra esse ano.”* (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira). Apesar disso, estavam presentes, nos discursos nos canais das três vlogueiras, atitudes destinadas a contribuir com a melhora da autoestima de outras mulheres negras.

As narrativas criadas por essas mulheres sobre a identidade estética possuem um caráter político, na medida em que disputam com as “velhas narrativas” construídas sobre as identidades estéticas das mulheres negras e construíam novos sentidos para além do discurso de inferiorização.

Essas análises reforçaram a percepção de que o processo de construção da identidade negra é extremamente complexo, instável e plural e que apesar das marcas negativas deixadas

⁸¹ Trecho do vídeo: Vamos ficar bem: um vídeo sobre autoestima | Papo DePretas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQ7qTeDJCe0>. Acesso em: 20 jun 2019

⁸² Trecho do vídeo: Sou uma farsa? Gabi DePretas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YByqHDQbVlo&t=205s>. Acesso em: 20 jun 2019

pelas experiências de discriminação, as pessoas negras a reconstróem positivamente (GOMES, 2002). De acordo com Nilma Lino Gomes, existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro.

Nos canais observados, os vídeos também se constituem como articuladores de processos de ressignificação do ser negro por meio das discussões sobre estética. Percebe-se que a internet tornou-se um novo espaço de ressignificação de ser negra. Diante da omissão da instituição escolar, os espaços educativos não-escolares desempenham um papel fundamental nesse processo. Muitas vezes, esses locais não são percebidos como afirmativos e significativos por aqueles que a eles não têm acesso (GOMES, 2002). Diante da omissão da instituição escolar, a autora indica que os espaços educativos não escolares desempenham um papel fundamental nesse processo. Muitas vezes, esses locais não são percebidos como afirmativos e significativos por aqueles que a eles não têm acesso.

O público ao qual se destina a mensagem dos canais dessas três mulheres negras é um coletivo de mulheres negras, característica perceptível pela construção do discurso, que muitas vezes indica o interesse pelo diálogo com os interlocutores, ao final dos vídeos com a finalidade de estabelecer a troca de experiências a respeito dos conteúdos dos vídeos.⁸³ A forma como essas mulheres iniciam, finalizam o vídeo e também como contam as suas vivências com a questão estética revela uma percepção de que os conflitos por elas vividos não possuem uma dimensão apenas individual, mas apontam uma expectativa e consciência de que existia um coletivo de mulheres negras que compartilhava dos mesmos desafios ou avanços no que se refere à estética negra.

Na experiência observada, percebe-se uma apropriação política da plataforma YouTube como mais um espaço de ressignificação da identidade negra, já que as narrativas audiovisuais analisadas estavam centram-se em conteúdos antirracistas com foco nas identidades estéticas das mulheres negras e são produzidas com o intuito de constituírem contra-narrativas para ajudar outras mulheres negras em seus processos identitários. Esse processo indicou que a experiência de construir e compartilhar tais narrativas audiovisuais sobre a identidade estética com cunho político compôs uma das dimensões do amplo processo formativo dessas mulheres. A forma como o racismo afetou as suas percepções de si mesmas através de uma visão marginalizada e inferiorizada dos seus corpos foi razão de recorrentes discussões nos seus canais.

É notável, portanto, que a luta pela desconstrução de um padrão de beleza hegemônico proposto pelas vlogueiras se justifique por um histórico de apagamento ou sub-representação de pessoas negras na mídia. Diante do poder exercido pela mídia nas mais diversas linguagens na

⁸³ Pretende-se na versão final da tese descrever o percentual de seguidores pelos marcadores de raça e gênero através de informações disponibilizadas pelo YouTube para as administradoras dos canais.

construção da autoimagem dos indivíduos e da constatação de que a mídia hegemônica não contribui com a positivação da imagem do/a negro/a, torna-se compreensível o relato das mulheres feitas à vlogueira. Percebe-se, com isso, que ao construir os vídeos, essas mulheres articularam uma disputa de narrativas, que nesse âmbito se fez também para além da palavra dita, mas se consolidou através da própria visibilização da imagem da mulher negra e do seu corpo marginalizado pelas mídias de massa.

A experiência como mulheres negras na internet demonstra avanços, mas também aponta contemporaneamente desafios relacionados a ataques a essa estética negra. Tornar o corpo negro visível na internet também gerou exposição a situações de violência. Gabi Oliveira relata em um de seus vídeos, que, com a internet expande-se a sua experiência com o racismo, que ganhou novos contornos.

A importância dessa temática, para elas, aponta o corpo como um suporte da identidade negra e o cabelo crespo como forte ícone identitário. A importância desses elementos, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se enxerga e é visto pelo outro, manifesta-se nos diversos espaços e relações em que os negros se socializam e se educam. Para esses sujeitos, o cabelo carrega forte marca identitária e, em algumas situações, ainda é visto como marca de inferioridade (GOMES, 2002).

Gomes (2002) aponta alguns espaços, como os contextos familiares, lugares da militância política, salões étnicos, em que é possível preservar a memória ancestral africana. Essa revalorização, segundo a autora, extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que pertence. Ao atingi-lo, remete-se, de forma consciente ou não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil. Para ela, a escola, lamentavelmente, não aparece entre esses espaços de revalorização da estética, do corpo negro e do cabelo crespo. A observação realizada nesta pesquisa revela que a plataforma tornou-se mais um espaço de revalorização do cabelo como importante elemento da estética negra.

c) Caráter ativista

O caráter ativista das narrativas das vlogueiras perpassa questões trabalhadas nos tópicos anteriores, como a história de vida e a temática da identidade estética. Entender o ativismo dessas mulheres passa por compreender seus relatos de vida como fundamentais à ação política por elas articuladas, assim como a identidade estética se constitui tema central de suas narrativas ativistas. Neste tópico, discutiremos o ativismo separadamente, porém entendemos que as dimensões analisadas anteriormente estão imbricadas nesse fazer ativista.

A construção de uma narrativa engajada dessas mulheres teve inícios diferentes, porém razões semelhantes. Os motivos que levaram as duas vlogueiras – Luciellen Assis e Gabi Oliveira – às redes, foram: a) A dificuldade de crespas e cacheadas com a disponibilidade de informações sobre como cuidar dos seus cabelos; e b) A disputa de narrativa com a mídia tradicional, pois as falas das vlogueiras indicam falta de representatividade na mídia e na indústria de cosméticos como um dos fatores preponderantes para a atuação delas nas redes.

Ana Paula Xongani indicou que, para ela, o ato de construir e compartilhar vídeos sobre a sua história é motivado pela busca por existência: “o vídeo possibilita democratização de existência, porque pra mim a comunicação é existência. E pra mim isso é muito forte. [...] O YouTube pôde me proporcionar existência assim, o quanto que a imagem me proporciona a existência.”.

Já Ana Paula Xongani indica que, para ela, o ato de construir e compartilhar vídeos sobre a sua história é motivado pela busca por existência. Nota-se uma disputa de narrativas que buscam estabelecer e visibilizar um discurso antirracista em torno da mulher negra, bem como criar um espaço de empoderamento para mulheres negras acerca da sua estética.

Percebe-se que o racismo estrutural demonstrado pela pouca representatividade do cabelo crespo natural nos conteúdos publicitários, cinematográficos, e dramaturgicos, era combatido por essas mulheres negras quando decidiram questionar a mídia e as grandes empresas de cosméticos que atuavam como reprodutores dos processos de marginalização da estética negra. Nesse sentido, as possibilidades comunicacionais das mídias de função pós-massiva (LE MOS, 2010) permitiram a articulação de trocas em espaços como o YouTube, que levaram à criação de novas narrativas sobre o cabelo crespo e às identidades estéticas das mulheres negras, que disputavam com o discurso das mídias tradicionais.

Há, em suas falas, um convite para o combate ao racismo expresso diariamente, pela forma como a estética negra é representada na mídia. Em um de seus vídeos, Gabi Oliveira questiona as mulheres negras sobre o que estão fazendo contra a perpetuação do racismo estético.

Nós vivemos num país profundamente afetado pelo racismo, onde isso [foto de mulher branca], isso [foto de mulher negra de pele clara] é até aceitável, e isso daqui [foto de mulher negra de pele escura] é horrível, feio. Mas essas referências do que é bonito e do que é feio não nascem com a gente e nós podemos sim questioná-las e parar de reforçá-las. Você não precisa ter um nariz mais fino, não precisa ficar com medo do seu filho nascer com cabelo mais crespo, não precisa comemorar por que ele nasceu com olhos claros. E aqui eu não estou falando em restringir. Uma coisa não precisa se tornar feia pra que outra coisa se torne bonita, eu tô falando em ampliar o espectro. E um questionamento que surge pra mim é: o que nós temos feito pra que o racismo estético não se perpetue. (Trecho vídeo de Gabi Oliveira).

Diante das possibilidades enunciativas vivenciadas no Canal, as mulheres assumiram a responsabilidade por desconstruir tais narrativas. Em uma fala feita pela Vlogueira 84, está evidente que:

Hoje a situação é bem diferente, a gente não pode mais reclamar da mídia e simplesmente reclamar quando a gente também é a mídia. Hoje em dia a gente tem o YouTube, a gente tem a internet e todos nós podemos ser a mídia, todos nós podemos divulgar informações, todos nós podemos compartilhar informações sobre como cuidar dos nossos cabelos, sobre técnicas, sobre hidratações e tudo mais. (Trecho de vídeo de Mari Morena).

A fala da vlogueira Mari Morena, no vídeo “Por que não alisar ou relaxar o cabelo”⁸⁵ revela como as mídias de natureza pós-massiva, no contexto da cibercultura, abriram o polo emissor e com isso ampliaram as possibilidades de interação, trocas, articulação, disputas, divergências, entre diferentes narrativas. Essas práticas foram possibilitadas pelo fluxo comunicacional todos-todos (LEMOS, 2010).

O fazer comunicacional dessas mulheres expressava uma disputa pela construção de novos olhares sobre a estética negra. Gabi Oliveira, por exemplo, expõe, no trecho de um dos seus vídeos, como a marginalização dessa estética atingia as pessoas negras, que eram frequentemente associadas ao crime, abandono, primitivismo. Revela que o racismo expresso nessas nuances atingiu a sua autoestima, e hoje demonstra marcas de dor, mas também de aceitação, que é fruto da desconstrução dessas representações. Segundo ela, esse processo de reconstrução de um olhar positivo de si foi tardio.

Ainda é a pele escura a mais temida. Basta ver uma pele escura na rua pra apertar o passo. Bastou ver a foto de um menino de pele escura para relacioná-lo ao abandono, e é a pele escura que mais atrai o “macaca”. Hoje eu olho pra isso tudo aqui [aponta para o rosto], esse turbilhão de dor e aceitação, eu gosto do que eu vejo, eu acho que tudo isso combina, sei que muitos de vocês também gostam mas eu já tenho 26 anos, e esse processo começou muito tarde pra mim. Se aceitar não faz com que a estrutura não te afete, não me livra, não vai livrar minhas filhas e filhos e não livra nenhuma criança negra (Trecho vídeo de Gabi Oliveira).

Os *vlogs* de Gabi Oliveira e Luciellen Assis iniciam-se com uma abordagem voltada para a discussão sobre autoestima, porém, se torna inevitável enfatizar o debate acerca da estética negra e associar ao contexto histórico que elucida as causas do processo de marginalização do cabelo crespo. Tais temáticas se tornaram-se indissociáveis na visão de Luciellen Assis na medida em que percebeu quanto o seu retorno ao cabelo natural causou incômodo socialmente; para ela, era fundamental compartilhar tais reflexões no YouTube. Para Gabi Oliveira, o seu canal iniciou-se com a ideia de dar visibilidade à discussão sobre estética negra, especialmente discussões protagonizadas por pessoas de pele retinta como a sua.

⁸⁴ Essa vlogueira tomou parte das etapas iniciais da pesquisa.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G-YqQ8j6tH4>. Acesso em: 31 ago 2019.

E aí eu decidi iniciar o canal também pra falar sobre estética, porque a gente sabe que representatividade é muito importante e quando eu pesquisava sobre pessoas negras principalmente de pele mais escura às vezes a gente encontra uma certa dificuldade de achar, então eu não abri mão de falar também sobre estética. Então lá no canal eu falo sobre as duas coisas. Eu tenho essas duas linhas. (Trecho de vídeo do Catarse).

O ativismo também se expressava nas discussões sobre o caráter político de assumir o cabelo natural, que pareciam ter se desenvolvido no cotidiano, no ato de ensinar a cuidar do cabelo crespo e cacheado, já que essas garotas conviviam com a escassez de produtos cosméticos específicos e com o número reduzido de cabeleireiros especialistas em cabelos crespos e compartilhavam receitas caseiras para cuidados com o cabelo natural, como no vídeo de Gabi Oliveira, Receita Caseira | Cabelo Crespo | Tipo 4 | Ressecamento | DePretas⁸⁶ e Top 3 - Produtos Caseiros Pra Cabelo Crespo | Luciellen Assis⁸⁷, de Luciellen Assis.

O caráter político da autoria dessas mulheres revela-se por meio do compartilhamento de informações sobre suas experiências com técnicas e produtos específicos para cabelo crespo. A partir dessas ações na rede, desenvolveram narrativas com caráter político acerca da temática, o que revela uma dimensão ativista na ação comunicacional.

A produção de resenhas e tutoriais tem caráter instrumental, para mulheres negras, considerando que as vlogueiras ensinam técnicas de como cuidar do cabelo crespo e fazem resenhas sobre produtos destinados a esse tipo de cabelo – informações que eram escassas na mídia tradicional (revistas e televisão) e também pouco difundidas na maioria dos seus núcleos familiares. O fazer ativista das vlogueiras possui também um caráter formativo, na medida em que, motivada por uma intencionalidade em “ensinar”, abordam tais temáticas de forma didática – elemento importante do ativismo dessas mulheres – perceptível na forma como difundem as possibilidades de cuidado com cabelos crespos (passo a passo, dicas, orientações, relatos de experiências, etc.).

As narrativas possuem uma linha tênue entre a busca por socializar maneiras de cuidar do cabelo crespo, que inclui a indicação de produtos e a divulgação com caráter publicitário. Essas nuances revelam que o ativismo dessas vlogueiras contém características próprias, no que diz respeito à luta contra os diferentes tipos de opressão, ao não incluir a luta contra as estratégias do mercado capitalista que as atingem como mulheres negras.

Observou-se que os canais possuem também um papel de tradução de conhecimentos em rede, na medida em que suas autoras demonstram interesse por compartilhar conhecimentos que muitas vezes não estão acessíveis a toda a comunidade negra. Gabi Oliveira entende que um dos principais motivos para a criação do seu canal foi a busca por difundir um conhecimento importante, segundo ela, para a população negra e pessoas que estão fora do universo acadêmico.

⁸⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9l35GihXuik>. Acesso em 19 jun 2019

⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D2SkkIRLuQc>. Acesso em 18 jun 2019

Considera a apropriação desses conhecimentos fundamental para a construção da autoestima de pessoas negras, bem como para promover o amadurecimento das suas lutas no que se refere ao âmbito étnico-racial. De acordo com a vlogueira,

O Canal iniciou pela necessidade que eu senti de transmitir uma mensagem que eu só conheci na universidade pra pessoas no geral assim. A gente sabe que a grande maioria da população negra nem tem acesso a esse espaço acadêmico e por isso fica muito afastada de assuntos que são muito necessários para que a gente cresça em autoestima, em luta e em entendimento também de questões raciais. (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira).

Em alguns conteúdos, articulam a interface entre diferentes tipos de conhecimento, como textos acadêmicos, literários ou narrativas de filmes e séries, associados às experiências de vida. Essa articulação facilita, na visão de Gabi Oliveira, a compreensão de aspectos concernentes às relações étnico-raciais e ao racismo. No vídeo, fez referência a texto de Malcom X, para falar de autoestima:

E pra quem tem características como as minhas e ainda está no processo, eu deixo aqui as palavras do MalcomX: Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo? Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele ao ponto que você almeja ficar mais branco? Quem te ensinou a odiar a forma do seu nariz e lábios? Quem te ensinou a odiar você mesmo da cabeça aos pés? Quem te ensinou a odiar a sua raça tanto que vocês não querem estar perto um dos outros? É bom você começar a perguntar quem te ensinou a odiar o que Deus te deu. (Trecho vídeo de Gabi Oliveira).⁸⁸

No final, a autora explica aos seus seguidores porque escolheu inserir no seu discurso o conhecimento acadêmico para discutir sobre autoestima. “*E porque eu decidi fazer esse vídeo assim ‘tão teórico’ pra falar sobre algo tão simples como autoestima? Porque a gente só consegue avançar pra cura, quando a gente começa a entender a raiz do problema*” [Trecho do vídeo Vamos Ficar Bem: Um Vídeo sobre Autoestima, disponível em Papo DePretas de Gabi Oliveira]⁸⁹.

Segundo Santos (2017), os ativistas operam frequentemente a tradução intercultural entre o conhecimento nascido na luta e o conhecimento acadêmico, com vistas a construir novas configurações cognitivas e políticas, processo designado como ecologia de saberes. O conhecimento nascido na luta não avança de modo isolado, mas entra em diálogo com muitos outros conhecimentos, como é possível perceber na descrição do vídeo em que Gabi Oliveira discute autocuidado como estratégia política, ao fazer uma relação entre diferentes fontes de informação e conhecimento (Fig. 22).

⁸⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis&t=400s>. Acesso em 19 jun 2019

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQ7qTeDJCe0>. Acesso em 19 jun 2019

Figura 22 – Reprodução da caixa de descrição do vídeo Autocuidado como Estratégia Política




Gabi Oliveira 
 Publicado em 4 de jan de 2019

 INSCRITO 388 MIL 

Oi, gente! Tudo bem com vocês? 2019 promete ser uma ano difícil para minorias. Os próximos anos serão de muita luta, mas até pra lutar precisamos MINIMAMENTE estar com saúde física e mental.

ARTIGO MENCIONADO-
 O AUTOCUIDADO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA -
<http://sur.conectas.org/o-autocuidado...>

VÍDEO DÉBORA BALDIM - AUTOCUIDADO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA -
<https://www.youtube.com/watch?v=N3zOo...>

NOMES DE APLICATIVOS

DAILY YOGA (EXERCÍCIOS DE YOGA)
 PEAK (TREINAMENTO MENTAL)
 FOREST (NÃO MEXER NO CELULAR)

SITE COM VÁRIOS LIVROS EM PDF

<http://lelivros.love> (se você tiver a possibilidade de comprar os livros, por favor, compre-os)

Categoria [Pessoas e blogs](#)

Fonte: (OLIVEIRA, 2019)⁹⁰

Nátaly Neri, autora do Canal Afro e Afins, destaca o caráter ativista das narrativas audiovisuais de mulheres negras no YouTube, em um testemunho publicado no Canal DePretas de Gabi Oliveira. De acordo com Nátaly, a internet promove novas formas de ativismo, que são apropriadas por mulheres negras atualmente.

Ativismo é uma entrega a uma causa que geralmente está muito ligada a sua vida, que age em todos os âmbitos da sua existência. Eu acho que a gente faz muito ativismo. Acaba sendo uma militância porque eu acho que a internet é um foco de discussão e de contribuição que hoje em dia é muito eficaz. Mas a gente na nossa vida é muito ativista. (Trecho de fala de Nátaly Neri em vídeo no Canal DePretas de Gabi Oliveira).

Esse tipo de ativismo ainda não era legitimado pelos movimentos sociais tradicionais de maneira geral, que compreendia a atuação de forma branda e pouco transformadora, segundo Nátaly Neri.

Nátaly Neri: Geralmente as pessoas mais velhas dos movimentos sociais, isso eu não tô falando de uma maneira generalizada, julgam muito as nossas formas de lidar com as coisas, “ah, é uma militância muito passiva, é uma militância muito fofa, é uma militância que só faz vídeo na internet”, como se isso não fosse poderoso, como se isso não mudasse a realidades e pensamentos, como se isso não mudasse a nós mesmas, né? Eu acho que se você tem interesse e a oportunidade de ir pra rua, de entrar nos movimentos sociais, de ir para partido, de se organizar politicamente, institucionalmente, vai. É um ambiente de descoberta, de construção profunda e completamente diferente as vezes do que a gente experimenta aqui.

⁹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IIiJ1kng/community> Acesso em: 20 ago 2019

Gabi Oliveira: Inclusive, a gente vai! Mas isso não significa que outro tipo de ativismo seja desqualificado.

(Trecho de fala de Nátaly Neri em vídeo no Canal DePretas de Gabi Oliveira).

De acordo com a fala de Nátaly Neri há diversas formas para os ativismos, na contemporaneidade, que se tornaram complementares. As várias formas de organização política têm importância e podem se articular. Gabi Oliveira concorda e afirma, ainda, que a construção dessas narrativas envolve coragem para o enfrentamento do racismo, ainda que feito de forma extrovertida, com linguagem jovem. Em entrevista à plataforma Catarse, Gabi Oliveira respondeu sobre o olhar direcionado à ação política que aparece nas redes.

A gente ter coragem de falar das nossas questões nunca vai ser fofinho (risos) na sociedade onde a gente vive. Não vai ser fofo, nunca é... não importa a linguagem que a gente usa... não importa se eu tô mais sorridente, não importa. [O racismo] está sempre ali na nossa porta, de reações duras, reações que as vezes fazem a gente chorar. Então, não é fofinho, não. (Trecho de vídeo do Catarse).

Ainda que existam questionamentos acerca da eficácia e da legitimidade do ativismo negro na internet (BUENO, 2016), essas mulheres negras jovens afirmam o seu lugar numa militância articulada como autoria de uma geração que encontrou na internet e na própria estética (geração tombamento) uma nova linguagem com a qual é possível lutar contra o racismo. Monique Evelle, mulher negra, ativista e empresária, que acompanhava Gabi Oliveira na entrevista pela Catarse, concordou que existem hoje novas formas de atuação ativista:

Mas tem que entender os contextos, minha gente. Então vai muito do onde estamos ocupando e se as gerações anteriores estão entendendo que a cada geração existe uma outra forma de militância. A gente ouviu muito hoje essa história de geração tombamento, né? Que é estética, etc. A gente não pode anular a geração tombamento. Porque é uma outra forma de enfrentar o racismo. Então, eu acho que em questão de ocupar a dificuldade está em aproximar gerações pra compreender outras formas de militância [...]. Ocupar criando outras perspectivas, conectar pessoas, trazer outras, deixar a porta aberta assim. (Trecho de vídeo do Catarse).

Apesar de perceber e lutar contra o racismo na formação de representações negativas sobre as identidades estéticas das mulheres negras, há um interesse das vlogueiras em ampliar as discussões, incluindo as formas de autocuidado, para encontrar qualidade de vida nesse contexto de opressões diversas. Gabi Oliveira, por exemplo, incentiva mulheres negras a criarem estratégias de autocuidado. Para ela, essas práticas tornam-se estratégias políticas de fortalecimento das lutas diárias (Fig. 23).

Figura 23 - Reprodução de imagem do vídeo sobre Autocuidado como Estratégia Política



Fonte: (OLIVEIRA, 2019)⁹¹

Gabi Oliveira sugere, em seu vídeo, algumas práticas que podem contribuir com o processo de autocuidado, como: 1) Desconectar da internet (redes sociais); 2) Organizar e planejar o dia; 3) Exercitar a mente (rotina de leitura, escrita, aprender um instrumento musical, aprender a cozinhar, etc.); 4) Exercitar o corpo; 5) Respirar; 6) Cuidar da alimentação; 7) Deixar o ambiente limpo e organizado; e 8) Cultivar afetos e redes de apoio. Ainda explica porque considera estratégico cuidar do corpo e da mente.

É sim estratégico você cuidar da sua mente, nós precisamos de você, nós precisamos da sua mente ativa, precisamos do seu poder de argumentação, precisamos da sua arte, das suas criações, das suas estratégias [...]. Você precisa de você saudável, a sua família, a sua causa, a sua luta, toodos precisam de você no seu melhor estado. Fazer exercício físico muda o nosso ânimo. E eu não estou falando aqui que você precisa ter uma barriga tanquinho, vocês sabem que eu não sou dessas, mas não dá pra acreditar que você ficar sentado o dia todo não vai trazer consequências. [...] Sendo quem eu sou O meu pensamento é que os meus ancestrais lutaram muito para poder sobreviver, pra eu ter hoje uma vida e eu não cuidar dela minimamente [...] pra que eu esteja nessa vida de uma forma mais saudável. (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira⁹²).

Segundo Gabi Oliveira, assumir a necessidade de tais práticas é também subverter o olhar social que considera o “*autocuidado como algo distante da população negra, respirar como uma prática elitista*”. Para ela, “*a população negra passa por muitos momentos de raiva e precisa*

⁹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TNbi5R2-WPA&t=121s> Acesso em: 20 ago 2019

⁹² Vídeo 8 Práticas de Autocuidado Para Tentar Aguentar 2019 | Papo DePretas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TNbi5R2-WPA>. Acesso em: 20 ago 2019

canalizar essa energia”. Observa que, muitas vezes, pessoas que vieram da pobreza, após a ascensão, adquiriram hábitos alimentares pouco saudáveis.

Porque agora eu tenho dinheiro pra comprar, agora eu tenho dinheiro pra lanchar o que eu não poderia lancher [...] E aí a gente começa a comer só porcarias, sabe? [...] Quando eu olho muitas vezes pra alimentação que minha avó tinha eu considero que muitas vezes era uma alimentação muito melhor do que a minha e com menos dinheiro. (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira).

No vídeo, a vlogueira faz uma reflexão sobre como os seus antepassados comiam com mais qualidade por produzir seus próprios alimentos e indica a prática de cultivar horta como estratégia de autocuidado destinada ao bem-estar do corpo. “*Cuidar do meu corpo no espaço em que habito é uma estratégia de autocuidado*” (Trecho de vídeo de Gabi Oliveira).

Os trechos dos vídeos demonstram uma busca por construir narrativas que abordem temas para além dos problemas que o racismo provoca diretamente, indicando outros elementos que caracterizam o ativismo das vlogueiras. Ana Paula Xongani demonstra que o seu canal tem objetivo semelhante:

Tá, legal. Eu já entendi que o racismo tá aí. Eu já entendi que a gente vive num país racista. Que o racismo é estrutural e estruturante. Mas o que eu faço a partir daí, sabe? Depois da tomada de consciência, o que eu faço? Como sobreviver, como existir, sabe? E eu acho que essa é que foi a chave. Eu não mudei só a linha editorial, eu comecei a refletir sobre isso também. A me colocar nesse lugar de execução, sabe?! (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018).

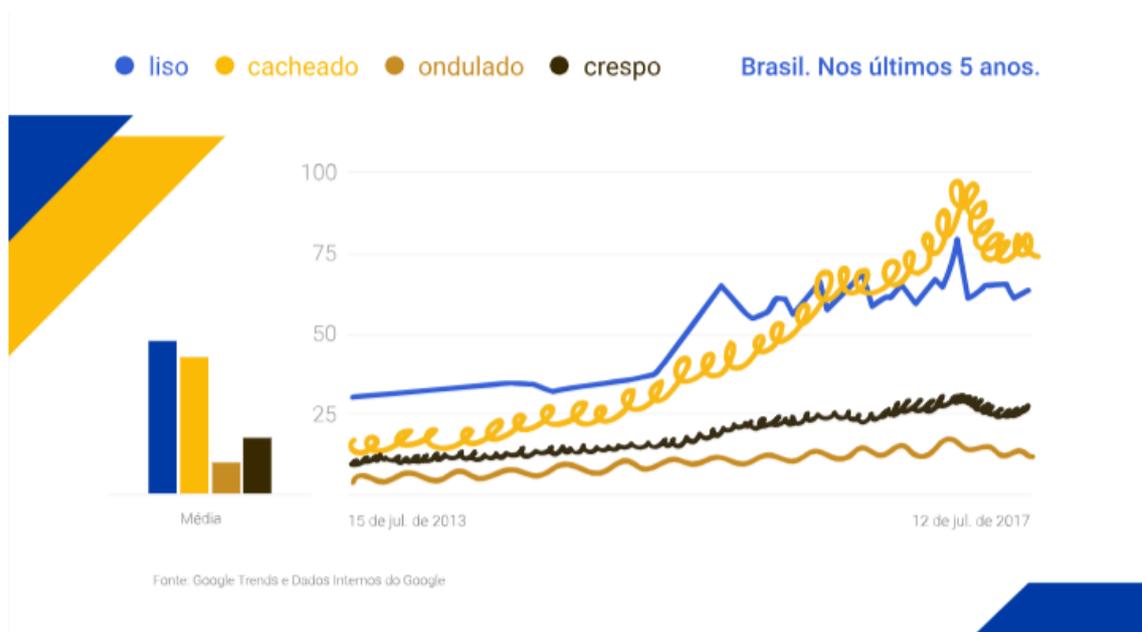
A relação com as marcas de fabricantes de produtos comerciais é ainda outra questão observada na construção das narrativas dessas mulheres que, ao buscarem novas representações da identidade estética, questionam o mercado sobre a representatividade de pessoas negras na publicidade, bem como na produção de produtos voltados para a pele negra e o cabelo crespo – até então pouco encontrados nas prateleiras das lojas. Essas ações se conectam ao ativismo protagonizado pelas vloguerias, que está relacionado à construção de uma narrativa crítica ao padrão hegemônico de beleza que também estrutura as relações de mercado de oferta. Ora apontaram para uma escassez e mais recentemente um crescimento na oferta.

Segundo pesquisa da Google, em 2017, a expressão “cabelos cacheados” ultrapassou pela primeira vez a busca pelos lisos, um crescimento de 232%, e o interesse por “cabelos afro” aumentou 309%, nos últimos dois anos⁹³ (Fig. 24). Para a Google, que vende dados sobre o perfil de buscas em seus navegadores, esse crescimento representa uma nova possibilidade de mercado

⁹³ Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/revolucao-dos-cachos/>. Acesso em: 19 ago 2019

para as empresas, que nasceu da apropriação da plataforma por essas mulheres: “a tendência nasceu do *underground* e tornou-se *mainstream* com a força de símbolo do amor próprio e do fortalecimento da identidade negra e afrodescendente”.

Figura 24 – Aumento no uso das expressões “cabelos cacheados” e “cabelos afro”, no buscador da Google



Fonte: Relatório Google (2017).

Esse aumento é demonstrado pelos dados produzidos pelos buscadores e vendidos para empresas que os tomavam como fonte de pesquisa mercadológica. Por reconhecerem que seus conteúdos serviam também a esse fim, as vlogueiras estabeleceram relações profissionais com essas marcas. No início da pesquisa, observou-se que Gabi Oliveira e Ana Paula Xongani tiveram dificuldades de inserção no universo publicitário, que adotava perfis de mulheres negras de pele clara e com cabelos cacheados. Sobre a relação com as marcas e vlogueiras que estão na publicidade, Ana Paula demonstra não possuir posicionamento contrário e expõe a sua hipótese que justifica o desinteresse das marcas por seu perfil estético.

Então, eu acho que elas tem que estar. Eu também gostaria de estar. Eu não estou, não é porque eu não sou tudo isso. [...] Para cabelo, eu não sou interessante porque eu tenho cabelo endreadado. Então, eu não consigo... eles não fazem a leitura do meu cabelo enquanto um cabelo asseado, um cabelo que lava, que pinta, eu uso todas as marcas que elas usam. Pior que é verdade. Eu tinjo com Salon Line, que eu pinto meu cabelo de preto mas enfim o meu cabelo não faz a leitura de um cabelo limpo, né? (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

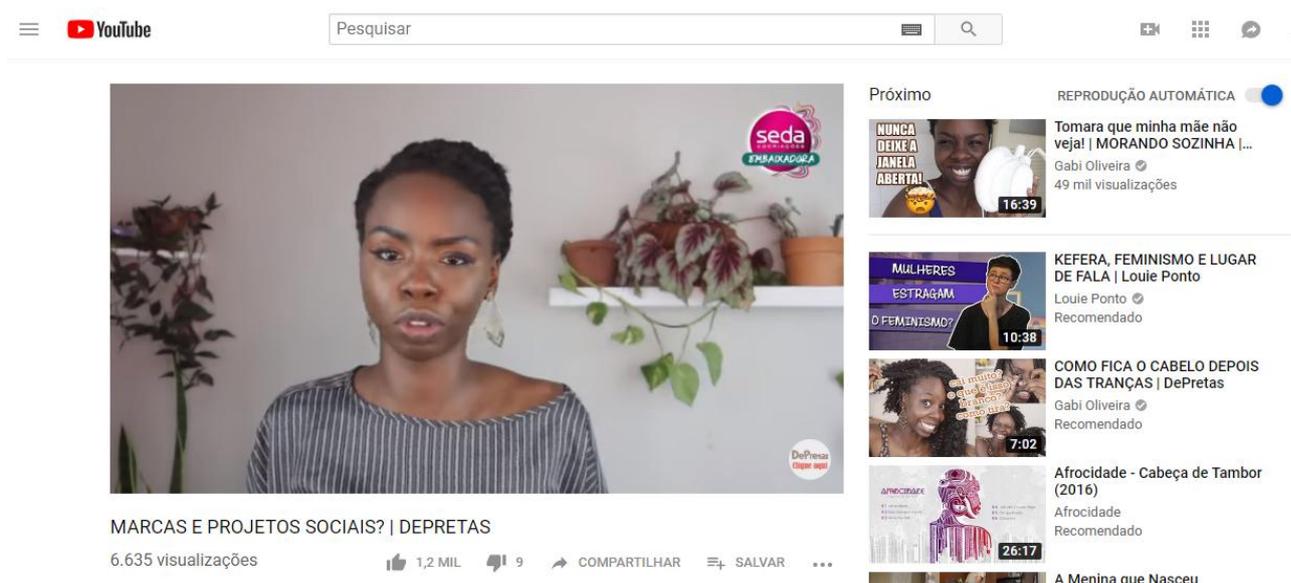
Em vídeo encomendado por uma marca de produtos de cabelo, e veiculado no próprio canal, Gabi Oliveira abre diálogo com seus seguidores sobre como interpreta o posicionamento de algumas marcas a respeito de questões sociais. Diz que o interesse principal das empresas é o lucro, mas afirma que as mudanças provocadas no discurso e nas ações das marcas também partem das transformações ocorridas na sociedade. Com isso, porém, a vlogueira não conclui que

a própria apropriação, pelas empresas, do discurso advindo da sociedade tem como fim o lucro das empresas e não discute quais as implicações dessas estratégias de mercado para a luta antirracista.

Já tem alguns anos que a gente está num processo onde as marcas têm se posicionado em apoio a algumas questões sociais e aí entram aqueles questionamentos: é válido ou não é válido? É genuíno ou não é genuíno? A gente está numa sociedade que é capitalista, então as empresas querem lucrar, obviamente. Seria ingênuo da nossa parte se a gente não levasse isso em consideração. Em contrapartida vale pontuar que as marcas mudaram porque a gente mudou. Esse foi um processo de baixo pra cima. Nós como sociedade temos um papel importantíssimo nas mudanças no discursos e nas ações das marcas. [...] Obviamente que tem empresas que se aproveitam dessas temáticas. (Trecho do vídeo de Gabi Oliveira)⁹⁴.

No entanto, Gabi Oliveira afirma que, ao estabelecer relações comerciais com as marcas, busca questioná-las acerca das suas contribuições efetivas para a luta antirracista, por exemplo (Fig. 25). Segundo a autora, “Um dos processos que a gente faz com as marcas que procuram a gente pra um relacionamento mais longos é questionar quais os processos internos elas têm estabelecido pra que a diversidade esteja só na propaganda”⁹⁵.

Figura 25 – Reprodução de imagem do Vídeo Marcas e Projetos Sociais



Fonte: (OLIVEIRA, 2019)⁹⁶

Nos comentários, um seguidor reafirma a compreensão de que o objetivo final das marcas, quando buscam acompanhar as demandas sociais, é simplesmente o lucro (Fig. 26).

⁹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KakOCApuI5E>. Acesso em: 18 ago 2019

⁹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KakOCApuI5E&t=1s>. Acesso em: 18 ago 2019

⁹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KakOCApuI5E&t=21s>. Acesso 19 ago 2019

Figura 26 – Reprodução de imagem com comentário sobre comprometimento das marcas com as demandas sociais



Mano irmano 3 meses atrás (editado)

Bacana hein , as marcas geralmente acompanham as demandas sociais ;as pessoas ainda não se deram conta do poder que elas tem, quando estão unidas. Quando um determinado grupo começa a ganhar um certo destaque social, o mesmo passa a ser usado como vitrine e divulgação para as marcas, que visam o lucro .Exemplo : agora esta na moda falar sobre racismo e representatividade , logo já existem mais propagandas comerciais com negros de protagonistas ,ainda são poucas , mas se comparar ao passado está mudando. As marcas não são bobas e já perceberam que um publico melhor informado vai buscar aquilo que os representa. O negro que faz essa reflexão sobre o papel das mídias na vida social das pessoas começa a buscar se vê melhor representado, e não busca mais a validação branca; mais sim a valorização da sua estética, do seu grupo social.

Mostrar menos



RESPONDER

Fonte: (IRMANO, 2019)⁹⁷

Ana Paula Xongani concorda com Gabi Oliveira sobre a necessidade de provocar as marcas a estabelecerem mais mudanças sociais. Considera que essa relação precisa ter limites e não pode ser romantizada. Mas que é necessário ocupar o espaço no momento.

Eu não tenho coragem de dizer ‘Não faça [participação em publicidade]!’ Eu não tenho coragem de dizer: ‘Eu não faço’. Tem limites? Eu acho que tem limites. E eu acho que quando a gente entra nessas marcas, a gente entra num trabalho interno que precisa ser feito. Que aí eu não sei se tá sendo feito. Que é... sei lá... durante o processo, exigir algumas coisas. Trazer outras pessoas, falar das demais. Não dá para entrar e achar que tá tudo bem lá dentro. Mas eu acho que tem que tá lá nesse momento. Nesse momento. Depois eu não sei. Mas nesse momento, tem que tá. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em outubro de 2017).

Para Ana Paula Xongani essa é uma relação ainda necessária e significa subversão, na medida em que os espaços da publicidade no mercado da beleza não foram reservados às mulheres negras. “*Eu acho que é a mesma coisa do YouTube. O ideal seria a gente subverter, mas, enquanto isso, a subversão é estar lá*”, afirma. Informa que uma de suas estratégias é ampliar o seu público ao falar sobre os produtos de uma marca famosa na indústria de cosméticos e, logo em seguida, citar os produtos de uma marca de pequeno porte, cuja proprietária seja uma mulher negra. “*Por exemplo: eu, do mesmo jeito que eu vou falar da Avon, no vídeo seguinte eu vou falar da Negra Rosa, então, eu atinjo o público com o que se tem, e depois eu me comprometo com uma forma de compensar. Entendeu?*”, explica Ana Paula Xongani.

As ações políticas das três vlogueiras concentram-se numa crítica à sub-representação das mulheres negras nos diferentes espaços sociais, especialmente na mídia; à forma como o racismo estrutural gera mal-estar entre mulheres negras em sua autoestima; denúncia da falta de produtos

⁹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAkOCApuI5E&t=21s>. Acesso 19 ago 2019

estéticos para mulheres negras. Este ativismo, no entanto, operou em tensão com interesses diversos, do mercado publicitário e da plataforma YouTube, dentre outros.

Os discursos das vlogueiras abrangem as esferas de opressões relativas às questões de gênero e raça, mas não se posicionam enquanto narrativa anticapitalista. Verifica-se, dessa forma, uma estratégia que pode tanto desmobilizar ou descaracterizar suas lutas, como também ampliar o seu alcance ao lhes propiciar amplitude de exposição e audiência por meio das suas publicações na plataforma.

Ana Paula Xongani afirma que, apesar de ser uma relação muito difícil de ser estabelecida, entende que o ativismo protagonizado pela geração atual envolve assumir o mercado, porque percebeu, pelas experiências de seus pais, que a tentativa de romper com o sistema capitalista, quando se vive em uma sociedade movida pelo capital, é muito difícil.

É muito difícil. Mas eu acho que... o nosso próximo passo enquanto uma geração ativista é assumir o mercado. Eu acho que os nossos pais tinham uns passos anteriores, que era fundamentar as bases mesmo. Mas hoje a gente consegue perceber, a partir mesmo das observações dos anteriores que chega uma hora no sistema capitalista que se você não tem o mínimo, você não chega adiante. E a gente tá fazendo diferente, porque a gente tem. Eu sinto assim, tipo, minha mãe tentou outra coisa não deu certo. Agora eu vou tentar o plano B. Agora a gente tá tentando o plano B, porque agora a gente tá fazendo uma negociação muito estratégica.[...] Pra quem sabe, a minha filha consiga voltar com o plano A. Porque ela vai ter estrutura para isso. Porque eu vou fazer estrutura para ela. Por que assim, eu acho que a gente não consegue fazer uma militância estratégica. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

Em 2019, último ano de observação, percebeu-se que Ana Paula Xongani fez parcerias profissionais com marcas de beleza, o que demonstra que existe um ativismo que não se assume anticapitalista. A vlogueira afirmou, em 2017, que perdeu muito por não ter assumido trabalhos com marcas. *“Eu penso que eu perdi muito criando um outro caminho. Dizendo muitos não. Dizendo: ‘Não gente, eu não vou conversar com essa marca que não tem mulheres negras. Eu num vou fazer propaganda... Eu me arrependo, hoje, de verdade.”* Segundo ela, se tivesse acessado as marcas e capitalizado com elas, o seu canal e a sua mensagem ativista teriam um alcance maior. Também assumiu que essa era uma tentativa que poderia não funcionar, mas era preciso experimentar, porque o recurso financeiro era importante para a articulação das suas ações ativistas nas redes (Fig. 27).

Figura 27 – Reprodução de imagem da participação de Ana Paula Xongani em publicidade



Fonte: (NATURA, 2019)⁹⁸

A administradora do *vlog*, Ana Paula Xongani, explica como era difícil assumir que, como mulher negra, também sentia vontade de consumir. Reconhece como é doloroso negar esse lugar, porque no fundo, apesar de todo o posicionamento político, existia o desejo. Ainda que esse desejo possa ser visto como contraditório às suas lutas sociais, compreende que é humano ser seduzido pelo mercado de consumo e é um direito que não deve ser retirado da pessoa negra, também submetida ao sistema.

O quanto doloroso é pra gente negar esse lugar porque dói, a gente quer no fundo. Eu tenho uma coleção de barbies negras. Por sinal esse é vídeo com maior visualizações, por que eu tenho uma coleção de barbies negras, de barbies, né?! Porque todo mundo fala assim: “Ah, mas Ana Paula você tem uma coleção de barbie, a Barbie é magra, a Barbie tem vários problemas, a Barbie é de uma empresa branca e tal”. Tá, eu podia ter deixado continuar minha Barbie no baú, mas o quanto doloroso é, porque no fundo, no fundo, no fundo, lá no fundo, falando a real, a gente gosta. A gente também na numa militância interna de não querer, de não gostar, de ir a festa da Avon. De estar nesse turbilhão de sensações. Porque no fundo a gente gosta, e sabe porque a gente gosta? Que a princípio a gente nunca imaginou que a gente poderia estar. Então é claro que quando há essa possibilidade, a gente se encanta, glamouriza aquela situação. E tudo bem também, Por que não é possível que os brancos não glamourizem coisas nessa vida. Que são tudo racional, que tudo é sistemático, é planejado. Eles glamouriza e depois deixa de glamourizar e a vida vai seguindo. [...] Será que a gente não pode experimentar? Será que a nossa vida tem que ser tudo sim ou não, preto no branco, vai ou não vai, é ou não é? Será que a gente não ter o mínimo de... não pode ser nada híbrido nada tênue? Porque que nosso lugar é tão duro? Porque que as nossas certezas não podem mudar? Você fez isso, já era. Acabou pra você. Porque sabe? Será que isso de novo não tira o nosso senso de humanidade? (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em agosto de 2017).

⁹⁸ Disponível em: <https://seusfolhetos.com.br/natura-ofertas/folheto-13754-0> Acesso em: 30 set 2019

Para ela, a população negra já rompeu com muitos artifícios de uma sociedade branca e capitalista e continua dando passos em direção a novas conformações nas relações com esse universo.

A gente já deu conta de muita coisa se a gente comparar. Eu sou muito ancestral mesmo, porque eu tô sempre comparando com a geração anterior. A gente já deu conta de muita coisa. A gente já não se deslumbra com muita coisa. Mas sabe porque a gente não se deslumbra com muita coisa? Porque essa muita coisa que a gente não se deslumbra a gente já experimentou ou os nossos pais já experimentaram e nos falaram que não era bom. Enquanto a gente não experimentar e falar ó: “É bom não!” A gente vai sonhar com aquilo. A gente é uma geração que tá experimentando várias coisas, por exemplo... a gente já num aceita por um exemplo ser chamada de morena que era o preço por exemplo de minha mãe para estar trabalhando na TV Globo como maquiadora (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

Ana Paula Xongani afirma que se houvesse outras plataformas alternativas ao YouTube, nas quais não enfrentasse restrições às pautas ligadas às questões raciais, ela adotaria. Na sua percepção, existem duas estratégias possíveis: fortalecer a pauta negra dentro da empresa enquanto consumidores; ou abandonar a plataforma.

Eu acho que a gente precisa se organizar enquanto consumidores dessa plataforma para fortalecer quem tá lá dentro. Porque achar que uns 6 seres humanos vão... Não vão... Na verdade, eu acho que a gente nem tinha que postar mais vídeos no YouTube, né? Assim, num tem outro jeito. Se a gente pudesse reverter isso. Seria sucesso. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

Quando questionada sobre o abandono da plataforma como estratégia política, a vlogueira assume um posicionamento: o fortalecimento das pautas negras depende da criação de outra plataforma, porém, essa seria uma possibilidade utópica, pois depende de uma rede de empresas que tenha interesse em financiar, por exemplo, uma plataforma similar ao YouTube. Mais uma vez, a vlogueira reitera que a subversão possível é estar nessa plataforma construindo as suas narrativas.

Ana Paula Xongani: Ai amiga, hoje, nesse momento da vida eu tô achando que não postar. Porque quando você posta um vídeo no YouTube, você tá criando conteúdo para aquela plataforma. Para eles fazerem anúncios. Então no fundo, no fundo, no fundo, no fundo, a gente usa aquela plataforma, mas é aquela plataforma que usa a gente muito mais. Você entendeu? É... aí você fala assim “é claro que estar lá também é subverter” mas quando na subversão de não estar, eu penso numa estrutura maior que a gente conseguisse, utopicamente, ter um YouTube preto que impactasse no financeiro deles. Como? Temos um YouTube, não precisa ser preto. Temos um YouTube democrático, e aí a marca Sadia prefere agora. **Pesquisadora:** Colocar anúncio lá? **Ana Paula Xongani:** É. Não só os preto sair e vão fazer uma panela que não tem impacto social. Não! Eu tô falando de uma coisa extremamente utópica, entendeu? Que aí sim, a gente conseguiria subverter. Mas por enquanto a maior subversão que a gente pode alcançar é estar lá. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

Para Ana Paula, é notório que o YouTube reproduz as facetas do racismo institucional e das opressões de gênero e suas dinâmicas refletem a estrutura social, e, por isso, compreende que

o seu fazer comunicacional é constituído em um não lugar. Contrasta sua experiência com a de vlogueiras brancas e destaca como a dimensão racial opera na visibilidade e credibilidade das narrativas construídas no YouTube.

Eu acho que a opressão do YouTube reflete a opressão social de fora do YouTube. Não existe, absolutamente nada diferente. É a mesma hierarquia e, a mesma pirâmide social tanto aqui fora, quanto lá dentro. [...] Mas assim a gente sabe que o YouTube é uma plataforma masculina, uma plataforma branca e uma plataforma jovem, né!? Ou seja, o oposto do que eu sou. E também que a Júlia consegue ser essa pessoa que não usa maquiagem, que tem o corpo fora do padrão, é super ouvida por que é branca, né?! A gente sabe disso. A gente sabe que aquele canal “boom”, consegue ali uma grande repercussão por que é um canal de um homem negro que não fala sobre questão racial. Todas as opressões que a gente vê fora, a gente vai encontrar dentro do YouTube. Não tem absolutamente nada de diferente. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em outubro de 2017).

Gabi Oliveira tem o mesmo entendimento sobre a plataforma e questiona a forma como o modelo de negócios que a rege privilegia pessoas brancas em detrimento de pessoas negras, mesmo quando essas últimas não articulam discursos ativistas e críticos.

Porque quantas meninas [negras] têm um conteúdo muito bom mas não consegue desenvolver porque não têm nenhum apoio assim, não tem nada. [...] Eu conheço vlogueiras negras com cem, cento e cinquenta mil inscritos que não recebem nem um terço das propostas que vlogueiras brancas com menos inscritos recebem. Então aí a gente começa a pensar no recorte, porque o meu canal é um canal pequeno, e é um canal com conteúdo que fala de beleza, de estética, mas também traz outros assuntos que são mais críticos, então a gente tem que ver bem que empresa vai querer se vincular e tal. Mas tem vlogueiras negras que falam de estética e que ainda sofrem essa dificuldade de fechar parcerias assim. E aí é por causa do... e aí a gente faz o recorte né? Nesse momento a gente faz o recorte que é uma questão racial também. (Trecho de vídeo do Catarse).

A relação entre os interesses comerciais das marcas que publicam anúncios no YouTube e a distribuição dos vídeos na plataforma foi fundamental para compreender como os vídeos dessas mulheres negras circulavam e como isso poderia limitar o alcance das suas narrativas políticas. O ativismo constituído em rede pode sofrer barreiras, no que se refere à visibilidade e distribuição dos seus discursos, quando o conteúdo produzido confronta os propósitos comerciais de empresas que financiam a plataforma.

O YouTube torna-se, para essas mulheres, um espaço de fala e trocas comunicacionais acerca da identidade estética da mulher negra, no qual compartilham suas experiências com a sua identidade estética e os desafios enfrentados por mulheres negras. As narrativas criadas por essas vlogueiras apresenta caráter político, na medida em que disputam com as “velhas narrativas” construídas sobre a imagem da pessoa negra e os novos sentidos, para além do discurso de inferiorização.

Há, no que essas mulheres chamam de ativismo, uma busca por romper com estereótipos negativos, associados a pessoas negras, presentes no discurso hegemônico que se instala oficialmente pela mídia e é naturalizado entre as pessoas. Diante dessa problemática, retomamos a

defesa da importância do fortalecimento de uma imprensa negra defendida por Muniz Sodré (2015).

Para Van Dijk (1992), os discursos sociais, programas de rádio, textos jornalísticos, etc. desempenham um papel central tanto na produção quanto na reprodução do preconceito e racismo. O discurso atua nos registros da interação e cognição e a mídia atua como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações raciais, em geral, estruturadas por uma tradição intelectual elitista.

Segundo Sodré (2015), falar de elite é designar grupos e instituições com acesso diferenciado a mecanismos geradores de poder, tais como renda, emprego, educação e força repressiva. São essas elites que ocupam as posições de controle direto da mídia ou as possibilidades de moldar o seu discurso.

No Brasil, essas elites específicas têm basicamente natureza familiar; ou seja, representam “feudos” que fazem repercutir o imaginário e as ideologias das elites. Os profissionais da comunicação formariam uma espécie de “grupo técnico da imaginação” responsável pela absorção, reelaboração e retransmissão de um imaginário coletivo atuante nas representações sociais (SODRÉ, 2015, p. 278). O imaginário é, nesse contexto, categoria importante para compreender, segundo ele, muitas das representações negativas do cidadão negro na mídia. A esses, são destinados, em filmes e novelas, papéis subalternos (ARAUJO, 2010).

As principais práticas ativistas das narrativas, como demonstrado por meio dos dados apresentados, foram: a) Compartilhamento de técnicas sobre como cuidar do cabelo crespo e penteados; b) Produção de resenhas sobre produtos cosméticos voltados para o cabelo crespo e a pele negra; c) Produção de narrativas sobre colorismo, solidão da mulher negra, empoderamento, gordofobia, moda consciente, etc. – todos imbricados com a discussão da identidade da mulher negra.

As ações em rede protagonizadas pelas vlogueiras iniciaram-se em torno do aspecto do cabelo e se ampliaram para outras questões que envolvem a identidade estética da mulher negra. As narrativas construídas e compartilhadas por essas mulheres negras possuíam um caráter político, no que se refere às disputas de narrativas com a mídia tradicional acerca da identidade estética da mulher negra. O aspecto ativista das narrativas analisadas estava situado na busca pela transformação do olhar para a identidade estética da mulher negra, por meio das produções audiovisuais, nas quais observou-se a elaboração de uma crítica à valorização de uma estética

baseada unicamente num ideal de branqueamento, padrão recorrente na mídia e historicamente institucionalizado⁹⁹ no Brasil (NASCIMENTO, 2011).

Além da questão da identidade estética, percebe-se, por meio da análise dos conteúdos dos vídeos, uma relação entre os temas discutidos nos canais com suas histórias de vida e a agenda dos movimentos de mulheres negras. Os conteúdos dos vídeos demonstram aproximação entre as narrativas audiovisuais e o ativismo de mulheres negras localizado dentro e fora das redes sociais digitais. Temas articulados, como identidade estética, saúde da mulher negra, violência policial, educação, maternidade negra, e o próprio ciberativismo sintonizam com uma agenda histórica e contemporânea dos movimentos.

Em vídeos como O Dia que me Chamaram de Preta Maldita¹⁰⁰, Tour pelo meu rosto¹⁰¹, e Tour pelo meu corpo (SQN)¹⁰² as vlogueiras demonstram buscar a construção de novas narrativas sobre a identidade estética das mulheres negras, um discurso afirmado, por exemplo, pela Associação Cultural Ilê Aiyê, desde a década de 1970, para sedimentar a autoestima na comunidade negra de Salvador e propagar a cultura afro-baiana. O Ilê Aiyê, com o concurso Deusa do Ébano, visou promover, em suas diferentes edições, a discussão acerca da negritude e do padrão de beleza eurocêntrico, não só aor meio de critérios estéticos, mas também relacionados à apropriação dos valores culturais afro-brasileiros inseridos em sua história. A temática em questão foi amplamente debatida pela professora, intelectual e ativista Nilma Lino Gomes, autora de diversos artigos acadêmicos e livro sobre o racismo na construção da identidade estética da população negra.

A saúde da mulher negra também é um tema discutido em vídeos como Autocuidado como Estratégia Política¹⁰³, de Gabi Oliveira, com enfoque dado à saúde mental das mulheres negras. A abordagem sobre o bem viver está em sintonia com as ações ativistas, acerca da saúde da mulher negra, propostas pela Organização Não Governamental (ONG) Criola, que têm como objetivo “instrumentalizar mulheres, adolescentes e meninas negras para o desenvolvimento de ações para o combate ao racismo, ao sexismo e homofobia e para a melhoria das condições de vida da população negra”¹⁰⁴.

Essas discussões também foram historicamente debatidas na academia e fora dela por intelectuais e ativistas, como Jurema Werneck (2005), Sueli Carneiro (2018), Neuza de Santos

⁹⁹ “Em 18 de setembro de 1945 foi institucionalizado no Brasil o Decreto-Lei n. 7.967, regulando a entrada de imigrantes de acordo com ‘a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia’” (NASCIMENTO, 2017, p. 86).

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=if-ZLWo9Yrk>. Acesso em: 20 out 2017.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>. Acesso em: 20 fev 2019.

¹⁰² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qy8eEtalxcE&t=2s> Acesso em: 10 mar 2019

¹⁰³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8iLiJ1kng/community> Acesso em: 20 ago 2019

¹⁰⁴ Disponível em: <http://abong.org.br/associadas/criola/>. Acesso em: 4 jun 2019.

Souza (1983). Sintonizado com essa discussão está o tema Maternidade Negra, abordado de forma mais recorrente por Ana Paula Xongani, que é também ativista em dois coletivos sobre a temática.

Ao tratar dos estereótipos racistas difundidos na mídia, as vlogueiras apontam a associação das populações negras à criminalidade. Assim, se aproximam da abordagem sobre como o racismo pauta a violência policial ao naturalizar o vínculo do negro com imagens de subalternidade. Muitos movimentos, como as Mães de Maio, participam de atividades e encontros relacionados ao tema da violência institucional direcionada à população negra, pobre e periférica.

No vídeo Cotas raciais: sim ou não? | Papo DePretas, em que Gabi Oliveira propõe debate sobre temáticas como Cotas Raciais¹⁰⁵ e no Vídeo Peppa Não, em que Ana Paula Xongani debate racismo em materiais didáticos¹⁰⁶, as vlogueiras produziram conteúdos sintonizados com a agenda de educadoras negras que, articuladas com o Movimento Negro, a partir de denúncia do racismo no sistema educacional brasileiro, propuseram políticas públicas destinadas a promover uma educação antirracista.

A denúncia sobre o racismo no livro didático também foi discutida pela professora, intelectual e ativista, Ana Célia Silva (2004), que analisou a representação social do negro nos textos e ilustrações. O vídeo proposto sobre Cotas Raciais aborda tema está em sintonia com os debates propostos pelo Movimento Negro Unificado sobre as políticas de ação afirmativa na educação brasileira, bem como a constituição de uma educação antirracista, que reverberaram nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, bem como na Lei de Cotas Raciais (Lei 12.711/2012), que garante o ingresso de alunos oriundos integralmente do ensino médio público em instituições públicas de ensino superior e médio, e na redação de diretrizes para implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Por fim, foi possível perceber que o próprio ativismo articulado por meio das tecnologias digitais em rede se aproximam de metodologias adotadas por coletivos que exploraram a autoria nas redes como elemento importante do seu fazer político, como o portal Blogueiras Negras e Geledés, bem como a Plataforma Alyne – destinada a denúncias de violações dos direitos humanos de mulheres negras, gerido pela ONG Criola, por meio da Rede de Mulheres Negras Ciberativistas.

A internet tornou-se, portanto, um novo contexto de disputa de narrativas políticas; proporcionou espaço para um fazer ativista com características distintas do ativismo tradicional a partir das histórias de vida dessas mulheres, suas identidades e do combate ao racismo. Assim,

¹⁰⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s. Acesso em: 21 jun 2019

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 13 fev 2019.

constituíram-se as principais características do ativismo em rede protagonizado pelas vlogueiras negras:

- a) Estruturado com base nas experiências com o cabelo crespo natural;
- b) Constituído em rede – construção das narrativas, as tensões, com a plataforma YouTube e as trocas com os seguidores;
- c) Formado inicialmente pela produção de vídeos com objetivos de construir uma narrativa alternativa à mídia tradicional;
- d) Centrado nas discussões sobre a identidade estética da mulher negra, com destaque para o cabelo;
- e) Articulador de uma tradução de conhecimentos acadêmicos;
- f) Objetiva evidenciar a luta contra as opressões racial e de gênero que atingem as mulheres negras;
- g) Possui articulações com o mercado e as relações de consumo de mulheres negras;
- h) Opera em tensão com mecanismos comerciais e outros, do YouTube, pouco transparentes.

Suas ações políticas se concentram numa crítica à sub-representação das mulheres negras nos diferentes espaços sociais, especialmente na mídia; à forma como o racismo estrutural gera um mal-estar entre mulheres negras a respeito da sua autoestima; denúncia da falta de produtos estéticos para mulheres negras. Esse ativismo, no entanto, opera em tensão com interesses diversos, do mercado publicitário e da plataforma YouTube, dentre outros. Nesse sentido, o discurso produzido pelas vlogueiras abrange as esferas de opressão relativas às questões de gênero e raça, mas não se posiciona enquanto narrativa anticapitalista.

Dessa forma, verifica-se existir uma estratégia que pode tanto desmobilizar ou descaracterizar suas lutas, mas também ampliar o seu alcance, ao lhes propiciar maior exposição e audiência, por meio da ampliação do alcance de suas publicações na plataforma. O ativismo em rede articulado por essas mulheres se constitui na forma como construíram as narrativas, articulando diversos conhecimentos; nas tensões que envolvem o funcionamento dos canais na plataforma YouTube e as questões raciais apontadas nos conteúdos dos seus vídeos.

4 MULHERES NEGRAS E PROCESSOS FORMATIVOS DECOLONIAIS EM REDE

Compreender a articulação de processos formativos protagonizados por mulheres negras nas narrativas audiovisuais que circulam no YouTube requer um olhar acerca da natureza de tais processos, como assumem especificidades advindas das trocas de saberes possibilitadas pelo acesso digital em rede, e das próprias questões raciais que estruturam as narrativas produzidas por essas mulheres negras.

Para isso, partimos da discussão acerca do campo conceitual de formação com enfoque numa perspectiva experiencial articulada por especificidades da negritude; refletimos sobre as apropriações políticas do ciberespaço e os fluxos de saberes que compõem tais processos formativos; e buscamos tensionar esses campos (formação e cibercultura) a partir das questões raciais que atingem as participantes da pesquisa e mobilizam a produção de narrativas audiovisuais em rede analisadas.

Com base na análise das referidas narrativas em rede, construídas por meio da experiência de mulheres negras no YouTube, construímos a ideia de “processos formativos decoloniais em rede”. Para nós, esses processos emergem da articulação de práticas autorais mediadas pelo digital em rede, que compõem um conjunto de ações de luta contra a colonialidade a partir das interpretações das histórias das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Essas práticas autorais em rede produzem experiências formativas no âmbito da desconstrução dos sistemas de opressão construídos pela colonialidade, que tentou reprimir os modos de construção do conhecimento do colonizado; inferiorizou as suas imagens e seus mundos simbólicos por meio da invisibilização e subalternização dos seus modos de ser, viver e saber.

A reconstrução dessa imagem e a ruptura com a colonialidade passa pela desconstrução dos ideais impostos pelo processo de colonização, que ainda afetam as populações exploradas e marginalizadas. Para isso, é necessário construir uma crítica à modernidade ocidental em seus postulados históricos, sociológicos e filosóficos. Esse processo de resistência a esses ideais é histórico, mas ainda necessário, considerando que a colonialidade não diz respeito a um sistema político-econômico apenas. Colonialidade e modernidade constituem duas faces de uma mesma moeda (GROSFOGUEL, 2008).

Por isso, a descolonização e a libertação anticapitalistas não podem ser reduzidas a uma única dimensão da vida social, mas envolvem uma transformação mais ampla das hierarquias sexuais, de gênero, espirituais, epistêmicas, econômicas, políticas, linguísticas e raciais do sistema-mundo colonial/moderno. Assim, a perspectiva da “colonialidade do poder” (GROSFOGUEL, 2008) nos desafia a pensar em transformações sociais de forma complexa. Os

caminhos para a articulação de um pensamento decolonial partem da ação dos próprios subalternizados.

Para compreender os processos formativos articulados em rede por mulheres negras na internet é importante compreender os contextos social e político nos quais essas mulheres estão inseridas. Esse caminho inclui o entendimento de que o processo de colonização forjou configurações sociais que ainda restringem o acesso de mulheres negras a diferentes lugares e posições na sociedade, e a elas são majoritariamente conferidos papéis subalternos.

A ciência, a academia, as instituições político-partidárias são espaços em que a presença de mulheres negras é reduzido, por razões de discriminações racial e de gênero (DA SILVA, 2011). Assim, neste capítulo, discute-se como a contra narrativa sobre as identidades estéticas de mulheres negras, construída na ação ativista das vlogueiras, constitui um processo formativo decolonial nas redes.

4.1 Mulheres negras e decolonização

Os processos de dominação vividos durante o período histórico de colonização do Brasil refletiram numa construção ideológica de inferiorização dos povos afrodescendentes que foi e é questionada por sujeitos e grupos que resistem a esse processo de marginalização que atinge as mais diversas esferas da vida cotidiana de negras e negros no País. Essa construção é um modo de operar do racismo, “uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais” (MUNANGA, 2003, p. 3).

A ideologia racista atribuiu à ideia de raça um sentido sociológico, ou seja, a raça, no imaginário do racista, não é exclusivamente um grupo definido por traços físicos. A raça, numa perspectiva racista, tem relação com um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc., que são considerados naturalmente inferiores ao do grupo ao qual ele pertence. Assim, uma sociedade racista considera que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequência direta de suas características físicas ou biológicas.

O racismo, visto na perspectiva estrutural, pode ser desdobrado em processo político e processo histórico. É político, porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende do poder político para viabilizar a discriminação sistemática de grupos inteiros. Ainda como processo político, o racismo se apresenta em duas dimensões: institucional e ideológica. A dimensão institucional diz respeito à regulação jurídica e extra-jurídica que tem o Estado como centro dessas relações e pode criar os meios necessários para que o racismo seja incorporado às práticas cotidianas. Já o aspecto ideológico envolve a construção de

narrativas que acentuam a ideia de uma unidade social, mesmo diante das divisões de gênero, raça e classe, por meio de um imaginário social reproduzido pelo Estado, escolas, universidades e meios de comunicação de massa (ALMEIDA, 2018).

Para entender o racismo como processo histórico, é importante saber que cada sociedade possui uma trajetória singular de formação social e que o racismo foi construído como um projeto político de sociedade. Nos estados contemporâneos, as classificações raciais tiveram importante papel para definir as hierarquias sociais, a legitimidade para a condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. No Brasil, a classificação racial tem como principal definidor a estética de ascendência africana somada à capacidade de consumo (ALMEIDA, 2018).

Neste trabalho, o racismo é entendido como uma ideologia que marca as relações sociais e hierarquiza grupos étnico-raciais, como estratégia para a dominação econômica e política. Esse processo de classificação atinge as mais variadas dimensões do ser humano, como intelectual, afetiva e física. Com isso, foram criados estereótipos racistas que são reproduzidos pelas imagens circulantes na mídia e, ao serem repetidos, constroem um imaginário social sobre a imagem da pessoa afrodescendente.

Situamos nesse contexto o processo de inferiorização sofrido por mulheres negras na sociedade brasileira, relacionado com a exclusão social expressa no acesso de má qualidade à educação; oferta precária de serviços de saúde; não garantia da segurança; hiperssexualização dos seus corpos; pouca representatividade em cargos de gestão, na mídia (revistas, rádio, televisão, etc.). Essa realidade produz representações sobre as identidades das mulheres negras que se refletem no olhar que elas têm de si.

Mesmo após a colonização, vivemos num campo de tensões e relações de poder em que ainda se questionam as concepções, representações e estereótipos sobre a África, os africanos, os negros brasileiros e sua cultura, construídos histórica e socialmente nos processos de dominação, colonização e escravização. As formas como esses processos são reeditados, ao longo do acirramento do capitalismo, pode ser visto, atualmente, no contexto da globalização capitalista (GOMES, 2012).

A produção imagética construída sobre as mulheres negras, desde o período escravocrata, as “representa” como corpos sem mentes, ou uma corporeidade cerceada pela ideia de servidão e sedução (hooks, 2015). De tal forma, “nascemos para cuidar dos outros”, “somos boas de cama”, somos sempre solícitas e, ao mesmo tempo, secundarizadas nos “papéis sociais”.

O Dossiê ¹⁰⁷ sobre a situação dos direitos humanos das mulheres negras no Brasil, produzido pela Anistia Internacional, através da ONG Criola e do Instituto Geledés, revela que as taxas de homicídios de mulheres negras são 2,5 vezes mais altas. No Brasil, entre as que são assassinadas, o número de mulheres negras é maioria (87% na Região Nordeste; 81%, na Região Norte; 71%, na Região Centro-Oeste; 55% na Região Sudeste; e apenas na Região Sul não são maioria - 18%). O Dossiê revela também que, no ano de 2012, 56 mil pessoas foram assassinadas no Brasil e, dessas, 30 mil são jovens entre 15 e 29 anos, enquanto desse total, 77% eram negras. A maioria dos homicídios foi praticado com armas de fogo e menos de 8% dos casos foram julgados. Esses dados demonstram uma maternidade ultrajada, entre as mulheres negras mães de jovens assassinados, e em sua maioria periféricas. Além disso, o documento mostra que o acesso a serviços de saúde é precário, para esse grupo, o que representa 62% da taxa de mortalidade materna, segundo o dossiê.

No contexto de um sistema capitalista, a marginalização das mulheres negras subtraiu os direitos humanos básicos, como habitação, saúde, alimentação, educação, assim como criou mecanismos de exclusão do consumo de bens materiais e culturais para elas. Para compreender as diferentes formas de opressão enfrentadas pela mulher negra, hoje, é necessário analisar como a colonização criou discursos que fundamentam essa realidade.

4.1.1. Decolonização do conhecimento

Pensar as identidades da mulher negra brasileira hoje requer um olhar para a formação identitária que remonta aspectos da história de colonização do País. Neste trabalho, não compreendemos identidade como uma dimensão única e estável, mas que existe heterogeneidade quando se trata de mulheres negras – classe social, orientação sexual, identificação de gênero, cor, textura de cabelo, profissões, acesso a bens materiais e de consumo, etc. Porém, existem elementos comuns de identificação reconhecidos nas histórias de vida dessas mulheres que revelam que o pensamento colonial ainda se mantém em nossas relações sociais: acesso à educação, saúde, segurança; relações de trabalho e afetivas; autoestima, etc.

Portanto, por entender que a produção de identidades se constitui na relação com os outros e com o meio sociocultural, e definida historicamente e não só biologicamente (HALL, 2001), está ligada a sistemas de representação e possui estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2000), elucidaremos possíveis relações sobre como o pensamento colonial trouxe consequências para a produção e difusão do conhecimento entre mulheres negras e como isso se reflete nas

¹⁰⁷ Disponível em: <http://www.criola.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Dossie-Mulheres-Negras-PT-WEB3.pdf>. Acessado em: 03 de março de 2017.

diferentes formas de exclusão numa sociedade capitalista. Para isso, inicia-se pela compreensão do pensamento moderno ocidental que estruturou e estrutura as relações sociais no Ocidente.

Primeiramente, é necessário compreender que o pensamento moderno ocidental é, segundo Boaventura Santos (2010), abissal, cujas características principais são produzir e radicalizar distinções visíveis e invisíveis entre dois lados de uma linha e a impossibilidade da copresença dos dois lados. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio da divisão da realidade em dois universos distintos: deste lado da linha e do outro lado da linha, em que o outro lado da linha não existe sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível e é excluído de forma radical, pois permanece exterior àquele universo. Um exemplo de tais distinções é a separação entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais, países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

As principais manifestações do pensamento abissal estão expressas no conhecimento e direito modernos. Na dimensão do conhecimento, temos a separação entre verdadeiro e falso e, no direito, entre legal e ilegal. Essas separações orientam e regulam a nossa vida cotidiana de diferentes formas. Neste trabalho, focaremos no conhecimento, primeira expressão do pensamento abissal moderno que consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção entre o verdadeiro e o falso, o que criou uma disputa epistemológica entre as formas científica e não científica de verdade.

A negação radical da coexistência entre as diferentes formas de conhecimento provocou um processo de apropriação que envolveu incorporação, cooptação e assimilação dos conhecimentos dos povos colonizados (SANTOS, 2010). De acordo com Gomes (2010), nas regiões mais periféricas, o encontro entre os saberes hegemônicos e não hegemônicos é mais desigual e violento. Essa negação de uma parte da sociedade, segundo Santos (2010), criou condições para a outra parte se afirmar como universal. Essa relação abissal expressa nas formas violentas de dominação colonial foi concretizada por meio da destruição física, cultural, material e humana dos povos dominados. Violência posta na proibição do uso de línguas próprias em espaços públicos; conversão e destruição de símbolos e lugares de culto; adoção forçada de nomes cristãos; e todas as formas de discriminação cultural e racial.

Para Santos (2010), as colônias representam um modelo de exclusão radical que permanece atualmente no pensamento e em práticas modernas ocidentais, tal como aconteceu no ciclo colonial – sistema prisional, trabalho infantil, novas formas de escravatura, etc. As linhas abissais continuam a estruturar o conhecimento e demonstram como a injustiça global está, dessa forma, associada à injustiça cognitiva.

Essa linha abissal, expressa nas formas de circulação da informação, revela como a sociedade moderna é centrada na identidade do homem branco europeu/americano cujas formas

de produzir conhecimento estão centradas na ciência moderna, e tem excluído outros atores na produção do conhecimento e outras formas de produzi-lo.

Conforme afirma Lyotard (2011), o saber em geral não se reduz à ciência, nem mesmo ao conhecimento, que é o conjunto de enunciados que descrevem objetos e podem ser declarados verdadeiros ou falsos. A ciência seria um subconjunto do conhecimento, feita de enunciados denotativos, em que o objeto deve ser observável explicitamente e o enunciado julgado como linguagem pertinente, ou não, por *experts*. Lyotard defende, portanto, a mudança no estatuto do saber e mostra que a ciência existe enquanto discurso legitimado, mas é somente mais um discurso.

O saber científico coexiste com outros saberes, como os narrativos, que possuem um modelo ligado às ideias de equilíbrio interior e de convivialidade. O saber envolve, portanto, saberes como saber-fazer, saber-viver, saber-escutar, nos quais não existe aplicação de um critério de verdade científica. Saber, portanto, é aquilo que torna alguém capaz de proferir bons enunciados denotativos, mas também avaliativos, prescritivos; não privilegia os enunciados cognitivos em detrimento de outros; e envolve também se conhecer, decidir, avaliar, transformar (LYOTARD, 2011).

A modernidade, porém, instaurou uma concepção de conhecimento centrada no saber científico e em um rigor atingido por medições. As limitações dessa concepção abriram espaço para o reconhecimento de que a subjetividade humana não pode ser reduzida por medições. Na lógica moderna, conhecimento refere-se ao processo de instituição de leis abstratas para explicar a realidade exterior, ao mesmo tempo em que reduz e simplifica a realidade a estruturas abstratas que são concebidas de maneira fragmentada e quantitativa (MORIN, 2003).

Autores como Boaventura e Santos (2010), no entanto, apresentam um movimento de transformação epistemológica e criador de alternativas, ao que chamam de crise do paradigma dominante. Esse processo é resultado da identificação de limites e insuficiências do paradigma científico moderno, que norteou predominantemente a produção de conhecimento humano sobre a natureza e a sociedade, no ocidente.

Conforme afirmam Morin (2003) e Ardoino (2012), vivemos em um mundo complexo, no qual não cabe mais os princípios outrora adotados pela ciência moderna, caracterizada pela fragmentação, redução e homogeneização do conhecimento. É emergencial a necessidade de novos referenciais, capazes de oferecer uma ótica plural e heterogênea que rompe a perspectiva disciplinar do conhecimento.

Além disso, o conhecimento produzido pela própria ciência moderna revela a existência de uma geopolítica do conhecimento por meio da qual é possível perceber que “[...] a ‘história’ do conhecimento é geo-historicamente marcada e também tem um valor e um lugar de ‘origem’. O

conhecimento não é abstrato e deslocado”¹⁰⁸ (MIGNOLO, 2003, p. 1). Essa geopolítica do conhecimento consolidou-se, em parte, com o processo de colonização dos povos das Américas, Ásia e África, durante o qual os colonialistas operavam uma imposição dos seus sistemas a essas populações. Para isso, foi necessário consolidar uma construção ideológica que permitisse afirmar a inferioridade de suas vítimas. Esse mecanismo ideológico que serviu para justificar toda a sorte de injustiças, orquestrou a ideia de uma cultura dominante, estruturada a partir da imposição da universalidade de sua civilização. A imposição da cultura imperialista passou, então, a ser transmitida por meio de diferentes formas, como a literatura, a arte e a educação (AGRA, 2013).

Grosfoguel (2016, p. 25) atribui o racismo/sexismo epistêmico da estrutura das universidades ocidentalizadas aos genocídios/epistemicídios contra muçulmanos, judeus, povos nativos das Américas, povos africanos, e mulheres europeias acusadas de bruxaria. Esses foram fundantes de uma estrutura epistêmica que inferioriza os conhecimentos produzidos por homens e mulheres que não ocupam esse lugar hegemônico. A legitimidade e o monopólio do conhecimento dos homens ocidentais têm gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, e desqualificam outros conhecimentos e outras vozes críticas aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais.

A dominação colonial e capitalista global constituiu-se também como uma dominação epistemológica que atribui aos dominados lugares de subalternidade. Nesse sentido, as formas de dominação da colonização se constituíram como um modelo de exclusão que permanece em nossa forma de pensar, em nossos conceitos básicos e nossas diretrizes fundamentais de operação do conhecimento das coisas (SANTOS, 2010).

No Brasil, as consequências da colonização conferiram aos saberes produzidos pelos povos nativos das américas e povos africanos um lugar de subalternidade e muitas vezes de invisibilidade. Nesse contexto, Munanga (2013) ressalta a necessidade de descolonização dos currículos no sentido de superação da visão eurocêntrica e abertura para o diálogo com as demais culturas que compõem a identidade nacional. O autor destaca que a proposta de descolonização não se constitui através de uma troca de centralidade, mas na busca pelo diálogo entre todas as culturas.

Os processos educacionais forjados fora das instituições de ensino, pelos movimentos sociais, por exemplo, têm se constituído como possibilidades de reinvenção no tratamento do conhecimento, ao difundir e valorizar saberes invisibilizados pelo currículo escolar. Os

¹⁰⁸ Tradução própria da autora para o texto: “La ‘historia’ del conocimiento está marcada geo-históricamente y además tiene un valor y un lugar de ‘origen’. El conocimiento no es abstracto y deslocalizado” (MIGNOLO, 2003, p. 1).

movimentos sociais têm disputado novas narrativas ao produzir, no seio das suas lutas, discursos contra-hegemônicos, em oposição às proposições homogeneizantes de sociedade e cultura. Historicamente, há exemplos de ações políticas que põem em questão o racismo e o sexismo de forma interseccional à classe e pensa como esses sistemas de opressões atingem as mulheres negras articulando formas de resistência.

No contexto da escravidão, as organizações de atividades religiosas, profanas e festivas; a formação de sociedades secretas ou públicas de mulheres a partir dos compromissos religiosos ou étnicos, geraram modelos organizativos que ainda hoje orientam ações políticas de negros e negras. Na atualidade, atuam em partidos; organizações negras mistas; associações culturais, universidades e grupos feministas; bem como em associações de moradores de favelas e bairros pobres; nas organizações de trabalhadoras e trabalhadores rurais e urbanos; nos grupos de mães na luta por melhor qualidade na educação pública; nos movimentos pela reforma e melhoria do sistema de saúde pública; nas articulações religiosas, tanto de matriz afro-brasileira quanto cristã e outras (WERNECK, 2005).

Em oposição às formas de exclusão, as ações políticas de mulheres negras de cunho antirracista pautam a necessidade de descolonização e apontam a necessidade de descentralizar o saber e poder centrados no discurso hegemônico masculino e branco, viabilizando novos olhares sobre a realidade que oprime os povos africanos e afrodescendentes. Dar visibilidade e respeitar as produções intelectual, artística, e política das mulheres negras significa uma busca pela superação de um sistema racista e sexista que marginaliza a mulher negra desde a sua estética até a sua produção intelectual e posição política. Nesse sentido, é necessário criar espaços formativos que contribuam para a descolonização de saberes e que proporcionem visibilidade às narrativas intelectuais e políticas de mulheres negras.

Ao explicitar o caráter educador do Movimento Negro, Gomes (2017) aponta a importância da sua trajetória no desenvolvimento de um pensamento que se coloca contra os processos de colonização e indaga qual é a primazia da interpretação e produção eurocentrada de mundo e do conhecimento científico. Para a autora, o percurso do Movimento Negro no Brasil constituiu narrativas que “questionam os processos de colonização do poder, do ser e do saber presentes na estrutura, no imaginário social e pedagógico latino-americanos e de outras regiões do mundo” (GOMES, 2017, p. 15-16).

Os saberes produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro reconstrói identidades, traz indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e a realidade social. Ao fazê-lo, propõe novas epistemologias, entendida por ela como toda noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. Assim,

assume que as experiências sociais são constitutivas de vários conhecimentos, cada um com seus critérios de validade (SANTOS, 2010).

A autora sinaliza uma ampliação dessas narrativas, que adentram o espaço das redes sociais e produzem:

Essa juventude, principalmente as mulheres, realiza marchas do Orgulho Crespo, ações como o Encrespa Geral, eventos de empoderamento crespo, páginas específicas no Facebook, programas no YouTube, *blogs* e tutoriais de beleza negra. Compreendem como o corpo e o cabelo são importantes símbolos de construção da identidade. (GOMES, 2017, p. 76).

Nesse contexto, indagamos como as narrativas das três mulheres negras participantes da pesquisa constituem espaços formativos sobre identidade estética da mulher negra.

4.2 Processos formativos e tecnologias digitais em rede

A discussão sobre processos formativos agrega diferentes abordagens acerca dos significados do termo *formação* (PIMENTA, 1997; CANDAU, 1983; FARIAS, *et al.*, 2014). Historicamente, o seu conceito tem se modificado como um sentido em constante negociação, ainda que seja comumente associado aos processos formais de ensino. Frequentemente, agrega-se ao significado de formação aquilo que é exterior ao sujeito, estritamente associado a uma ação ou atividade que ocorre nas instituições de ensino. Ainda que essas perspectivas de formação sejam importantes e válidas no campo da educação, o caráter das experiências analisadas de mulheres negras no YouTube requer um olhar sobre os processos formativos que não se restringe aos âmbitos formais de aprendizagem, mas que são constituídos no fluxo das experiências cotidianas.

Assim, partimos da compreensão de que a formação não é uma ação simples, determinada por fatores exclusivamente externos, não é um método, não é uma técnica, não é um processo de maturação, não pode ser confundida simplesmente com educação, nem com ensino ou aprendizagem, assim como não é a capacidade de um sujeito de reter informações (MACEDO, 2010). A formação é experiencial e se desenvolve como uma atividade consciente do sujeito, que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária, em termos de competências existenciais, instrumentais ou pragmáticas, na ocasião de um acontecimento, de uma situação, ou de uma atividade que põe o sujeito em interação com ele próprio, com os outros, com o ambiente natural ou com as coisas (JOSSO, 2002).

A concepção de formação não pode ser restrita somente ao resultado de um evento educativo formal. Trata-se de um fenômeno com um significado mais amplo, global, que inclui diferentes facetas da vida de uma pessoa. Para Dominicè (2006), toda formação tem uma história a ser narrada, e essa narrativa revela um processo múltiplo que só se interrompe com a morte.

A formação envolve um processo de significação das histórias de vida com as complexidades e contradições das experiências, em dados contextos social e histórico. As biografias de mulheres negras de múltiplas gerações, por exemplo, ainda que atravessadas historicamente pelas mesmas opressões — gênero, raça e classe — assumem especificidades nas formas de vivenciar e enfrentar essas problemáticas sociais. Tais experiências de enfrentamento fazem parte dos seus processos formativos, por meio das suas construções identitárias, constituídas por escolhas, negociações, renúncias, etc.

Para a compreensão desses percursos, é importante considerar a experiência de vida como elemento fundante dos processos formativos dessas mulheres. Essa ótica inclui a percepção de que os conhecimentos científico-acadêmicos na formação de um indivíduo, é apenas uma das referências importantes, e não a única referência, que produz compreensões sobre uma faceta da realidade. A partir desse olhar, torna-se necessário valorizar a construção de processos formativos que incluam outras referências de conhecimento.

Ao refletirmos sobre as narrativas construídas pelas mulheres negras no YouTube, partimos do pressuposto de que os processos formativos se constituem na relação entre o sujeito e o seu contexto sócio-histórico. Com isso, consideramos que a formação é sempre singular, mas essa singularidade se constrói pelos percursos socializados, habitados por heranças coletivas dos sujeitos. Essa perspectiva compreende a formação como uma experimentação existencial que ocorre durante uma constante busca de si (DOMINICÈ, 2006).

No contexto das novas e renovadas vivências dos atores na cibercultura, os processos formativos ampliaram suas formas e contextos. As tecnologias digitais em rede vêm estruturando novas relações sociotécnicas, entre as quais destacam-se a produção e socialização interativa de conhecimentos no ciberespaço na relação dos atores com as tecnologias (SANTOS, 2002). As esferas do digital em rede configuram-se como campos legítimos de formação, e atribui-se a elas o *status* de redes educativas, já que a formação acontece em múltiplos contextos (SANTOS, 2011), como nos diferentes aparelhos culturais das cidades, nos movimentos sociais, nos espaços religiosos, em instituições educacionais, bem como através das redes digitais de informação e comunicação.

As tecnologias digitais, neste sentido, podem se tornar um elemento importante para a construção existencial dos sujeitos imersos nessas redes e fluxos comunicacionais e têm se constituído importantes mediadoras de processos de aprendizagem baseados na experiência. O modelo aberto de aprendizagem dos *hackers*, por exemplo, denominado de Academia da Rede, envolve um ambiente de aprendizagem, que está em processo contínuo de evolução. Esse ambiente é criado pelos próprios aprendizes, os professores, no mundo dos *hackers*, ou aqueles indivíduos que montam as fontes de informação são frequentemente indivíduos que acabaram de

aprender algo. Esses processos de aprendizagem são pautados pelas demandas do grupo, desvinculados de processos formais de ensino, a exemplo do que acontece nas práticas de aprendizagem da cultura *hacker* em que “o processo típico de aprendizagem começa quando um problema interessante é estabelecido” (HIMANEN, 2001, p. 74).

Além da experiência dos *hackers*, os *cyberpunks* também constroem, a partir da mediação das tecnologias digitais, apropriações da técnica para um fazer político e social, que se torna formativo. A premissa dos *cyberpunks* - encarnada na expressão “*do it yourself*” - articula e mobiliza uma apropriação da técnica de forma política e social:

[...] Faça você mesmo de sua vida uma obra de arte, aqui e agora [...]. Explore as possibilidades simbólicas e concretas da utilização dos objetos técnicos. Pegue em suas mãos o destino tecnológico do planeta. Comunique, troque, toda a informação é boa e deve ser livre [...]. (LEMOS, 2010, p. 198).

Tais apropriações simbólicas e práticas da técnica, vividas pelos *cyberpunks*, constroem narrativas políticas e humanas no ciberespaço que dialogam como os processos de aprendizagens dos *hackers* e indicam novos espaços formativos articulados em diálogo com as tecnologias digitais em rede.

De acordo com Jungblut (2015), as “ações políticas” no ciberespaço, ou “ciberacontecimentos”, podem gerar questões que se estruturam sobre: a) As negociações e percepções de realidade ali ocorrem; b) Os tipos de engajamentos identitários que suscitam nos atores dessa experiência; e c) A tessitura das relações sociais que neles ocorrem. Tais questionamentos indicam que as ações políticas vivenciadas no ciberespaço, bem como a construção e difusão de narrativas em rede, podem se aproximar de uma busca por sentido à existência e às experiências, por meio das percepções de realidade compartilhadas, dos engajamentos produzidos e das relações sociais que ali se estabelecem.

Com isso, questionamos, na próxima seção, se, ao agregar narrativas que propõem negociações e percepções de realidade, e narrativas de engajamentos identitários, o YouTube seria um espaço formativo? Quais as tensões técnicas e políticas suscitadas nessa plataforma?

4.3 YouTube - um espaço formativo?

A cultura digital tem sua origem na apropriação social da informática na segunda metade dos anos 1970, com a criação de uma rede digital aberta, plural e democrática. Essa rede resultou da ação de visionários que defendiam a liberdade, inovação e criatividade e a internet tornou-se importante infraestrutura de comunicação; uma rede mundial descentralizada, que ampliou de forma inédita a democratização do conhecimento e a liberdade de circulação da informação pela

liberação da emissão, conexão generalizada e reconfiguração social (cultural, política, econômica) (LEMOS, 2019).

Nesse sentido, a internet deveria impedir o obscurantismo e oferecer possibilidades de emancipação. Mas o cenário atual, proporcionado pela Plataformização, Dataficação e Performatividade Algorítmica (PDPA) nos coloca reféns de plataformas digitais, da lógica da dataficação (como uma modulação da vida pessoal por dados) e da ação opaca e silenciosa dos algoritmos. A PDPA coloca em xeque as ideias de emancipação, liberdade e conhecimento que deram origem à cibercultura (LEMOS, 2019)¹⁰⁹.

O “capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2019) e seu sistema de governança algorítmico, se fortalecem por meio de bolhas, nas redes sociais; *fake news*¹¹⁰; amplo domínio do rastreamento, coleta e processamento da vida social, na forma de dados operacionalizáveis para fins diversos (comerciais, políticos, governamentais); surgimento de interfaces que são passagens obrigatórias na vida cotidiana, precarização global do trabalho (“uberização”).

O Brasil (um dos países mais conectado do mundo) sofre, bem como outras nações, com as *fake news*, com o descaso para com as instituições, com o orgulho ignorante contra visões fundamentadas na ciência, com o desprezo pelos fatos (pós-verdade), com a manipulação de sentimentos em redes sociais, com o medo psicossomático das diferenças, produzindo violência simbólica e real. (LEMOS, 2019, s/p).

Apesar de tudo, o ciberespaço ainda se configura como local de resistência e ainda há espaço para ações políticas libertárias nas redes. Contudo, deve-se investir em educação e informação para a tomada de consciência sobre os processos subterrâneos em jogo, e fortalecer os marcos regulatórios que garantam um quadro jurídico e desenho para a proteção da privacidade.

Nesse cenário, estão as ações livres dos indivíduos no ciberespaço que, em decorrência da multidirecionalidade e da polifonia supostamente vigente no ciberespaço, permite que os atores vivenciem exercícios constantes de confrontação argumentativa.

Inúmeras versões de uma mesma informação, inúmeras interações, às vezes simultâneas, inúmeros contraditórios a um posicionamento, inúmeros argumentos a serem levados em conta num debate, forçam o usuário de Internet a uma reflexividade política que, inegavelmente, potencializa a autonomia posicional deste sujeito e lhe turbinam o ativismo. (JUNGBLUT, 2015, p. 15).

Em sintonia com a perspectiva de estudo do espaço em sua dimensão simbólica os estudos de Lefebvre (2007) revelam o espaço enquanto “produto social”. De acordo com esse sociólogo francês, as ciências que se ocupavam de estudar o espaço, na tentativa de explicá-lo, o

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www.lab404.ufba.br/?p=3599>. Acesso em: 20 jul 2019.

¹¹⁰ “Ações intencionais criadas para atingir grupos ou pessoas, tendo como motor a lógica da performatividade algorítmica das redes sociais, indo muito além do boato, ou do erro jornalístico.” (LEMOS, 2019, s/p).

fragmentaram, segundo pressupostos metodológicos simplificados: histórico, geográfico, sociológico, etc.

Essa tradição científica da separação (tridimensionalidade, separação do espaço tempo, etc.) dos saberes fragmentários estava, no entanto, distante das práticas sociais e das produções do espaço. Para o autor, as dinâmicas sociais revelam que as dimensões de espaço e tempo não podem ser separadas: “Tempo e espaço não são separáveis: espaço implica tempo, e vice-versa”¹¹¹ (LEFEBVRE, 2007, p. 118). O espaço social contém grande diversidade de objetos, tanto natural como social, incluindo as redes e os caminhos que facilitam a troca de objetos materiais e informação.

Seria impossível, segundo Lefebvre (2007), pensar a cidade e o urbano moderno, enquanto “obras” sem a princípio concebê-los como produtos. O espaço não pode ser concebido passivo, vazio; como produto, intervém na própria produção, por interação, intervindo na organização do trabalho produtivo, nos transportes, fluxos de matérias-primas e energias. Para o autor, o espaço é oriundo do processo de produção e, ao mesmo tempo, dá suporte ao seu desenvolvimento.

Lefebvre (2007) entende o espaço organizado em três dimensões: concebido, percebido e vivido. O espaço concebido está relacionado com as representações de espaço, a partir das quais, lugares são projetados para fins específicos; está ligado às relações de produção e à ordem que elas impõem aos sinais, códigos e às relações. O prédio de uma universidade é pensado, por exemplo, por engenheiros e arquitetos, profissionais que planejam o uso de salas para fins específicos (salas de aula, bibliotecas, sala de estudo, estacionamento, etc.). É possível criar uma hipótese sobre o que é vivido no espaço, a partir do concebido.

O espaço percebido são as práticas espaciais que abrangem “produção e reprodução”¹¹²; e seguem a formação espacial correspondente a cada formação social, ao espaço concebido. Um edifício universitário, enquanto espaço percebido, seria apenas um lugar de argumentos acadêmicos.

Já o espaço vivido representa os “espaços de representação” que incorporam os “simbolismos complexos, às vezes codificados e às vezes não, ligados ao lado clandestino ou subterrâneo da vida social”¹¹³ (LEFEBVRE, 2007, p. 33). É nele que a afetividade, o corpóreo, o

¹¹¹ Tradução livre do texto original “Time and space are not separable within a texture so conceived: space implies time, and vice versa” (LEFEBVRE, 2007, p. 26).

¹¹² Referência ao trecho: “Spatial practice, which embraces production and reproduction, and the particular locations and spatial sets characteristic of each social formation. Spatial practice ensures continuity and some degree of cohesion. In terms of social space, and of each member of a given society's relationship to that space, this cohesion implies a guaranteed level of competence and a specific level of performance” (LEFEBVRE, 2007, p. 33).

¹¹³ Tradução livre do texto original: “Representations of space, which are tied to the relations of production and to the 'order' which those relations impose, and hence to knowledge, to signs, to codes, and to 'frontal' relations” (LEFEBVRE, 2007, p. 33).

vivido e o falado se tornam evidentes. A apropriação do espaço pelos sujeitos no cotidiano formam os espaços de representação. A escola sem o aluno, não seria escola, a igreja sem os fiéis e assim por diante.

Na dimensão do vivido, o espaço concebido pode ser transgredido, vivenciado singularmente pelos sujeitos. Pela ótica do espaço vivido, percebe-se que no prédio universitário há espaço para outros discursos, além do acadêmico; que o estacionamento pode ser espaço de conversas ou manifestações políticas, a depender da apropriação feita pelos sujeitos. Podemos dizer que o ciberespaço, por exemplo, foi/é concebido para determinadas práticas, porém a apropriação que as pessoas têm feito dele revelam esses simbolismos complexos.

No caso do YouTube, é possível pensar nas três dimensões do espaço construindo uma ideia de que o espaço concebido é a estrutura projetada para postagem de vídeos por indivíduos comuns, leigos. Já o espaço percebido é a forma como as pessoas percebem as funções daquele espaço: uma plataforma de repositório de vídeos sobre diferentes temáticas (por exemplo). O espaço vivido, no entanto, agrega as apropriações que os atores podem fazer ou fazem daquele *site*.

Analisamos o YouTube como um espaço simbólico, ou como dinâmica (SANTOS, 2006). Para Santos (2006, p. 63), o espaço geográfico é como “a soma indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Analisar o sistema de ações conduz à compreensão das relações sociais de produção, enquanto a análise de sistemas de objetos à análise das forças produtivas, e essas são indissociáveis: “É indispensável precisar que as redes são também humanas, formadas, inseparavelmente, de objetos e ações”.

Para Santos (2006, p. 61), os objetos não precedem o pensamento do sujeito criador, pois são um testemunho das ações. Se os objetos estão imbricados¹¹⁴ com as ações dos sujeitos, trazem em si a subjetividade deles. Da mesma forma, provocam os sistemas de ações e interferem também no sujeito e em sua subjetividade. O espaço, portanto, segue essa dinâmica de interações. “Não basta definir os objetos em sistema. Temos de definir qual o sistema de práticas que sobre ele se exerce. Há uma interferência contínua entre os dois”.

Nessa perspectiva, tratamos o YouTube como espaço simbólico no qual atuam sistemas de objetos e sistemas de ações, já que é fundamental compreender como os elementos da interface deste *site* de rede social, dentre eles os algoritmos, influenciam nas trocas comunicativas articuladas pelas mulheres negras no YouTube, ao socializar conteúdos audiovisuais nessa plataforma. Como explicitado no capítulo metodológico, compreendemos que analisar as trocas

¹¹⁴ Santos utiliza a palavra “condicionado”, porém, consideramos mais adequada a palavra “imbricada”, para me referir à relação entre o sistema de ações e sistema de objetos, por se tratar de um adjetivo [condicionado] que denota uma relação simplificada de causa e efeito.

comunicacionais de mulheres negras nessa plataforma exige um olhar voltado não apenas para os humanos. Consideramos fundamental perceber como a interface do YouTube na internet e o funcionamento dos algoritmos restringem ou permitem interações naquele espaço, indagando como interesses comerciais da empresa Google podem interferir nos processos formativos articulados no YouTube.

No entanto, o escopo desta pesquisa não permite o aprofundamento de tais questões, especialmente sobre o funcionamento dos algoritmos, já que o acesso a essas informações é limitado pela empresa que gerencia a plataforma. Porém, identificamos como a interface pode limitar ou fomentar as trocas comunicacionais entre as participantes da pesquisa e os internautas, já que as práticas de visibilização e interação são elementos importantes para a articulação de processos formativos em rede. Nesse aspecto, intentamos compreender como as participantes da pesquisa se apropriam da plataforma YouTube através de táticas de ação (CERTEAU, 2012) e, dessa forma, dão sentido próprio a essa interface.

Certeau (2012, p. 184) caracteriza o espaço pela sua dinâmica: as operações que o orientam, circunstanciam, temporalizam. O espaço está para o lugar assim como a palavra quando é falada (perde a imobilidade e se torna dinâmica). O espaço é, portanto, para ele, um “*lugar praticado*”. “Assim, a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres”, um escrito é transformado em espaço de leitura pelo praticante. Nesse sentido, existem tantos espaços quanto experiências espaciais distintas. E as diferentes perspectivas são determinadas por uma “fenomenologia” do existir no mundo.

Nesse sentido, compreendemos que a plataforma YouTube, com suas possibilidades comunicacionais predefinidas, aparecem como um “lugar”, e a apropriação de mulheres negras por práticas que talvez não foram previstas para aquele dispositivo constituem dinâmicas que constroem um espaço. No caso dos canais analisados, percebeu-se que a constituição dessa espacialização se deu pela construção em rede de narrativas sobre as identidades estéticas das mulheres negras.

Para Certeau (2012, p. 185), “os relatos efetuam portanto um trabalho que incessantemente transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”. Segundo o autor, na base dessas narrações cotidianas, a relação entre itinerário (uma série discursiva de operações) e o mapa (descrição redutora e totalizante das observações) tem compatibilidade com a cultura chamada por ele de “ordinária” e com o discurso científico. Portanto, as perspectivas de Lefebvre(2007), Santos (2006) e Certeau (2012) permitem articular que os espaços são construções simbólicas constituídas pelas agências humana e não humana - sistemas de objetos e ações (SANTOS, 2006) e que os espaços praticados (CERTEAU, 2012) ou vividos (LEFEBVRE, 2007) representam no social essa rede complexa de apropriações do espaço que envolve diferentes atores. Nessa

perspectiva, nos interessamos em olhar para a plataforma YouTube como um produto pronto, mas observar os contornos das apropriações que foram feitas da plataforma e a agência dos objetos (interface, algoritmos, etc.) na constituição daquele espaço.

Para Van Dijck (2016), o YouTube não representa uma revolução na indústria midiática, ainda que tenha sido criada em torno dela uma expectativa de ser uma plataforma voltada para o compartilhamento de vídeos amadores, como uma alternativa à televisão. Para a autora, a plataforma representava alterações de padrões das tradicionais mídias massivas em diferentes níveis: tecnologia diferente, mudança nas rotinas do usuário, novo tipo de conteúdo e revisão radical da indústria midiática tradicional, incluindo os seus modelos de negócio.

Assim, o YouTube aparentou realizar uma disruptura com o modelo televisivo, já que o conteúdo produzido se origina de diversos terminais, mas, assim como na televisão massiva, possui um servidor central que armazena e distribui todo o conteúdo produzido. Da mesma forma, a segmentação do público não representa uma diferenciação tão radical com o modelo televisivo que, desde a década de 1990, fragmentou seu conteúdo para diferentes tipos de audiências, processo que se intensificou com migração do analógico para o digital (VAN DIJCK, 2016).

Uma das características exaltadas do ponto de vista da autonomia do internauta é a possibilidade de escolha do conteúdo que deseja assistir na plataforma do YouTube. No entanto, o modelo de negócios assumido pela Google baseou-se numa fusão entre estratégias *on-line* inovadoras e as táticas midiáticas convencionais (VAN DIJCK, 2016). Uma delas é a forma como o algoritmo da plataforma trabalha. De acordo com Silva (2017), enquanto os usuários acreditam que possuem total controle sobre o que estão assistindo, estão sendo influenciados a assistirem a determinados conteúdos, assim como na dinâmica da televisão. No caso do YouTube, esse controle é gerenciado pelo ranqueamento dos vídeos, a popularidade, dentre outros fatores (VAN DIJCK, 2016) e sua intensa publicização na interface para induzir o acesso dos usuários a conteúdos pré-selecionados segundo interesses mercadológicos da empresa.

Van Dijck (2016), em seu estudo acerca das plataformas, discute como a mídia conectiva avança a cada dia e codifica as conexões humanas como dados e os convertem em bens que produzem valor. Essa dinâmica provoca uma nova sociabilidade *on-line* da qual ainda desconhecemos os vetores de sua governança. Ou seja, não sabemos, segundo a autora, como as nossas interações continuarão se movendo e serão governadas.

O sistema de algoritmos complexos codifica uma quantidade expressiva de dados sobre os gostos, preferências dos internautas, cujo valor agregado a essa massa de dados proporciona a essas plataformas um valor de mercado incomum. Nesse sentido, compreende-se porque as mídias sociais privilegiam tanto a popularidade, que somam *clicks* em botões como *like*, que revelam

gostos e preferências dos usuários. As interfaces busca incentivar avaliações ou adesões instantâneas, rapidamente replicáveis e quantificáveis (VAN DIJCK, 2016).

O olhar crítico de Van Dijck aponta para as contradições e tensões nessas plataformas que, muitas vezes, prometem transparência, mas não revelam o funcionamento dos seus modelos de negócio. A autora compreende a mídia conectiva como parte de um ecossistema tecnocultural que projeta diferentes cenários futuros ainda desconhecidos. Com o início da *web 2.0* e a celebração da cultura da participação, houve um entusiasmo em perceber o potencial da internet para estabelecer trocas, conexões, construir comunidades e promover a democracia. Porém, é perceptível que a conectividade não demorou a se tornar um recurso valioso que, por meio da codificação de toda a informação que circula em algoritmos, possibilita gerar lucros financeiros para empresas que atuam nesse segmento. “Atualmente, este conjunto de plataformas influencia na interação humana tanto em nível individual e comunitário, bem como no nível mais alto da sociedade ao tempo em que os mundos online e *offline* se mostrem cada vez mais interpenetrados.” (VAN DIJCK, 2016, p. 18, tradução nossa)¹¹⁵.

Para compreender como se deram e os limites das apropriações dessa plataforma realizadas pelas três mulheres negras participantes da pesquisa, no que se refere a trocas comunicacionais em rede, apresentamos algumas análises sobre o YouTube como plataforma midiática, que estabelece possibilidades e limites de interatividade através da sua interface.

4.4 Articulação de narrativas em rede nos canais de mulheres negras no YouTube

O ativismo em rede articulado por essas mulheres se constitui na forma como construíram as narrativas articulando diversos conhecimentos; nas tensões que envolvem o funcionamento dos canais na plataforma YouTube e as questões raciais manifestadas nos conteúdos dos seus vídeos; bem como nas trocas estabelecidas com os seguidores dos canais. Compreendemos, neste trabalho, a narrativa em rede articulada pelas vlogueiras como uma construção ampla e dinâmica que envolveu o conteúdo dos vídeos e as trocas comunicacionais estabelecidas por meio da interface da plataforma. Para compreender a construção dessa narrativa, tecemos uma análise do processo de construção do conteúdo dos vídeos e das trocas comunicacionais estabelecidas após a publicação dos assuntos, como detalhado a seguir.

4.4.1 Processo de construção e circulação dos vídeos

¹¹⁵ “Actualmente, este conjunto de plataformas influyen en la interacción humana tanto en el nivel individual como en el comunitario, así como en el nivel mayor de la sociedad, al tiempo que los mundos online y offline se muestran cada vez más interpenetrados”

As construções das narrativas articuladas pelas mulheres negras agregaram características próprias que desenharam redes de conexões entre pessoas, conteúdos (acontecimentos, textos, vídeos, etc.) e objetos (câmeras, computadores, rede de internet, etc.). Do ponto de vista das conexões entre as pessoas, percebeu-se a atuação de outros atores, que trouxeram suas narrativas para os canais, com comentários em que construía uma troca de percepções, histórias, análises sobre diferentes temas. Os fluxos comunicacionais observados ocorrem por meio de formas distintas – unidirecional e interativo – envolvendo atores diversos.

Consideramos, para análise, que o fluxo unidirecional (fluxo-um-todos) seria estabelecido quando um vídeo publicado não recebesse comentários (não houve ocorrência) ou quando os comentários não fossem lidos ou respondidos pelo autor do vídeo. Haveria similaridade com a mídia televisiva; contudo, os comentários, ainda que não fossem respondidos, passariam a compor a mensagem que não é mais estática ou composta exclusivamente pelo vídeo, mas pelo conjunto de comentários que se seguem com expressões de divergência, concordância ou complementaridade.

a) Rede de conhecimentos articulados nos conteúdos dos vídeos

As narrativas audiovisuais produzidas por Gabi Oliveira, Ana Paula Xongani e Luciellen Assis foram construídas por meio de diferentes referências que vão além das suas histórias de vida. Elas exploraram textos jornalísticos, documentários, textos acadêmicos, entre outros, para analisar suas experiências como mulheres negras. Isso revelou que, através do fluxo digital em rede, elas acessaram e compartilharam conhecimentos, e também significaram as suas experiências de vida, base fundamental das suas narrativas. O digital em rede proporcionou para essas mulheres espaços de reflexão e autoria acerca das suas condições sociais e históricas, nos quais mobilizaram diferentes tipos de conhecimento para articular suas narrativas.

Em um dos seus vídeos, no qual tratou sobre a Síndrome do Impostor¹¹⁶, Gabi Oliveira construiu uma rede de relações entre a sua experiência como mulher negra produtora de conteúdo para o YouTube e a síndrome da impostora. Ela explicou no vídeo como a sua vivência no YouTube estava relacionada com a questão da autoestima intelectual da mulher negra. Para isso, fez referência a textos que relacionam essa questão à opressão de gênero e construiu, de forma

¹¹⁶ O termo síndrome do impostor é usado para designar uma experiência interna de intelectuais, especialmente mulheres de alto desempenho, que mantêm uma forte consciência de que não são inteligentes e de que estão enganando as pessoas quando conseguem atingir os seus objetivos. O termo foi explicado pela pesquisa de Pauline Rose Clance e Suzanne Imes, em 1978, na qual revelam que a introjeção de estereótipos de gênero parecem contribuir significativamente para o desenvolvimento do fenômeno do impostor. Apesar das excelentes realizações acadêmicas e profissionais, as mulheres que experimentam a síndrome do impostor persistem em acreditar que não são realmente brilhantes e enganaram alguém que pensa o contrário.

autoral, as relações entre a síndrome do impostor e a questão racial, ampliando as discussões dos textos por ela encontrados na rede.

Agora eu quero destacar com vocês alguns outros trechos: “A síndrome da impostora tem muito a ver com essa ideia de que homens fazem tudo muito melhor”. Eu acredito que isso também acontece em relação à branquitude, vocês não acham? [...] Aqui se a gente substituir “homens” por “brancos” eu acho que a gente tem tipo a história das Américas. [...] o que eu tô querendo mostrar é que se a gente junta gênero e raça a coisa só piora. E me causa muito estranhamento nessas matérias que eu li que esses dois fatores não tenham sido cruzados. (Trecho do vídeo de Gabi Oliveira)¹¹⁷.

Os relatos tecidos por essas mulheres revelam como construíram uma rede de relações entre as suas experiências de mulheres negras e os diferentes conhecimentos que acessaram e estão expressos no próprio conteúdo que conectam uma rede de referências do conhecimento, bem como de linguagens variadas. A imagem da Figura 28, desenvolvida com base na análise dos vídeos, representa graficamente como os conteúdos incluíam uma rede de informações que eram acessadas e trabalhadas durante a construção da narrativa. É notável que os relatos de vida das vlogueiras representavam o tipo de conhecimento mais recorrente na construção das narrativas.

Figura 28 – Rede de conteúdos no interior da narrativa do vídeo



Fonte: Elaboração própria.

Esse entrelace é perceptível, por exemplo, quando Gabi Oliveira discute e apresenta em um dos seus vídeos as ideias difundidas em uma dissertação de mestrado sobre a solidão da

¹¹⁷

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YByqHDQbVlo&t=205s>. Acesso em: 23 jan 2018.

mulher negra¹¹⁸ e conjuga os achados da pesquisa com suas experiências cotidianas: “*O que eu acho que aconteceu foi que a Claudete deu nome aos bois. Porque eu já tinha visto, já tinha percebido que várias das minhas amigas negras não tinham casado*”.

b) Rede de atores que compõem a construção dos conteúdos dos vídeos

A ideia de rede aparece também na produção de vídeos em parceria com outras vlogueiras, que podem ser de diferentes tipos. No primeiro tipo, as vlogueiras se encontram e produzem um vídeo com um tema em comum e esse vídeo é publicado em um dos canais (Fig. 29).

Figura 29 – Vlogueiras elaboram o mesmo conteúdo em vídeo único



Fonte: Elaboração própria.

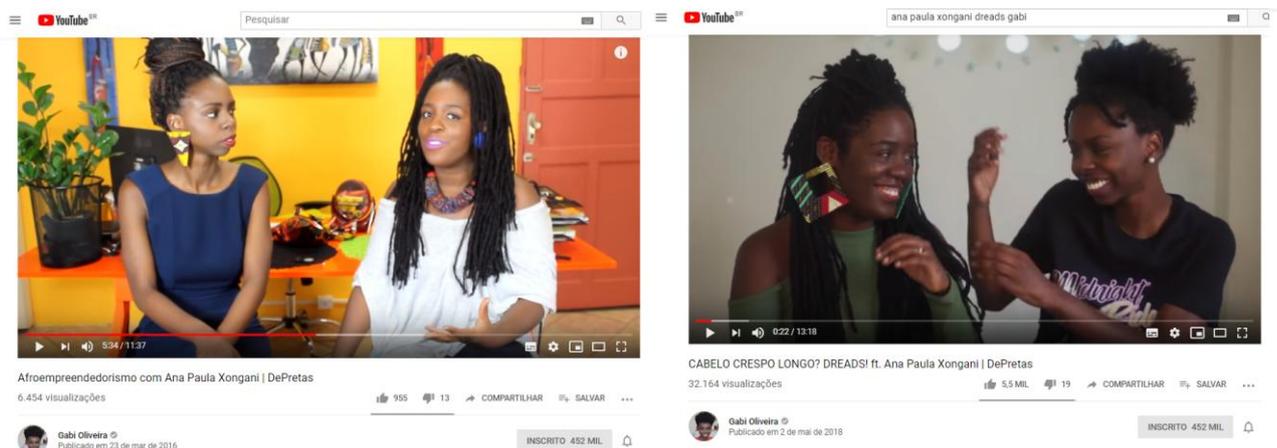
Nos vídeos *Cabelo Crespo Longo? Dreads! Ft. Ana Paula Xongani | DePretas*¹¹⁹ e *Afroempreendedorismo com Ana Paula Xongani | DePretas*¹²⁰ Gabi Oliveira e Ana Paula discutem temáticas como cabelo crespo e afroempreendedorismo no canal DePretas (Fig. 30). No primeiro vídeo, Ana Paula Xongani relata suas experiências com os *dreads* e busca tirar dúvidas sobre esse penteado afro (como lavar, valor, tempo para manutenção, etc.). No segundo vídeo, Ana Paula discute, a partir da sua experiência com a empresa Xongani, quais as implicações de ser um afroempreendedor e o papel exercido ao ajudar as pessoas negras a construir e fortalecer sua autoestima.

¹¹⁸ Dissertação: **A solidão da mulher negra:** sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Autora: Claudete Souza. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2015/09/cp056761.pdf>. Acesso em: 24 set 2017.

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSCN3BQJ1A>. Acesso em: 17 jul 2019.

¹²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SvEeUYEfyE0>. Acesso em: 17 jul 2019.

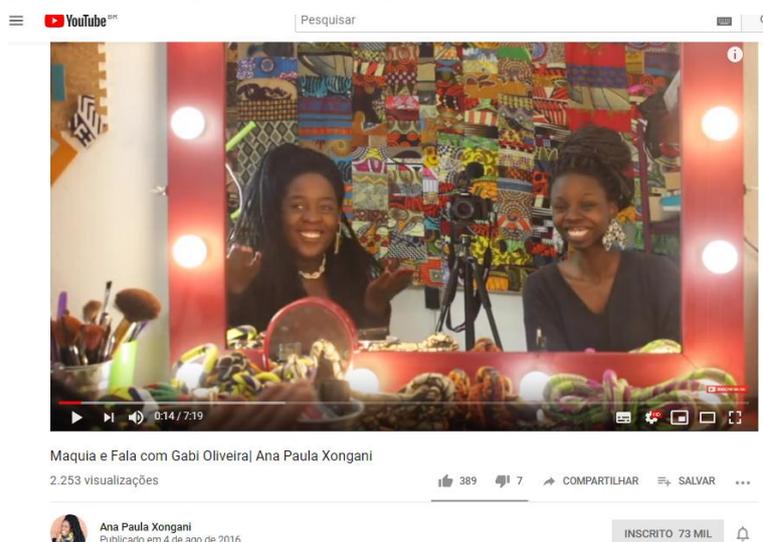
Figura 30- Reprodução de imagem de vídeos no canal de Gabi Oliveira em parceria com Ana Paula Xongani



Fonte: (OLIVEIRA, 2018)¹²¹

No Canal de Ana Paula, também observamos essa prática com os vídeos *Maquia e Fala com Gabi Oliveira/ Ana Paula Xongani*¹²² em que as vlogueiras relatam suas experiências com maquiagem como mulheres negras de pele retinta e debatem a importância de que os seguidores se inscrevam em seus canais (Fig. 31). Ana Paula relata que 80% das pessoas que assistem os seus vídeos não são inscritas em seus canais e pede que os espectadores se inscrevam, como forma de melhorar a relação com os seguidores e a distribuição dos vídeos. Gabi afirma que, de acordo com suas percepções, as pessoas que não gostam dos seus conteúdos em geral são em sua maioria inscritos nos canais e os primeiros a comentar seus vídeos.

Figura 31 – Reprodução de imagem do vídeo *Maquia e Fala com Gabi Oliveira/ Ana Paula Xongani*



Fonte: (XONGANI, 2016)¹²³

¹²¹ Disponível em: www.youtube.com. Acesso em: 17 jul 2019.

¹²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fr8jMtYpJ-s>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fr8jMtYpJ-s>. Acesso em: 17 jul 2019

O segundo tipo representa a experiência na qual ambas escolhem temas semelhantes e decidem postar um vídeo relacionado, por vezes, no mesmo período de tempo, para dar mais visibilidade (Fig. 32). Maternidade foi um dos temas discutidos por Ana Paula Xongani e Gabi Oliveira, em tempos distintos, por meio dos vídeos #1Ana Paula Xongani "Mulheres negras e mortalidade materna"¹²⁴, publicado no Canal Virada feminista e Maternidade negra: afeto, privilégios e culpa | Papo DePretas¹²⁵ publicado no canal DePretas.

Figura 32 – Reprodução de imagens de vídeos sobre o tema maternidade negra



Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹²⁶

Há também a construção de narrativas semelhantes pelo viés da temática, ainda que de forma não intencional, em que seus discursos dialogam entre si formando uma rede a respeito de temas específicos, como literatura, por exemplo. Nos vídeos Meus Livros para 2019¹²⁷, Na Minha Pele - Lázaro Ramos | Luciellen Assis¹²⁸ e 3 Livros para Você Amar | Ana Paula Xongani¹²⁹, as três vlogueiras fazem relatos de leitura e indicações de livros com temática racial e incentivam as suas seguidoras à leitura.

As experiências relatadas demonstram existir uma rede de temas relacionados à mulher negra que se forma não só no interior dos canais, mas entre os canais dessas mulheres, por meio de abordagens de temas semelhantes. Há, portanto, um fio, que frequentemente interliga os canais e une uma rede de saberes sobre um tema específico articulado por diferentes mulheres negras.

(Fig. 34).

¹²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kzuUykyfwlE>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rSq4w0Ciy88&t=45s>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rSq4w0Ciy88> e <https://www.youtube.com/watch?v=kzuUykyfwlE>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJdGUTFJFA0&t=2s>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=slxX-unybyY&t=211s>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=11RfDxuVRRg>. Acesso em: 19 jul 2019.

Figura 33 – Reprodução de imagens de vídeos sobre literatura e relatos de leitura



Fonte: (ASSIS, 2018; OLIVEIRA, 2019; XONGANI, 2018)¹³⁰

Ainda nesse tipo, observamos a produção de vídeos em que as vlogueiras produzem conteúdos que se complementam e incentivam, nos seus canais, que os internautas acessem o conteúdo produzido no outro canal (Fig. 34).

Figura 34 – Vlogueiras elaboram conteúdos com temáticas semelhantes em vídeos distintos



Fonte: Elaboração própria.

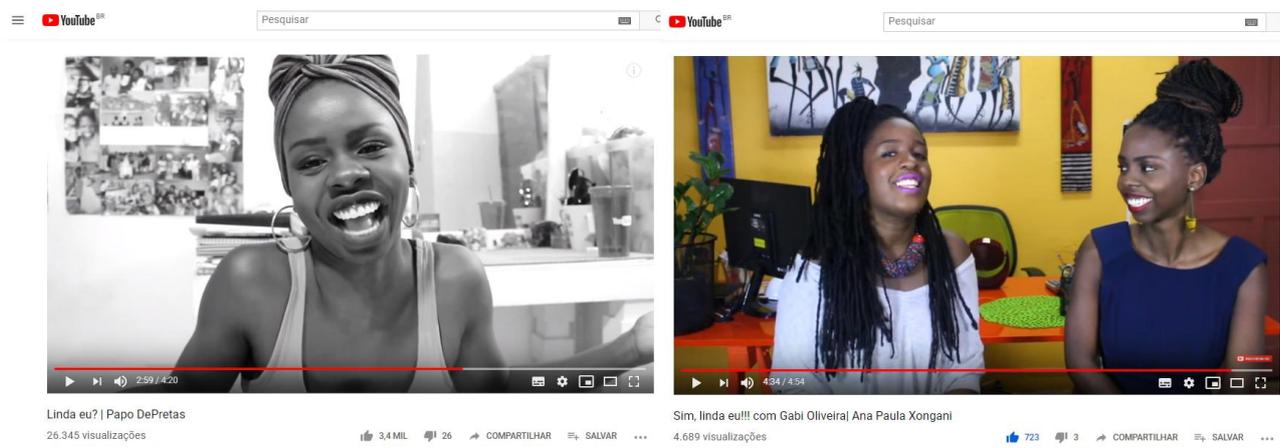
Essa experiência foi vivenciada, por exemplo, por Ana Paula Xongani e Gabi Oliveira que discutem autoestima de mulheres negras nos vídeos Linda eu? | Papo de Pretas¹³¹, publicado no canal DePretas, e Sim, linda eu!!! com Gabi Oliveira| Ana Paula Xongani¹³², publicado no canal de Ana Paula Xongani, que complementa o conteúdo do vídeo de Gabi Oliveira (Fig. 35).

¹³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=slxX-unybyY>, <https://www.youtube.com/watch?v=LJdGUTFJFA0>, <https://www.youtube.com/watch?v=1IRfDxuVRRg>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FT-WjzXXqyg&t=193s>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=64nJ1LGz72I>. Acesso em: 19 jul 2019.

Figura 35 – Reprodução de imagens de vídeos complementares sobre autoestima nos canais de Ana Paula Xongani e Gabi Oliveira



Fonte: (OLIVEIRA, 2015¹³³; XONGANI, 2016)¹³⁴

Já na terceira forma de construção observada, ao produzirem narrativas distintas em seus canais, havia uma rede de relações entre os temas dos vídeos publicados em canais distintos. Embora sem conexões intencionais, os vídeos com temáticas distintas estavam correlacionados por uma narrativa que perpassava a questão da identidade estética da mulher negra, por exemplo.

Nos vídeos ilustrados na Figura 35, as três vlogueiras divulgam temas diversos, como literatura e racismo; solidão da mulher negra e autoestima, respectivamente: Peppa Não, Lêlê SIIM!!! - Resenha | Ana Paula Xongani¹³⁵, Eu estou em solidão? | Papo DePretas¹³⁶, Vamos Falar de Autoestima? Part. Priscila Barbosa - Lista Negra¹³⁷. Ambas construíram narrativas de questionamento da colonialidade ainda presente na literatura, nos afetos (amizades e relacionamentos amorosos) e na autoimagem da mulher negra sobre si.

¹³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=64nJ1LGz72I> Acesso em: 19 jul 2019.

¹³⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fT-WjzXXqyg&index=43&list=PL_RgY_2BTeaZUqzeUaRQKeAeHrtMOAeNV Acesso em: 19 jul 2019.

¹³⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iH2GcP7yN_w. Acesso em: 19 jul 2019.

¹³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pQe8bLlxeb0>. Acesso em: 19 jul 2019.

¹³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38heDyIqiis>. Acesso em: 19 jul 2019.

Figura 36 – Reprodução de imagens de vídeos com inter-relação entre temas distintos



Fonte: (XONGANI, 2016¹³⁸; OLIVEIRA, 2018¹³⁹; ASSIS, 2018¹⁴⁰)

Para elas, essas parcerias podem fortalecer os canais na medida em que seguidores de um conhecem o canal da outra vlogueira (Fig. 37).

Figura 37 – Vlogueiras elaboram conteúdos com temáticas distintas e complementares entre si



Fonte: Elaboração própria.

Ana Paula Xongani descreve como essa construção de vídeos em rede pode trazer benefícios para a sua atuação no YouTube, como, por exemplo, aumentar as visualizações; ter mais apoio para falar de uma temática publicamente.

Quando a gente se encontrou [Ana, Gabi e Luciellen] eu acho que pra mim fez mais sentido o que eu estava fazendo, né?! Eu não estava falando sozinha. E aí, em alguns momentos a gente se fortalece em redes mesmo, no intuito de falar assim: “ó, eu vou fazer um vídeo sobre isso, faz também!?” Porque sobe mais na plataforma, porque eu preciso de mais apoio, eu não quero falar sobre isso sozinha... Eu e a Gabi por exemplo, a gente já fez vídeos complementares. Ela fez um vídeo que se chamava por exemplo, “Linda, eu?” falando... E aí, eu fiz um vídeo em seguida, falando: “Linda, eu!”. Então, ali, ela fazia a pergunta e eu a afirmação, sabe?! (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em setembro de 2017).

Ana Paula Xongani descreve também momentos em que planejavam gravar o mesmo vídeo para um dos canais. “Então, isso [gravar em parceria] rola pra caramba! Luciellen semana que vem, vem gravar aqui comigo em São Paulo. Porque ela vai fazer um apanhado de pessoas

¹³⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iH2GcP7yN_w. Acesso em: 12 dez 2019.

¹³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pQe8bLlxeb0>. Acesso em: 12 dez 2019.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38heDyIqis&t=66s>. Acesso em: 12 dez 2019.

negras que tem trabalhos importantes, então ela vem gravar comigo.” Além desses padrões, a vlogueira afirma também que procura citar as parceiras em seus vídeos de forma a fortalecer seus canais.

Ou então eu faço sempre muita questão de citar, como a gente é muito parecido, as pautas são muito parecidas, eu pelo menos criei estratégias de citar sempre. Tipo, se eu faço um vídeo que eu vi a Gabi fez ontem, no final do meu vídeo eu vou falar: ‘Olha, essa discussão, a Gabi tá fazendo outro recorte. Vão lá assistir o vídeo dela.’ (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em setembro de 2017).

Além disso, as conversações via aplicativos de mensagem instantânea também compõem o processo de trocas estabelecido para a produção do conteúdo.

É isso, é aparecendo e nos bastidores também. Tipo: “Ó, eu tô gravando tal coisa, e tô pensando isso e isso de roteiro, tô no caminho certo, ou tô viajando? Você percebeu a mesma coisa que eu percebi? Mas, a gente super tem redes, assim. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em setembro de 2017).

Essa conversação acontece, segundo ela, em modo privado ou em grupos. “*A gente faz as duas coisas. A gente tem grupo e nos falamos individualmente. Tem milhões de grupos. Tem grupos de todas, grupos de quem fez tal projeto, grupos do último vídeo que a gente fez, a gente fala individualmente, tem muitos grupos assim, muitos grupos.*” (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em setembro de 2017).

O processo criativo dos vídeos de Ana Paula não é estruturado em um roteiro escrito, segundo ela: “*Nenhuma pauta chega pronta. Ela tem que entrar no liquidificador das minhas ideias e eu sair, ligar a câmera e vomitar tudo, né?! Não faço roteiro, nem nada assim*” (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018). De acordo com ela, esse processo torna-se mais fluido e ela tem dificuldades quando precisa escrever. As reuniões com a assessoria¹⁴¹ também gerava frustrações: “*Aí, eu falei pra elas: ‘Não funciona!’ Vocês querem me ajudar com pautas? Quando vocês estiverem no bar, no Aparelha Luzia, no teatro, na fila do teatro, na fila da esquina da padaria, vocês me ligam: ‘Ana Paula, sabia que eu havia pensado uma coisa?’*” (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018).

A vlogueira, ao relatar como estrutura a elaboração de um vídeo, revelou que seu processo criativo necessita de extrema ligação com o cotidiano e com a sua própria experiência com o tema, sem os quais ela teria dificuldades de produzir determinada narrativa.

Ontem mesmo, eu tava conversando com meu marido, e aí ele trouxe uma ideia de vídeo excitante: “Tá, Ana Paula, você já parou pra pensar”.. qual que era a ideia mesmo?... era.... Ah, “Meu você já parou pra pensar que as mulheres estão se maquiando no metrô e, antigamente, as mulheres não se maquiavam no metrô? E agora as mulheres se maquam no metrô com uma liberdade surreal. Antigamente as mulheres tinham que sair prontas, com todas as características, elas não poderiam se transformar em público. Agora, não. Elas podem se transformar em público. Porque você não grava isso hoje?”

¹⁴¹Ao final da pesquisa, em 2018, a vlogueira informou que estava trabalhando com assessoras que auxiliavam na construção do seu canal, abordando questões como temáticas dos vídeos, parcerias com outras vlogueiras e estratégias de visibilidade para o canal.

Falei: “Pois agora, eu preciso pensar nisso pelo menos um tempo. Eu não posso pegar sua ideia e reproduzir. Eu preciso agora, observar as meninas no metrô pensar sobre isso. Ver como as pessoas estão olhando pra mim enquanto eu me maquio no metrô, sabe?! Preciso pensar sobre, preciso pensar sobre”. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018).

Para Ana Paula Xongani, suas narrativas possuem conexão com narrativas anteriores a ela, através da ancestralidade – conectada com as gerações anteriores a ela, bem como com as gerações futuras.

Pesquisadora: Você já me trouxe essa ideia de Ana Paula ativista não vem de você, vem de outras redes inclusive que são familiares. Eu cheguei aqui e vi o quadro com você e sua vó, sua mãe, seu pai, acho que era seu avô.

Ana Paula: Eu carrego uma continuidade. Pra mim é muito mais confortável dizer que eu tô continuando o trabalho de quem veio antes e conciliando para quem vem depois para me colocar nesse lugar de centro da situação. [...] Então eu acho... eu me sinto melhor nesse papel de ser a pessoa que tá com o bastão agora. Mas não quero ficar para sempre. Faço questão de não ficar para sempre, sabe?! E aí eu acho que a ancestralidade está muito em mim mesmo, do que eu fui aprendendo assim... do que eu fui tendo acesso a qualquer informação ancestral e me sentindo o que eu sou hoje, assim. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em dezembro de 2017).

Sua fala contém uma perspectiva de rede que abrange também a ancestralidade e a historicidade daquilo que ela constrói como narrativa. As narrativas em rede conectam também, no seu discurso, outras mulheres negras do passado, as suas histórias de vida, no contexto de uma história coletiva, através da ancestralidade que inspira essas autorias.

c) Estratégias estabelecidas com a arquitetura da plataforma

Além da experiência pessoal com o tema, as questões raciais estruturaram de forma significativa a produção de vídeos para o YouTube. As vlogueiras demonstram perceber que, ao utilizar palavras de cunho racial, especialmente aquelas que tratavam do racismo, seus vídeos tinham pouca distribuição na plataforma. Para lidar com os desafios colocados pela arquitetura computacional da plataforma que, segundo Ana Paula Xongani, restringia o alcance dos vídeos pelo uso de palavras relacionadas à temática racial (negra, racismo, etc.) elas adotaram a estratégia de burlar os algoritmos, ao retirar dos títulos e informações sobre os vídeos palavras com esse teor. Passaram, então, a utilizar essas palavras na imagem de capa dos vídeos e não mais nos títulos. Como não foi possível acessar o modo de funcionamento dos algoritmos da plataforma, analisamos essas experiências com base nas hipóteses e percepções das vlogueiras desenvolvidas ao longo dos anos como usuárias da plataforma.

Percebe-se, na experiência das vlogueiras, que há uma organização no que se refere ao enfrentamento das barreiras impostas pela plataforma, por produzirem conteúdo para uma empresa que reproduz o racismo estrutural no funcionamento técnico da plataforma por meio das

restrições na distribuição de conteúdo com base em palavras como racismo, negro, etc. (percepção relatada pelas vlogueiras).

Para Ana Paula Xongani, há, no YouTube, uma política de distribuição dos vídeos que está relacionada com os interesses comerciais das marcas e que restringem a visibilidade de vídeos que não estão alinhados com as políticas das empresas, por exemplo. Não faria sentido, para ela, que uma empresa investisse em anúncios que antecedeem narrativas que se contrapõem à própria empresa.

Para mim são seres humanos, cabeças pensantes, com estratégias muito bem delineadas, sabendo muito bem o que estão fazendo, utilizando da ferramenta do poder para influenciar e definir quem serão os influenciadores. E claro com o combustível mais potente do mundo que é o dinheiro. Essa mudança no algoritmo, eu tenho para mim que o que mudou são as marcas. Porque não dá para você anunciar um negócio da Coca-Cola e essa galera logo depois problematizando a propaganda. Não dá para eu anunciar um negócio da Avon e depois vem a cara preta da Ana Paula dizendo que a Avon não tem base para o meu tom de pele. Então eles falam: “Não, vocês vão ter que fazer alguma coisa aí para eu não correr esse risco”. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em outubro de 2017).

Para burlar a ação dos algoritmos que restringem possivelmente o seu conteúdo por tratar de um tema como o racismo, Ana Paula afirma que escreve tais palavras nas imagens de capa dos vídeos. Assim, segundo ela, o *software* não consegue ler e identificar o uso de tais palavras (Fig. 38).

A Gabi tá pioneira nisso, ela quem tá me ensinando e me repassando. O que é triste a gente precisa não pôr as palavras afirmativas. Não pode pôr. Os canais LGBTs e os canais negros. Então, eu não posso colocar, por exemplo: Em vez de eu colocar um título “Minha coleção de *barbies* negras” Eu coloco minha coleção de barbies, e na foto de capa eu escrevo “negras”. Porque na imagem eles não tem como capturar. [...] Se o título da imagem for “negra”, eles conseguem. Então a gente vai aprendendo isso. Então eu não posso mais colocar no título. Eu posso escrever na foto de capa “Minha coleção de barbies negras”, aí eu escrevo no título “Amo *barbies*!”. Aí shhhhiu [tentando descrever uma ascensão no número de visualizações]. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em outubro de 2017).

Figura 38 – Utilização de palavras ditas sensíveis na imagem do vídeo



BORA ATUALIZAR!!! | Ana Paula Xongani

4,9 mil visualizações ·
1 ano atrás

Fonte: (XONGANI, 2018)¹⁴²

¹⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCy1qQtNZ2xxv6YE24jZRFA>. Acesso em: 01 ago 2019.

A vlogueira nutre a esperança de que, no futuro, não seja necessário criar tais estratégias para conseguir maior visibilidade para seu canal.

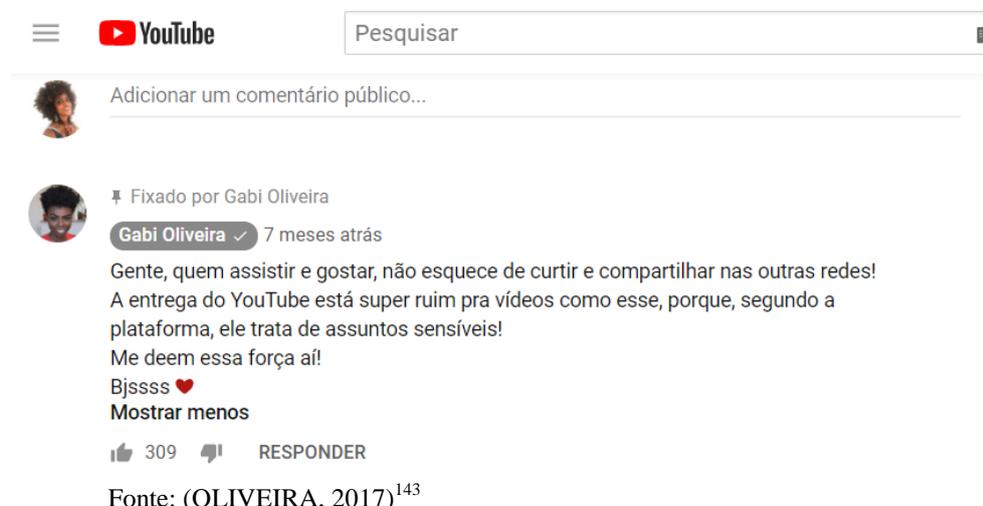
São vários buracos que eu não quero pra sempre ter que fazer atalhos. Mas, por enquanto, até que a gente consiga um número, se é que a gente vai conseguir. Que a gente consiga sair no antro de um ambiente que a gente não seja muito oprimido, vai ter que ser assim. Pra depois a gente conseguir fazer um vídeo e escrever um vídeo: “Sou uma mulher negra” e aí a impulsão dos números ser mais forte que o próprio título, sabe?! (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018).

Nesse sentido, Ana Paula afirma que recentemente contratou assessoria para auxiliá-la a compreender a dinâmica da plataforma, de maneira a se desviar das armadilhas postas pelos algoritmos.

Eu escolhi o YouTube, escolhi vídeo, porque é o ambiente em que me sinto mais confortável. [...] Só que, o YouTube especificamente, existe uma parte técnica, né?! Que é aí que a consultoria e assessoria entra. Existe uma parte técnica ali. Que é uma parte técnica que vai te ajudar a não ser oprimida pelos números dessa plataforma de opressão. Né?! E aí, é meio que assim, a minha parte, na parceria com a (Compõe?) é: eu vou criando os meus discursos, e vocês vão criando os espaços, sabe?! (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018).

Uma das estratégias observadas para minimizar as ações dos algoritmos foi solicitar aos seguidores que compartilhassem e curtissem o conteúdo produzido para auxiliar na distribuição. Ainda que não tivessem clareza da forma de atuação dos algoritmos, as vlogueiras demonstraram estar atentas ao funcionamento da plataforma e criaram formas de minimizar os efeitos negativos que esses elementos pudessem causar ao seu ativismo. Na Figura 38, temos o pedido feito por Gabi Oliveira aos seus seguidores em virtude da classificação do tema do vídeo como assuntos sensíveis.

Figura 39 – Reprodução de página de pesquisa sobre racismo como assunto sensível no YouTube



¹⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8iILiJ1kng/community> Acesso em: 12 fev 2019.

Outra estratégia utilizada na construção e publicação do vídeo é usar TAGs¹⁴⁴ de canais com popularidade, para impulsionar a visibilidade do próprio vídeo. Segundo a vlogueira, canais que utilizam TAGs com alta visibilidade na plataforma têm mais abrangência na sua circulação. Nessa relação, percebe-se que as diferenças raciais se colocam para Ana Paula na relação de dependência em relação a um canal de uma mulher branca famosa pelo YouTube.

Você pode dizer, que nenhum dos títulos tem mais as palavras que o YouTube bloqueia, a mesma coisa acontece nas TAGS, as parcerias com canais brancos. Então, por exemplo, [...] eu fiz o vídeo com a Júlia, aí eu coloco “#JoutJout”, aí o YouTube já dá uma liberada, sabe?! Comercialmente, também. Se eu gravei com a Júlia, significa que eu sou uma pessoa disposta ao diálogo. Então, comercialmente, funciona também. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2018).

A construção dos vídeos se apresenta como processo racializado, na medida em que as vlogueiras alteram aspectos do conteúdo do vídeo para atender às questões técnicas que as afetam do ponto de vista da temática racial e apresentam características de rede no que se refere à construção do conteúdo pelas parcerias entre os canais. A produção e circulação de vídeos no YouTube está inserido nesse contexto de práticas autorais e de plena conexão em rede, em que os vlogueiras se apropriam de um espaço de fala por meio da linguagem audiovisual que compreende necessariamente uma relação em rede proporcionada pela abertura do polo emissor.

4.5.2. Trocas comunicacionais em rede

Esta seção de análise apresenta o mapeamento e a caracterização das trocas comunicacionais estabelecidas entre vlogueiras e os seguidores dos seus canais no YouTube. A observação das trocas comunicacionais nos canais das três vlogueiras permitiu também a caracterização dos processos formativos articulados por essas mulheres nessa plataforma.

As narrativas construídas nos canais partiram sempre das postagens de vídeos realizadas pelas vlogueiras em seus canais e se ampliavam para as interações estabelecidas nos comentários¹⁴⁵. Os vídeos surgiram como disparadores de diálogos através da proposta de temas, muitas vezes com debates sugeridos por meio de perguntas lançadas pelas vlogueiras ao final dos vídeos. O diálogo, no entanto, não se estabeleceu com todos os internautas que visualizaram os vídeos, o que é possível perceber pela relação entre número de visualizações e número de comentários, ver Tabela 2- Vídeos que compuseram o *corpus* da pesquisa (Apêndice).

¹⁴⁴ TAGs são palavras-chave descritivas que podem ser adicionadas aos títulos dos vídeos para ajudar os espectadores a encontrar seu conteúdo.

¹⁴⁵ Não foi possível identificar quais as motivações que levaram os internautas a comentar e/ou se engajar nas discussões, já que esta pesquisa não objetivou a realização de um estudo de recepção, mas compreender como essas trocas poderiam constituir parte dos processos formativos articulados pelas vlogueiras no YouTube, na perspectiva das suas itinerâncias como mulheres negras na plataforma.

Foi possível identificar, na dinâmica dos canais, dois tipos de fluxos comunicacionais que revelam experiências distintas dos internautas com os conteúdos dos vídeos: a) Fluxo um-todos (ver Fig. 40), b) Fluxo todos-todos (ver Fig. 41). O fluxo comunicacional um-todos diz respeito à experiência da maioria dos internautas que assiste aos vídeos, porém não faz nenhum comentário, como é possível observar na relação entre número de visualizações e comentários dos vídeos mais visualizados nos canais das três vlogueiras.¹⁴⁶

Tabela 6 - Vídeos com mais visualizações nos canais

Vídeos com mais Visualizações nos Canais	Data	Visualizações	Comentários
Gabi Oliveira: Solidão da mulher negra Papo DePretas Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NgNt0GzWCVI&t=5s	21/1/2016	137.812	1.497
Ana Paula Xongani: Barbies Negras, quem nunca sonhou?! Ana Paula Xongani Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FxBT4R-Jxrs	11/4/2017	204.796	1.914
Luciellen Assis: O DIA QUE ME CHAMARAM DE PRETA MALDITA Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=if-ZLWo9Yrk	18/10/2015	21.855	174

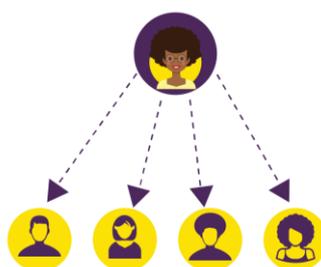
Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da pesquisa.

A experiência dos internautas que não participam dos comentários provavelmente se aproxima de uma lógica massiva, *broadcasting*, em que não ocorrem trocas de mensagens entre os interlocutores através das funcionalidades comunicacionais do YouTube. Esse fluxo unidirecional não significa passividade durante o processo de interação com o vídeo, por parte dos internautas, já que podem construir, para si e para outras pessoas, uma rede de relações entre o conteúdo do vídeo e suas experiências pessoais, por exemplo.

A possibilidade de visualizar os comentários no YouTube permite que os internautas acessem as múltiplas interações postas por outros interlocutores que ali estão e as diversas opiniões que compõem a narrativa criada em torno do vídeo. Por isso, a experiência comunicacional nos canais não se caracteriza predominantemente como um fluxo comunicacional de função massiva (LEMOS, 2010). (Fig. 40).

¹⁴⁶

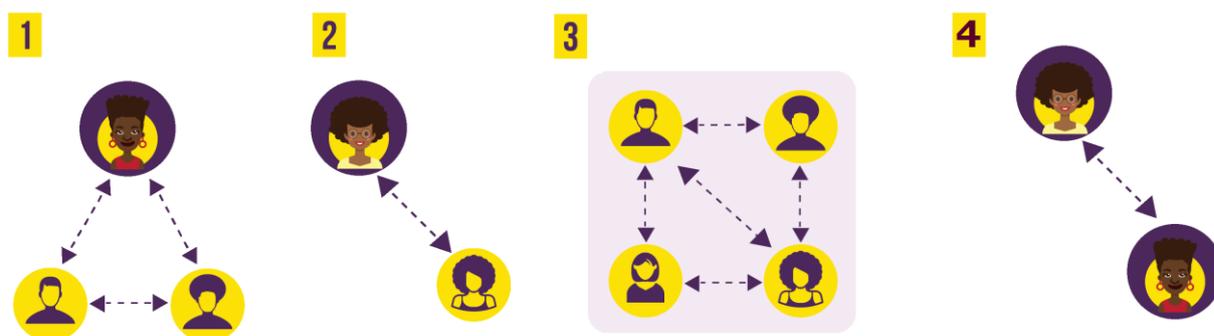
A escolha desses vídeos se deu por considerar que são representativos na coleta de dados, mas possuem apenas caráter ilustrativo sobre a análise apresentada acerca da relação entre comentários e visualizações.

Figura 40 – Fluxo comunicacional um-todos

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

O campo de comentários foi o espaço em que observamos as interações estabelecidas entre as vlogueiras e os internautas. Nesse contexto, foi possível identificar três tipos de interações, geradas após as publicações dos vídeos, que se aproximaram de um fluxo comunicacional pós-massivo. Este fluxo foi estabelecido pelas trocas (Figura 40) entre:

- a) internautas-vlogueiras (representação 1 e 2);
- b) internautas-internautas (representação 3);
- c) vlogueiras-vlogueiras (representação 4).

Figura 41– Trocas comunicacionais todos-todos

Fonte: Própria

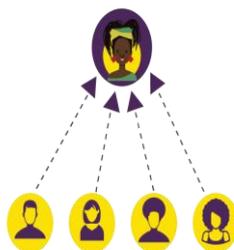
a) Fluxo comunicacional estabelecido entre internautas e vlogueiras

O fluxo comunicacional estabelecido entre internautas e vlogueiras por meio dos comentários apresenta dois tipos de interação. A primeira refere-se à interação provocada pelos vídeos que geram comentários dos internautas direcionados às autoras dos vídeos, porém não

geram conversações a partir deles (Fig. 42). A segunda trata de interações que geram conversações entre internautas e vlogueiras acerca do conteúdo do vídeo (Fig. 41 – Representação 1 e 3).

O primeiro tipo de interação, e o mais recorrente nos 3 canais, é aquele em que os internautas dão *feedback* às vlogueiras através de comentários que não são respondidos pelas vlogueiras ou por outros internautas. As autoras dos canais destacam dificuldade em responder a todos os comentários pelo volume de conteúdo gerado por vídeo.

Figura 42 - Internautas comentam o vídeo postado pelas vlogueiras



Fonte: Elaboração própria.

Ana Paula Xongani afirma que o volume de comentários tornou mais difícil a relação de diálogo com os seguidores do seu canal.

Antes eu conseguia, porque hoje é mais gente, várias pessoas fazem as mesmas perguntas. Então, eu respondo de forma mais genérica que também é uma forma de acolher mais gente, porque se eu começo a personificar eu vou atender menos, mas as pessoas se sentem respondidas e tal. (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2019).

Para ela, outro limite no desenvolvimento das conversações era a sua própria finitude na construção de narrativas. A incompletude dos seus discursos abria espaço para os comentários de outras pessoas que surgiam, para ela, como retroalimentação dos conteúdos:

Eu sou finita, tenho discursos finitos. Então, pra mim, a minha relação com na internet é retroalimentação do próprio conteúdo, eu agradeço cada comentário, aí eu falo ‘ah, aqui dá mais um vídeo, aqui dá outro vídeo’ e aí entra outro espaço como material de construção para os próximos vídeos entende?! (Ana Paula Xongani, trecho de entrevista em maio de 2019).

Esse olhar sobre as interações estabelecidas despertou reflexões de Ana Paula sobre a articulação de um processo formativo em que a centralidade do discurso da autora do vídeo ganha novos contornos, na medida em que reconhece a incompletude do seu conhecimento e abre espaço para trocas comunicacionais em que os outros sujeitos são também co-constructores dessa narrativa.

A vlogueira atribuiu a dificuldade de interação à mecânica da plataforma que, segundo ela, tem mecanismos de notificação que dificulta as trocas.

É, então, eu não consigo sempre, dar esse suporte, pelo menos, no canal, mas eu tento sempre fazer no Instagram que é a rede que o pessoal mais entra em contato comigo. Eu recebo alguns e-mail também. Mas no YouTube é mais complicado, principalmente porque a mecânica do YouTube, até para fazer notificação e tal, é mais complicada. Não é que nem o Instagram, o direct e tal. E o pessoal não usa muito a opção do YouTube de mandar mensagem privada, no caso. Eles usam mais os comentários dos vídeos, e aí, pelos comentários é mais complicado. (Luciellen Assis, trecho de entrevista em fevereiro de 2018).

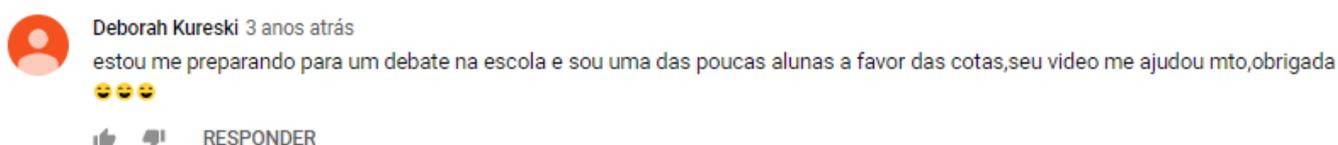
Para minimizar essas dificuldades, Luciellen Assis utilizava um aplicativo que facilitava, segundo ela, a interação com os internautas, por sistematizar melhor os comentários. Porém, afirma que o contato com suas seguidoras é feito pelo aplicativo Instagram.

E agora, eu baixei um aplicativo que é tipo um estúdio, se não me engano, que por ele dá para eu editar meus vídeos tudo pelo celular, e aí, nesse aplicativo, eu tenho a opção de ter acesso aos comentários, só os comentários dos últimos dias até os mais antigos. Aí, eu tô respondendo agora assim: eu tiro um tempo para eu entrar nesse aplicativo, e aí eu fico só respondendo. Porque tem gente que comenta em vídeo muito antigo também e tal. Aí eu fico respondendo, e tento responder, mas a minha prioridade maior é sempre o *Instagram*. (Luciellen Assis, trecho de entrevista em fevereiro de 2018).

O conteúdo dos comentários direcionados às vlogueiras possuem abordagens distintas, feitos por pessoas com gênero e raça diferentes, bem como opiniões diversas.

No comentário da internauta A (Fig. 43) o conteúdo do vídeo Cotas raciais: sim ou não? | Papo DePretas¹⁴⁷ foi utilizado como material para estudos sobre cotas raciais por uma estudante que buscava argumentos a favor e encontrou no discurso de Gabi Oliveira elementos, segundo ela, importantes para o debate que estabeleceria em sua escola.

Figura 43 – Reprodução de imagem com comentário sobre vídeo que discute cotas raciais



Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹⁴⁸

Os comentários também agregam o olhar de pessoas com identificação étnico-racial distinta das vlogueiras. No vídeo Cabelo 4c Igual Bombril E Responsabilidade, Gabi Oliveira faz uma crítica ao conteúdo do vídeo da vlogueira Daiane Nascimento, que atribuiu diversas qualidades negativas ao cabelo crespo 4C (feio, inadequado, semelhante a palha de aço, adequado apenas para festas à fantasia) e ridicularizou esse tipo de cabelo¹⁴⁹. No vídeo, comentado pela Internauta B, Gabi Oliveira discute os níveis de exclusão sofrida por pessoas negras, de acordo

¹⁴⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s. Acesso em: 21 jun 2019

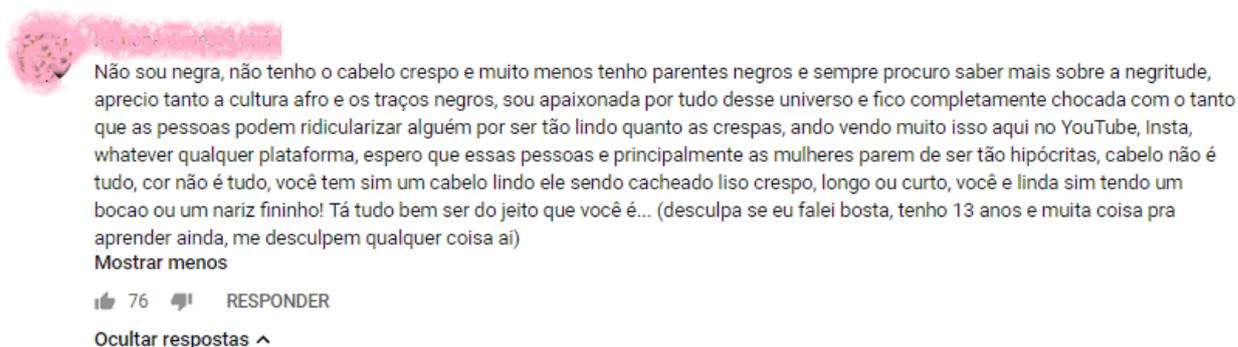
¹⁴⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM. Acesso em: 21 mai 2019

¹⁴⁹ A autora apagou o conteúdo e postou um vídeo em que busca uma retratação pelas suas afirmações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-70FbgPrHfQ>. Acesso em: 15 ju 2019

com a tonalidade da sua cor (colorismo); de acordo com a vlogueira, o movimento de retorno ao cabelo natural possuía um limite: excluía os cabelos crespos e incluía apenas os cacheados).

Diante dos relatos de Gabi Oliveira, a internauta B, identificada como não negra, descreveu sua compreensão acerca dos processos discriminatórios sofridos por mulheres negras referentes às suas características físicas (Fig. 44). Os comentários e a presença de pessoas que não compartilham da mesma experiência sócio-racial que as mulheres negras demonstram que o canal se tornou também um espaço de escuta sobre as vivências das mulheres negras com o racismo

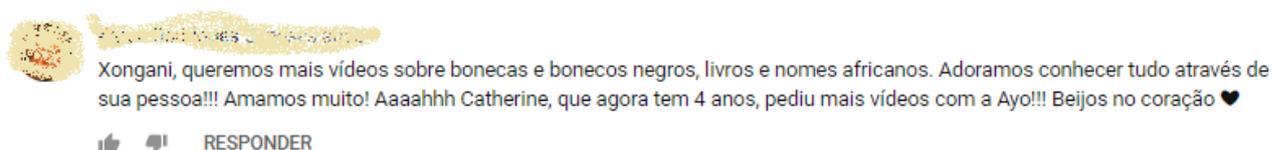
Figura 44 – Reprodução de imagem de comentário sobre ridicularização sofrida por mulheres negras pelas características estéticas



Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹⁵⁰

Outros comentários demonstram que a relação de trocas entre as vlogueiras e internautas perpassa também por uma identificação com a figura do autor do vídeo. No comentário apresentado na Figura 44 a Internauta C, mulher negra, revela a relação afetuosa estabelecida com o conteúdo do canal, sentimento que se amplia para a sua filha que, com ela, assistia aos vídeos de Ana Paula Xongani.

Figura 45 – Reprodução de imagem de comentário com sugestão de temas para os próximos vídeos



Fonte: (XONGANI, 2017)¹⁵¹

Nosso comentário (Fig. 46) sobre o vídeo¹⁵² Eu Tenho Pressa¹⁵³, em que Ana Paula fala da solidão vivida na infância por sua filha, por ser negra, revela como algumas mulheres negras, ao se identificarem com as pautas raciais expostas pelas experiências da vlogueira, se posicionam em

¹⁵⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM. Acesso em: 21 mai 2019

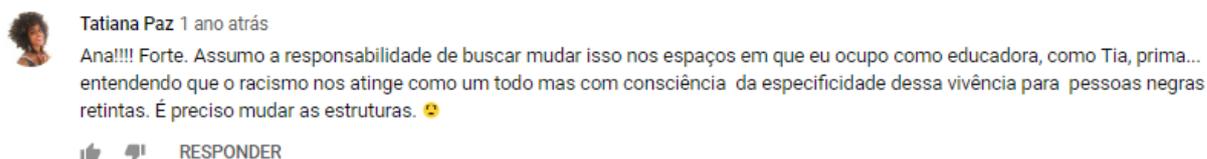
¹⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FxBT4R-Jxrs&t=13s> Acesso em: 31 ago 2019

¹⁵² Vídeo viralizou em diversas redes sociais.

¹⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4>. Acesso em: 21 mar 2019

prol de um comprometimento com a causa nos seus contextos profissionais ou em âmbitos privados.

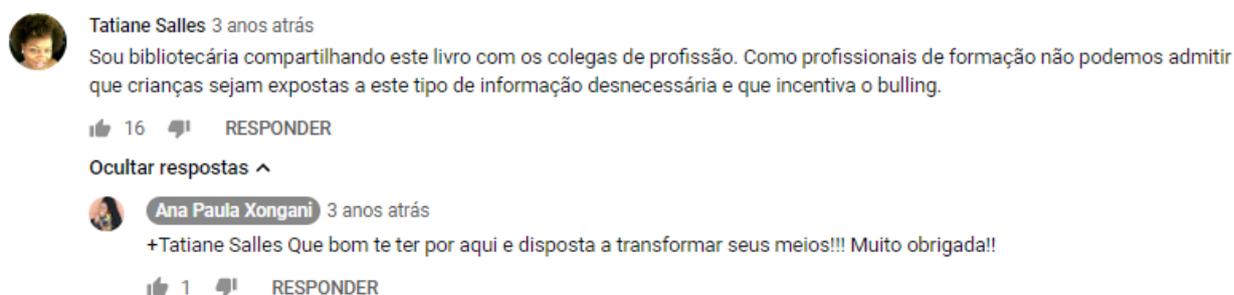
Figura 46 – Reprodução de imagem de comentário com implicação de internauta como profissional e cidadã



Fonte: (XONGANI, 2018)¹⁵⁴

Também a internauta D, mulher negra, identificada como bibliotecária, demonstra assumir, em sua profissão, uma ação a partir da denúncia feita por Ana Paula Xongani sobre o conteúdo racista contido no livro *Peppa*¹⁵⁵ (Fig. 47). A disposição da internauta em difundir a informação no seu campo de atuação profissional indica que as narrativas audiovisuais produzidas por essas mulheres em seus canais constituem, em potência, uma rede de ações para além das interações na plataforma e incluem possíveis redes de atores que assumem novas posturas perante a realidade revelada pelos conteúdos dos vídeos.

Figura 47 – Reprodução de imagem de comentário de bibliotecária disposta a difundir informações sobre o livro *Peppa* entre colegas de profissão



Fonte: (XONGANI, 2016)¹⁵⁶

As trocas comunicacionais entre vlogueiras e internautas também geram conversações nas quais é possível perceber situações de estreita interatividade entre eles. O potencial criativo que as mídias de função pós-massiva possuem, abrem possibilidades para a vivência de “processos mais comunicativos, troca bidirecional de mensagens e informações entre consciências” (LEMOS, 2007, p. 125). Nos três canais, é notável a recorrência de comentários, em sua maioria de mulheres negras, que compartilham experiências similares às vivenciadas e relatadas pelas

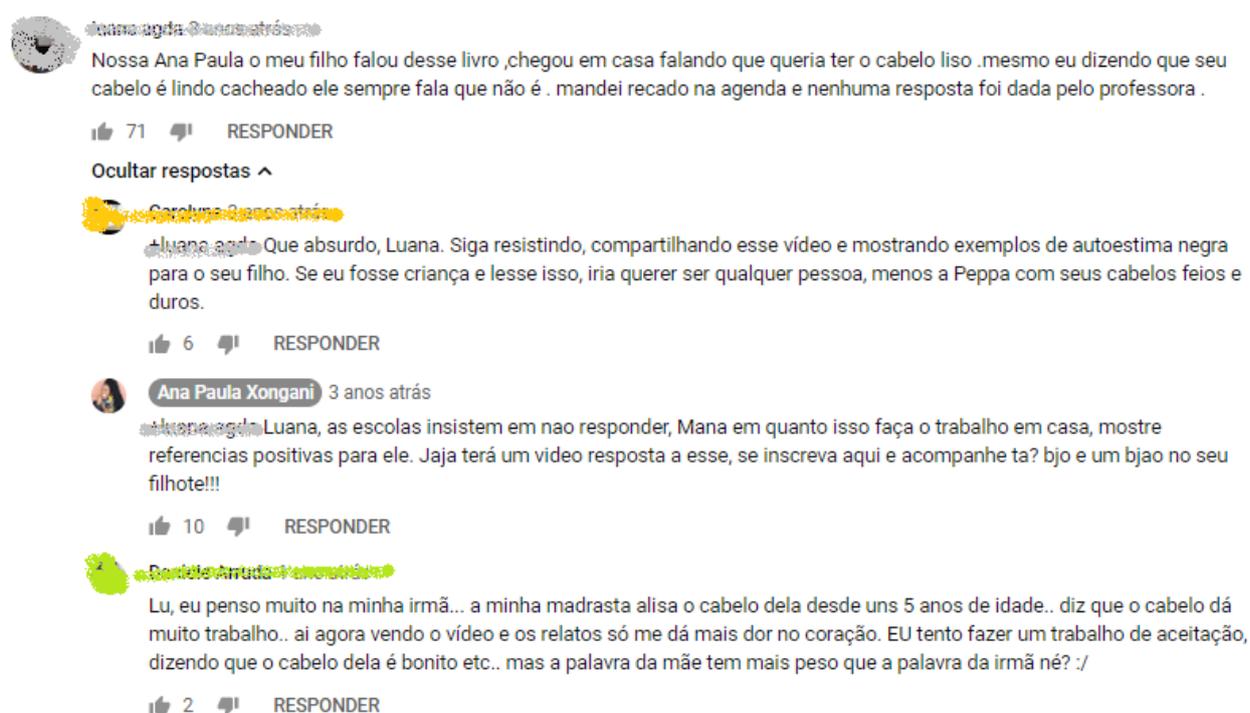
¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4> Acesso em: 21 mar 2019

¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 15 fev 2019

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI> Acesso em: 15 fev 2019

vlogueiras nos vídeos, como é possível perceber no relato da internauta E, que amplia a narrativa de Ana Paula Xongani no vídeo *Peppa Não*, por meio do seu relato (Fig. 48).

Figura 48 – Reprodução de imagem com relato de experiências similares nos comentários



Fonte: (XONGANI, 2016)¹⁵⁷

Os relatos das internautas E (cinza), F (laranja) e G (verde) se somam à história de Ana Paula e demonstram como a história de vida também é um elemento central nas narrativas em rede articuladas por essas mulheres negras. A interpretação das suas histórias e o reconhecimento das similaridades das experiências gerou uma identificação de problemas e questões coletivas no campo das suas vivências raciais.

No mesmo vídeo, outra internauta aponta soluções para o problema relatado por Ana Paula Xongani acerca da disponibilização do livro *Peppa* nas escolas. A internauta H (laranja) sugere que o conteúdo do livro, apontado como racista pela autora do vídeo, seja utilizado para problematizar o tema. A proposta é questionada pela internauta I (rosa) que levanta a possibilidade de que os(as) professores(as) não operem didaticamente com o livro como crítica ao conteúdo (Fig. 49).

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI> Acesso em: 15 fev 2019

Figura 49 – Reprodução de imagem com sugestão sobre como trabalhar com o livro *Peppa* nas escolas

Steffany Dias Franco
Oi, Ana. Tudo bem? Tendo em vista que os livros estão distribuídos nas escolas, você não acha que podemos usá-los para problematizar o racismo? Acho que pode ser um bom ponto de partida para falar sobre o bullying que as crianças (principalmente meninas) sofrem por causa do cabelo. Da mesma maneira, ajudá-las a criticarem a mensagem do livro e questionar os prêmios que a escritora recebeu. Acho que, assim, eles podem começar a pensar como se defender do racismo que vão sofrer ou já sofrem. Podemos dizer que a escritora não considera as diferenças e escreveu sobre algo que ela desconhece, as pessoas que as galardoaram tb. E acho que tanto as crianças brancas quanto as negras podem aprender o que NÃO fazer ao ler o livro, claro que com a ajuda do professor ou dos pais. Aprender a criticar é bom, e eles devem saber que não se pode engolir tudo o que leem/veem.
Mostrar menos

12 RESPONDER

Ocultar respostas ^

Steffany Dias Franco
A ideia é interessante, mas a questão é que nem todo professor ou pai vai querer problematizar a história. Falei o mesmo quando quiseram vetar Monteiro Lobato nas escolas públicas, afinal era um autor imortal (que teve acento na ABL) e cuja obra valoriza a cultura do nosso país. A grande questão é que o autor era profundamente racista sim, mas no todo sua obra deixou um legado maravilhoso, e vale lembrar que ele viveu em outro século.
Ler mais

4 RESPONDER

Steffany Dias Franco
Eu entendi a crítica. A minha sugestão é para os pais conscientes. A ideia é mais fazer limonada com os limões que recebemos.

1 RESPONDER

Jan Ribeiro
É bem por aí mesmo Steffay! O diálogo sempre é a solução =)

Fonte: (XONGANI, 2016)¹⁵⁸

Ana Paula Xongani, em continuidade ao diálogo, complementa o discurso da internauta I (rosa) e afirma ser possível fazer o uso pedagógico do livro sugerido pela internauta H (laranja). Porém, a autora do vídeo destaca ser necessário adequar a proposta de acordo com a faixa etária dos estudantes. Segundo ela, a sua filha, de 2 anos, faz leituras por meio de imagens e, por isso, o conteúdo do livro é tão problemático – imagens relatadas por Ana Paula se referem a cenas em que a personagem sofre, ao pentear o cabelo. A mãe utiliza um alicate para cortar seu cabelo, que é usado também como cabo de guerra ou como ferramenta para deslocar uma geladeira (Fig. 50).

Figura 50 – Reprodução de imagem do livro *Peppa*¹⁵⁹



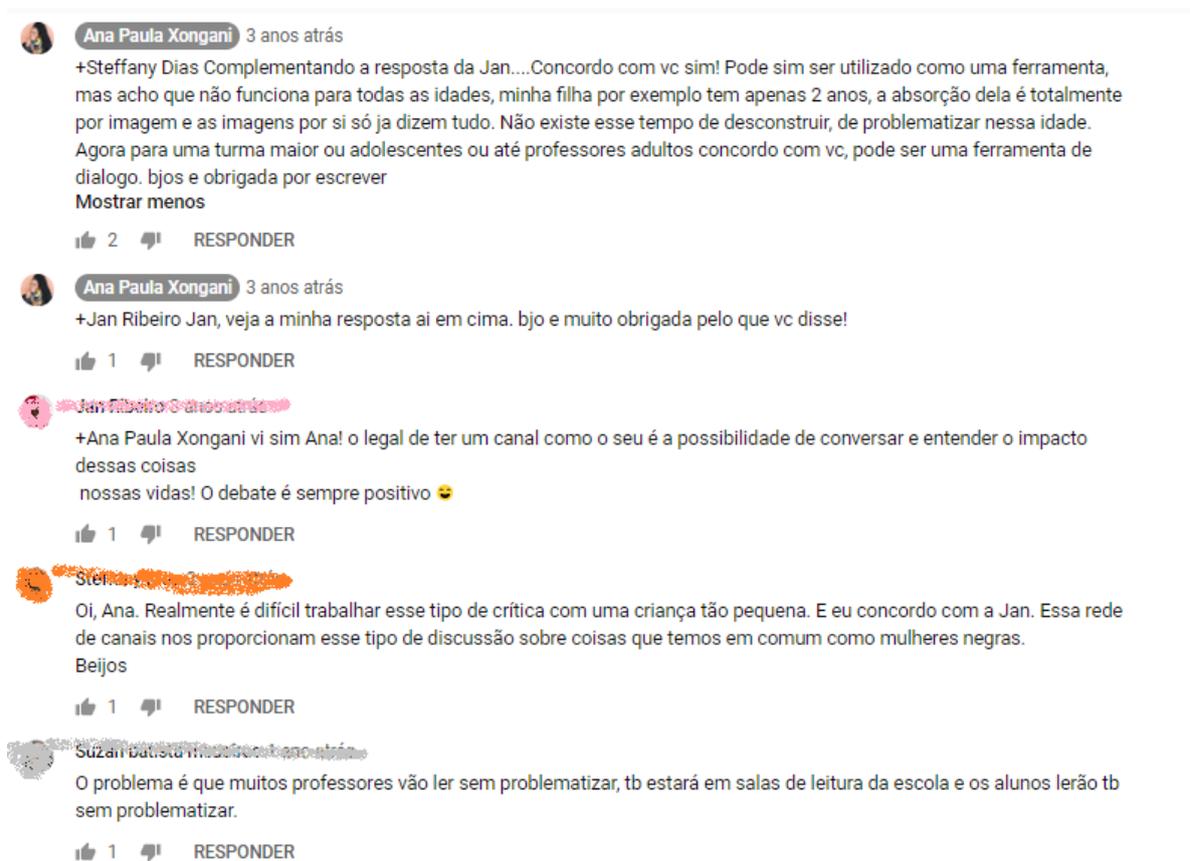
Fonte: Carta Capital (2017).

¹⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI> Acesso em: 15 fev 2019

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacaoentrevistas/o-caso-peppa-em-10-capitulos-racismo-ou-censura/>. Acesso em: 19 jun. 2019.

A autora do canal concorda que a narrativa do livro pode ser utilizada como fonte para estabelecer um diálogo sobre racismo em turmas de adolescentes ou em formação de professores. Os comentários que se seguem afirmam a importância de existirem canais de vídeos que tragam tais problematizações. As internautas I (rosa) e H (laranja) destacam que o debate tecido entre mulheres negras sobre temas comuns que as atingem é uma experiência positiva (Fig. 51).

Figura 51 – Reprodução de imagem de comentários sobre a importância dos canais na promoção de debates sobre temas comuns às mulheres negras

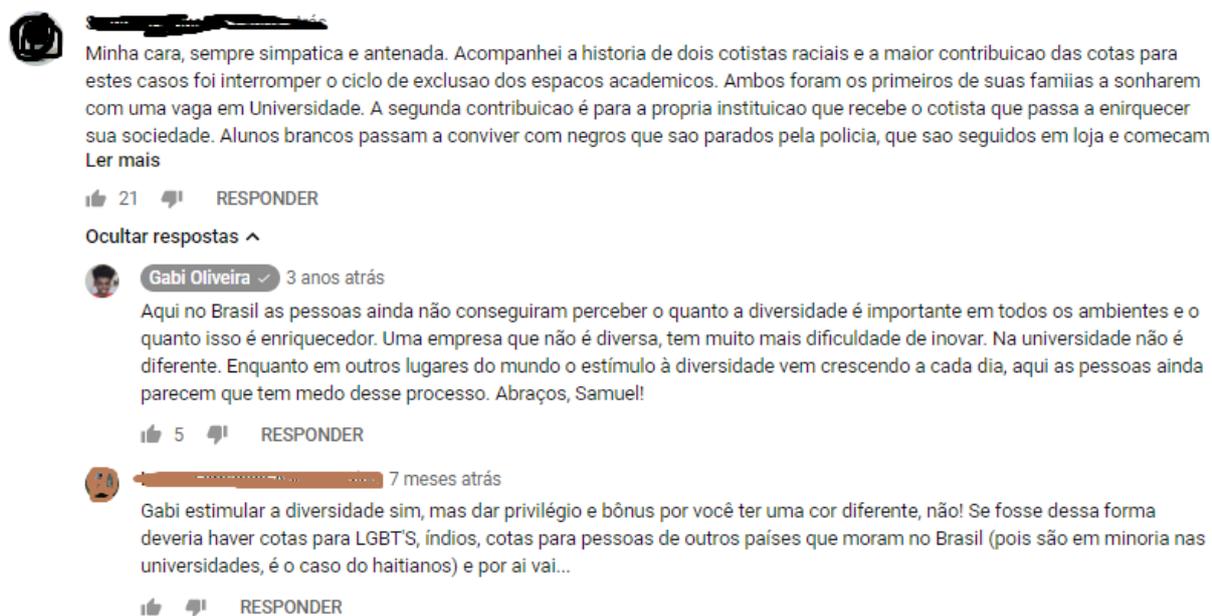


Fonte: (XONGANI, 2016)¹⁶⁰

O diálogo estabelecido nos comentários também inclui opiniões divergentes entre internautas e vlogueiras. No vídeo *Cotas Raciais: Sim ou Não?*, veiculado em *Papo DePreta*, elaborado por Gabi Oliveira, dois internautas homens, J (preta) e L (marrom), fazem comentários sobre o conteúdo compartilhado pela vlogueira. O primeiro relata experiências observadas em sua trajetória de vida, de que, segundo ele, o sistema de cotas contribuiu com uma mudança no ciclo de exclusão de espaços acadêmicos por estudantes que foram os primeiros de suas famílias a ingressar em universidade e que essa política afirmativa também contribuiu para a diversidade nos âmbitos estudantis das universidades (Fig. 52).

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI> Acesso em: 15 fev 2019

Figura 52 – Reprodução de imagem de discursos divergentes em vídeo sobre cotas raciais



Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹⁶¹

Em contrapartida, percebe-se que o espaço dos comentários é utilizado também para interposição de um discurso divergente, no qual o internauta L questiona as cotas, pois acredita que esse sistema privilegia pessoas pelo critério da sua cor. O comentário foi postado 2 anos após as postagens anteriores, o que pode ter sido um motivo pelo qual não houve continuidade na conversação.

b) Fluxo comunicacional estabelecido entre internautas-internautas

O fluxo comunicacional estabelecido entre internautas-internautas é o segundo tipo de fluxo mais recorrente durante as observações das interações nos canais. Em diferentes conversações, é possível perceber a ausência de comentários das autoras dos vídeos e, em contrapartida, observa-se a participação de internautas que estabelecem diálogos entre si sobre o conteúdo dos vídeos. As interações demonstram uma descentralização no desenvolvimento da narrativa em rede horizontalizada, o que desloca as vlogueiras do centro da ordem discursiva em seus próprios canais nessas ocorrências em particular.

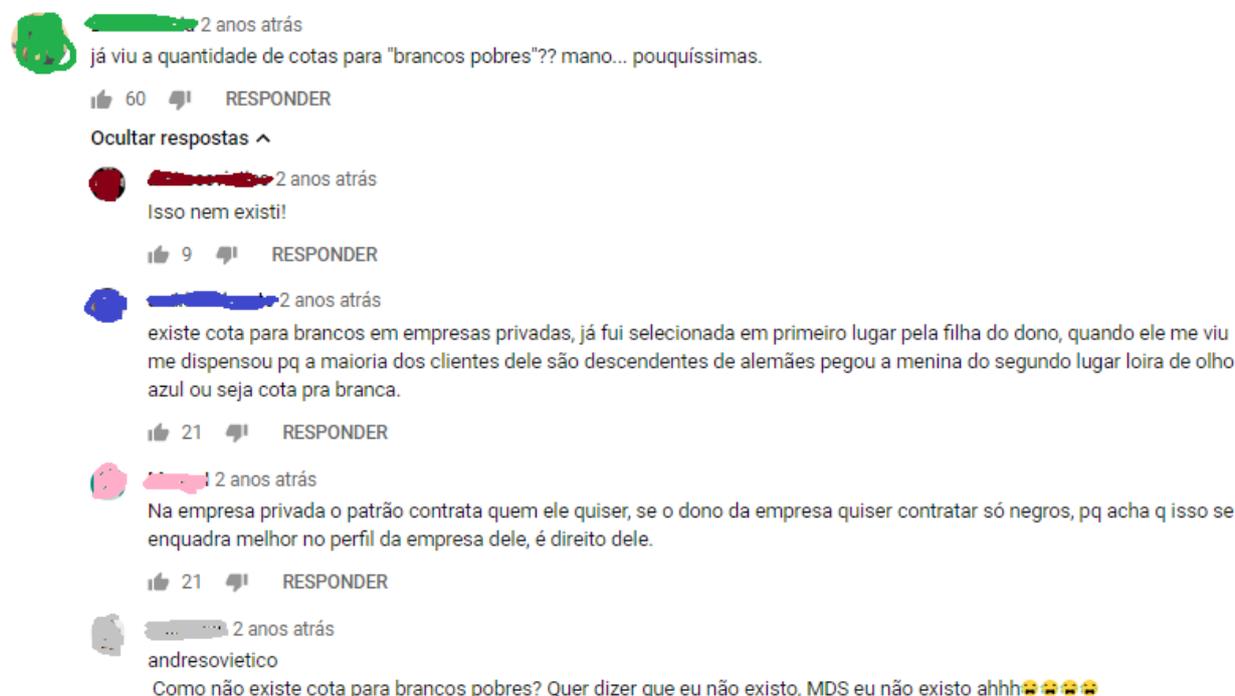
Na conversação destacada na Figura 47, desenvolvida nos comentários do vídeo Cotas Raciais: Sim ou Não?, apresentados em Papo De Pretas¹⁶², a internauta M (verde) questiona a quantidade de vagas destinadas a pessoas brancas pobres no sistema de cotas. A conversação não

¹⁶¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM Acesso em: 21 mai 2019

¹⁶² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s. Acesso em: 21 mai 2019

demonstra profundidade ao discutir os temas de cotas raciais e sociais, mas os atores do diálogo trocam provocações que indicam seus posicionamentos políticos quanto a essa política afirmativa. A internauta N (azul) responde ao questionamento feito pela internauta M (verde) (Fig. 53).

Figura 53 – Reprodução de imagem de comentários em que internautas questionam a inexistência de política de cotas para brancos



Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹⁶³

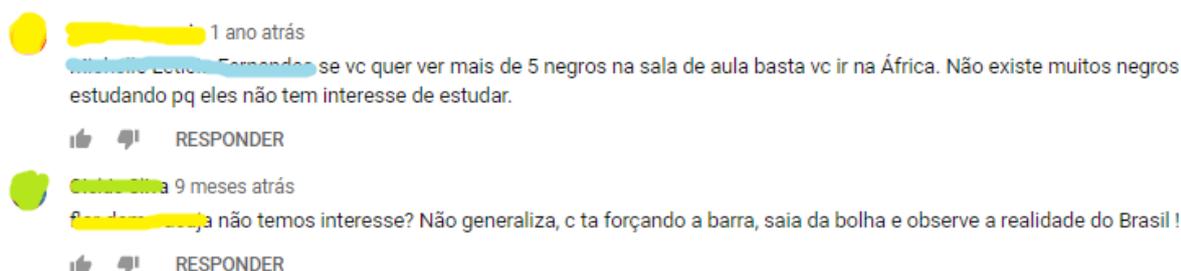
Esses comentários tensionam, por sua vez, pontos abordados no vídeo por Gabi Oliveira sobre a existência das cotas sociais que contemplariam pessoas brancas estudantes de escola pública. Esse vídeo teve sua origem no interesse da vlogueira em explicitar o porquê de ter, por muito tempo, como pessoa negra, defendido nas redes sociais a ideia de cotas sociais e depois ter mudado de opinião, tornando-se uma defensora das cotas raciais. No vídeo, articula, como questão central, o sistema de cotas raciais e faz um levantamento de argumentos comumente acionados contra as cotas raciais no seu cotidiano e busca contra-argumentá-los.

Os comentários feitos nos canais também agregam posicionamentos racistas como o que é feito pela(o) internauta O (amarelo), que questiona o discurso de Gabi Oliveira em seu vídeo sobre o sistema de cotas raciais¹⁶⁴, ao desvalorizar a importância da presença de negros e negras nas salas de aula. Segundo ela(e), o quantitativo de negros e negras na educação é baixo, porque não possuem interesse em estudar, ou seja, por falta de mérito (Fig. 54).

¹⁶³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s Acesso em: 21 mai 2019

¹⁶⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s. Acesso em: 21 mai 2019

Figura 54 – Reprodução de imagem de comentários com discurso racista



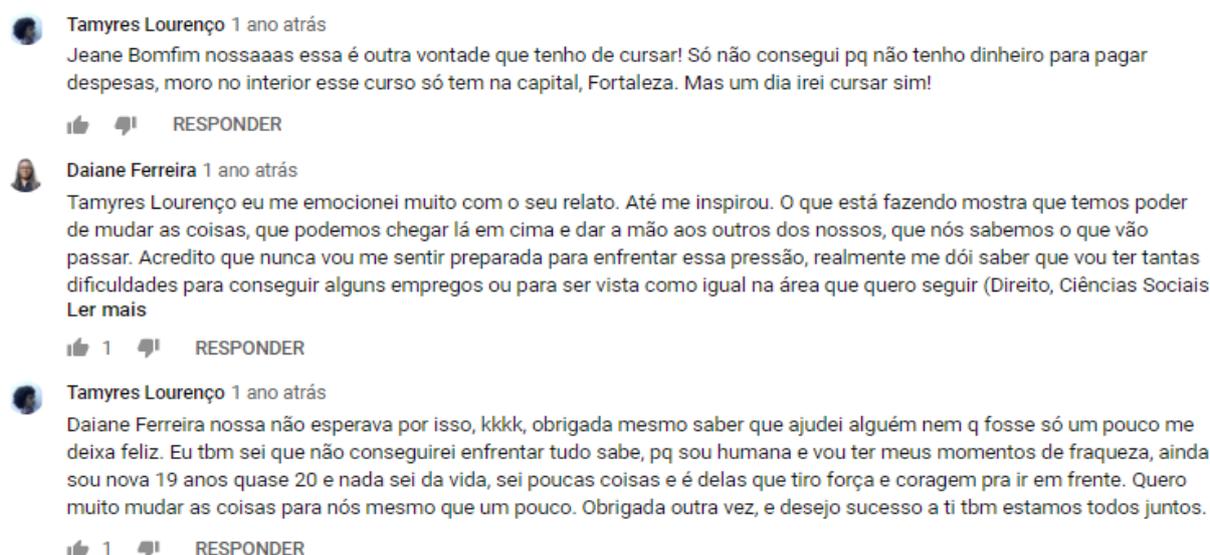
Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹⁶⁵

O discurso da(o) internauta apresenta caráter racista, pois assume o pressuposto de que pessoas negras não possuem interesse nos processos de escolarização e ignora o histórico de negação à educação para os povos afrodescendentes que viveram no Brasil, que resultou e resulta no aprofundamento das desigualdades no que se refere ao acesso ao ensino e postos de trabalho, elementos levantados no vídeo de Gabi Oliveira. “*Então, eu queria dizer que se foram as leis que favoreceram a exclusão, são leis que precisam favorecer a inclusão, ok? E uma dessas leis, é claro, é a lei de cotas raciais. Por quê? Às que excluía também eram raciais, não eram sociais.*” (Trecho do vídeo Cotas Raciais: Sim ou Não?, de Gabi Oliveira).

A realidade da persistente exclusão social, indicada por Gabi Oliveira no vídeo, é complementada pelo relato da internauta P, negra (lilás), que divide suas experiências com a internauta Q (laranja) e, com isso, ampliam o conteúdo do vídeo sobre a falta de acesso à educação brasileira por negros, no seu caso, pois estava fora de um grande centro urbano e não possuía dinheiro para financiar o curso que pretendia. Não foi possível identificar se Gabi Oliveira leu esses comentários e o motivo pelo qual não os respondeu (Fig. 55).

¹⁶⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s Acesso em: 21 mai 2019

Figura 55 – Reprodução de imagem de relatos de experiências das internautas



Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹⁶⁶

Para Gabi Oliveira, tanto a televisão quanto a literatura têm papel fundamental na construção da imagem do negro no Brasil e discute essa temática ao problematizar o fato de uma telenovela brasileira (Segundo Sol), que foi ambientada em Salvador, ter pouca representação de atores negros, já que a população soteropolitana possui 81,1% de negros, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁶⁷.

Segundo Gabi Oliveira, o imaginário construído na TV reflete-se nas relações estabelecidas no cotidiano e afirma que eram essas imagens que influenciam as decisões dos profissionais de recursos humanos, já que possuem no seu imaginário esses estereótipos e, por isso, negam oportunidades de emprego com justificativas como falta de perfil, já que pessoas negras estarão fora do que a mídia brasileira apresenta como bom, bonito, elegante e inteligente, segundo Gabi Oliveira.

As desigualdades sociorraciais são frequentemente alvo de discussões e análises nos comentários, o que demonstra existir uma rede de ligação entre os vídeos pela via da discussão de um tema transversal que é o racismo. No trecho da Figura 55, o internauta R¹⁶⁸, ao discutir cotas raciais nos comentários do vídeo Cotas Raciais: Sim ou Não, de Gabi Oliveira¹⁶⁹, fez um retrato

¹⁶⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s Acesso em: 21 mai 2019

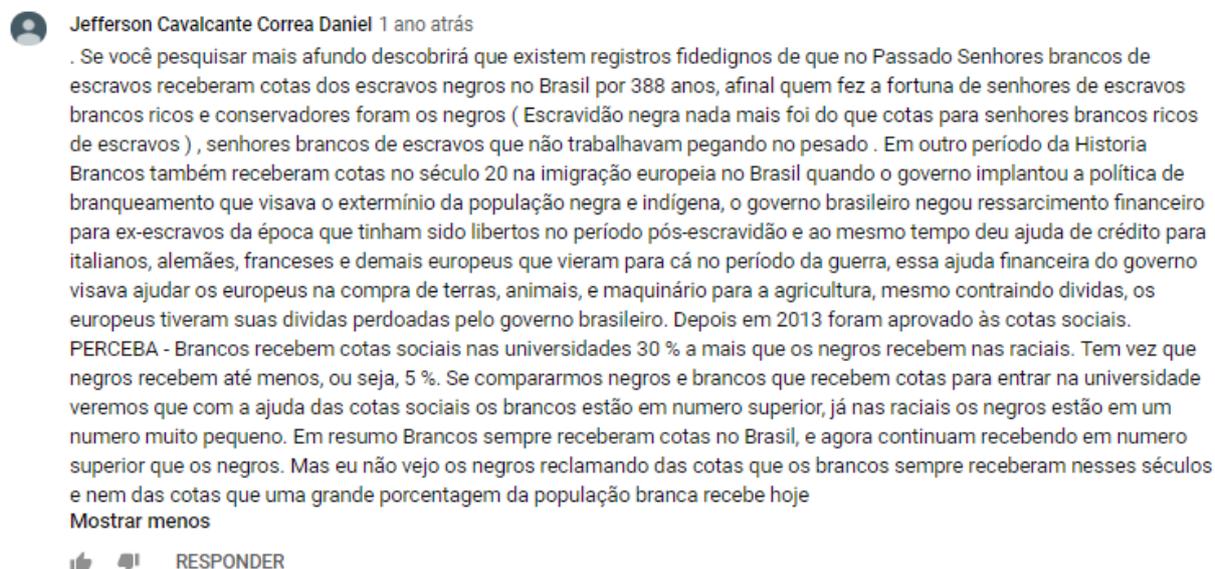
¹⁶⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/22/uma-em-cada-5-pessoas-na-bahia-se-declara-pret-a-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2019.

¹⁶⁸ Não foi possível identificar sua origem étnico-racial, pois o perfil não continha imagem.

¹⁶⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s. Acesso em: 20 mai. 2019.

de como, na sua visão, as políticas públicas reforçaram, no Brasil, as desigualdades raciais. O comentário não foi respondido por nenhum internauta.

Figura 56 – Reprodução de imagem de discussão sobre cotas e exemplo da imigração italiana



Fonte: (OLIVEIRA, 2016)¹⁷⁰

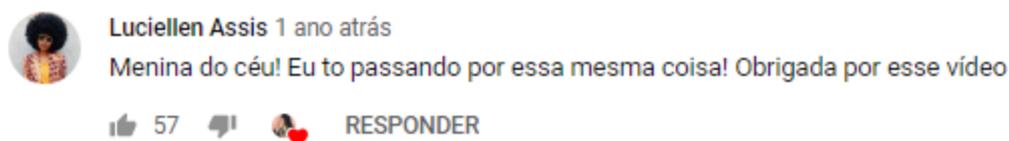
A construção da imagem do negro na mídia, portanto, é um tema recorrente, nos canais das vlogueiras Ana Paula Xongani, Gabi Oliveira e Luciellen Assis e as narrativas construídas também pelos comentários ampliam a discussão por elas proposta sobre a exclusão da população negra e as desigualdades sociorraciais. As trocas, no entanto, imprimem poucas características de rede já que não se identifica uma intensa trama de comentários entre os internautas e as vlogueiras. As trocas estabelecidas entre os seguidores ampliam o olhar sobre os temas propostos, com debates predominantemente fundados em suas experiências. Não foi possível perceber a constituição de laços fortes entre eles.

c) Fluxo comunicacional estabelecido entre vlogueiras-vlogueiras

O fluxo comunicacional observado entre as três vlogueiras no interior dos canais por meio de comentários não parece ser frequente, mas, em diferentes momentos, foi possível observar comentários que elogiavam o conteúdo produzido pela autora do canal, ou demonstravam identificação com o conteúdo compartilhado (Fig. 57), ou reações emocionais ao ouvir os relatos feitos nos vídeos (Fig. 58). Ainda assim, esse dado não indica que elas não interagiam entre si, já que afirmam manter diálogos através de *chats* via WhatsApp (aos quais não tivemos acesso).

¹⁷⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s Acesso em: 21 mai 2019

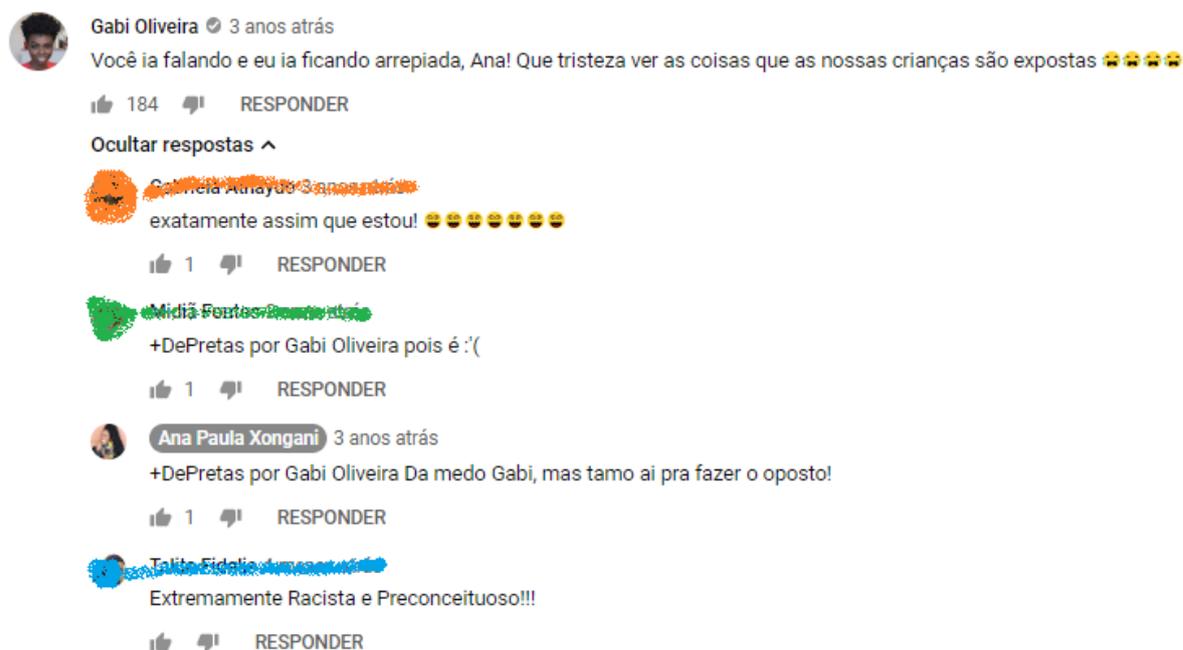
Figura 57 – Reprodução de imagem em que Luciellen Assis comenta o vídeo *Tour pelo meu Corpo* (SQN)¹⁷¹ de Ana Paula Xongani



Fonte: (XONGANI, 2018)¹⁷²

Na Figura 57 se registram também comentários de outros internautas, indicando aqui também a ocorrência de trocas, ainda que pouco frequentes, entre as vlogueiras e seus seguidores.

Figura 58 – Reprodução de imagem em que Gabi Oliveira comenta o vídeo *Peppa Não - Resenha*¹⁷³ de Ana Paula Xongani



Fonte: (XONGANI, 2016)¹⁷⁴

Outras vlogueiras, não participantes da pesquisa, também fazem comentários nos vídeos analisados. A vlogueira A, por exemplo, estudante de Ciências Sociais, comenta sobre o vídeo *Peppa Não – Resenha*, de Ana Paula Xongani, e afirma que levaria o debate proposto no vídeo para a escola onde realiza seu estágio (Fig. 59).

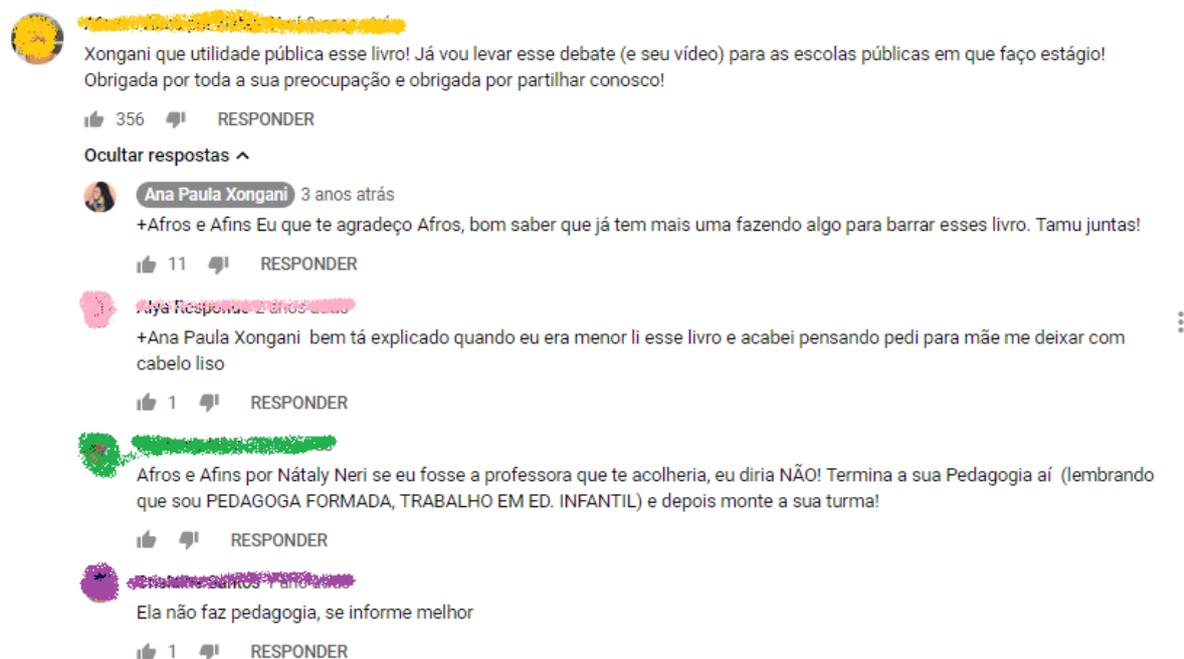
¹⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qy8eEtalxcE>. Acesso em: 16 jun 2019

¹⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qy8eEtalxcE> Acesso em: 16 jun 2019

¹⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 16 jun 2019

¹⁷⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 16 jun 2019

Figura 59 – Reprodução de imagem em que vlogueira comenta vídeo Peppa Não – Resenha, de Ana Paula Xongani



Fonte: (XONGANI, 2016)¹⁷⁵

As interações realizadas pelas internautas nos vídeos ampliam as narrativas, ao incluir, com os comentários, fatos complementares relacionados às histórias de vida dos seguidores; posicionamentos opostos às ideias compartilhadas pelas vlogueiras, entre outros. A participação de internautas revela um engajamento na co-construção da narrativa, já que se sentiram motivados a comentar os conteúdos propostos nos vídeos.

Foi possível identificar que as trocas comunicacionais com os seguidores são parte fundamental das narrativas em rede articuladas por Ana Paula Xongani, Gabi Oliveira e Luciellen Assis, em seus respectivos canais. Por meio das interações, é possível perceber como articulam o ativismo em rede por meio da construção das narrativas no YouTube e como esse processo constitui experiências formativas para elas e seus seguidores.

4.5.3. Professor ativista e pedagogia decolonial nas redes

As mudanças sociais, os processos hegemônicos e contra-hegemônicos de globalização e as tensões políticas em torno do conhecimento – marcadamente reveladas através das redes sociais – e seus efeitos sobre a sociedade têm ensejado novas articulações em que os ditos excluídos passam a lançar mão de estratégias coletivas e individuais e articulam-se em rede a

¹⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 16 jun 2019

partir de temáticas como desigualdade, diversidade cultural e conhecimento. Trata-se de um processo de reconstrução histórica alternativa e emancipatória, que busca desconstruir uma história unicamente centrada na perspectiva eurocêntrica (GOMES, 2012).

Surgem, assim, processos formativos que evidenciam o protagonismo da população afrodescendente na história do Brasil, de forma que negros e negras tenham a possibilidade de, por meio da educação, reconhecer as realizações positivas e contribuições históricas do povo afro-brasileiro ao País. São processos formativos escolares e não escolares, como aqueles vivenciados nas práticas religiosas, nos movimentos sociais, internet, etc. Nas redes sociais, como o Facebook, por exemplo, existem dezenas de grupos nos quais os participantes ensinam e aprendem sobre cabelo, relações afetivas (solidão da mulher negra), hipersexualização da mulher e do homem negro, sexualidades, etc. Segundo Pretto (2010, p. 309), “a juventude apropriou-se das tecnologias e as transformou completamente, de um meio meramente receptor de informações para um meio de expressão de ideias e de manifestação da pluralidade e de cidadania”.

Assistimos, nas redes sociais, uma profusão de páginas pessoais, de figuras públicas e de grupos juvenis, publicadas por pessoas negras que escrevem sobre a experiência de ser negro, denunciam o racismo, transmitem informações, dão dicas de beleza e cuidados com a pele e o cabelo crespo. Discussões como apropriação cultural, colorismo, racismo, ações afirmativas são realizadas na vida on-line e off-line de maneira crítica, política e posicionada pelos sujeitos negros. (GOMES, 2017, p. 70).

No entanto, apesar de a escola assumir papel importante na vida dos jovens, essas questões não são abraçadas pela escola. Os jovens, de modo geral, denunciam a falta de diálogo entre o universo escolar e os grupos juvenis. De acordo com Gomes (2004), no que se refere à questão étnico/racial, suas pesquisas apontam a falta de sensibilidade e até mesmo de respeito que permeia as relações raciais no interior da escola. Segundo ela, nem sempre essa instituição mantém-se atenta à complexidade do que é “ser jovem negro(a)” no Brasil e suas trajetórias escolares parecem não contribuir muito para a construção de uma identidade negra positiva desse(a) jovem.

Nesse contexto abissal entre a escola e as culturas juvenis, os canais das três vlogueiras revelam experiências nas quais mulheres negras lançaram mão da plataforma YouTube para a articulação de um ativismo em rede que associou interlocutores diversos na construção de uma narrativa também de caráter reticular, cujas narrativas objetivam a elaboração e circulação de novos discursos sobre a identidade da mulher negra no Brasil, com ênfase na discussão da estética.

A construção de narrativas contra-hegemônicas sobre as identidades estéticas de mulheres negras numa sociedade racista é fundamental, pois o estereótipo é a principal estratégia discursiva do colonialismo. “[O estereótipo] é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre no lugar, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido [...]”. (BHABHA, 2013, p.117). Nesse sentido, as narrativas articuladas no interior dos canais dessas

mulheres contribuem para a revisão dos lugares historicamente atribuídos à população negra, que, por meio da imagem (cabelo, cor da pele, vestimentas, etc.) criou, no imaginário social, a associação das pessoas afrodescendentes à sujeira, criminalidade, pobreza, incapacidade intelectual.

As narrativas produzidas em rede pelas vlogueiras, portanto, estão situadas em um contexto de busca pela construção de novas visões de mundo, novas visões sobre os significados de ser mulher negra. Estar no YouTube pareceu ser uma possibilidade de disputa de narrativa com a sociedade racista na qual estão inseridas, muitas vezes instrumentalizada pela mídia de massa, que desconsidera as diferentes possibilidades de representação da mulher negra, contribuindo e reforçando o seu processo de marginalização social.

Ações como essas, protagonizadas pelas vlogueiras, criaram espaços de diálogo sobre temáticas que acontecem de forma tímida nas instituições escolares e podem ser um indício de apropriação do ciberespaço para a construção de um currículo que ainda não tem espaço na escola por se distanciar das concretas histórias de vida dos seus estudantes e por descumprir as legislações vigentes que criam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afrobrasileira (Lei 10.635/2003 atualizada pela Lei 11.645/2008). A recusa, ou dificuldade, de implementação das leis revela a persistente colonialidade nos currículos escolares e a pouca implicação em criar políticas públicas para formação de professores voltada à educação para as relações étnico-raciais. Ou seja, diante das relações de poder que confluem para a não concretização de um currículo que considere a diferença como um valor, as ações das vlogueiras podem indicar novos espaços de articulação desses conteúdos e novas formas de abordá-los.

De acordo com Gomes (2012, p. 106), os avanços no processo de descolonização do currículo “só poderão ser considerados como um dos passos no processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira se esses não forem confundidos com ‘novos conteúdos escolares a serem inseridos’ ou como mais uma disciplina”. A autora destaca que se trata, na realidade, de mudanças estrutural, conceitual, epistemológica e política.

A compreensão das formas por meio das quais a cultura negra, as questões de gênero, a juventude, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são marginalizadas, tratadas de maneira desconectada com a vida social mais ampla e até mesmo discriminadas no cotidiano da escola e nos currículos pode ser considerado um avanço e uma ruptura epistemológica no campo educacional. No entanto, devemos ir mais além. (GOMES, 2012, p. 104).

O desafio posto aos currículos é explicar a persistência da relação colonial na construção da história mundial e propor alternativas à leitura da história construindo histórias contextuais articuladas em rede, que permitam uma visão cosmopolita sobre o mundo (GOMES, 2012). A experiência das três vlogueiras apresenta esse movimento de busca pela construção de narrativas

positivadas sobre as mulheres negras, outrora não vistas na mídia tradicional brasileira, bem como estabelecer uma crítica às representações feitas sobre mulheres negras em diferentes mídias.

Seus relatos envolvem emoção, posicionamento político, conhecimento acadêmico e também conhecimentos provenientes das suas histórias de vida. Essa maneira de compartilhar conteúdos criou uma rede de conhecimentos descentralizada, por meio das narrativas construídas em torno dos vídeos, que incluiu outras pessoas que se identificaram com as discussões e acrescentaram suas percepções sobre os temas levantados, comumente referenciadas pela experiência de vida.

Em suas narrativas, percebeu-se a articulação de saberes identitários, políticos e estético-corpóreos, identificados por Gomes (2017) como saberes que acompanham a trajetória histórica dos negros desde os tempos coloniais e ganharam visibilidade na sociedade brasileira a partir dos anos 2000, quando o Movimento Negro articula, no cenário político, na mídia, educação, e no sistema jurídico, a discussão e a demanda por políticas de ação afirmativa. Esses três saberes são separados com fins analíticos, porém se constroem de forma articulada e imbricada na realidade social, cultural, econômica e política.

Os saberes identitários correspondem aos saberes desenvolvidos em torno da questão racial e da identidade negra, de forma afirmativa. O recorte raça/cor tornou-se uma categoria de análise importante para se compreender a realidade de gênero, juvenil, de trabalho, regional e de pobreza, no Brasil. Ao questionar estereótipos racistas imputados sobre o homem negro e a mulher negra, debater sobre narrativas literárias e midiáticas racistas, as vlogueiras dão visibilidade a discussões sobre a identidade da população negra no Brasil e proporcionam a circulação de saberes identitários importantes.

Os saberes políticos dizem respeito a uma esfera institucionalizada por meio da qual a população negra tensionou a adoção de políticas públicas institucionalizadas por lei – Lei 12.288/2010 (Estatuto da Igualdade Racial), Lei 12.711/1012 (Lei de Cotas Sociorraciais nas Instituições Federais de Ensino Superior), Lei 12.990/2014 (Cotas para Concursos Públicos Federais), e a Portaria Normativa 13/2016, do Ministério da Educação (Cotas na Pós-graduação).

O Movimento de Mulheres Negras, por meio de suas ações ativistas, construíram saberes e aprendizados políticos, identitários e estético-corpóreos específicos, que reeducaram as identidades ao indagarem o machismo dentro do próprio movimento, as relações de trabalho, as lacunas existentes nas políticas públicas para mulheres (GOMES, 2017). Esses saberes políticos são percebidos nas discussões levantadas nos *vlogs* sobre as políticas de ação afirmativa, como o sistema de cotas, o racismo apresentado na literatura adotada na escola, a mortalidade materna negra, etc.

Os saberes estético-corpóreos são aqueles ligados às questões da corporeidade e da estética negras, que passaram por uma politização, e segundo Gomes (2017), são fruto também das políticas de ação afirmativa que reeducam os negros e negras na sua relação com o corpo e também reeducam a sociedade brasileira em seu olhar sobre o corpo negro. Ao afirmarem a busca pela autoestima, ensinarem a cuidar do cabelo crespos, relatarem seus processos de transição capilar, ou suas formas de cuidado com os *dreads*, Gabi Oliveira, Luciellen Assis e Ana Paula Xongani transformam aquilo que é produzido como não existência (os corpos negros) em presença, por meio da sua ação política. Com isso, não compactuam com os lugares da negação e da negatividade atribuídos ao corpo negro e com as formas de regulação desse corpo. Ao contrário, suas narrativas produzem saberes afirmativos que rivalizam com o lugar da não existência da corporeidade negra imposta pelo racismo.

A não existência do saber corpóreo não significa a ausência total do corpo negro no discurso e na prática educacional brasileira, sobretudo na escola. A ideia da não existência do corpo negro e dos seus saberes se consolida na escola quando é tratado por via da folclorização, exotismo, negação, ou até mesmo quando é apresentado e representado como indisciplinado, violento, não aprendente (GOMES, 2017).

Ao buscarem uma afirmação da identidade estética negra por meio dos saberes estético-corpóreos, as narrativas dos canais analisados demonstram estar em sintonia com a proposta de Gomes (2012, p. 102) sobre descolonização do currículo, que acredita ser necessário lançar mão de um paradigma que não separe corporeidade, cognição, emoção, política e arte; que compreende não existirem hierarquias entre conhecimentos, saberes e culturas, diferentemente de “uma história de dominação, exploração, e colonização que deu origem a um processo de hierarquização de conhecimentos, culturas e povos”.

Identificou-se, no discurso das vlogueiras, o desenvolvimento de um pensamento decolonial, já que identificam em suas experiências sociais a persistência da colonialidade, e a denunciam e produzem novas narrativas a partir da crítica. As pedagogias decoloniais são metodologias produzidas em contextos de luta, marginalização, resistência e ‘re-existência’. Essas pedagogias são compreendidas como práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com (WALSH, 2013).

As vlogueiras operam a articulação de uma pedagogia decolonial (WALSH, 2007, 2013), pois estão fora dos espaços hegemônicos de ensino (internet); denunciam as contradições das narrativas coloniais presentes na mídia; e constroem outras formas de pensar as identidades das mulheres negras no Brasil. Operam para si e possibilitam aos seus interlocutores um processo de descolonização, que significa, no campo da educação “uma práxis baseada numa insurgência

educativa propositiva, portanto não somente denunciativa [...] onde o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas e culturais de pensamento” (CANDAUI; OLIVEIRA, 2016, p. 39).

A decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Portanto, decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas (CANDAUI; OLIVEIRA, 2016).

Para construir a noção de um professor ativista, é necessário compreender que, historicamente, a noção inicial de currículo esteve atrelada à preocupação com a organização do processo curricular, refletido na prescrição, ordenação e sequenciação de conteúdos, em detrimento da sua dimensão dinâmica, pedagógica e da articulação com a prática social. Desse modo, o currículo foi marcado pela formalização e burocratização, cujo enfoque principal se limitava aos componentes curriculares apresentados, ainda de forma fragmentada, descolados das experiências sociais, e como “grade curricular” (SILVA, 2013).

Currículo é o elemento central que estrutura a função da escola e está relacionado ao conhecimento a ser ensinado aos estudantes, assim como ao tipo de ser humano desejável a um dado contexto social. É um território disputado, normatizado, politizado e que, constantemente, tem sido inovado e ressignificado. Assim como Silva (2013), entendemos que o currículo não é um elemento transcendente e atemporal, é um artefato social e cultural, que não é neutro.

A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes, segundo Silva (2013), de oferecer oportunidades para o desenvolvimento da capacidade de crítica e questionamento aos sistemas dominantes de representação da identidade e da diferença entre jovens e crianças. Para o autor, é fundamental uma pedagogia que vá além da tolerância e respeito à diversidade cultural, mas que reconhece que as relações entre as diferentes culturas envolvem relações de poder. Por isso, o currículo contemporâneo deve explorar, entre crianças e adolescentes, a atribuição de sentido ao mundo social que os cerca.

A mudança do currículo escolar, de acordo com Munanga (2013), passa pela luta social representada pela atuação dos movimentos sociais como, por exemplo, o movimento negro e o movimento feminista, que têm lutado para mudar o conteúdo desses currículos com a inclusão da história dos oprimidos, a história das vítimas da discriminação racial, a história do machismo, etc. A obrigatoriedade do ensino de História da África e das Culturas Afro-brasileiras nos currículos das escolas da educação básica, é fruto dessa atuação.

Descolonizar os currículos é um desafio que ainda persiste na educação escolar, assim como os desafios apresentados nas críticas feitas pelos curriculistas sobre a rigidez das grades curriculares, o caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo com as realidades

dentro/fora da escola. Essas lacunas atingem os currículos e, conseqüentemente, a vida social dos sujeitos para os quais as ações pedagógicas são direcionadas.

Os currículos passam a ser um dos territórios em disputa, sobretudo desses novos sujeitos sociais organizados em ações coletivas e movimentos sociais (ARROYO *apud* GOMES, 2011). Resultado das lutas dos movimentos sociais, a legislação, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, possibilita a construção de uma educação antirracista que pode resultar em uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna pública e legítima a discussão e compreensão sobre as questões afro-brasileira e africana. Propõe-se um discurso pautado no diálogo intercultural, que seja emancipatório, no interior da escola; que pressuponha e considere a existência de um “outro” como sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. Ou seja, um diálogo que incorpora conflitos, tensões e divergências (GOMES, 2012). Nesse sentido, a descolonização do currículo implica conflito, confronto, as negociações e produz algo novo. Com isso, é possível forjar outros processos de descolonização mais abrangentes e profundos, ou seja, do poder e saber (GOMES, 2012).

A experiência em rede vivenciada pelas mulheres negras no YouTube constitui-se em um processo formativo de natureza sociointeracionista (VYGOTSKY, 1991), que se constrói por meio de uma relação de trocas entre o sujeito e meio social, mediadas por tecnologias. Esse processo circular e abrangente constitui-se como um modo de existir no mundo que questiona as barreiras impostas pelo racismo e com isso produzem novos saberes provenientes da experiência.

5 Considerações finais

Historicamente, o cabelo das pessoas negras tem sido desvalorizado como o mais visível estigma da negritude e usado para justificar a subordinação de africanos e africanas. Mais do que a cor, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização, que se tornou um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não civilização (KILOMBA, 2019). Nesse sentido, a experiência das três mulheres negras, apresentadas nesta tese, que buscam por meio de narrativas audiovisuais desconstruir narrativas coloniais sobre a estética negra, mostra-se como importante fenômeno a ser estudado do ponto de vista sociológico, antropológico e pelas lentes do campo da educação.

Ao buscar elucidar compreensões sobre como o ativismo em rede, protagonizado por mulheres negras no YouTube, articula processos formativos decoloniais, esta pesquisa aponta novos espaços de construção de políticas identitárias (HALL, 2001) que se tornam potencialmente espaços formativos sobre as relações étnico-raciais e ampliam o cenário das redes educativas (ALVES, 2008) na contemporaneidade. Com isso, delineamos com os achados e limites da pesquisa novos campos de investigação, seja pelo viés da discussão étnico-racial, seja pelos estudos da cibercultura, ou educação, bem como da interseção entre eles.

As narrativas analisadas na pesquisa, centradas na identidade estética das mulheres negras, revelaram o corpo como um suporte da identidade negra e o cabelo crespo como forte ícone identitário (GOMES, 2002). Ao defender a beleza dos cabelos crespos como transmissão de uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial, as narrativas descritas na pesquisa os indicam como elementos políticos relevantes neste tempo, e que revelam como negociamos políticas de identidade e racismo (KILOMBA, 2019).

Na busca por identificar e sistematizar as principais características do ativismo em rede protagonizado por 3 vlogueiras negras, percebeu-se que os vídeos dessas mulheres operavam uma disputa de narrativas com a mídia tradicional acerca da identidade estética das mulheres negras; e revelavam uma busca pela transformação do olhar atribuído à estética da mulher negra, o que conferiu às suas narrativas um caráter político. Além disso, o fazer ativista dessas mulheres se mostrou articulador de uma tradução de conhecimentos acadêmicos, numa busca por visibilizar e dar acesso a conhecimentos acadêmicos sobre racismo. As narrativas audiovisuais, de acordo com as vlogueiras, tinham como pano de fundo a luta contra as opressões racial e de gênero que atingem as mulheres negras e possuíam articulações com o mercado e com relações de consumo, operando em tensão com mecanismos comerciais e outros, pouco transparentes, do YouTube.

O conteúdo ativista das narrativas das vlogueiras evidencia uma centralidade nas experiências com o cabelo (racismo, transição capilar, beleza, etc.) descritos por meio de

episódios de racismo cotidianos (KILOMBA, 2019). Além disso, as narrativas dialogam com as histórias de vida das seguidoras e dessa forma operam uma análise social da condição de mulher negra através de suas percepções de padrões sociais, e continuidades históricas presentes nos seus relatos. Por meio deles, as vlogueiras revelavam a dimensão coletiva dos conflitos relatados, fruto do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018). Com isso, construíram narrativas que disputam com a mídia tradicional e questionam os padrões de beleza hegemônicos, fundados no ideal de branqueamento da população negra (NASCIMENTO, 2011).

Com o objetivo de mapear e caracterizar as trocas comunicacionais estabelecidas entre vlogueiras e suas/seus seguidoras/es no YouTube na construção das narrativas identificamos, a partir dos seus rastros nas redes, características das narrativas ativistas dessas vlogueiras. As trocas comunicacionais estabelecidas por meio dos comentários aos vídeos revelam que as narrativas são constituídas não apenas pelo discurso das administradoras dos canais, mas dos enunciados que precedem a narrativa audiovisual (filmes, acontecimentos, livros, e materiais diversos referenciados nos vídeos); do conteúdo dos vídeos; bem como dos comentários que sucedem e complementam a narrativa aberta que passa a ser constituída também de novos relatos que coadunam ou se contrapõem ao que é dito pelas vlogueiras.

O ativismo em rede articulado por essas mulheres se constitui, portanto, na forma como constroem as narrativas articulando diversos conhecimentos; nas tensões que envolvem o funcionamento dos canais na plataforma YouTube, nas relações com seus seguidores e entre eles (laços fracos) e pelas questões raciais dos conteúdos de seus vídeos. As interações demonstram uma descentralização no desenvolvimento da narrativa em rede horizontalizada, o que desloca as vlogueiras do centro da ordem discursiva em seus próprios canais, ainda que não tenham sido observados laços fortes entre eles.

A construção dos vídeos se apresentou como processo racializado, na medida em que as vlogueiras disputam narrativas do ponto de vista da discussão étnico-racial e também porque alteram aspectos do conteúdo do vídeo para atender às questões técnicas (modo de funcionamento dos algoritmos) que as afetam do ponto de vista da temática racial.

Por fim, ao analisar de que forma o ativismo em rede protagonizado por vlogueiras negras articula narrativas de descolonização, percebeu-se que as mulheres negras participantes da pesquisa protagonizam a circulação de discursos que questionam a persistência da colonialidade por meio das análises de suas experiências cotidianas nos vídeos. Com isso, denunciam e produzem novas narrativas a partir da crítica ao racismo, que opera na formação de um ideal de beleza que é branco.

Nesse sentido, as vlogueiras articulam a construção de um pensamento crítico que nasce dos próprios sujeitos subalternizados e questionam a geopolítica do conhecimento, que invisibilizou esses atores sociais, seus conhecimentos e suas histórias. Há, nas narrativas construídas, uma crítica à colonialidade presente nas imagens subalternizadas produzidas sobre as populações negras que gera estereótipos (BHABHA, 2013), que são acionados na busca por uma cristalização dos papéis sociais, no caso dos negros, frequentemente associados à inferioridade.

Há, nas narrativas analisadas, a afirmação de uma autoria que está para além da interdição posta pelo sexismo e racismo epistêmico (QUIJANO, 2005; CARNEIRO, 2007; GROSFUGUEL, 2016; KILOMBA, 2019). O próprio processo de elaboração dessas narrativas pelas vlogueiras, associado às trocas comunicacionais estabelecidas após publicação dos vídeos, demonstram o delineamento de processos formativos forjados na luta contra a persistente negação do pertencimento racial afrodescendente, que é estimulada por uma histórica busca pelo ideal de branqueamento da população brasileira (NASCIMENTO, 2011).

O ativismo dessas mulheres negras no YouTube interroga a persistência da colonialidade, que sobrevive ao colonialismo e precisa ser revelada e combatida. A colonialidade está presente nos textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna (TORRES, 2007).

A imagem produzida sobre a mulher negra na literatura e na televisão, tão criticada pelas vlogueiras em seus canais, demonstra a persistência do discurso colonial, que as subalterniza. Esse processo ratifica a análise de Aníbal Quijano (2005) de que o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos.

A dominação colonial e capitalista global se constituiu também como uma dominação epistemológica que atribui aos dominados lugares de subalternidade. Nesse sentido, as formas de dominação da colonização se constituíram como um modelo de exclusão que permanece em nossa forma de pensar, em nossos conceitos básicos e nossas diretrizes fundamentais de operação do conhecimento das coisas (SANTOS, 2010).

Percebeu-se, na pesquisa, que as esferas do digital em rede se tornaram campos legítimos de formação, podendo atribuir-se a elas o *status* de redes educativas, já que a formação acontece em múltiplos contextos (SANTOS, 2011). As “ações políticas” no ciberespaço (JUNGBLUT, 2015), articuladas por essas mulheres negras, geraram negociações e percepções de realidade e engajamentos identitários que caracterizaram esses processos formativos. No contexto das novas e

renovadas vivências dos atores na cibercultura, os processos formativos ampliaram suas formas e contextos.

A complexidade e atualidade do fenômeno estudado deixaram lacunas, no que se refere à ausência de um referencial teórico consolidado sobre as relações entre cibercultura, relações étnico-raciais e educação, que possivelmente redundaram, muitas vezes, em uma superficialidade nas análises das experiências em questão. As tecnologias digitais em rede vêm estruturando novas relações sociotécnicas, que também foram analisadas com limites, pois muitos processos aconteciam de forma pouco visível, na dinâmica do funcionamento da plataforma, o que indica a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre, por exemplo, as implicações sociais do desenvolvimento das tecnologias do algoritmo (SILVEIRA, 2016).

Entram em debate questões que podem ser aprofundadas em trabalhos futuros, que estão relacionadas à agência humana e não humana que redimensionam o social e apontam um debate relevante para o nosso tempo: os objetos também agem? (LATOURE, 2012). Nesse contexto, esta pesquisa tensiona a experiência analisada, de modo a considerar as ações das vlogueiras, dos internautas e também da plataforma, no fazer ativista de três mulheres negras. Como agem os algoritmos? Eles reproduzem sistemas de desigualdades (sexistas e racistas, por exemplo) com base nas informações que recebem dos usuários? Poderiam, os algoritmos, operar numa lógica que repara os erros humanos? Esse debate torna-se relevante na tese pois consideramos que os eventos analisados envolvem ações distribuídas que não envolvem apenas humanos. Nesse sentido, como se localiza a experiência de mulheres negras na plataforma YouTube que operam numa lógica pouco transparente e que conjuga algoritmos e interesses mercadológicos?

A pesquisa demonstrou a necessidade de investimento em perguntas como: Num contexto de abertura do polo emissor e democratização da autoria na internet, onde estão localizadas as produções de mulheres negras? Como articulam em rede a construção e o compartilhamento dessas narrativas? Como as questões raciais se tornam estruturantes nesse processo? As mulheres negras lançam mão de quais táticas para esse processo de autorização na internet? Como os estudos de branquitude (BENTO, 2014) nos auxiliam a compreender como a figura do homem branco universal interfere nas experiências formativas de pessoas negras na internet?

Além disso, os estudos apontam para a importância de um aprofundamento na relação do ativismo com o ativismo de mulheres negras no passado. É fundamental entrecruzar autorias do presente e passado estabelecendo relações entre as narrativas de mulheres negras na cibercultura com a autoria de mulheres negras que relatavam a história de vida e episódios de racismo cotidiano (KILOMBA, 2019) no passado. Um dos caminhos vislumbrados para esses estudos pode ser construído por meio da análise da produção literária de mulheres negras que produziram no seu tempo uma epistemologia originada na experiência (Carolina Maria de Jesus, Conceição

Evaristo, etc.) que foi e ainda é negligenciada pela academia. Suas autorias produziram análises sociais que estão para além dos moldes do conhecimento científico e são negados por ele, e, portanto, carecem de análises mais aprofundadas.

Nesse sentido, esta pesquisa aponta para a necessidade de estudos sobre relações étnico-raciais e cibercultura que coloquem em cena o protagonismo negro na produção de narrativas ativistas que produzam epistemologias muitas vezes deslocadas da academia ou em diálogo com ela. O estudo revela ainda a atual busca, protagonizada por mulheres negras, pelo fim de um problema estrutural histórico e persistente que é o racismo e coloca em cena o debate necessário e atual sobre o fundamental processo de descolonizar o currículo.

A forma de operar o discurso ativista, que gerou processos formativos para elas e para seus seguidores, indica que as experiências dessas três mulheres negras podem ser referência para a construção de estratégias metodológicas que incluam a discussão sobre as relações étnico-raciais nas práticas educativas. O conhecimento produzido por meio das narrativas dessas mulheres é constituído em rede na relação entre as experiências cotidianas e outras redes de conhecimentos (culturais, acadêmicos, políticos, etc.) que, ao entrarem em diálogo, podem produzir um espaço fecundo de emancipação e apropriação do saber.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte(MG): Letramento, 2018.

ALVES, N. “Decifrando o Pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas”. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; _____. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes.** Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ANCINE. Agência Nacional do Cinema. Diversidade de gênero e raça nos longas-metragens brasileiros lançados em salas de exibição 2016. **Informe de Mercado.** 2018. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf. Acesso em: 30 jan. 2019.

ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 51-64, 2001.

AGRA, Klondy. **A teoria pós-colonial na tradução: caminhos à descolonização através da arte e educação.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2013.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

_____ (Org.). **O negro na TV pública.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2010.

ARDOINO, Jacques. Pensar a multirreferencialidade. In: Macedo, R. S.; Barbosa, J. G.; Borba, S. (Orgs.) Jacques Ardoino & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Pensadores & Educação, 2012, p. 87-99.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). **Canal de Luciellen Assis.** 2011. In: **Canal de Luciellen Assis.** Disponível em: <https://www.youtube.com/user/luciellenassis/about> . Acesso em:12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2015. O DIA QUE ME CHAMARAM DE PRETA MALDITA In: **Canal de Luciellen Assis.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=if-ZLWo9Yrk>. Acesso em:12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2016. ATIVISMO NA INTERNET PRESTA? In: **Canal de Luciellen Assis.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0c7iLTU1RWM>. Acesso em:12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2017. AME SEU CABELO CRESPO In: **Canal de Luciellen Assis.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOxzW7H4q4Y>. Acesso em:12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2018a. FELICIDADE POR UM FIO | LUCIELLEN ASSIS. In: **Canal de Luciellen Assis.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=93ncoSttU8k>. Acesso em:12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2018b. NÃO SIGAM PESSOAS TÓXICAS! #HIDRATAEFALA 1 | LUCIELLEN ASSIS. In: **Canal de Luciellen Assis.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kYx_u9Anryg. Acesso em:12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2018c. O QUE É LUGAR DE FALA? | LUCIELLEN ASSIS. In: **Canal de Luciellen Assis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkygV1Jd-Ik>. Acesso em: 12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2018d. PRETO É TUDO LADRÃO!?! In: **Canal de Luciellen Assis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFM3sX96TdQ&t=149s>. Acesso em: 12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2018e. A MINHA PELE - LÁZARO RAMOS. In: **Canal de Luciellen Assis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=slxX-unybyY>. Acesso em: 12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2018f. EU VOU SER O MARIDO RICO! part. DUQUESA - LISTA NEGRA #2. In: **Canal de Luciellen Assis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rkzm9x1dfu0>. Acesso em: 12 fev 2019.

ASSIS, Luciellen. (*YouTube*). 2018g. COMO CONQUISTAR IGUALDADE? Youtubers Negras por um planeta 50-50. In: **Canal de Luciellen Assis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ch7FrFVI7GQ>. Acesso em: 12 fev 2019.

BARROS, Zelinda. **Feminismo negro na internet: Cyberfeminismo ou Ativismo Digital?** Disponível em: https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet Acesso em

BAIRROS, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. In: RIBEIRO, Matilde. (org.). Dossiê Mulheres Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v. 3 n. 3, 1995, p. 458-463.

BARBOSA, Lícia. Feminismo negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro., **Anais Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos** 2010.

BA, Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: Zerbo, J-KI: **História Geral da África**. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

BORBA, S. (orgs.). **Jacques Ardoino e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Org.) **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em: <https://psicanalisespolitica.files.wordpress.com/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf>. Acesso em 31 de agosto de 2019.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2016.

BENTES, Ivana. Redes colaborativas e precariado produtivo. *On-line*. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 53-61, 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3418>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Narrativas coletivas? Mídiação do ativismo no Mídia Ninja e no RioNaRua. **Revista Interin**, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 86-102, jan./jul. 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: fundamentos, métodos e técnicas**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BUENO, WINNIE. **Ativismo negro no mundo virtual**. 2016. Disponível em: <https://medium.com/@winniebueno/o-ativismo-negro-no-mundo-virtual-f7e0d1d024b2>. Último Acesso: 15 ago 2019

CANDAU, Vera Maria (org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1983.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, LUIZ Fernandes. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, vol. 26, n. 1, Belo Horizonte, 2016.

CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa**. A contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis: Vozes, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo. Editora Letramento, 2018.

_____. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, Ano 3, 2º sem. 1995.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p.117-132, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Redes de indignação e esperança** - movimentos sociais na era da internet. 2013.

CARTARSE. Representatividade importa: Desabafo Social + DePretas + Catarse. **Canal da Plataforma Catarse**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BNALNSBymp0> Acesso em: 13 jan. 2018.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 19 ed. Petrópolis vozes, 2012.

CLANCE, P.; IMES, Suzanne. **The Imposter Phenomenon in High Achieving Women: Dynamics and Therapeutic Intervention**. Disponível em: https://paulineroeclance.com/pdf/ip_high_achieving_women.pdf. Último acesso: 15 de agosto de 2019.

CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CRENSHAW, Kimberle W. (2004). A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso 30 ago 2019

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DI FELICE, M. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. **Revista Matrizes**, n. 2, jul./dez. 2013, p. 49-71.

DIJK, Van. Discourse and the denial of racism. **Discourse & Society**, v.3, n.1, p. 87-118, 1992.

DOMINICÉ, Pierre. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 345-357, maio/ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022006000200010&script=sci_arttext. Acesso em: 4 fev. 2016.

ERICKSON, Frederick. What Makes School Ethnography 'Ethnographic'? **Anthropology and education quarterly**. v. 15, p. 51-66, 1984.

ESCOBAR, A. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: ESCOBAR, A. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016.

FARIAS, Isabel Maria Sabino *et al.* **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba. **Desvendando máscaras sociais**. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 29-38.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 144-158

GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, maio/ago. 2011.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 154 p.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento. *In*: SANTOS, B. de S.;

GOMES, Nilma Lino. Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. Trabalho apresetado na ANPED <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/juventude-praticas-culturais-e-negritude-o-desafio-de-viver-multiplas-identidades>

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115-147, mar. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: TADEU, T.; HUNZRU, H.; HARAWAY, D. (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HIMANEN, Pekka. **A ética dos hackers e o espírito da era da informação: a importância dos exploradores da era digital**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
_____. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.16, Brasília, jan./abr. 2015, pp. 193-210.

hooks, bell. **We real cool: black man and masculinity**. New York: Routledge, 2004.

JENKINS. H. **Cultura da convergência**. São Paulo: aleph, 2009.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Trad. de José Cláudio e Júlia Ferreira. Lisboa: Educa, 2002.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Práticas ciberativistas, agência social e ciberacontecimentos. **Vivência: Revista de Antropologia**, n. 45, p. 13-22, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica *on-line*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012. Disponível em: https://ecomig2014.files.wordpress.com/2014/08/latour_bruno-reagregando_o_social.pdf. Acesso em: 01 ago 2019.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Translated by Donald Nicholson-Smith. Oxford: Blackwell, 2007 [1991].

LEMOS, A. **Os Desafios Atuais da Cibercultura**. Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo, 2019. Disponível em: <http://www.lab404.ufba.br/?p=3599>. Acesso 31 ago 2019

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LEMOS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. *In*: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila. **Estéticas tecnológicas**. São Paulo: PUC/SP, 2007.

LEMOS, André. Cultura da Mobilidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 40, dez. 2004.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34, 1999.

LIMA, Sávio Queiroz. Garra de pantera: os negros nos quadrinhos de super-herói dos EUA. **Revista Identidade!** São Leopoldo, v.18, n. 1, p. 67-89, jan./jun. 2013.

LÜDKE, M. A pesquisa qualitativa e o estudo da escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 49, p. 43-44, 1984.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MACEDO, Roberto Sidney. **Compreender/mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo Gonçalves. **Um rigor outro**: a questão da qualidade na pesquisa qualitativa - educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

MADEIRA, Zelma. Sexismo e Racismo: Algumas considerações sobre o perfil identitário e o movimento das mulheres negras. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 [Anais eletrônicos]. Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MALINI, F.; ANTOUN, H. Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 286-294, 2010.

MARTINS, B. **Autoria em rede**: os novos processos autorais através das redes eletrônicas. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

MÁXIMO, M. **Blogs**: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, *performance* e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2006.

MAYBIN, S. **Sistema de algoritmo que determina pena de condenados cria polêmica nos EUA**. BBC News, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil37677421>. Acessado em 10 de agosto de 2019.

MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

MIGNOLO, Walter. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Indisciplinar las ciencias sociales. **Revista On-line de la Universidad Bolivariana de Chile**, v. 1, n. 4, 2003.

MORIN, Edgard. Da necessidade de um pensamento complexo. *In*: **Tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Edipucrs/Sulina, 2003.

MUNANGA, K. Políticas curriculares e descolonização dos currículos: a Lei 10.639/03 e os desafios para a formação de professores. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 2, n. 1, jan./jul. 2013. Entrevistado por Luciane Ribeiro Dias Gonçalves.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO – PENESB/RJ, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2019.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOBLE, S. **Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism**. New York: New York University Press, 2018.

NUNES, Márcia Vidal. Novas tecnologias e cidadania: a internet como fator de politização ou de adequação das comunidades excluídas ao sistema produtivo? **Revista Passagens**, v. 1, p. 1-17, 2011.

NÚÑEZ, Antonio. **É melhor contar tudo**. São Paulo: Nobel, 2009.

OLIVEIRA, Gabriela. **Canal de Pretas por Gabi Oliveira**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8iLiJ1kng>. Acesso em: 12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2016a. Solidão da mulher negra. *In*: **Canal De Pretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NgNt0GzWCVI> Acesso em: 12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2016b. Cotas raciais: sim ou não? *In*: **Canal De Pretas**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM Acesso em: 12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2016c. Séries com protagonistas negras. *In*: **Canal De Pretas**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_m-Elx54JNE Acesso em: 12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2016d. E o privilégio? *In*: **Canal De Pretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1609F9pJqpA> Acesso em: 12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2016e. Protagonista de Malhação e estereótipos da mulher negra. In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7HIIuSY5D-0> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2016f. Vamos ficar bem: um vídeo sobre autoestima. In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQ7qTeDJCe0> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2018a. EU ESTOU EM SOLIDÃO? In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pQe8bLlxeb0> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2018b. DOR DE BARRIGA E TREMEDEIRA NUNCA MAIS. In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iMscfgC1MNg> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2018c. COMO VOCÊS ESTÃO? In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KceI2vZXHBo> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2018d. CABELO 4C IGUAL BOMBIL E RESPONSABILIDADE. In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v93tX36gLaA> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2018e. Tour Pelo Meu Rosto | Papo DePretas. In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2018f. VOCÊ NÃO DEVERIA VER SEGUNDO SOL | Papo DePretas. In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScaWHUZ4jTk> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (*YouTuber*). 2017. E o Tinder? | Papo DePretas. In: **Canal DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5UYeBH9lrSo> Acesso em:12 fev 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília; São Paulo: Paralelo Quinze; Editora da Unesp,1998.

OLIVEIRA, Rose. Cyberfeminismo x feminismo: o que as mulheres fizeram com os blogs da web? SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. **Anais Seminário Internacional fazendo gênero**. 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_36.html. Acesso em:31 de agosto de 2019.

OLIVEIRA, R. C. D. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2000.

PAZ, Tatiana. Cultura da mobilidade e autoria: um estudo de caso sobre o uso dos tablets em uma Escola Municipal de Salvador. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, 2014. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/1109141422.pdf>. Acesso em: 07 maio 2020.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral** Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: Editora UECE, 2015.

PIMENTA, S. G. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. **Revista Nuances**, v. 3, 1997.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

QUIJANO, Colonialidade do poder e classificação social. SOUZA SANTOS, Boaventura e MENESES, Ma. Paula. **Epistemologias do sul**. Coimbra, Ed. Almedina, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIFIOTIS, Theophilos *et al.* **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: UFSC, 2010.

RIFIOTIS, T. Etnografia no ciberespaço como repovoamento e explicação. *In: Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA Publicações, 2016.

ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. *In: ROMANELLI, G.; BIASOLI, Z.M.(org.)*. **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTANA, Leonardo Silveira **A autoria no YouTube: um processo formativo contemporâneo**. Dissertação (Mestrado)- Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.) **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez. 2010.

SANTOS, Boaventura. Prefácio. *In: GOMES, Nilma Lino*. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P.* **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

SANTOS, Edméa O. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. *In: FONTOURA, Helena; SILVA, Marco. (org.)*. **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: Anped Nacional, 2011, v. 1, p. 138-160.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Nadja; SILVA, Tarcízio. **Transição capilar e empoderamento nas mídias sociais**. *On-line*. Disponível em: <http://bit.ly/1T1XukZ>. Acesso em: 7 maio 2016.

SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações. 2016.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Ana Célia da. **A Discriminação do Negro no Livro Didático**. Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Joselina. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2011.

_____. I encontro nacional de mulheres negras: o pensamento das feministas negras na década de 1980. In: SILVA, J. ; MENDES, A. (org.). **O movimento de mulheres negras: Escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala. 2014.

SILVA, Roberta Firmino. **Quem são os terroristas no YouTube?** Uma análise das disputas políticas em torno do termo terrorismo. Monografia (Conclusão de Curso)- Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Identidade e diferença**. Organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102.

SILVEIRA, S. A. GOVERNO DOS ALGORITMOS. Revista de Políticas Públicas. v. 2. n. 1 p. 267-281, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4452794/mod_resource/content/1/S%C3%A9rgio%20Amadeu%20SILVEIRA%20%20Governo%20dos%20Algoritmos.pdf Acessado em 10 de agosto de 2019.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3 ed. Vozes. 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1983.

SOUZA e SILVA, Adriana Araújo. **Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea: de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola de Comunicação (CFCH), 2004.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In: Zerbo, J-KI: História Geral da África. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

VAN DIJCK, José. **La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales**. Buenos Aires: SigloVeintiuno Editores, 2016.

VIEIRA, Ricardo. Etnobiografias e descoberta de si: uma proposta da antropologia da educação para a formação de professores para a diversidade cultural. **Pro-Posições**, v. 24, n. 2 (71), p. 109-123, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n2/v24n2a09.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo Martins Fontes, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf Acesso: 31 de agosto de 2019

WATTS, Duncan J. **Six Degrees. The Science of a Connected Age**. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, re-existir e re-viver. In V. M. Candau. **Educação intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas** (pp. 12-42). Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

_____. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013

WERNECK, Jurema. **De Ialodês e Feministas: reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe**. Nouvelles Questions Féministes: revue internationale francophone, vol. 24, n. 2, 2005. Disponível em: Acesso em: 14 set. 2017.

XONGANI, Ana Paula. **Canal de Ana Paula Xongani**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/xonganiartecomtecido/about>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2016a. Peppa Não, Lelê SIIIM!!! – Resenha. In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iH2GcP7yN_w. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2016b. Sejam Todos Feministas. In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLWJQ0cS3>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2016c. Peppa NÃO! - Resenha | Ana Paula Xongani. In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2017a. Definitivamente Peppa Não! In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cDU3_7Am63o. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2017b. Barbies Negras, quem nunca sonhou?! In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FxBT4R-Jxrs>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2018a. O MIMIMI DO RACISMO REVERSO. In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cRCxiDEjZdE>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2018b. POR QUE NÃO DESISTI? Y OTRAS COSITAS MÁS... In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H_zzYljQrQE. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2018c. MAIS UMA POSSIBILIDADE PRA VOCÊ. In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TfHAJF9qEtk>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2018d. DESLIKE OU 47%, O QUE VALE MAIS? In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dMgkVLGyYPU>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2018e. QUEM INVENTOU ESSA BAGAÇA?! In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uLmFJyKCaVw>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2018f. EU TENHO PRESSA | Ana Paula Xongani. In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4>. Acesso em: 12 fev 2019.

XONGANI, Ana Paula. (*YouTuber*). 2018g. TOUR PELO MEU CORPO (SQN) #TourPeloMeuCorpo | Ana Paula Xongani. In: **Canal de Ana Paula Xongani**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qy8eEtalxcE>. Acesso em: 12 fev 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism**. The fight for human future at the new frontier of power. New York. Public Affairs, 2019.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado por **Tatiana Paz Longo** como participante da pesquisa intitulada **Processos formativos e decolonização de saberes: estudo sobre o ativismo em rede protagonizado por mulheres negras no YouTube**. Informamos que você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Esta pesquisa tem como **objetivo principal** compreender como o ativismo em rede de mulheres negras no YouTube articula processos associados a uma pedagogia decolonial. Para isso a pesquisadora fará observação das trocas e diálogos estabelecidos nos canais das participantes da pesquisa entre elas e outros interatores, bem como fará quatro entrevistas presenciais, via telefone e aplicativos de chamada de vídeo com as participantes - cada uma com duração de 30 minutos e 5 questões.

Os **benefícios** que a pesquisa pode gerar estão relacionados à compreensão da relação entre o ativismo desenvolvidos pelas participantes e os processos formativos de mulheres negras através da perspectiva do campo da Educação, bem como promover entre as participantes momentos de reflexão sobre as suas próprias ações como YouTubers. Após finalização, a pesquisa será divulgada no âmbito acadêmico através de artigos científicos e capítulos de livros, e também em espaços/instituições formais e informais de educação. Os **riscos** apresentados se relacionam com a) a frequência da realização das entrevistas, que pode gerar possível incômodo entre as participantes, b) desconforto por saber que suas ações no YouTube estão sendo observadas. A pesquisadora se compromete a utilizar as informações acessadas somente para o desenvolvimento desta pesquisa e declara que não recebe ou receberá nenhum pagamento para realizar a pesquisa bem como não dispensará pagamentos aos participantes.

É importante que saiba que a qualquer momento você poderá recusar a continuar participando da pesquisa e também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome: Tatiana Paz Longo

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-181

Telefones para contato: 85 981479797

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira). O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, ____anos,
 RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

_____, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa Data

Assinatura

Nome do pesquisador Data

Assinatura

Nome da testemunha Data

Assinatura

(se o voluntário não souber ler)

Nome do profissional Data

que aplicou o TCLE

Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Roteiro de entrevistas

Nome: _____

Naturalidade: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

1. Como você chegou até o YouTube? Porque criou o canal? Me conta sobre a tua trajetória até aqui.
2. O que significa estar no YouTube para você?
3. Quais as especificidades de estar no YouTube como mulher negra
4. Como você caracteriza o seu trabalho no YouTube e qual o significado dele para você?
5. Como se dá a relação que você tem com os teus seguidores? Você tem
6. Como é o processo de construção dos vídeos? Me relate o caminho que você faz desde a concepção até a publicação do vídeo.
7. Você produz conteúdo com outras pessoas? Como se dá esse processo?
8. Como você é a tua relação com as marcas de cosméticos que atuam no YouTube?
9. Ao produzir conteúdo audiovisual para o YouTube você se percebe em processo de formação?

Tabela 2 – Vídeos que compuseram o *corpus* da pesquisa (Gabi Oliveira)

Gabi Oliveira						
	Título	Visualizações	Data de publicação	Link	Número de comentários	Número de comentários da Youtuber
1.	Solidão da mulher negra	134.127	12/1/2016	https://www.youtube.com/watch?v=NgNt0GzWCVI	1.518	
2.	Cotas raciais: sim ou não?	117.834	3/2/2016	https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRRYM	1.448	
3.	Séries com protagonistas negras	8.584	23/1/2016	https://www.youtube.com/watch?v=m-Elx54JNE	91	
4.	E o privilégio?	21.151	21/2/2016	https://www.youtube.com/watch?v=1609F9pJqpA	249	
5.	Protagonista de Malhação e estereótipos da mulher negra	52.888	1/12/2016	https://www.youtube.com/watch?v=7HIIuSY5D-0	345	
6.	Vamos ficar bem: um vídeo sobre autoestima	69.826	28/12/2016	https://www.youtube.com/watch?v=SQ7qTeDJCe0	748	
7.	EU ESTOU EM SOLIDÃO?	67.404	12/7/2018	https://www.youtube.com/watch?v=pQe8bLlxeb0	1.117	
8.	DOR DE BARRIGA E TREMEDEIRA NUNCA MAIS	14.081	13/9/2018	https://www.youtube.com/watch?v=iMscfgC1MNg	127	
9.	COMO VOCÊS ESTÃO?	22.614	8/11/2018	https://www.youtube.com/watch?v=KceI2vZXHBo	476	
10.	CABELO 4C IGUAL BOMBRIL E RESPONSABILIDADE	719.130	23/12/2018	https://www.youtube.com/watch?v=v93tX36gLaA	4.091	
11.	Tour Pelo Meu Rosto Papo DePretas	717.796	12/01/2018	https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis	10.775	
12.	VOCÊ NÃO DEVERIA VER SEGUNDO SOL Papo DePretas	158.123	14/05/2018	https://www.youtube.com/watch?v=ScaWHUZ4jTk	2.433	
13.	E o Tinder? Papo DePretas	93.748	24/03/2017	https://www.youtube.com/watch?v=5UYeBH9lrSo	691	

Tabela 3 – Vídeos que compuseram o *corpus* da pesquisa (Luciellen Assis)

Luciellen Assis						
	Título	Visualizações	Data de publicação	Link	Número de comentários	Número de comentários da Youtuber
1.	FELICIDADE POR UM FIO LUCIELLEN ASSIS	2.228	6/11/2018	https://www.youtube.com/watch?v=93ncoSTtU8k	18	
2.	NÃO SIGAM PESSOAS TÓXICAS! #HIDRATAEFALA 1 LUCIELLEN ASSIS	2.021	12/08/2018	https://www.youtube.com/watch?v=kYx_u9Anryg	36	
3.	O QUE É LUGAR DE FALA? LUCIELLEN ASSIS	912	5/12/2018	https://www.youtube.com/watch?v=TkygV1Jd-Ik	20	
4.	PRETO É TUDO LADRÃO!?	2.700	17/2/2018	https://www.youtube.com/watch?v=LFM3sX96TdQ&t=149s	27	
5.	A MINHA PELE - LÁZARO RAMOS	1.248	12/3/2018	https://www.youtube.com/watch?v=slxX-unybyY	15	
6.	EU VOU SER O MARIDO RICO! part. DUQUESA - LISTA NEGRA #2	2.036	26/2/2018	https://www.youtube.com/watch?v=Rkzm9x1dfu0	10	
7.	COMO CONQUISTAR IGUALDADE? Youtubers Negras por um planeta 50-50	2.079	25/7/2017	https://www.youtube.com/watch?v=ch7FrfVI7GQ	23	
8.	AME SEU CABELO CRESPO	3.174	26/1/2017	https://www.youtube.com/watch?v=bOxzW7H4q4Y	40	
9.	O DIA QUE ME CHAMARAM DE PRETA MALDITA	21.855	18/10/2015	https://www.youtube.com/watch?v=if-ZLWo9Yrk	174	
10.	ATIVISMO NA INTERNET PRESTA?	2.260	27/08/2016	https://www.youtube.com/watch?v=0c7iLTU1RWM	21	

Tabela 4 – Vídeos que compuseram o *corpus* da pesquisa (Ana Paula Xongani)

Ana Paula Xongani						
	Título	Visualizações	Data de publicação	Link	Número de comentários	Número de comentários da Youtuber
1.	Peppa Não, Lelê SIIM!!! - Resenha	10.551	19/5/2016	https://www.youtube.com/watch?v=iH2GcP7yN_w	70	
2.	Definitivamente Peppa Não!	14.671	10/11/2017	https://www.youtube.com/watch?v=cDU3_7Am63o	156	
3.	Barbies Negras, quem nunca sonhou?!	203.040	11/4/2017	https://www.youtube.com/watch?v=FxBT4R-Jxrs	1.932	
4.	Sejamos Todos Feministas	4.087	11/2/2016	https://www.youtube.com/watch?v=ZLWJQ0cS3	69	
5.	O MIMIMI DO RACISMO REVERSO	26.519	4/12/2018	https://www.youtube.com/watch?v=cRCxiDEjZdE	305	
6.	POR QUE NÃO DESISTI? Y OTRAS COSITAS MÁS...	3.005	22/11/2018	https://www.youtube.com/watch?v=H_zzYljQrQE	87	
7.	MAIS UMA POSSIBILIDADE PRA VOCÊ	3.332	28/9/2018	https://www.youtube.com/watch?v=TfHAJF9qEtk	50	
8.	DESLIKE OU 47%, O QUE VALE MAIS?	5.237	7/12/2018	https://www.youtube.com/watch?v=dMgkVLGyYPU	180	
9.	QUEM INVENTOU ESSA BAGANÇA?!	7.030	12/7/2018	https://www.youtube.com/watch?v=uLmFJyKCaVw	119	
10.	EU TENHO PRESSA Ana Paula Xongani	71.864	15/05/2018	https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4	1075	
11.	Peppa NÃO! - Resenha Ana Paula Xongani	67.679	14/04/2016	https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI	609	
12.	TOUR PELO MEU CORPO (SQN) #TourPeloMeuCorpo Ana Paula Xongani	40.643	31/01/2018	https://www.youtube.com/watch?v=Qy8eEtalxcE	244	

Tabela 5 – Vídeos selecionados para análise das trocas comunicacionais (Luciellen Assis)

Luciellen Assis	Data	Visualizações	Comentários	Like/Dislike
O DIA QUE ME CHAMARAM DE PRETA MALDITA https://www.youtube.com/watch?v=if-ZLWo9Yrk	18/10/2015	21.855	174	2,5mil/ 15
ATIVISMO NA INTERNET PRESTA? https://www.youtube.com/watch?v=0c7iLTU1RWM	27/08/2016	2.272	21	314/5
AME SEU CABELO CRESPO https://www.youtube.com/watch?v=bOxzW7H4q4Y	26/01/2017	3.174	40	494/3
PRETO É TUDO LADRÃO!? https://www.youtube.com/watch?v=LFM3sX96TdQ&t=149s	17/02/2018	2.700	27	587/9
FELICIDADE POR UM FIO LUCIELLEN ASSIS https://www.youtube.com/watch?v=93ncoS-TtU8k	6/11/2018	2.228	18	331/3

Tabela 6 – Vídeos selecionados para análise das trocas comunicacionais (Gabi Oliveira)

Gabi Oliveira	Data	Visualizações	Comentários	Like/Dislike
Solidão da mulher negra Papo DePretas https://www.youtube.com/watch?v=NgNt0GzWCVI&t=5s	21/01/2016	137.812	1.497	9,5 mil/398
Cotas raciais: sim ou não? Papo DePretas https://www.youtube.com/watch?v=ks_I8yZRrYM&t=62s	03/02/2016	122.249	1.501	9,8 mil/1,2 mil
Tour Pelo Meu Rosto Papo DePretas https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis	12/01/2018	717.796	10.775	113 mil/827
VOCÊ NÃO DEVERIA VER SEGUNDO SOL Papo DePretas https://www.youtube.com/watch?v=ScaWHUZ4jTk	14/05/2018	158.123	2.433	27 mil/775
CABELO 4C IGUAL BOMBRIL E RESPONSABILIDADE https://www.youtube.com/watch?v=v93tX36gLaA	23/12/2018	719.130	4.091	76 mil/1,3 mil

Tabela 7 – Vídeos selecionados para análise das trocas comunicacionais (Ana Paula Xongani)

Ana Paula Xongani	Data	Visualizações	Comentários	Like/Dislike
Peppa NÃO! - Resenha Ana Paula Xongani https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIRQJ9pI	14/04/2016	67.679	609	4,8 mil/ 560
Barbies Negras, quem nunca sonhou?! Ana Paula Xongani https://www.youtube.com/watch?v=FxBT4R-Jxrs	11/04/2017	204.796	1914	13 mil/285
TOUR PELO MEU CORPO (SQN) #TourPeloMeuCorpo Ana Paula Xongani https://www.youtube.com/watch?v=Qy8eEtalxcE	31/01/2018	40.643	244	5,2 mil/94
EU TENHO PRESSA Ana Paula Xongani https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4	15/05/2018	71.864	1075	11 mil/53
O MIMIMI DO RACISMO REVERSO Ana Paula Xongani https://www.youtube.com/watch?v=cRCxiDEjZdE	04/12/2018	29.977	324	5,3 mil/74

ANEXO

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processos formativos e descolonização de saberes: estudo sobre o ativismo em rede protagonizado por mulheres negras no YouTube

Pesquisador: Tatiana Paz Longo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 18487519.5.0000.5054

Instituição Proponente: Faculdade de Educacao

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.511.856

Apresentação do Projeto:

Processos formativos e descolonização de saberes: estudo sobre o ativismo em rede protagonizado por mulheres negras no YouTube.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como as autorias de mulheres negras no YouTube processos formativos de descolonização de saberes.

Objetivo Secundário:

Analisar de que maneira o ativismo protagonizado por estas mulheres negras articula em rede narrativas de descolonização

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos Mínimos.

Benefícios: análise do ativismos em rede.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

útil pesquisa, objeto de tese de doutorado, permitirá a análise da atuação das mulheres negras nas redes sociais, na descolonização dos saberes.

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br